

AS

CRUZADAS

Este é um livro que você precisa ler, para entender os meandros do poder, as intrigas, os interesses comerciais, séculos de obscurantismo e desentendimentos religiosos, o jogo das trevas contra a luz, o sofrimento de Jesus e o envio na arena de luta de emissários celestes.

Você vai se encantar com Francisco de Assis, Antônio de Pádua, Iluminatto, Shaolin, vai acompanhar o grupo de Vincenzo e de Hervé, vai sentir que aqueles acontecimentos estão interligados com você mesmo, e que eles explicam o porquê de tantas dores nos dias atuais.

Venha viver esta emoção, venha conquistar conhecimentos, e encontrará um prazer desmedido, em cada página lida, para chegar ao final cheio de alegria e felicidade.

Então, o que você está esperando?

Seja você também um peregrino das Estrelas, nestas CRUZADAS.

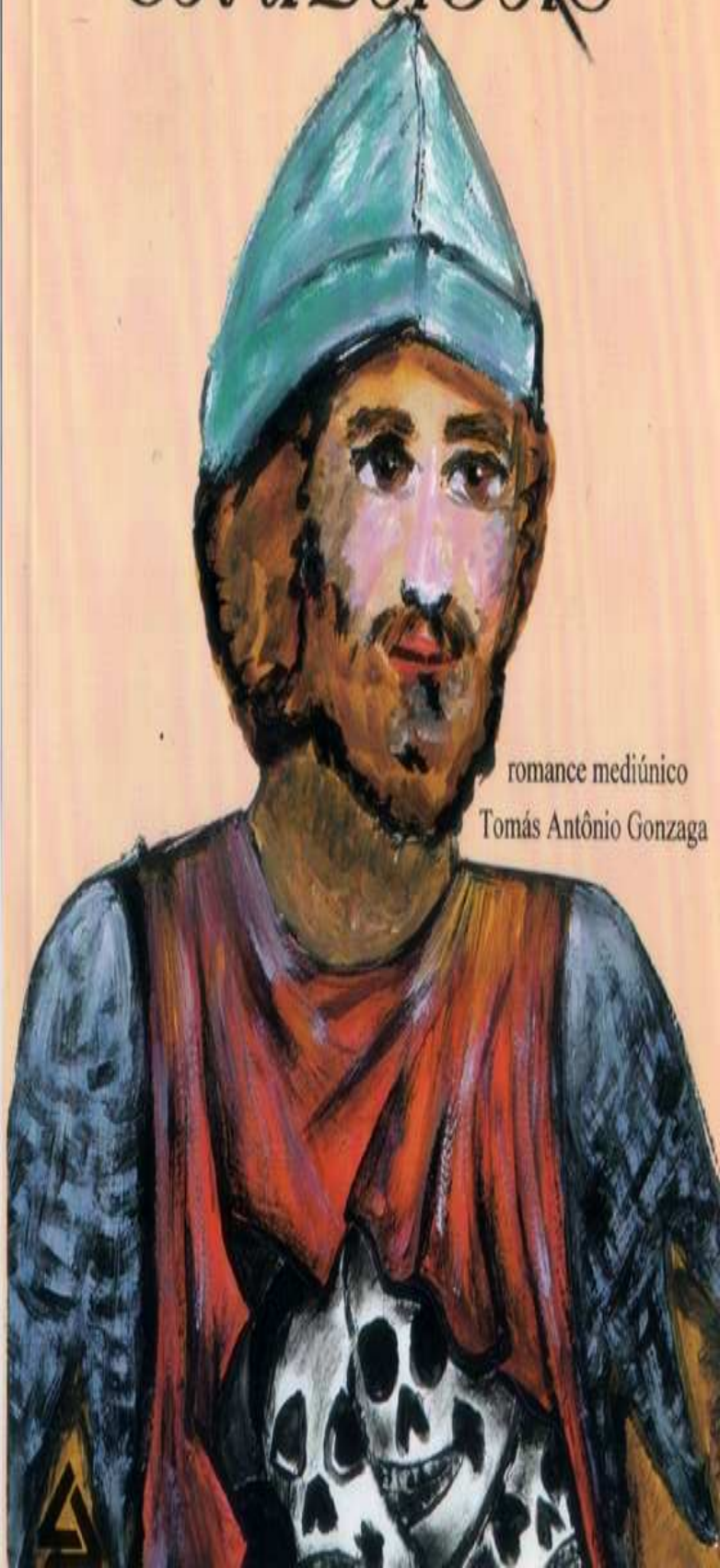
A
S

C M
R A
U R
Z I
A L
D U
A S
S A
T
O M.
M
Á V
S A
S
A C
O
G N
O C
N E
Z L
A L
G O
A S



romance mediúnico

Tomás Antônio Gonzaga





CRUZADAS

marilusa moreira vasconcellos

Tomás Antônio Gonzaga - romance mediúnico.

marilusa moreira vasconcellos



AS CRUZADAS

ROMANCE MEDIÚNICO

1ª edição

AUTOR

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Distribuição:

Editorial Espírita Radhu Ltda

R. Maria Oliano Gerassi, 288-Moinho Velho

São Paulo- CEP 04284-060

fonefax-(0XX11)274-3818

e-mail: radhu@mtecnetsp.com.br

Dados de Catalogação na Publicação



Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810 (espírito)
As Cruzadas, romance mediúnico/ Marilusa Moreira
Vasconcellos, ditado por Tomás Antônio Gonzaga
São Paulo : Radhu, 2001.

1.Psicografia. 2.romance brasileiro.

3.As Cruzadas.1096-1291- 4. Vasconcellos, Marilusa Moreira.
5.Tomás Antônio Gonzaga-6. Romance mediúnico.

□12345678910-14.

Índice para catálogo sistemático

1.Psicografia: Espiritismo- 01.01.01

2. Romances históricos- século 21:Literatura Brasileira.

3. Romances mediúnicos : Espiritismo

4 .Século XXI: Romances históricos: Literatura brasileira

1ª edição- abril 2001-02-20

todos direitos reservados

Editorial Espírita Radhu Ltda.

R.Maria Oliano Gerassi-288-Moinho Velho- São Paulo

CEP-04284-060-fonefax- 274-3818

E-mail: radhu@mtecnetsp.com.br.

www.radhu.hpg.com.br

ÍNDICE.

INDICE.....	5
ROGATIVA.....	6
MENSAGEM PELO CHICO.....	9
MENSAGEM DE BEZERRA.....	11
PALAVRAS INICIAIS.....	15
PALAVRAS DO AUTOR.....	17
CAPITULO I...EM GUBBIO.....	19
CAPITULO II..OS LOBOS.....	31
CAPITULO III..AS CRUZADAS.....	55
CAPITULO IV..ALISTAMENTO.....	67
CAPITULO V.. A CAMINHO.....	73
CAPITULO VI..DESCAMINHOS.....	83
CAPITULO VII.ENCONTROS.....	91
CAPITULO VIII-DESENCONTROS.....	115
CAPITULO IX -NOVAS BATALHAS.....	133
CAPITULO X... SONHO E CASTIGO.....	143
CAPITULO XI...ILUSÃO.....	151
CAPITULO XII..AMOR E RAPTO.....	165
CAPITULO XIII.REVOLTA.....	173
CAPITULO XIV-CRIME E CASTIGO.....	185
CAPITULO XV.-COM O SULTÃO.....	197
CAPITULO XVI..COM FRANCISCO.....	217
CAPITULO XVII-DORES.....	227
CAPITULO XVIII-AMARGO FIM.....	235
CAPITULO XIX.-REVIVENDO.....	247
CAPITULO XX...-REENCONTRO.....	261

CAPITULO XXI...PROVAÇÃO.....	277
CAPITULO XXII..AMOR IMORTAL.....	285

ROGATIVA

No Golfo Pérsico é noite...
Revejo a nuvem da guerra,
Pairando, acima da Terra,
A espalhar-se na amplidão...

No bojo dos grandes barcos,
Em mesas enfileiradas,
Ouço frases cochichadas
Expressando inquietação.

Nos guerreiros veteranos,
Há silêncio, não há voz...

E vendo luz ao meu lado
Entro na benção da prece,
Pedindo a Deus,
Fortaleça a todos nós.

Fitando o Alto, eis que imploro:
"Ah! Meu Pai, porque, meu Deus,
Porque deste tanto ódio,
Aos teus filhos e irmãos meus ?"
Sem que ninguém saiba de onde,
A voz dos Céus nos responde:
"A todos damos amor !..."

Invoco então Jesus Cristo,
Amado Mestre e Senhor,
"Jesus, ante o teu Natal,
Livra-nos sempre do mal !"
E o Mestre disse em voz alta:
"Para o Bem nada nos falta.
Amparai-vos uns aos outros,

Amai-vos qual vos amei !..."

Sei que o conflito iminente
Pode surgir de repente !...

De espírito transformado
Operando mentalmente

VOLTO AO MEU PRÓPRIO PASSADO...

VEJO A GUERRA DAS CRUZADAS,

Homens munidos de espadas
Montam soberbos corcéis:

Crianças abandonadas
Procuram mães desoladas
Sofrendo golpes cruéis!...

EIS-ME TAMBÉM NAS CRUZADAS...

A guerra é longa e sangrenta,
O Homem não se contenta,
Crê no ódio mais e mais :
Nada suprime a matança,
Morre a paz sem esperança,
Gerando embates fatais...

A batalha continua!...

Volto a Jesus e pergunto:
"Como agir ? Dize ,Senhor,
Perante o desequilíbrio
De nossos irmãos do mundo,
Rogamos que nos definas
Com tuas lições divinas:
Que fazer perante a Lei ?"
Fala, entretanto, o Senhor:
"Quando a vida se desmanda,
Precisamos cultivar mais trabalho,
Mais perdão e mais amor !..."

A guerra prossegue intensa!...

Os homens nos lembram feras,
No caminho de outras eras,
Sem Luz, sem Paz e sem Crença...
E, em vilarejo distante, embora vitorioso,
O Rei Luiz cai exangue,
E morre em poeira e sangue,
Ferindo o mundo cristão!...

Tantas lembranças amargas!...
Afasto-me do terror.
Sempre o ódio em tantas cenas!...
Para ilações mais serenas,
Em torno do horrído evento,
Coração em sofrimento,
Mergulhando em grande dor!...

Quero pensar livremente,
Não suporto a grande luta;
Retiro-me quando escuto
Alguém a dizer-me claro:
"Em Deus não há desamparo!..."
O mensageiro da Luz
Pedia-me paz e fé,
Na benção do herói da Cruz!...
Consciente, ansioso e aflito,
Procuro guardar-me em prece,
Na paz de que necessito!...

Vejo em torno a Natureza,
Tudo é Esperança e Beleza!...

O vento brinca na areia...
Noto onde o solo se alteia,
Terra verde e céu de anil!...
A dor quase me enlouquece,
Mas em paz reflito em prece:
"Deus nos preserve o Brasil!"

CASTRO ALVES.

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública e comemorativa do Centro Espírita União, R. dos Democratas, 527, na noite de 17 de Outubro de 1990, em S. Paulo, capital.)

Uberaba, 16 de janeiro de 1981.

Filha,

Jesus nos abençoe.

Os Mensageiros da Vida Maior, que servem à Causa do Bem, através de suas faculdades, estão a postos, fortalecendo-a na sustentação e na continuidade das suas tarefas.

Trabalhemos na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(página recebida em reunião do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Uberaba, 25 de maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(mensagem recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier, para a médium Marilusa Moreira Vasconcellos, como orientação para seu trabalho.)

PALAVRAS INICIAIS

Querido amigo e irmão;

Muita paz em Jesus.

O assunto de que trata este volume é momentoso, pois não podemos rever todo o périplo das Cruzadas.

Os companheiros espirituais e o autor do texto escolheram a época em que estiveram inseridos, naqueles eventos.

Difícil não nos emocionarmos com o drama de cada um, e com as peculiaridades de uma época especial.

Compreendemos a complexidade do trabalho , pois sabemos que a visão dos cristãos invasores e dos muçulmanos divergem totalmente. Sabemos também que um certo progresso alcançado até aqui, serve como ponta de lança, na crítica de um movimento, que dizia-se ter por base o amor do Cristo, e acabava por ferir os princípios mais mezinhos do amor pregado por Jesus.

Mas, acima de todos os conceitos e de todas as controvérsias, pairou o desejo imenso de relatar os fatos, tal como nos mostravam os artífices dos mesmos.

A permissão maior e a nossa entrega ao serviço nobilitante, por certo, nos granjeiam alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, no desfiar dos acontecimentos.

Podemos sentir de perto a poeira que subia em meio aos embates, a carnificina de algumas batalhas, o sangue humano na liça a se derramar, a morte a se fazer presente, as emoções desencontradas, a visão do presente e o imaginário do futuro.

E todo o périplo destas experiências inesquecíveis nos fazem voltar no túnel do tempo, para o resgate de muitos.

Possa você também viajar conosco, na companhia destes amigos, e sob o amparo do inigualável irmão Francisco de Assis.

Jesus nos abençoe.
marilusa.

PALAVRAS DO AUTOR.

Querido amigo e irmão:

Neste novo milênio que se inicia , trago as relíquias mais sagradas, de um tempo que persiste em enviar-nos mensagens divinas, para nossa evolução.

Eis-me aqui, no Brasil, há bem pouco tempo, lutando pela liberdade, bandeira que desfraldei como um louco, num outro tempo, remoto e maravilhoso, em que acreditava que o Cristo me conclamava, à liberdade de seu local de peregrinação e morte.

Livrar a Terra Santa, livrar a Europa da sanha dos mouros, livrar meu espírito de débitos milenares, procurando limpar a consciência, para poder me apresentar melhor diante do juízo final.

Era esta a idéia de então, e nobres, mulheres, jovens e crianças já haviam participado do movimento de conquista, em excursões desastrosas e doloridas.

Eu também me via no mesmo ímpeto tresloucado, ardendo de um ideal que mal saberia descrever, acreditando com amigos e companheiros na responsabilidade, frente ao momento vivido.

Se pudéssemos copiar cada diário particular, naqueles tempos, por certo, encheríamos de livros marcantes muitas bibliotecas.

Mas tudo obedece um sistema equilibrado de manifestação e entendimento.

Temos profundo respeito por todas as almas envolvidas nas tramas intrincadas daqueles tempos, que se iniciaram aproximadamente em 1096 e terminaram em 1291.

Ao remexer neste passado, exporemos segredos particulares de muitos, e nos inseriremos no tempo, com nossa atuação particular.

Seres muito amados se entrelaçaram, naquelas etapas de aprendizado. Jamais os magoariamos, porém estaremos tocando suas verdades diretamente.

Alguns destes companheiros estão longe presentemente, em atividades que acompanhamos ai, entre os encarnados, outros se engajaram

em tarefas socorristas, políticas, militares, mundiais.

Mas temos certeza que fizemos um livro envolvente e esclarecedor, que você partilhará intrépido e sereno, nas conseqüências que ele traz.

Dedicamos este livro a todos aqueles que guardam no coração a pureza dos idealistas, e a inocência dos inovadores.

Jesus , o mártir de todos os tempos, receba este opúsculo, como a relíquia que trouxemos da Terra Santa.

Com carinho,
Tomás.

299

CAPITULO I- EM GÚBBIO.



A população de Gúbbio vivia momentos de profundo terror e preocupação.

O local simples e acolhedor, sem grandes ambições, a região encantadora, onde se podia sentir a presença de Deus na natureza, com seus bosques dadivosos e bonitos, com um clima cheio de amenidades, e uma beleza que convidava à paz e ao trabalho, dotada de riachos caprichosos que serpenteavam em meio a pedras luxuriosas, terra fértil , via-se agora presa de terror.

O cuidado com os animais que eram um meio de subsistência, e as crianças, que representavam o futuro e o carinho dos pais, se transformara em algo por demais pesado e difícil.

O vilarejo, ao norte de Assis, sempre dera motivos a incursões agradáveis, no passado.

Agora, todos viviam sob o guante de um cuidado exagerado, dir-se-ia, não fossem as circunstâncias.

Tudo era motivo de desassossego, o ouvido atento a qualquer ruído, os olhos perscrutando os lados, a noite povoada de pesadelos,

nervosismo, pavor.

Animais eram trucidados, crianças desapareciam e alguns indícios davam conta de seu fim, em circunstâncias trágicas.

Como conciliar a alegria diária, as tarefas rotineiras, com o sobressalto e a insegurança, o clima de horror em que se vivia ? O balir das ovelhas, o cantar das aves, o mugido do boi, o latido dos cães, o zurrar do muar, bem como o relinchar dos cavalos, tudo, então, se constituía num susto.

O silêncio outrora abençoado, parecia sugerir agourentos feitos, indício de perigo eminente, ou desgraça predestinada .

O lugarejo que já conhecera no passado incursões de povos invasores, que se desdobrara, desde o início das Cruzadas, enviando o melhor de seus membros, entre a nobreza e o burgo, desde os servos mais vis até os mais orgulhosos senhores, via-se agora diante de um inimigo, cuja força só podia aferir, devido às proporções da desgraça espalhada e comprovada. E este inimigo chegava sem que se pudesse perceber, pois apenas os animais é que davam sinais de desespero, usando os recursos do alarido peculiar de cada um, para assinalar a presença, ou seriam presenças destruidoras.

O que se sabia, pelos rastros deixados, e por um ou outro membro do vilarejo, que jurava ter visto os vultos assassinos, é que estavam sendo atacados por lobos vorazes, que escolhiam as presas a qualquer momento do dia ou da noite, e fugiam, tal como chegavam, sem aviso, sem meios de evitar.

Gubbio era uma sombra do que fora. Lia-se o medo em cada olhar, em cada gesto, em cada palavra. Medo, pavor.

Caçadores das redondezas foram chamados a intervir, a fim de sossegar o ânimo da população local, mutirões de homens foram montados, para seguir as poucas pistas deixadas, recompensas foram prometidas, somas foram levantadas.

Aventureiros de várias procedências foram atraídos pelas promessas de riqueza , acampando pelas redondezas, ou mesmo buscando refúgio em casas, paióis e pensões do pequeno burgo.

Mas, com tudo isto acontecendo, a alcatéia continuava a assombrar a todos.

Mulheres traziam os filhos quase presos às suas saias, mas sabiam que se fossem atacadas nada poderiam fazer, diante da sanha dos animais.

A boca pequena, falava-se que o Demônio estava instalado nas montanhas, rindo dos moradores, e assanhando as feras, atacando inocentes crianças e ovelhas tenras.

O fogo das velas permanecia aceso toda a noite , ninguém arriscava ficar às escuras, e o mais leve ruído causava a insônia , o terror, o sobressalto.

Os penhascos e os bosques eram revirados palmo a palmo. Os prejuízos materiais, espirituais e físicos eram enormes e o pânico fazia estragos nas almas mais frágeis. Na pequena igreja, penitências eram distribuídas a granel, tentando sensibilizar as potestades celestiais, num apelo particular e conjunto.

Uma senhora ainda jovem, de nome Juliana, enquanto pendurava roupas nos varais, acompanhada de perto pelo bebê, que dormia numa cesta, enlouquecera, quando lobos, vindo não se sabia de onde, haviam arrebatado e levado o pequenino. Vivia perguntando de casa em casa se alguém havia visto o menino, e prometia trabalhar pelo resto de seus dias, para quem o devolvesse.

Negava-se a lembrar do episódio e, se alguém lhe referia a selvagem investida dos animais, levando seu bebê, ela colocava as mãos nos ouvidos e gritava feito louca, negando o fato ocorrido.

Todos que a tinham conhecido jovem e formosa, com um lindo sorriso e cheia de disposição e alegria, se condoíam de vê-la maltrapilha e suja, pelas ruas, dormindo em qualquer canto, quando o cansaço físico lhe impunha parada obrigatória. O companheiro carinhoso tentava mantê-la em casa em vão, pois somente manietada permanecia no antigo lar, e isto lhe causava machucaduras, pelo esforço continuado em escapar.

Viviam ali alguns nobres, que haviam erigido a igreja e as casas principais do burgo, para utilização das autoridades locais e entre eles, Vincenzo , um homem ainda jovem, impetuoso e franco, cheio de ardor pelas lides religiosas, mas também apegado aos bens materiais e aos deleites da vida.

Vincenzo tinha um porte atlético, olhos profundamente azuis, cabelos castanhos claros, pele clara, um sorriso encantador, e vivia cercado de moças que faziam de tudo para atrair-lhe as graças.

Mais de uma moçoila tinha tentado enredá-lo, com a finalidade de conseguir um casamento vantajoso, mas o jovem parecia nem perceber-lhes

as intenções, deliciado com o fato de ver-se sempre cercado por bandos de amigos, de ambos os sexos, e sempre vendo que o tentavam cativar:

_ Vincenzo,- dizia Giovana, tentando enredá-lo com gestos e olhares- crês que este inferno vai acabar assim do nada ? Se os homens não caçarem estes lobos, o que será de nós ?

_ E quem disse que há mais de um animal e que são realmente lobos ?- inquiria o rapaz, tentando manter a conversa.

_ Então não temos seguido suas pegadas e o rastro de sangue que têm deixado, para termos certeza que são lobos sim, e mais de um ?- intervinha Rafael , um amigo de Vincenzo que se sentia sempre posto de lado pelas jovens, por não ter tantos recursos físicos e materiais quanto Vincenzo.

_ Você também tem feito parte do mutirão ? - tornava a falar a jovem, olhos voltados para o rapaz alvo de suas investidas.

_ Eu mesmo hei de pegá-los, quando sentir que é chegado o momento.- falava o doidivanas, como se sozinho pudesse dominar a alcatéia, que causava tantos dissabores à população.

_ Faz-me rir tanta empáfia ! - dizia a rir Roberto, outro jovem do grupo, que andava sempre desocupado pelas estalagens e em tertúlias próprias de sua idade.

_ Olha quem vem lá.- apontava Regina, uma jovem espevitada do local, dirigindo a atenção para a pobre jovem, que perdera o bebê, e que se aproximava deles.

_ Por favor, senhores, algum de vocês viu um bebê lindo, de nome Antônio ? Estava comigo, dentro de uma cesta de vime, envolto numa manta de lã azul que eu mesma teci... Se alguém o escondeu, por brincadeira, senhores, por favor, devolvam para mim. Ando buscando-o por todo o lado.

_ E essa agora ! - falou Regina de maus modos. - Teu bebê morreu, será que não percebeste ? Morreu. Os malditos lobos o devoraram, só sobrou mesmo uns pedaços de panos estraçalhados, e a culpa é mesmo tua, porque quem já viu levar um bebê fora de casa, com estes demônios rondando todo o lado ?

_ Cale-se, Regina ! - gritou Vincenzo, mas era tarde, pois Juliana, a pobre mãe dementada, colocando as mãos nos ouvidos, pôs-se a gritar como louca:

_ É mentira ! É mentira! Ele não morreu, vocês o esconderam de mim ! Devolvam meu menino, devolvam meu pequeno Antônio !

Em vão Vincenzo e os outros tentavam acalmá-la e Giovana, percebendo que Regina se encolhia com o olhar incendiado de raiva e susto ao mesmo tempo, procurou fazer-se de bondosa, a fim de cativar o nobre, alvo de suas ambições:

_ Regina, por que age deste modo ? Não tem Deus no coração ? Não percebe que a pobre Ju está enlouquecida de dor ?

_ Vamos, vamos, acalme-se, - falava o jovem tentando controlar a pobre demente- Deus há de ajudar seu menino. Oremos ao Cristo que ele conhece o sofrimento das mães, pois viu a sua sofrer no Calvário.

_ Eu só queria que ela entendesse e voltasse para sua casa, que é seu lugar. Ela é moça. Pode ter outros filhos. Se continuar deste jeito, vai acabar sendo comida dos lobos também, e seu marido vai desistir dela e arrumar outra. Até o padre já falou que se ela continuar assim, anula seu casamento...

Todos os olhares de reprovação se voltaram para ela.

A pobre mãe parara de gritar, mas evitava o toque afetivo de Vincenzo, e, vendo o esposo que vinha no seu encalço, saiu a correr, indo em direção aos matos, seguida por ele.

_ Tu podias ter evitado tudo isto, Regina.- criticou Vincenzo.

_ E vocês, homens, podiam ter evitado tantas mortes de crianças, se fossem melhores caçadores.- repostou a jovem, dando de costas e jogando seus cabelos longos às costas, gesto característico, pois se julgava muito bela e os cabelos claros eram para ela parte do visco, com que pretendia dar um golpe da gravidez, em algum incauto mancebo, enredando-o num casamento que a beneficiasse economicamente.

Regina, cujo apelido era Gina, ficava furiosa por ver que Vincenzo parecia ler-lhe as intenções e não se inclinava para atraí-la. Ele sabia que ela a mais de um já pertencera e sentia-lhe certa aversão, o que não acontecia com relação a Giovana, que o vinha cativando aos poucos, e que se divertia por ver que o assédio de Gina não surtia efeitos.

_ Deixa, Vincenzo, que esta mulher só sabe criar situações desagradáveis. Tenho certeza que, se dependesse de vocês, os lobos já teriam ido embora.

_ Por falar em ir embora, - comentou Rafael- vocês viram o contingente que saiu ontem, para se alistar às hostes de Sua Santidade, o

papa Inocêncio III ? Pelos céus, era um bando de meninos , que não terão a menor chance com os mouros, e menos ainda com os sarracenos, que têm espadas curtas e tão fortes, cujo aço tem cortado de um só golpe muitas cabeças.

Vincenzo não soubera do contingente, nem vira a partida dos jovens, em seus cavalos de raça com seus servos mais chegados, pois saíra com o fiel Amâncio, e com Lúcio, dois servos dedicados, pelos matos, tentando inutilmente caçar os lobos, na expectativa de ganhar fama e notoriedade entre a população. E o fizera sem dar conta ao seu grupo de amigos, pois sabia que iriam com ele e o atrapalhariam, tanto quanto se colocaria em risco de ser motivo de chacota, caso não conseguisse encontrar os selvagens animais.

_ Quem fez a convocação ?- perguntou imaginando se não deveria ter seguido com ele, pois tinha contas muito certas a saldar com o Mestre, pelas atitudes que tomara no passado recente, abandonando à sua sorte uma jovem que engravidara, e que fugira da pequena aldeia, indo sabe Deus para onde.

Sentia remorsos, pois seu filho bastardo poderia estar passando necessidades, a jovem em questão se entregara a ele por amor, segundo acreditava, embora jamais lhe tivesse prometido nada.

Sempre se via assediado por mulheres que o desejavam, que o atraíam. Apaixonava-se com tanta facilidade, mas amor jamais sentira.

_ Onde andas ? - perguntou Rafael. - O pároco andou de porta em porta, convidando todos à conquista do Santo Sepulcro. Ele quase me convenceu, pois me encho de brios, ao saber que os infiéis tomaram conta do local sagrado, e das relíquias do Cristo.

_ Nunca me disseste que tinhas vontade de tomar armas para tanto.

_ Devo ter falado, sim, mas nunca me escutas, só tens olhos para o próprio umbigo.

_ Então me acusas de ser vaidoso. E te dizes meu amigo !

_ Tanto sou teu amigo que não me alistei por saber que também não ias, caso contrário, nem estaria mais aqui.

_ Muitos têm partido, mas quase ninguém volta de lá.- falou com os olhos grandes e expressivos Dinorá, uma jovem casadoira que fazia parte do grupo, mas que não conseguia entrosar-se, por ser demais transparente e estar claramente apaixonada por Mário, um rapaz do seito feixe de amigos..

Na mente de Vincenzo brilhou a idéia de também partir rumo ao Oriente, se houvesse nova convocação.

_ Quando partem os navios ? - perguntou a Rafael.

_ O alistamento continua, pois somente para daqui há dois meses partirão de Veneza. Por que perguntas ? Pensas em alistar-te ?

_ E por que o faria ? Estou bem com a vida, e tenho visto gente demais perder a vida nestas lutas. Além disto, em primeiro lugar, os lobos.

_ Então, por que não te alias aos mutirões ?

_ Para que ? Vocês vão caçar os lobos fazendo tanto ruído, que é como se desejassem expulsá-los somente com o alarido.

_ Sempre tens uma desculpa para não participar das lutas. Não sei porque ainda vivo te dando informações. Só quer ficar como um folgazão, aproveitando a vida e mais nada. Pareces não levar nada a sério...

_ Pois levo tudo muito a sério, mais do que pensam. Os lobos estão a dar-me nos nervos, a tirar-me o sono. As lutas com os mouros povoam-me a mente, sequiosa de aprender, de servir, de algo realizar. Preocupam-me as pessoas e levo muito a sério a vida, pois acredito que não se pode simplesmente viver por aí, como quem veio a terra para tertúlias e brincadeiras. Meus antepassados têm brasões de nobreza e feitos de valor, e não quero ficar atrás deles em nada. As conversas, que tenho mantido com os principais de nossa cidade, dão-me conta de que somos gente famosa, fora de nossas fronteiras e até os franceses que iniciaram a luta , seguidos pelos germanos, sob o comando de Urbano II , nos conhecem. Tenho mesmo muito orgulho do local onde nasci e da casta à qual pertenço, apenas não posso sair por aí, alistando-me ao primeiro chamado, como o maior pecador do mundo, que têm contas muitas a acertar com o Cristo.

_ Já que andas metido entre os maiores, conta-nos o que têm decidido, com respeito a estes terríveis assassinos, que andam ceifando vidas de animais, mais crianças e até adultos.- comentou Dinorá , buscando aprofundar a conversa, pois sempre levava tudo muito a sério.

_ Pelo que ouvi referir, com respeito aos lobos, mandaram um mensageiro para o Sul, em direção a Assis, para falar com Francisco, el Poverello, a ver se suscita mais um milagre, já que sua fama corre para todo o lado.

_ Francisco de Assis ?- inquiriu boquiaberta Giovana.- Não posso crer. Tenho ouvido coisas incríveis a respeito deste homem, de sua ordem

de frades mendigos, que tem seus representantes no Clero da França e de Portugal.

_ Vejo que está bem informada, minha amiga. Verdade que Fernando de Bulhões pessoalmente o segue e muitos outros nobres abandonaram a vida folgazã, para viver a miséria junto a este homem, a leprosos e pessoas de origem duvidosa.

_ Promete-me, Vincenzo, que se ele vier mesmo até nosso burgo, tu me apresentarás a este santo homem. Dizem que ele prevê o futuro, fala às pessoas aquilo que elas precisam escutar, que ele é o próprio Deus que se faz presente na terra.

_ Estava demorando para que algo pedisses, Giovana. - falou Rafael, espicaçando a rapariga.

Ela, contudo, não se fez senão de surda, continuando seu peditório:

_ Promete-me, por tudo que há de mais sagrado em toda a vida, que hás de apresentá-lo a mim.

_ E para que desejas conhecê-lo ? Acaso queres fazer parte do grupo de mulheres que o segue, dirigidas por Clara ?

_ Promete-me! Promete-me !

_ Pois que seja ! Se soubesse que ia causar tanta burla, comentando algo tão singelo, teria me calado. Que mal faz um homem, quando dá de comentar com as mulheres coisas que não lhes dizem respeito.- disse de maus modos, Vincenzo, saindo à frente do grupo, em direção à uma estalagem, no que foi acompanhado pelos rapazes, deixando atrás de si as moças que, para não dar o que falar, evitaram acompanhá-los àquele lugar.

Giovana ficara para trás, mas Roberto iniciou suas perguntas curiosas:

_ Aqui entre nós, os homens, conta-nos, Vincenzo, o que as autoridades pretendem, trazendo este frei Francisco? Pensam que ele sozinho há de expulsar estes demoníacos lobos ?

_ Contam que o homem é um santo, a tal ponto que o próprio Papa Inocêncio III se curvou diante dele, pondo os cardeais em polvorosa. Dizem que ele fala com os animais e que estes o atendem, que tem curado leprosos e doentes de males incuráveis. Mas o povo fala tanta coisa que não podemos apostar. O melhor é esperar, a ver se o homem vem mesmo, e, caso venha, se consegue a proeza de parar com tantas mortes.

Os mancebos adentraram a taverna e o assunto mudou para outras amenidades, ficando Vincenzo firme no propósito de caçar os lobos com

seus fiéis ajudantes, antes mesmo que o tal frei Francisco de Assis chegasse.

Algumas mulheres do local cercaram o grupo de rapazes, e o vinho correu dadivoso, entre comentários sobre a doida Juliana, seu pobre esposo, e as desgraças causadas pelos animais selvagens.

As mulheres comentaram ainda da passagem de um grupo de homens, que haviam aportado ali, a caminho de Veneza, para se juntarem às hostes que iam na V Cruzada, e que mulheres e crianças também haviam acompanhado os homens.

Vincenzo achou um despropósito a presença de pessoas que não podiam acrescentar nada à peleja.

— Para que mulheres ? Para que crianças ? Há sim de se levar cavalos bons para a luta, e armas, bem como ouro e tesouros, para comprar o que se necessita, a fim de manter homens, animais e não levar um peso inútil que só pode acarretar prejuízo e perdas:

— Então, Vincenzo, para ti mulheres são um peso ? Quanta empáfia e soberba! Não há um só homem que não tenha sido parido por uma mulher, e não existe homem algum sobre a terra, que possa dizer que já não se enrabichou com alguma, nem careça dela, para ter descendentes.

— Mal vais, Magali, se pretendes convencer-me deste modo, que as mulheres e crianças possam ser úteis numa guerra que já dura mais de cem anos, sem que se consiga permanecer nos locais sagrados. Não foi por desdouro que falei, minha cara, mas sim, porque cuido que deve-se poupar o que é belo e de valor, bem como o que é frágil das pelejas.

— Aleluia ! Aleluia! Que isto são maneiras apropriadas para se tratar um assunto, valorizando o que merece ser tratado com carinho e não assuntos de Estado.

— Acho que os homens não valorizam quanto deveriam as mulheres.- falou uma rapariga, lançando olhares sedutores para Rafael.- E os elogios são apenas um meio de nos iludir e nos usar, sem realmente dar-nos crédito ou méritos.

— Bem, melhor que mudemos de assunto, pois este é milenar e nunca se chega a nenhum lugar com ele. Mulher e homem são seres da criação de Deus e úteis ao Criador. Conta-nos, Magali, se chegou mais algum aventureiro, em busca da recompensa pela caça aos lobos.

_ Cada dia que passa chega mais algum, porém o que se diz é que El Poverello é que há de ficar com o prêmio.

_ É esperar para ver. - disse Vincenzo com um profundo suspiro, pensando em que ele sim é que haveria de por fim àquilo tudo.

CAPITULO II - OS LOBOS.



De depois de algumas semanas, o vilarejo acordou num bulício diferente.

Francisco chegara, acompanhado de alguns frades, entre eles, frei Leão, e, tendo sido albergados nos limites da paróquia local, muita gente correu, em busca de auxílio, para seus males, ou pela curiosidade que a presença daquele homem provocava.

Vincenzo acordara aquele dia com um pensamento muito forte em sua mente. Sonhara durante a noite que descobrira o covil onde os lobos se albergavam, após suas sortidas, e estava resolvido a ir até o local sonhado, por cuja redondeza já passara em suas infrutíferas buscas, junto a Amâncio e Lúcio.

Chovera na véspera. Não fora uma tempestade comum àquela época do ano, mas uma torrente tão enorme, que parecia um fim de mundo, cheio de coriscos, trovões retumbantes e um vento que assobiava pelas frestas, derrubando árvores, assustando os animais, que causavam o maior alarido, e fazendo com que as mulheres se levantassem a orar pelos cantos da casa, espargindo sal, lançando palmas bentas ao fogo, jogando água benta guardada nos vidros pelos cantos da casa, saramodiando salmos e cantorias religiosas, pensando no final do mundo.

As crianças urinavam de medo nas camas e choravam baixinho, encolhendo-se sob as cobertas, os homens refletiam nos seus pecados, imaginando como seriam julgados no Juízo Final.

Naquelas dias cheios de misticismo e crendices, a chegada de Francisco, logo após o vendaval, todo encharcado pela tempestade, durante seu percurso a pé até o vilarejo, deu a muitos idéias supersticiosas de que o temporal estaria fortalecendo os lobos do Demônio, tudo fazendo para impedir a chegada do santo homem.

Foi pois com desgosto que Vincenzo ficou sabendo da chegada do Poverello, pois pensou que este poderia tirar-lhe a vitória que pretendia alcançar, e os louros da destruição da matilha.

Tomava seu desjejum, muito bem provido pelos serviçais da rica propriedade em que se encastelara, um tanto tarde, pois a manhã ia a meio, e seus pais haviam saído em viagem a um local próximo dali, em visita a parentes, junto com seus irmãos, quando chegaram Rafael e Roberto com as novidades:

— Que não se fala em outra coisa, senão da chegada deste homem. Bem ele deve ter parte com Deus, se sobreviveu ao temporal de ontem, vindo pela estrada que liga a Assis, que está hoje feito um lamaçal do Purgatório, impossível de transitar mesmo pelos bois mais fortes.- comentou Rafael.

— Não pude ainda vê-lo, mas pelo que Rafael conta, eles tomaram toda a chuva, durante o percurso, o que é admirável, pois ninguém ousava ontem sair à porta, nem para uns passos que fosse a recolher os animais para dentro, que dirá caminhar pelas estradas às escuras. Fosse comigo e teria albergado em algum pouso, esperando que a chuva amainasse. Mas contam que, quando Francisco chegou extenuado à Igreja e o padre exprobrou-lhe o risco que corria, ele, na maior calma do mundo, sorriu a dizer que a chuva também era criação de Deus, mesmo aquela tão cheia de perigo como a de ontem, e que, portanto, não lhe causaria mal algum.- comentou Roberto.

— Tanta burla pela chegada de um bando de padres ensopados.- falou de maus modos Vincenzo, arrematando- Alguém dá notícia da caça aos lobos ? Quando e como pensam os frades em enfrentá-los ?

— Há quem jure que os lobos já devem ter ido embora, pela chegada destes homens, há quem jure que a tempestade foi um modo do Demônio demonstrar sua insatisfação com a chegada dos padres e mais , de tentar amedrontá-los, para que desistissem de vir cá.

— Safa ! O povo fala demais e conta demais com milagres. Se tudo fosse assim tão simples, porque Deus já não expulsou os turcos do Sepulcro, e livrou os cristãos do Oriente de suas investidas ? Pois que estes lobos são um perigo, mas os mouros e principalmente os sarracenos só têm causado desgraças.

— Pois padre Damasceno diz que os mouros carecem da ação dos cristãos, para que Deus seja satisfeito, pois são também uns demônios tão

perigosos, quanto os animais sem alma.

— Também no que carece dos perigos contra estes sarracenos, estão a dizer que Francisco irá até o Sepulcro, a pedido do papa.

— Ah, sim! Francisco nos livrará dos lobos e nos livrará também dos mouros. Safa ! Querem por tudo às costas de um só homem, e não cuidam que toda a região itálica conta com homens nobres e fortes o bastante, para que cuidem de uns e outros.

— Falas isto, porque não ouviste referir que os tais mouros têm até chifres à cabeça, e é por isto que usam seus turbantes e lenços, com o fito de ocultar o que a natureza testemunha deles.

— Dizem que têm a pele escura, porque não urinam como nós urinamos, sendo que suas sujidades lhes saem pelos poros.

— Os pobres dos cristãos que lhes caem nas mãos, quando não morrem, são mutilados de diversas formas, tornam eunucos os jovens, escravizam velhos, abusam de mulheres, cegam e emudecem mulheres e jovens, crianças e meninos. Estou pensando seriamente em ir até Jerusalém juntar-me às hostes militares , para lhes dar uma lição e consagrar-me a Deus pelas armas, com o que garantir meu espaço nos céus, quando morrer.- comentou Rafael a quem não faltavam pendores místicos e de arrebatamento próprio dos jovens.

— Se este tal de Francisco expulsar os lobos ou aprisioná-los, por que não nos juntamos a ele, partindo para as Cruzadas, como tantos já foram? Ao lado de um homem santo, podemos galgar mais postos nas milícias e voltarmos acobertados de glórias, bem como nos sentiremos agraciados com o favor dos anjos, tendo lutado ao lado de um santo. - concluiu Roberto.

Vincenzo mordiscou um pedaço de pão com queijo de coalho, bebendo uma porção de vinho, enquanto meditava em tudo quanto vinha ouvindo das guerras, que pareciam atraí-lo, para glórias que jamais pensara em buscar, e os lobos que o preocupavam particularmente naquele dia.

A chegada do fundador das Ordens Franciscanas o irritava profundamente. Por que ele não demorara mais para aparecer por ali, pelo menos até que Vincenzo já houvesse conseguido dizimar os lobos ? Se aquele homem tido por santo vinha para aquinhoar-se com o ouro das recompensas, ou em busca de mais fama para sua vida tão miserável e pobre, ele estava a intrometer-se nos planos dele, e a ameaça-lo de algum modo.

_ Vincenzo, íamos ter com o tal frade, a ver se nos diz algo que nos incite a resoluções acerca do nosso Destino, pois queremos de algum modo consagrar-nos a Deus, servindo-O, para garantir nosso ingresso nos céus, mas achamos de bom alvitre convidá-lo a ir conosco, ou, pelo menos, ouvi-lo com referência ao que acontece no vilarejo. Por que te manténs tão calado ? Dir-se-ia que ainda permaneces dormindo, apesar de já o sol ir alto, e estares aí, mordiscando tua matinal refeição. Queres ir conosco falar com o tal Francisco ?

_ Buscar tal homem ensopado para que ? O que ele poderia dizer-me que meu pai já não aja dito ou o bom padre, que me faça deste menino com seus conselhos, cheirando a hóstias e velas ? O que ele poderia me dizer que eu já não soubesse ? Quem sabe me convidaria a me tornar mais um mendigo a acompanhá-lo, como tantos já o fizeram. E para que ? Acreditas que tenho pendores para as batinas ? Não me vejo debruçado sobre a Bíblia a ler em latim, ou a ouvir todos os pecados do mundo no confessional. Tenho sangue nas veias. Almejo um futuro cheio de sucesso, levando ainda mais fama para minha família, acrescentando louvores aos meus descendentes, enchendo até de inveja meus manos. Pelo que tenho ouvido dizer, o tal Francisco só faz conviver com prostitutas e mendigos, afastando-se dos cânones da Igreja, professando total desprendimento dos bens terrenos, consagrando-se totalmente à pobreza, como se esta fosse a porta de entrada aos céus. Penso que para a Igreja vá bem ter missionários tais, que lhe entregam o ouro e ficam com os miseráveis, mas prefiro pensar como nosso bispo que anda com a roupa limpa e nova, bem cozida e cheirando a alface, dormindo em coxins de seda e colchões macios, em vivendas onde não faltam luxo e conforto. Se escolhesse algum cargo ao lado dos padres, pleitearia a companhia de homens mais dotados de senso e menos envolvidos com sonhos loucos. Olha, Cristo, que era Cristo, conquanto nascesse em uma manjedoura, recebeu régios presentes e não se conta jamais que vivesse sujo e maltrapilho, antes sua túnica era tão preciosa que os soldados lançaram sortes sobre ela. Os homens do Caminho, quando recebiam alguém em sua confraria, tinha este alguém que desfazer-se de seus bens em favor da comunidade e, quando não o fizeram, pelo que se conta nos sermões em missas, chegaram a pagar com a vida, sob a intervenção de Pedro. Este tal Francisco não vencerá nem lobos, nem mouros, com suas arengas melosas, e seu total abandono dos bens terrenos. Sem armas, como vencer estes

animais ? Eles só não atacaram ainda, porque a chuva os deteve ou porque devem ainda estar com os buchos satisfeitos das últimas sortidas. Mas logo há de ver-se que atacam algum aldeão ou suas crias, e, então, o povo verá que é preciso homens valentes para livrar-se deles.

_ Parece ter levantado com o pé esquerdo, ou dormiste descoberto esta noite, pois estás com um humor terrível. Que mal te fez Francisco, para que o hostilizes deste modo ?

_ Hostilizá-lo eu ? Hostilizá-lo ? Que idéias são estas ? Está bem, querem ir até este homem, que seja ! Querem falar com ele, pedir conselhos, alistarem-se como soldados do Sepulcro, junto dele ? Que seja ! Irei com vocês, para provar que o que digo é verdade, e nada mais que isto. Não vou pedir-lhe conselhos, nem espero aceitar-lhe sermões. Vou por curiosidade, apenas por curiosidade, e para provar-lhes que o tal homem é mais um padre maluco dos muitos que já existiram na Igreja, e dos quais a maioria se perde pelos próprios excessos ou é pega pela excomunhão.

_ Credo, Vincenzo, até parece que não gostas de Francisco.

_ E por que não gostaria dele, se nem o conheço, não é mesmo ? Temos tido alguns eventos inquietantes, isto sim. Os lobos que andam por aí a fazer das suas, como se fossem enviados pelo próprio Demônio em pessoa, e a chuva de ontem com seu ruído ensurdecador, com os ramos ao vento como chicotes, e as águas a rasgar em pedaços as telhas. Ninguém morreu, mas muita gente julgou que ficaria soterrada sob suas próprias casas. A gente se sente ameaçada, e agora me contas que o tal Francisco nem se abalou e seguiu pela estrada até aqui, no meio daquele pandemônio ? E queres que eu ache que tudo está bem. Meus cavalos ontem davam sacões tão fortes às cordas que julguei que enlouqueciam...

_ A pobre Juliana diz-se que dormiu no meio das sepulturas, com toda aquela chuva...- falou Roberto.

_ São vocês que estão a falar daquela pobre louca e de Francisco, como se uma e outra coisa fossem dar no mesmo. É isto que penso, que o tal frade deve ser alguém que perdeu o juízo, após participar de algumas batalhas contra os invasores de Assis, e saiu pelo mundo a fazer apologia da pobreza, o que é louvável, desde que sem exagero. E, pelo que se diz, ele é um exagerado.

_ Chega de discutir, pois hoje não estás inspirado. Toma logo tua refeição, porque senão nos atrasamos. Todo mundo quer ver e falar ao tal

frade, e, se não vais, dizemo-te adeus, pois já lá íamos e só demoramos, para vir buscar-te.

_ Que seja.- retrucou o jovem, batendo palmas, a chamar os servos, dando por finda a refeição matinal. Ordenou que Lúcio e Amâncio o esperassem, falando com eles algo em voz baixa, nas ordens que dava, para logo que tornasse rumarem na caça aos lobos, e tomando sua capa saiu junto aos amigos, em direção ao local, onde se dizia encontrariam Francisco de Assis.

Uma pequena multidão se via na praça principal do vilarejo, para onde os moços se dirigiram. Via-se que a fama de Francisco o precedera, e que com muita avidez o buscavam as almas simples e os nobres mais esnobes da localidade, pois para vê-lo e aos seus acólitos era necessário sempre viajar ou ter uma chance a mais.

Percebendo a quantidade de pessoas que se amontoavam, Vincenzo sentiu uma sensação diferente dentro de si. Era um perpassar suave, que contrastava com toda a inquietação com a qual acordara, e que dera margem às estapafúrdias palavras, durante o desjejum. Sentia um vento cálido a varrer seu interior, pulsando numa alegria que não fazia o menor sentido. Maquinalmente caminhou por entre as pessoas, seguido de perto pelos amigos, como se buscasse algo que não saberia dizer o que seria.

Como era conhecido e requisitado na localidade, as pessoas simples se afastavam, para dar-lhe passagem, até que se viu diante de um grupo de frades, que se deixavam envolver por um bando de crianças e alguns cães vadios e sem dono da localidade.

A cena ficaria para sempre gravada na sua retina espiritual. Havia ali um misto de ternura e simplicidade, e aquela visão provocava nele uma sensação de enlevo e entrega, como se todas as coisas do mundo deixassem imediatamente de ter importância, e tudo fosse muito simples, na longa caminhada dos dias. A capa parecia pesar-lhe nas costas, mas ele estava leve e solto, como que fora do mundo, sem preocupações.

As impressões e sensações que o invadiram duraram alguns segundos, mas lhe pareceu que eram eternas.

Um homem franzino e de semblante maltratado o fitou dentro dos olhos, penetrando todo seu ser. Ele teve certeza, instantaneamente, que aquele homem era Francisco. Carregava nos braços um cão tão esfolado e sarnento, que qualquer passante se afastaria do animal, a temer-lhe as sarnas.

_ Dinorá, busca-me água.- falou o homem para a amiga que Vincenzo conhecia e ela saiu quase a correr, em direção a uma casa, de onde tornou com uma vasilha cheia do líquido precioso. O frade tomou a mesma e a verteu lentamente sobre o dorso do animal, tocando-o e esfregando-o enquanto o fazia. O bicho ficou quieto, como se jamais houvesse na vida recebido um carinho daquele. Seus olhos iam para o homem com um misto de agradecimento e admiração

Terminado aquilo, Francisco soltou o pequeno cão no chão e ele se desmanchou aos seus pés, como que aliviado.

_ Não o toquem ainda. - falou ele às crianças- E não lhe atirem pedras.- acrescentou fazendo-as baixar os olhos.

Em seguida, ergueu-se e dirigiu-se a Vincenzo, como se o conhecesse de longa data.

_ Meu irmão, eu o esperava. Que bom que veio. Estás preocupado com os lobos, mas é mister que entendas que a matilha só deseja sobreviver. O animal selvagem é diferente do homem. Ele não raciocina, não pondera, não sabe o que faz e ataca, com a finalidade de se defender e de sobreviver. Com o amparo de Deus, conseguiremos impedir mais mortes, e tudo ficará melhor. Necessário se faz que os lobos encontrem o caminho da própria casa, não é mesmo ?

O nobre fitou aquele frade e se perguntou interiormente se ele não estava tentando persuadi-lo, de abandonar os planos com os quais acordara, de ir à caça da matilha, com seus servos de confiança, ou até com alguns amigos, mas não disse, acreditando que o frei estivesse disputando com ele a glória daquele feito.

Frei Francisco deu um largo sorriso e comentou de manso:

_ Não estou em busca de glórias, meu amigo. Só temo pela vida das criaturas que Deus coloca em meu caminho, e zelarei pela tua, com o amparo de Jesus. O mundo está cheio de mausoléus, de medalhas, de conquistas, mas tão vazio de amor e de fraternidade. Você é meu irmão, meu amigo, e folgo de ver que teu íntimo tão atormentado pela noite cheia de preocupações , encontra agora um refrigério. Gostaria que pudéssemos cear juntos este dia, quando todos os perigos estiverem longe, ou forem afastados.

Vincenzo não dissera palavra. O que parecia aos outros um estranho diálogo , para ele, era um deslindar de palavras que vinham cheias

de significado, mas seu entendimento não alcançava o sentido todo delas, e era isto que estava tentando fazer.

_ Não quero apoquentá-lo, meu irmão. Mais tarde, entenderá tudo o que lhe digo. Por hora, perdoe se tomo seu tempo e faça o que tem a fazer, ou o que decidiu.

A última frase fez com que os pensamentos de caça lhe tornassem nítidos à mente, com a ciência do local onde se homiziavam os lobos.

Olhando firmemente no rosto de Francisco, o rapaz respondeu:

_ Farei, sem dúvida, e depois veremos.

Os colegas do rapaz estavam ali, como que interditos, sem entender bem o sentido daquelas falas, as crianças se penduravam no fato roto do padre, e seus amigos, davam-se as mãos em conversa com a multidão, transmitindo conselhos e atenções.

Rafael, rompendo o mutismo em que estivera, perguntou a Francisco, de inopino :

_ Senhor, sinto que o conheço de longa data. Gostaria de saber se nos veremos mais vezes.

A pergunta vinha cheia de emoção, pois o jovem ardoroso era todo feito de carinho e afetividade, não tendo sido ainda tocado pela dor ou pela malícia das criaturas, que se aproveitam dos incautos e dos inocentes, e sua vida era sem preocupações maiores.

Francisco pousou nele os olhos sinceros e fez-se sério, respondendo:

_ Rogo a Jesus que possamos nos ver ainda hoje e muitas outras vezes, meu amigo. Estou certo que nossos olhos conhecerão outras paragens, em outras circunstâncias.

Vincenzo envolveu-se na capa, como se temesse a chuva de novo, e retornou sobre seus passos. Desvencilhou-se dos amigos, menos de Rafael, que não saía de seu pé a comentar e querer saber o que o frei dissera , na essência, e porque se lhe dirigira e não aos demais.

O nobre permaneceu mudo, e somente quando adentrou sua casa, chamou os servos e ordenou que selassem os cavalos, é que voltou-se para ele e respondeu:

_ Francisco aconselhou-me a buscar os lobos, era o que eu ia fazer, antes que vocês chegassem aqui em casa, pela manhã, e é o que farei agora. Quer vir comigo ?

_ Não estou vestido adequadamente, nem trouxe armas.- comentou Rafael.

_ Vista e use uma das minhas. - respondeu o nobre, levando-o aos seus aposentos, para escolher algo.

Rafael sabia que não poderia mais retardar seu amigo. Conhecia-o e sabia dos seus repentes de ânimo e como agia, quando se decidia por algo, por isto não discutiu e tratou de por-se pronto para ir à caça, mesmo temendo pela vida de ambos. Roberto os seguiu com a roupa que estava.

A breve espaço de tempo, a pequena comitiva saía em direção às montanhas.

A lama cobria o caminho, troncos e árvores tombados, crateras que a água abrira na sua fúria noturna, mas o ar que entrava pelos pulmões daqueles homens que subiam as encostas, pelas trilhas havidas, fazia com que se refestelassem com uma leveza e limpeza plenas. Quem nunca sentiu o frescor e a delícia em que a atmosfera se transforma, depois que a chuva lhe tenha varrido todos os miasmas e os raios queimado todos os fluidos deletérios ? O esforço de galgar o caminho escolhido por Vincenzo, era compensado pelo ar, que adentrava os pulmões, satisfazendo o corpo.

Mas o cansaço vinha chegando, quando atingiram uma área cheia de vegetação mais cerrada, pela qual poucos passavam.

Fora com aquele trecho do caminho que Vincenzo sonhara. Era perto dali que ele esperava encontrar o esconderijo dos animais e surpreendê-los.

O jovem acariciou o cabo da arma que levava à cintura, e depois o chicote que portava à ilharga. O sangue subiu-lhe à cabeça, sentindo o sol que se fazia forte sobre sua fronte. Olhou ao redor e verificou a proximidade dos companheiros. Relembrou tudo quanto haviam combinado, durante o trajeto. Cercariam os animais, e os abateriam, sem dar-lhes tempo à reação. Rafael conduzia uma lança comprida, que escolhera, pois poderia abater qualquer animal sem se aproximar dele, mais que o necessário, Roberto levava arcos e flechas agudas, que tomara ao arsenal de Vincenzo, Bartolomeu, um dos servos, levava consigo uma maça cheia de pontas, presa por corrente, Flavio e Amâncio se encolhiam por detrás do grupo, como se planejassem fugir a qualquer sinal de perigo.

Cada um se imaginava abatendo lobos, mas também cada um temia ser devorado por eles.

Um rumor meio indistinto se ouviu à frente deles.

Eles podiam sentir que os lobos se aproximavam, e que poderiam atacá-los a qualquer momento.

Houve um instante de paralisação, de espera, em que mal conseguiam desviar o olhar do mato, sustendo a respiração, o coração aos saltos.

Depois, repentinamente, eles surgiram com os dentes à mostra, rosnando furiosamente, os olhos brilhantes, o pelo lúcido, o corpo ágil, prontos para o ataque. Eles nem saberiam contar direito quantos seriam, mas eram muitos, o bastante para trucidá-los, naquele momento.

Bartolomeu deixou cair a maça improvisada, Lúcio paralisou no chão, como se os pés calçassem sapatos de chumbo, Amâncio se escondeu atrás de seu senhor e Rafael só não correu porque não tinha forças. Dir-se-ia que fosse desfalecer.

Vincenzo sentiu uma aflição enorme e temeu pela sua vida e a dos companheiros. Podia sentir a crueldade daquelas criaturas que afrontara, indo em busca de seu esconderijo, que sabia estava a poucos passos, na gruta que se avistava por detrás do arvoredor. Soltou uma praga e sacou a espada instintivamente, caminhando em direção aos animais, certamente sem pensar, nem avaliar as conseqüências de seu gesto.

Seu movimento brusco o colocou frente à frente com os animais, e um tanto longe de seus amigos e servos, que não o seguiram na investida.

Rapidamente, os lobos, como se obedecessem um comando adrede combinado, e que não era senão a força de seu instinto, pois o instinto dificilmente se engana, enquanto o homem racional se perde através de suas emoções e do raciocínio, da lógica e da inteligência, que nem sempre são bem elaborados, nos maneirismos do pensamento e da memória dos acertos e erros, rapidamente os lobos cercaram Vincenzo, enquanto os demais olhavam apavorados.

Rafael teve um rompante e tentou atacar um dos animais pelas costas, procurando abrir passagem para chegar ao amigo, que ia ser atacado violentamente pela matilha.

Nisto, um novo personagem apareceu em meio ao arvoredor. O vulto passou rapidamente entre os homens e sua presença, como por encanto, fez com que os animais parassem o movimento de atacar Vincenzo. Ele se aproximou do mancebo, que empunhava o punhal e a espada, tomou-o pela mão e tornou com ele fora do círculo mortal, sem dizer palavra. Os homens estavam interditos. Eles já tinham como certa a

morte do líder de seu grupo, pois a quantidade de animais era maior que a deles, e também era mais do que certo que eles também poderiam ser trucidados pela violência dos animais.

Rafael reconheceu Francisco e lembrou-se que ele prometera que estariam juntos mais vezes. As palavras dele lhe vieram nítidas à mente. Por um instante, pensou se o santo não dissera aquilo, porque antevira o perigo que eles arrostariam antes do final do dia.

Vincenzo mal entendia o que o frade fazia , e como contivera com sua presença o avanço sombrio das feras, seguindo-o como que magnetizado, e percebendo que sem exagero, devia sua vida àquela estranha criatura, cujo mistério era bem maior do que pensara. Deixava-se conduzir como uma criança, diante de seus amigos. O que significava aquilo tudo ? O que ele poderia dizer no estado de confusão e medo em que se via ? Ouvia Rafael falando, mas não saberia afirmar que era mesmo a sua voz, tão distante a ouvia:

_ Francisco, salva-nos !

_ Meus filhos, confiemos em Deus. Não ataquem os pobres animais.

E o frade retornou colocando-se no meio da matilha, exatamente no local de onde tirara o nobre, numa atitude impossível de se entender. No meio dos moços outros frades observavam a cena, todos temendo pela vida do missionário de Assis, tão próximo das feras.

Frei Leão estava aflito e se uma força maior não o segurasse, provavelmente estaria ao lado de Francisco.

Vincenzo deixara cair a espada, sem perceber , Bartolomeu caíra de joelhos, Lúcio escondera-se ao pé de imensa árvore, que pensara em galgar para fugir aos lobos, Amâncio também caíra de joelhos, como se a força lhe faltasse às pernas, Roberto parecia uma estátua paralisada pelo medo, pálido e macilento, Rafael seguia o sacerdote ao mesmo tempo magnetizado pela cena, e constrangido pelo pedido que saíra de sua garganta.

Calmamente Francisco passou as mãos no pelo do animal que parecia ser o líder da matilha, e sentou-se à sua frente, cruzando as pernas, fitando-o nos olhos.

Parecia que a fera bebia aquele olhar, pois parou de rosnar e mostrar os dentes.

Tudo permanecia como que congelado, naquele momento importante.

A voz de Francisco se ouviu calmamente:

_ Meu irmão lobo, Jesus te abençoe.

O animal sentou-se sobre as patas traseiras, diante do homem e depois aquietou-se deitado à sua frente. Os homens não podiam acreditar no que viam. Obedecendo o gesto de seu líder, os demais animais foram se acomodando igualmente diante dele, formando um círculo à sua volta.

O ambiente que há poucos instantes era tumultuado, perigoso e ameaçador, agora se mostrava quase idílico, e Rafael pensava que assim deveria ter sido no Paraíso, numa comunhão total entre Adão e os seres da natureza.

Nenhum deles jamais pensaria em assistir o que viam, e mal podiam crer nos próprios olhos.

Francisco continuou:

_ Vocês já têm causado muito sofrimento e também não têm tido sossego, para poder viver , como a natureza manda. Todos estamos aflitos e cheios de medo, mas Deus não quer que seja assim. Se tudo isto continuar, como vai acabar, não é mesmo ? Vocês serão perseguidos e trucidados e causarão mais desgraças, para muitos. Melhor será que retornem de onde vieram. A região da qual partiram guarda ainda vasta provisão de caça, e a luta dos predadores obedece a uma lei harmônica da natureza. Busquem locais onde o homem ainda não haja invadido, e prossigam na vida que estavam tendo , antes de aportarem nesta região. Meu irmão lobo, meus irmãos, meus amigos, ao por do sol devem se encontrar a caminho do outro local, onde poderão viver segundo sua natureza, sem serem perseguidos pelos homens, e sem causar-lhes dano. Rogarei a Jesus que os encaminhe e que os guie até o novo local de moradia.

Vincenzo não podia crer no que via e no que ouvia. Queria atacar os animais, porém o absurdo da cena o impedia. Então todos da aldeia não haviam orado bastante, pedindo a captura e morte daqueles animais ? E agora aquele homem, ali, a dialogar com eles, como se o pudessem ouvir e entender, e eles agindo quase como seres humanos que disputam algo e se sentam à mesa de negociações, em plena natureza, a acertar suas condições ? E então, quais as orações que são atendidas, e por que o frade dissera que falaria de ceia com eles aquela noite? Seria porque sabia de antemão que a vida dele, Vincenzo, estaria por um fio e o salvaria ? E como aquele

sacerdote os tinha seguido, sem que eles tivessem percebido ? Ou teria acontecido deles já estarem no local a esperá-los ?

As perguntas martelavam-lhe no cérebro e não encontravam respostas, contudo, a conversa com as feras prosseguia :

_ Sigam em paz. Nova chuva apagará seus rastros esta noite, e ao amanhecer deverão já estar bem longe de qualquer perigo, meus irmãos, esquecendo este período tão ruim de suas vidas. É muito bom encontrá-los, para podermos nos auxiliar mutuamente, como filhos de um mesmo Pai, que não deseja a desgraça de seus filhos.

Francisco acariciou mais uma vez a cabeça do lobo maior, e este retribuiu lambendo-lhe as mãos.

A cena era surrealista, paradisíaca, inacreditável. Bartolomeu deixou-se escorregar para o chão, chorando baixinho, no que foi seguido por Amâncio e Lúcio. Roberto fez o sinal da cruz, persignando-se e sentou-se, sem conseguir desviar o olhar da cena, Rafael tinha os olhos brilhantes na fé e admiração que o invadiam.

O medo que os subjugara há instantes tinha se esvaído.

_ É doce demais para morrer .- deixou escapar frei Leão.

Uma paz imensa os envolvia. Pareciam hipnotizados, imersos na mesma atmosfera de entendimento e fraternidade.

Lágrimas vieram aos olhos de Vincenzo, sem que ele as pudesse controlar. Neste momento, Francisco o fitou com tamanha ternura, que ele jamais esqueceria aquele olhar. Entendia que sua vida fora poupada e até a de alguns dos que o seguiam, percebia que teria sido trucidado pelas feras, pois as desafiara, desvendando-lhes o covil. Seu ímpeto arrefecera. Sua arrogância transformava-se em nobreza. Sentia-se um homem mudado. A turbulência interior dava lugar a uma felicidade e confiança, sem motivos aparentes. Vincenzo sentia-se outro, renovado e feliz, e estranhava aquele outro ser que já existia dentro de si, mas que nunca tivera ocasião de mostrar-se ou expressar-se, como naquele momento.

Os seres humanos são assim. Trazem a centelha divina, o amor dentro de si, mas o sufocam, o escondem por muito tempo, como se tivessem receio de fragilizar-se com a demonstração de afeto. Julgam-se diferentes do que são, e impingem uma máscara na personalidade que desenvolvem, para se proteger de si mesmos e da própria sociedade em que vivem. Reagem de acordo com seus pendores rasos, e do que se espera deles, sem romper a casca dos preconceitos com que se ajaezam. Assustam-

se quando encontram alguém, cuja sinceridade extravasa os modismos da cultura em que vivem, com temor de se sentirem tocados pela simplicidade e transparência do outro. Parecem fortes, mas são frágeis. Lideram, mas sentem a solidão da liderança. Incentivam e impulsionam os outros, mas gostariam que alguém também os direcionasse. Naquele momento, ele se sentia demasiado fraco, e o desespero de momentos antes dava lugar à uma espécie de lassidão e entrega. Queria estar ali, sentado, ao lado daquele homem, conversando também com aqueles lobos, mas como, se viera para trucidá-los, para se vangloriar disto ?

Francisco voltava a conversar com os animais:

_ Vão, queridos irmãos. Não percamos mais tempo. Todos estamos cansados, sujos e maltratados, mas a luta terminou.

O frade ergueu-se e os lobos vieram à sua volta, lambendo-lhe os pés e as mãos, esfregando-se no seu fato roto. O líder do grupo voltou-se e olhou para Vincenzo, que teve naquele momento medo que este subitamente o atacasse. Este pensamento quase quebrou o encanto daquele instante, mas Francisco fez sinal a ele para que se aproximasse. O rapaz obedeceu automaticamente, entrando no meio dos lobos, tal como desejara há instantes. Porém não mais o invadia o temor ou a vontade de morte. O lobo líder o fitou por instantes, e parecia dizer-lhe com o olhar como estava ressentido com sua perseguição a ele. Vincenzo não podia entender o que se passava. Ao se aproximar de Francisco todo seu ser se transmutava. Ele seria capaz, naquele momento, de beijar e amar o pior inimigo. Uma onda imensa de amor o invadia, e ele temia entregar-se àquele arrebatamento . O lobo o fitava e ele ao lobo. Francisco tocou seu ombro com uma das mãos, e acariciou o dorso e a cabeça do animal com a outra. Ondas fluídicas de carinho iam dele para ambos os seres em litígio. Como era doce poder participar daquele momento, sentir-se inundar naquelas sensações diferentes, como se homem e fera pudessem dialogar sem palavras. Lágrimas corriam dos olhos de Vincenzo e do animal, e como se a decisão pertencesse a este último, ele desviou o olhar e pousou-o nos companheiros, caminhando em direção à mata. Os companheiros o seguiram, enquanto todos ficavam como que magnetizados com a cena, parados e sem ação.

Logo os animais se perdiam em meio ao arvoredo, e a brisa suave ia varrendo o rastro de seu odor meio nauseabundo.

_ Graças a Deus ! - deixou escapar frei Leão, o que fez com que Francisco desse uma cristalina risada.

Depois, como se quisesse quebrar a impressão forte que aqueles momentos haviam causado, falou:

— Creio que a caçada terminou. Convido-os a retornarmos ao vilarejo, pois todos devem estar aflitos com nossa ausência. Logo a noite vai chegar e temos um longo caminho de volta. Agradeçamos a Deus por nos ter protegido, quando nos víamos encurralados pela morte.

Vincenzo queria agradecer, mas um grito de Lúcio interrompeu aquele momento de euforia.

— O lobo! O lobo!

Olhando em direção ao local que ele apontava, todos viram um animal enlameado e ferido a fitá-los.

Francisco dirigiu-se a ele, com a mesma naturalidade com a qual agira há instantes, no meio da matilha:

— Meu irmão, você não pode seguir com seu grupo. Imagino como se sente. Vejo que está ferido e com fome. Venha conosco. Providenciaremos um local onde possa ficar e onde encontrará a paz que todos procuramos.

Os demais não podiam entender. Somente frei Leão e frei Luiz aceitavam tudo como natural, talvez pelo largo convívio com aquele homem, de quem esperavam sempre atitudes inusitadas e maravilhosas.

— Talvez você mesmo, meu amigo,- disse ele dirigindo-se a Vincenzo- tenha em sua propriedade um local, onde albergar este velho lutador, a quem a velhice depaupera. Talvez possa colocá-lo numa jaula que mande fazer, onde ele poderá ser alimentado e esperar a morte natural sem sobressaltos. Não terá você, em sua vasta propriedade, um local onde ele possa ficar, como testemunha viva de sua coragem e caridade?

Pela mente de Vincenzo veio uma cabana em meio à mata, onde guardava apetrechos de caça. Uma árvore nascera no meio da construção e ele, em criança, pedira que fosse preservada. Deste modo, o local tinha um misto de construção humana e invasão da natureza. Imediatamente imaginou que poderia colocar grades às portas e janelas, esvaziar o cômodo e ali guardar aquele valente guerreiro que os seguia mansamente, como se fora um cãozinho de estimação. Mas até que tudo fosse arranjado, como se haveria com o animal, pois sentia que ele só agia daquela forma quase amistosa, pela presença do frei. Como que respondendo às suas divagações mentais, Francisco completou:

_ Cuidarei pessoalmente dele, para que não lhe façam mal, até que seus servos hajam preparado o local que escolheste.

Frei Leão começou a cantar, como desejando marcar um compasso, para os passos rumo ao vilarejo. A canção singela falava do calor do fogão na casa humilde, do bafo gostoso da comida, do calor das cobertas, do frescor do leite, do balido dos animais, do sono tranqüilo e reparador.

Os demais membros da comitiva de Francisco começaram a cantar com ele, e um ânimo novo, uma força desconhecida se apossou de todos.

A música tem este dom de aglutinar as pessoas. Os amigos e servos de Vincenzo tentavam acompanhar o ritmo e adivinhar a letra, que iam aprendendo durante a caminhada.

Foi, então, que Vincenzo falou, retomando aquele tom de quem comanda e deseja ser obedecido:

_ Frei Francisco, o senhor e seus amigos cearão comigo esta noite.

_ É um convite muito gentil, porém não inesperado. - respondeu o santo.

Vincenzo lembrou-se de que aquele homem prognosticara aquilo mesmo pela manhã, quando se dirigira a ele. Somente agora suas palavras soavam tão claras à sua mente, naquele instante: "Quem sabe poderemos cear juntos, logo mais à noite..." Decidiu que após a ceia tudo faria para manter aquele grupo de frades hospedados em sua propriedade. Tinha a seu favor a desculpa que só teria descanso, quando as acomodações ao velho lobo estivessem completas.

Rafael se aproximou, tentando dialogar com Francisco. Parecia fascinado pelo frei. Vincenzo guardou para si mesmo seus planos, mas sabia que Francisco já devia ter ciência deles.

Iria mais tarde cientificar-se de como o grupo de franciscanos os seguira, e porque haviam feito isto. Procuraria explicações para os fatos que assistira, tão logo pudesse ficar mais tempo a sós com El Poverello, o que seria mais fácil se ele ficasse como seu hóspede. Temia que, com a solução do problema causado pelos lobos, o grupo voltasse rapidamente para Assis. Era isto mesmo que Rafael perguntava naquele momento ao frade, também desejando aproveitar mais tempo de seu convívio.

_ Não temos pressa. O Papa pode esperar mais um pouco por todos nós.

Vincenzo estremeceu. Seria aquela resposta mais um prognóstico do santo ?

Caminharam por mais algum tempo até que avistaram o povoado, e logo que foram se aproximando, pessoas vinham ao encontro deles, estranhando que os nobres estivessem na companhia dos franciscanos e mais, que um lobo os seguisse, como se fosse um cãozinho de estimação.

— Matem os lobo! - falou um camponês rústico.

Todos foram tomando paus e pedras, mas Francisco os conteve:

— Parem. Fiz uma troca com a matilha. Cuidamos do velho lobo e eles não mais voltarão. Se o matarmos, contudo, eles retornarão e tudo recomeçará. O nobre Vincenzo cuidará pessoalmente dele, e o poderão visitar, levar seus filhos para que o vejam e contar esta história da cidade de Gúbbio, para seus descendentes.

O povo aquietou-se e Vincenzo seguiu para casa com os servos, amigos, os frades e o lobo.

Rafael, no íntimo de sua alma, decidira pedir a Francisco que rumasse para Jerusalém, obedecendo as ordens do Papa, e o levasse pessoalmente junto com ele. Desejava ficar o maior tempo possível junto ao frei, e tinha certeza de que haveria de aprender muito, e, no final de tudo, acabaria por merecer entrar no reino dos céus, após sua morte.

Acreditava que Vincenzo, ao convidar os franciscanos a pernoitarem em sua casa e cearem com ele, não teria outro propósito, senão o de se incorporar à sua corte.

Era óbvio para ele que, se o Poverello houvera dominado toda uma matilha de ferozes lobos, se havia falado com eles e se feito compreender, se os expulsara sem o menor gesto de ataque ou violência, todos que estivessem com ele, durante a luta contra os sarracenos, por certo, estariam a salvo e viveriam emoções que jamais poderiam imaginar.

Os frades caminhavam sendo seguidos de perto pelo lobo velho e faminto, e Francisco agora se mantinha calado, quando fora de esperar-se que ele ficasse contando os feitos havidos, ou se vangloriasse do que acabara de fazer.

Vincenzo seguia a frente à cavalo, e se perguntava interiormente como explicaria aos pais a presença dos frades, quando estes chegassem, pois pretendia mante-los junto de si o maior número de dias possíveis.

Concluiu que bastaria contar-lhes tudo o que ocorrera, durante sua ausência, e eles não se oporiam à idéia de albergá-los, pelo maior tempo

possível na propriedade.

Sua mãe sempre fora muito religiosa, a fama de Francisco corria as estradas e já fora objeto de conversas, durante os serões familiares.

Vincenzo temia, contudo, que seu irmão Leôncio não concordasse com aquelas resoluções, de vez que este lhe tinha um profundo ciúme, pois acreditava que ele, Vincenzo, era o predileto dos pais.

Ainda bem que o mano seguira junto aos progenitores, e isto lhe dava alguns dias para acomodar o grupo, sem ter que ouvir recriminações ou perguntas desnecessárias.

Francisco sorria para ele, como que se estivesse percebendo seus pensamentos, mas não disse palavra.

E, deste modo, todos chegaram finalmente à casa senhorial, onde foram acomodados nos quartos destinados aos hóspedes, enquanto providenciavam uma jaula, onde abrigar o lobo. Francisco fez com que levassem o animal para seus aposentos.

Sem condição de discutir com ele, Vincenzo ordenou que os servos obedecessem o pedido do frei, e providenciou comida e banho para todos.

Jamais ele esqueceria as ocorrências surreais daquele dia, e isto o levaria pelos séculos à frente a reverenciar, respeitar e adorar a figura de Francisco de Assis.

CAPITULO III - AS CRUZADAS.



Desde as lutas iniciadas com a I Cruzada, com o grupo dos francos, que acabaram por adentrar o território dos italianos, que ainda não era considerado como nação, bem como não existia a Itália, nem a França como França. As idéias dos nobres e dos servos iam desde um fervor irracional, na busca da conquista do Santo Sepulcro, de qualquer maneira, até sentimentos controversos, de culpa, temor, medo, que envolviam as criaturas, e o desejo de conquistar um lugar no céu, participando das guerras santas.

Aliás, o termo Cruzada ainda não existia e só surgiu depois, pelo fato dos soldados terem no escudo e nas vestes uma cruz, demarcando sua destinação, porém nós o usaremos.

Fora Urbano II quem fizera acender o estopim das invasões, meio que encontrou para evitar insurreições contra a Igreja, e também forma para enriquecer, junto a Sua Eminência, o bispo Adhemar, que fazia os homens venderem seus bens, com a finalidade de comprar armas.

Lord Raymond, Conde de Toulouse, fora um dos mais ardorosos lutadores desta Cruzada, mas não se poderia apostar que era um homem fanático pela Igreja, antes fora muito racional e firme, nas suas acusações aos clérigos e aos seus sócios na empreitada. Ele era conhecido, na época, como Raymond de Saint Gilles.

Fora no Concílio de Clermont, na França, ocorrido a 27 de novembro de 1095, que se criara a primeira expedição armada, rumo ao Oriente, que não recebera ainda o nome de Cruzada.

Esta palavra surgiria depois, pelo fato de os participantes destas expedições trazerem uma cruz vermelha, bordada no ombro esquerdo de seus mantos.

A palavra vibrante, incendiada, mas também colérica e insensata de Urbano II se transformara no moto das Cruzadas:

— Deus le volt! (Deus o quer!) - dissera ele, e aquilo funcionou como um rastilho de pólvora, incendiando multidões.

O grupo dos normandos fora formado por espécies de vikings, bárbaros cobertos com roupas de couro de animais, com adereços em forma de colares e pulseiras feitas com dentes de animais, algo um tanto hediondo, de mau gosto e exagerado, mas peculiar à sua cultura.

Quando os francos haviam passado pela região italiana, não deixaram de fazer algumas barbaridades, como pilhagens, assassinatos e estupros, apesar de seus principais líderes tentarem impedir.

O filho do rei Guilherme da Bretanha, fora o duque Robert da Normandia, que andava com uma capa, onde haviam sido costurados testículos esmaltados, de padres que ele matara. Seus homens tinham barbas torcidas e dentes pontiagudos. A higiene era quase inexistente, o que causava pestes nos acampamentos, desintéria, febres, hemorragias, que levaram a maior parte dos homens, mulheres e crianças à morte.

Como se não bastasse, durante a marcha, até a conquista da terra santa, haviam perpetrado toda a sorte de homicídios, em sortidas terríveis.

Muitos pereceram.

Os cavalos, que eram o orgulho da maioria dos nobres, e que lhes granjearam muitas vitórias, ao final da jornada, haviam sido sacrificados, para alimentar seus senhores e os servos destes.

Os argumentos que os turcos tinham o sangue de Satanás, e que haviam feito toda a sorte de atrocidades aos cristãos na Terra Santa, era forte o bastante para arregimentar exércitos, que desejavam se libertar do pecado e ganhar o Reino dos Céus.

Houvera uma batalha dentro da Basílica de S. Pedro, quando os homens de lord Raymond combateram os homens de Guiberto, o bárbaro, que odiava o papa Urbano II.

A Cruzada se caracterizou por batalhas inesperadas, lutas de poder dos nobres, sequiosos por comandar homens e dominar regiões, a qualquer preço.

Brindisi, o verde mar Adriático, mais parecendo um poço de esmeraldas, Floreo, até a chegada a Constantinopla, no mar Negro, a descida até Iconium, Heracléia, Cesareia, Marash, Antioquia, Tripoli, até a chegada de Jerusalém, eram comentadas com lendas e mitos recriados a cada dia, com uma nova nota, uma ação inventada, ou ampliada.

Era nisto que Vincenzo pensava, ao se imaginar junto daquele homem tão singular e diferente, se tivessem que partir mesmo, para participar das lutas que se estendiam quase por três séculos, em sua região e nas regiões dos francos, e que haviam causado tantas perdas em dinheiro e vidas às populações.

Olhando-o com tranquilidade, Francisco comentou:

— Tanta luta e tantas mortes, em nome do Príncipe da Paz. Não te parece, nobre Vincenzo, algo contraditório ?

— Contestas uma ordem do Santo Padre, um convite dele aos servos e soldados do Cristo ?

— O Cristo nunca formou exércitos e também sempre disse que seu reino não era deste mundo. Será que podemos contestar as palavras de Jesus ?

— O Conde Boemhundo, o Conde Godofredo, então, sob este aspecto, serão considerados anti- cristãos ?

— Não quero acusar estes homens, somente procuro relembrar Jesus em sua essência, e também pensar se os infiéis não nos julgam, pelas atrocidades cometidas contra eles, na invasão armada, seres sem religião, e

sem Deus. Ou devemos considerar que estes homens, com os quais somos chamados a lutar, também não são criaturas de Deus?

O comentário sobre os inimigos como seres humanos com idéias diferentes, caiu como uma ducha fria no pensamento incendiado de Vincenzo.

Se o homem à sua frente considerava até os lobos criaturas de Deus, o que ele poderia dizer , para justificar a invasão que acontecera e que prosseguia, no tentame de manter as posições conquistadas no Oriente ?

Mesmo assim, a personalidade teimosa do nobre, o levava sempre à discussões estéreis, e ele debatia pelo simples prazer de debater, de ser contrário às exposições da pessoa com quem dialogava. Esta característica de Vincenzo vinha de uma teimosia natural, da busca de perfeição e do prazer de debater por debater, simplesmente. E foi esta índole em sua alma, que o fez continuar a argumentar:

_ Lembro que consideras que os lobos são criaturas de Deus, mas, não fora por sua intervenção, eles estariam ainda agora a dilacerar mais crianças e animais, em suas investidas. Tenho para mim que o homem, quando verbera suas posições, quando busca supremacia, e isto acontece sempre, é pior que o animal, pois desconhece o instinto da fome e não encontra saciedade. Cristo nos está a apaziguar a ambição, a diminuir nossa violência natural, mas isto não ocorre com os infiéis, os sarracenos, por exemplo, que são por sua natureza mais sanguinários, não tendo a doutrina cristã a minimizar-lhes as tendências.

_ É verdade que Cristo nos modifica, e é este o seu ministério, foi este o motivo com o qual nasceu, foi para mostrar-nos a mansuetude e a responsabilidade. Mas, percebo também que os que se intitulam cristãos estão embuídos de idéias preconcebidas com relação aos turcos, aos mouros, aos sarracenos. Noto, querido amigo, que já partimos prontos para o combate, esquecidos que no local para onde vamos, durante muito tempo os cristãos gregos , os ortodoxos, comungaram experiências com os donos do local, sem necessidade de disputas.

_ É. Mas foram eles que começaram esta luta, quando atacaram os cristãos, o que os levou a pedir a S. Santidade que interviesse.- falou Rafael, como quem relembresse o início das desavenças havidas.

_ O homem deveria sentar-se à mesa de negociações e não brandir a espada, porque se cria um desencadear de eventos, com a agressividade,

que culmina com a perda de milhares de vidas, sem necessidade.- falou Francisco com uma tristeza na voz, que comoveu a todos.

Sua habilidade em condensar um assunto, atendo-se às conseqüências desastrosas, herdeiras das escolhas humanas, parecia tornar tudo mais simples.

— Quer dizer, então, que não devemos lutar, nem que Jesus não se alegre por nos ver dispostos a dar a vida, para salvar dos infiéis os locais sagrados de sua peregrinação e martírio ?

— Não são os locais mais importantes que a doutrina de Jesus, que nos ensinou a perdoar os inimigos, a orar por aqueles que nos perseguem e caluniam. Esta idéia terrível de santificar locais mais do que a vida das pessoas, ainda haverá de causar muita miséria e desgraça, muitas mortes e desolações à Humanidade.- falou Francisco, como se seu olhar pudesse desvendar o véu do futuro, e conhecer a puerilidade das guerras humanas. O homem se apega a princípios sem valor, ao dinheiro, e desconhece que o amor salva as criaturas e que é preciso relevar muitas vezes, para se obter a vitória com honra, e sem derramamento de sangue inútil.

— Quer dizer, então, que não aprovas os exércitos e que não irás à Terra Santa, como te pede S. Santidade ?- perguntou Rafael , arfando de ansiedade.

— Calma, meu amigo. Não estarás também violentando minhas resoluções, querendo adiantar-se a elas ?

A forma jocosa como foram ditas estas palavras, como que quebrou a severidade dos conceitos emitidos por Francisco. Ele parecia desejar que os companheiros refletissem em tudo o que houvera dito, sem força-los a modificar seus conceitos, somente porque discordava deles. Percebia que nem todas as criaturas poderiam comungar de suas certezas, via-os com uma doçura transbordante, mas sem falsas expectativas imediatas, quanto aos resultados de seus exemplos. Compreendia que viviam sob o impacto do que ocorrera , com a matilha de lobos, mas que, ainda não podiam compreender nem aferir todo o conjunto de atitudes e convicções, que haviam gerado aqueles eventos.

Percebia com sua intuição e conhecimento prévio de muitas coisas que lhe eram desveladas, que aqueles rapazes que comungavam a mesma mesa que ele, naquele momento, haveriam de estar junto dele, em outras circunstâncias no futuro, e que demonstrariam a essência de suas escolhas, sem que ele pudesse intervir em seu livre arbítrio.

Por isto, naquele momento, desejou proteger-se um pouco das investidas deles em seu próprio íntimo, já de si tão pejado pela insensatez humana.

Por sua mente privilegiada passavam as cenas da conquista de Antioquia, com suas muralhas que pareciam inexpugnáveis, e com a defesa organizada por Yaghi-Siyan.

Quatrocentas torres, nas muralhas grossas e altas, que haviam sido construídas pelo imperador Justiniano, com uma parte que atravessava os pântanos do rio Oronte, mais a montanha escarpada da retaguarda.. Os turcos haviam controlado a estrada que levava ao porto São Simeão, e Bohemundo a Porta de S.Paulo, o Conde Godofredo a Porta do Duque e Raymond a Porta do Cão.

Parecia ver o general Tatikios dizendo aos invasores:

— Os sírios sentem pouco afeto pelos turcos, é verdade, mas sentem ainda menos por vós. Eles não aceitam o vosso Papa.

Quantos corpos foram mutilados, suas cabeças decepadas, numa brutal crueldade, em ambas as facções da luta.

Pedro, o eremita, que virara um mito, considerado erroneamente como um santo, a intervenção dos genoveses, vindos pelo mar, a selvajaria dos homens de Vlast, os estranhos Tafurs, que tanto lutavam do lado dos cristãos, como dos turcos, sua vida frugal, suas roupas rotas, como de mendigos e seu costume de comer os cadáveres, sua antropofagia, e o frio que atacara os homens posicionados.

O Conde Balduíno , e a morte terrível de sua esposa, que o fora encontrar, Godvere e seus três filhos, também mortos pelas febres, antes de chegarem a Bari.

As cenas dantescas da tentativa de tomada da cidade de Antioquia, o terremoto e a aurora boreal que se seguiram eram comentadas por cronistas conterrâneos de Francisco, mas ele nem precisaria deles, pois via as cenas como que vívidas no espaço. Calara-se e seu semblante mostrava que estava num outro estado de espírito, como que mergulhado num êxtase ou delírio, que aos outros não era dado perceber.

Depois fora a vez dos barcos cipriotas e das tropas inglesas, trazendo reforços... Francisco continuava vendo o passado recente, e de seus olhos lágrimas quentes começaram a rolar. Ninguém ousava dizer nada, era como que se estivessem compreendendo que ele estava tendo visões..

Francisco via agora os espiões turcos sendo queimados vivos em fossas, e Ker-boga tentando aniquilar os cristãos.

O exército turco, com seus pavilhões escarlates e dourados, com seus pavilhões de seda, e legiões de arqueiros, milhares de soldados da infantaria, com suas armaduras de couro, as barbas cortadas curtas, e a pele clara, com os mais poderosos emires do Islão, desfilavam ante seus olhos espirituais, e ele chorava sentidamente por eles, tanto quanto pelos cristãos:

— Jesus, o antigo cenário de nossas peregrinações deveria ainda registrar tanto sofrimento e tanto terror ? - deixou escapar pelos lábios, num suspiro dorido.

Vincenzo gostaria de saber o que estava acontecendo, mas ficou interdito entre a curiosidade e o respeito.

Rafael comoveu-se, entrando a chorar ao lado de Francisco, sem entender o motivo das próprias lágrimas, senão pela emoção que o invadia.

Frei Leão, acostumado às visões do santo homem, convidou os demais a deixa-lo a sós, nos seus solilóquios com a Espiritualidade Superior.

Uma luz suave invadiu o aposento e a brisa se tornou perfumada. Sem entender o porquê, todos foram tomados de imensa sensação de paz e deslumbramento.

Alguém entrara ali, alguém dialogava com Francisco, todos podiam sentir. Frei Luís sabia que o próprio Cristo vinha responder às interpelações do Poverello.

Lágrimas abundantes lhes caíam dos olhos, sem que as pudessem conter. Os soluços de Rafael repercutiam no ambiente.

— Senhor, será como desejas. Eu jamais ousaria contrariar qualquer disposição tua. - continuou a dialogar o homem de Assis, como que esquecido dos demais.

Vincenzo quis perguntar, mas, naquele momento, deu de ver a entidade presente, meio diáfana é verdade à frente deles, e, diante disto, não pode conter as próprias lágrimas.

Era demais pensar que Jesus estava ali, diante deles, conversando com tanta naturalidade com Francisco, como se jamais houvesse partido nos braços de uma cruz.

Todos não conseguiam aquilatar a importância do que assistiam, e mais a rara oportunidade que lhes era dada, com aquela aparição maravilhosa, daquele que lhes parecia era o móvel daquelas lutas.

Caíram genuflexos, esquecidos da própria vida e das perquirições, em que suas almas se digladiavam há instantes.

Francisco continuava o diálogo com Jesus, assumindo feições cada vez mais radiosas:

— Senhor, o que posso fazer ? Não percebemos, não aquilatamos já, desde Patmos, que seria praticamente impossível impedir tanta insensatez e tanta violência ? Não me foi dado saber quantas vezes ainda a dor acicatará as criaturas, e a insensatez e perfídia lhes ditarão a conduta ?

Crês, Senhor, que poderíamos diminuir um pouco que seja o sofrimento que se espera ? Pensas que eu, um dos menores servos teus, poderei intervir nas ordens emanadas de S.Santidade, evitando, pelo menos um pouco, as desgraças que aguardamos ?

E os emires, o velho Xadi, Al-Fadil e Imadf-al-Din, todos com Saladino ficaram em Damasco, e pensaram em atingir Aleppo ou Al-Mawsil, e um grande contingente atacará o cerne dos Cruzados em Jerusalém. Não vejo os turcos ou sarracenos como inimigos, entendo até suas motivações e até cito estes fatos, para suprir minhas próprias faltas. Sei que Saladino estava profundamente ligado ao seu tio avô Xirkuh e pretendeu dar-lhe, como presente de um aniversário não havido, as vitórias que desejava alcançar. Ele se uniu aos sultões Zengui e Nur-al-Din, para expulsar os cruzados, que ainda dominavam as cidades litorâneas, além de al-Kadisia. Ao mesmo tempo, Senhor, ele previu que poderia morrer e dividiu entre seus irmãos e filhos as possessões conquistadas. Taki al-Din, ficaria com o Cairo e Farruk Xá governaria Damasco, que para ele representam jóias preciosas. Não foi em Damasco, Senhor, que foste buscar nosso Paulo, a quem fiquei a dever a própria vida, quando intercedeu por mim, junto a amásia de Nero ? E por que não encontraríamos agora no Caminho, pessoas que abrandassem a dura luta dos dias atuais ? Por que não podemos buscar entre os inimigos mesmo, apoio às mudanças que ideamos, nesta luta que vara os séculos, causando tanta desdita, tanta carnificina ? Não foi Saladino um predestinado?

Os homens sentiam as lágrimas rolares de seus olhos, tal como dos olhos de Francisco, e mal percebiam o alcance daquele diálogo, pois aqueles nomes eram mal conhecidos por eles. Mas Francisco continuava:

— O triunfo do Islão se deu, Senhor, devido a doença de Amalrico, que até impediu um contato com Saladino. E que dizer da intervenção do

Egito e Síria ? Dar-se-á, Senhor, que nada possamos fazer, para impedir tanta maldade perpetrada em teu nome?

O perfume no ar se fez ainda mais forte, e o silêncio penetrou fundo naquelas almas, antes que Francisco concluísse:

— Tudo será feito segundo tua vontade, Senhor. Espero merecer tua confiança.

Aos poucos, Francisco saiu do transe em que estivera, mas percebia-se que uma emoção ainda o sustinha, e que era como se estivesse imerso, nos acontecimentos que haviam se dado ali

Ninguém ousava perguntar-lhe nada. Mesmo porque, eles também ainda sentiam um certo alheamento do mundo físico.

Aos poucos, Iluminatto, Luís e Leão, se chegaram ao Mestre Francisco, auxiliando-o a levantar-se do solo, pois permanecia ainda genuflexo, e o levavam a um local onde pudesse refazer-se.

Vincenzo saiu de manso, buscando o interior da moradia, preparando o melhor para seus hóspedes. Os demais amigos retiraram-se, percebendo que Francisco precisava ficar só, para se refazer.

Como se não bastassem as emoções havidas, durante o dia, com a intervenção direta do frade junto aos lobos, como se não lhes marcasse as almas aqueles instantes, junto do Poverello, agora eles sabiam que aquele homem mantinha um contato com o próprio Cristo, e isto era muito mais do que jamais poderiam ter imaginado.

Vincenzo fazia um balanço de suas idéias, antes da vinda daquele santo homem, de suas maquinações, para destruir os lobos sozinho, ou com os amigos, e da mudança que estava acontecendo em sua vida, em sua maneira de pensar e de ser, e um atordoamento lhe tomava de assalto as forças íntimas. Jamais poderia supor que, em tão curto espaço de tempo, sentisse todas as suas certezas ruírem, e novas concepções assaltarem as muralhas de suas disposições.

Rafael tinha razão. Se o próprio Jesus estava chamando Francisco a comparecer às frentes de luta, por que ele não deveria também alistar-se, e acompanhar aquele santo homem, em suas tentativas e intervenções ?

CAPITULO IV - ALISTAMENTO.



Naqueles dias, Vincenzo e seus amigos ficaram sabendo que El Poverello atenderia ao pedido do Papa, e partiria em direção ao campo de batalha.

Isto punha neles, após aqueles dias de contato com o missionário, uma reflexão nova. Rafael era o mais entusiasmado do grupo, falando sem cessar:

— Agora nada me impedirá de partir para a luta. Se o próprio Francisco vai para lá, a mando do Papa, como posso ficar indiferente a isto ? Vincenzo, estou certo de que também, após conhecer o santo de Assis, te abalançarás a segui-lo.

Ao ouvir as disposições do moço, Francisco se encheu de perplexidade e preocupação.

— Meus amigos, os motivos que me fazem atender o pedido de S. Santidade, não têm nada a ver com o desejo de utilizar armas, e ampliar a carnificina de tanto tempo. Quero que saibam que irei, para tentar impedir ainda mais derramamento de sangue. Ficarei realmente entristecido, se souber que minha ida os impele às lutas. É exatamente o contrário disto que almejo. Por favor, compreendam que, em nenhum momento, procurei incentivá-los a seguir para aquelas batalhas, que nada têm a ver com o Cristianismo.

— Mas, Francisco, não ouvimos você conversar com o Cristo, e ele mesmo pedir que seguisseis rumo a Jerusalém ? Se Ele te pediu isto, então, nós, que somos inferiores a ti, devemos nos omitir neste momento ? - perguntou Vincenzo, não conseguindo entender as palavras do homem de Assis.

Rafael, Lúcio, Bartolomeu e os demais membros do seletto grupo de jovens ficaram interditos, mas o santo homem continuou:

— Os motivos que me levam a obedecer este caminho traçado para mim, a longo tempo, são muito diferentes das razões que os impulsionam. Eu temo que vocês possam se envolver em sinistras aventuras, que lhes venham a custar muitos dissabores por séculos.

— Como é que, trabalhando para Jesus, encontraremos dissabores, e como eles podem ser mais amplos que as nossas próprias vidas ? - perguntou Rafael.

— Tudo é muito simples, porém difícil de se explicar, Rafael. A verdade é que somos almas imortais em peregrinação pela terra, e que esta nossa jornada é milenar. Temos muitas vidas, somos de ontem e continuaremos vivendo sempre, até atingirmos nossa evolução.

— Como é possível isto ? Muitas vidas ? Não estaremos dormindo até o Juízo Final ?- quis saber Vincenzo, curioso com aquelas idéias novas.

— Uma vez Jesus foi procurado por um doutor da Lei, que desejava exatamente ser informado a respeito desta nossa jornada eterna. Seu nome era Nicodemos - falou El Poverello, como se buscasse nos arquivos da memória fatos vivenciados por ele há mais de um milênio.- Jesus ouviu-o perguntar como lhe seria possível entrar de novo no ventre de sua mãe, para fazer-se criança. E Jesus o repreendeu, porque, como doutor da lei, devia saber à saciedade, com respeito a este meio de evolução espiritual, através do renascimento, informando que o que é nascido da carne é carne, mas o que é nascido do espírito é espírito, ou seja, que o espírito é como o vento, segundo ainda as palavras dele, e que sopra onde quer, e que não sabem de onde vem nem para onde vai, e que o corpo é herança dos pais, com seus respectivos atributos.

— Isto modifica toda a visão que jamais tive da vida !- deixou escapar Vincenzo meio aturdido com aquelas novas, mas sentindo interiormente que aquelas informações eram de fato algo que ele já trazia em si mesmo.

— Não consigo entender.- falou meio abismado Rafael, enquanto os demais também tentavam compreender os conceitos emitidos.

Lúcio achou que aquelas conversas estavam ficando muito complicadas, e que tudo o que ele desejava saber era que, se Francisco ia para a frente de batalha, e se Vincenzo e os demais também contavam seguir no mesmo comboio, para a luta, pois, se assim fosse, ele é que não ficaria para trás. E foi isto mesmo que verbalizou:

— É difícil entender suas razões, Francisco, pois, se contas seguir, obedecendo ao Papa e ao Cristo, não é justo que penses que nós devamos ficar aqui, sem fazer nada.

Tanto Francisco, como frei Luís e frei Leão tentaram inutilmente convencer os rapazes a não se alistarem junto ao contingente, que se preparava, na pequena cidade de Gubbio.

Vendo que nada do que dissesse mudaria as determinações deles, Francisco rememorou quanto vira, durante a estada em casa de Vincenzo,

percebendo quão duras seriam as experiências programadas para o grupo, caso partissem e se engajassem mesmo naquelas batalhas que ainda viriam. Ele deixou que seu pensamento buscasse as mais altas esferas, pedindo por aqueles jovens que ele aprendera a considerar, e que o amavam tão sinceramente, mas que ainda estavam tão distanciados das realidades daquele momento vivido, e tão fartos das ilusões daquele tempo.

Permaneceu ainda com eles, respeitando suas idéias e tentando inculcar-lhes um pouco das realidades que o impulsionavam. Sentia-se como se estivesse se fortalecendo no conforto que lhe era propiciado naqueles dias, para que pudesse realmente partir com mais vigor, frente às determinações do Cristo a seu respeito.

Todos sabiam que o próximo contingente partiria de Veneza, e aliciavam amigos, preparando provisões em mantimentos e dinheiro, armas e animais que os servissem, cheios de entusiasmo, contando muitas vezes com a glória que pretendiam obter, e os favores que os céus lhes propiciaria, já que se dedicavam por inteiro à conquista e manutenção das províncias para os cristãos, nas idéias afogueadas pelos boatos alarmantes, sentindo-se desde já heróis de Jesus, sem entender exatamente o que se passava, naquele momento histórico.

Cheios de ideal e de sonhos, mas agindo temerariamente, sem ouvir as ponderações de Francisco, eles se alistaram, para participar das lutas, que se estabeleciam na longínqua Galiléia.

Vendo-os, el Poverello sentia seu coração se constranger de dor e preocupação, mas não podia se imiscuir ainda mais naquelas vidas, pois sabia, de antemão, o que cada um deles trazia dentro de si, reconhecia-os como irmãos muito queridos, que um dia haveriam de compreender as realidades espirituais, mas que necessitariam do burilar de séculos de experiências, dores e provações, para entender a Doutrina do Cristo em sua essência de amor.

Por enquanto, estávamos ainda imantados às contingências humanas, com horizontes restritos de entendimento, percebendo a paisagem espiritual terrena, sob ângulos desconexos e materiais.

A natureza não dá saltos, e aqueles jovens também não teriam uma visão completa do painel das experiências do momento, que jungiam seres completamente díspares, numa jornada de dor, conquista e aprendizado, cujas ações poderiam vir a custar-lhe milênios de reajustes dolorosos.

Francisco olhava para seus novos amigos, como um pai que reconhece ainda a inexperiência dos filhos, e rogou ardentemente a Jesus que, caso se vissem no campo de batalha, que ele pudesse lhes ser útil de algum modo.

Aliás, era tudo o que ele desejava naquele momento, que pudesse, de algum modo intervir, para minimizar o comprometimento de tantos, na planificação do progresso terreno.

Não fora senão por este ideal que ele aceitara viver naquele tempo, procurando auxiliar as criaturas a entender o significado verdadeiro da doutrina cristã, trabalhando incansavelmente, onde fosse chamado a intervir, para que as criaturas não interpretassem erroneamente o desejo do Cristo, endividando-se e cavando a própria ruína.

Se o Cristo era todo amor, como conduzir a vida fora de seus princípios.? Desde que Urbano II iniciara aquela luta sangrenta, junto ao bispo Ademar, ele, Francisco, e a confraria dos apóstolos vinham se desdobrando por todo lado, na obtenção da paz, que era a herança divina.

Era tanta a carnificina, que os casos particulares se transformavam em romances terríveis, cuja concatenação demoraria milênios para organizar. Eram tantos os desmandos, os traumas, os desvios, que ele percebia mais do que corpos dilacerados, almas em desequilíbrio e sofrimento, cuja felicidade demandaria muitas vidas, para a recuperação.

Francisco sentia a dimensão terrífica do trabalho que se desdobrava no campo individual e no coletivo, e, se confiava no poder e na mansuetude do Mestre, não se enganava, nem por um instante, quanto às dificuldades que adviriam no percurso futuro, das adversidades que seriam cobradas de tantos, no curso dos séculos, e do esforço que teria que ser despendido, para a normalização dos valores intrínsecos daqueles espíritos, no resgate da Doutrina Cristã.

Porém, apesar do imenso cabedal de conhecimentos e da sinceridade de seus propósitos, ele continuava confiando em Jesus e mantendo a esperança, à custa do próprio esforço.

Sabia que tornaria a ver aqueles jovens, que, mesmo que a distância depois lhe impusesse o aparente afastamento, aqueles dias em Gúbbio haviam aprisionado sua alma gentil e dedicada, pelos laços afetivos da amizade.

Aqueles jovens jamais seriam os mesmos. Por mais diferentes que fossem os caminhos, que eles haveriam de percorrer no futuro, a presença

de Francisco permaneceria junto deles, como um fulcro de luz e saudade, a lhes concitar às mudanças essenciais de seus espíritos.

Por mais que viessem a reencarnar em condições diferentes, juntos novamente, ou provisoriamente afastados uns dos outros, eles sempre pensariam em Francisco como algo que fugia à sua capacidade de entendimento, a algo que os imantava à novas resoluções, à alguém que representava um marco renovador em seus espíritos.

E, isto foi o que aconteceu com eles, embora não pudessem aquilatar, então, e nem aceitassem os argumentos de Francisco, para não ingressarem no campo de batalha.

Aquele homem era um espírito tão elevado, tão evoluído, que sua simples presença modificava todo o roteiro, dos que partilhavam com ele.

Francisco seria, nos séculos vindouros, o elo de ligação entre eles, e o farol que os iluminaria, no mar revolto das tribulações terrenas.

CAPITULO V- A CAMINHO



Por mais desejassem manter Francisco junto deles, logo o grupo de jovens percebeu que isto era impossível. De toda a parte vinham apelos chamando el Poverello, e ele deixara bem claro que seguiria para Veneza ou Ancona, dois portos para onde convergiam as levas de homens alistados, para as lutas do Oriente.

Muitas conversas desencontradas atingiam as pessoas, que sempre tinham uma visão deturpada dos acontecimentos, tingindo com as cores mais dantescas as situações, ampliando a visão estereotipada dos sarracenos, dos turcos, dos muçulmanos, atribuindo-lhes ligações demoníacas e aparências animais.

Deste modo, não foi sem muita tristeza que o viram partir, junto aos monges que o acompanhavam, guardando apenas a esperança de revê-lo no campo de batalha, para onde iriam.

Começaram então a vender propriedades e bens, a aliciar servos e amigos, num entusiasmo novo, pois pensavam que, se o próprio Francisco

atendia aos apelos do Papa e partia com seus monges para o Oriente, eles também não tinham outra coisa a fazer senão segui-lo.

A terceira Cruzada havia deixado um marco profundo, na alma de todos aqueles cujos olhos se voltavam para o Campo de Batalha, pois espíritos fortes e destemidos haviam participado daquelas pelejas.

Vincenzo e os demais sabiam e ouviam com redobrado entusiasmo quanto ocorrera, há mais de dez anos.

Filipe Augusto, rei dos francos, e Ricardo, coração de leão, rei dos ingleses, haviam se unido naquela terceira invasão, e embora tão díspares quanto contrários fossem fisicamente e nas atitudes, sua ação buscara pontos de convergência para a invasão do Acre.

Num sábado anterior à Páscoa, Filipe chegara a este cerco, no dia 20 de abril de 1191.

Os soldados que estavam cercados em Jerusalém, profundamente cansados de tudo o que vinham sofrendo, ficaram muito satisfeitos, quando souberam da chegada de ambos.

Ambos eram amantes, dentro da escolha homossexual, mas, apesar disto, não confiavam um no outro.

Aliás, isto explicava muitas das atitudes que haviam tido.

Ricardo se demorara demasiado, pois houvera perdido o pai, e Filipe deixara-se ficar temeroso do acordo, prudente demais, pois a França perdera a sua rainha.

Ricardo costumava enjoar nas viagens marítimas e as evitava a todo custo. Fisicamente ele era belo, alto, garboso, cabelos loiros e feições agradáveis, gostava de poesia e romance, era forte e corajoso. Era um político astuto e competente, praticamente incansável e apaixonado por todos os assuntos do momento. Sabia comandar os homens que o admiravam, conhecia a tática das guerras e usava estratégias inspiradoras.

Quanto a Filipe era bem diferente, mais novo do que Ricardo, porém rei há mais tempo, com duras experiências vividas. Não tinha nenhum interesse por artes ou poesia, era simples e sem ostentações. Protegia os pobres, era responsável, mas lutava sem escrúpulos, para atingir seus fins.

Era evidentemente desprovido de charme, e cegara de um olho.

Filipe, após haver se encontrado em Lion com Ricardo seguira para Gênova. Os franceses atravessaram a ponte sobre o rio Rhône, mas ela cedeu ao peso do excesso de ingleses, e muitas vidas se perderam. Parte do

exército inglês partiu sob o comando de Balbuíno da Cantuária para Jerusalém, e outros embarcaram em diversos barcos para Messina, onde iriam se encontrar com os franceses.

O rei da Sicília tinha sido Guilherme II, mas morrera, deixando o trono sem herdeiros, e o poder ficou para uma tia, Constança, que era casada com o filho de Frederico Barba Ruiva. Os italianos não queriam um rei alemão, e assim um primo bastardo do falecido rei tomou o trono. Seu nome era Tancredo, conde de Lecce., homem feio e vulgar, que se viu em apuros. Alemães e muçulmanos se voltaram contra ele, e ele teve que chamar seus homens da Palestina, para lutar e derrotar seus inimigos.

Filipe chegou modestamente nos domínios de Tancredo, e um mês depois Ricardo, sendo recebidos com pompas. Houve lutas e Ricardo se apoderou da Sicília, tendo feito acordos com Tancredo, que praticamente traiu Filipe. O ouro do rei inglês e sua irmã compraram-lhe a boa vontade para com os italianos e gregos, e metade do dinheiro de um cavaleiro, naquela época, deveria ser destinado às necessidades dos cruzados. Isto contribuiria no futuro para a decadência e empobrecimento dos feudos, causando grandes transformações culturais, econômicas e políticas, preparando o advento da Idade Moderna, e o fortalecimento dos reis .

O rei inglês estava muito preocupado com o ouro e não seguiu para a Palestina, considerando a ilha de Chipre uma presa cobiçada. Abandonou os francos e com o rei Guy lutou bravamente contra Isaac, que a dominava, até vencê-lo e aprisioná-lo, atando-o com correntes de prata. O saque que se seguiu foi imenso, e os impostos cobrados aos cipriotas, do montante de 50% do que possuíam, fez Ricardo dono de um vasto tesouro. Extorsões eram tidas por doações, o que viria, no futuro, a denegrir a memória do leão inglês.

Quando chegou a Tiro, Filipe não permitiu seu ingresso na cidade, e deste modo, ele seguiu para Acre, onde deu fundadas esperanças aos cruzados cansados, que a sitiavam. Tentou, neste momento, avistar-se com Saladino, por quem nutria uma curiosidade imensa, mas este se negou a aceitar uma entrevista com Ricardo, coração de leão.

A espiritualidade superior, tentando mostrar ao rei franco e ao rei inglês a falácia humana, e sua fragilidade, acordou que ambos os monarcas adoecessem, de uma febre local, que fazia o doente perder cabelos e unhas.

Apesar da moléstia, contudo, ambos persistiram em atacar a cidadela, e conseguiram reforços, dominando o mar e impedindo o

abastecimento da mesma. Os genoveses se ligavam a Filipe e os pisanos a Ricardo.

Saladino também recebera reforços, mas dentro da cidade a situação era tão desesperadora que seus líderes resolveram capitular, entregando duzentas moedas de ouro aos francos e quatrocentas a Conrado, restituindo a Verdadeira Cruz, libertando um mil e quinhentos prisioneiros cristãos. Quando Saladino tentou impedir, as bandeiras francas já eram içadas nas torres e ele se submeteu, porque seus oficiais tinham entregue a cidade em seu nome.

Duques dos exércitos alemães discutiam sobre a divisão da cidade, com francos e ingleses, e os sarracenos marcharam como prisioneiros, sob a admiração dos vencedores.

Lutas na França fizeram com que Filipe regressasse ao seu país, mesmo porque não confiava em Ricardo.

Este, vendo-se dono da situação, tentou negociar com Saladino o preço da soltura dos sarracenos. Fizeram um acordo, que Ricardo rompeu. Saladino negou-se a pagar o valor total do resgate, pois seus homens não foram soltos.

O rei inglês queria sair de Acre e finalmente rumar para Jerusalém. Dizendo que Saladino não lhe pagava, ordenou o massacre de dois mil e setecentos sobreviventes das guarnições do Acre. Mulheres e crianças foram mortos com seus familiares, ampliando ainda mais o número de pessoas que foram, deste modo, tão vilmente chacinados. Os amigos que estavam do lado de fora lutaram bravamente para entrar, mas foram impedidos, e só puderam reconhecer seus mortos, quando os ingleses partiram para Jerusalém, deixando um rastro de corpos mutilados e em decomposição.

Saladino rumara para Shafr'amr, dominando as estradas do Tiberíades e Damasco, e a estrada principal para Nazaré até Jerusalém.

Cremos mesmo que a paisagem bucólica da região que demarcara passagens tão vívidas da vida de Jesus, jamais imaginaria que um dia aquele rei a guardasse tão zelosamente dos homens que a invadiam, em nome do Cristo, causando desgraça por onde passava. Mas também é verdade, que, logo após a queda de Acre, Saladino também promoveu uma carnificina em Haifa e depois fazia sortidas sobre o exército em marcha, capturando, interrogando e matando todos os que conseguia aprisionar, deixando apenas vivas as lavadeiras.

Saladino estava disposto a defender a Cidade Santa, que era muito importante para ele, e invadiu Ascalon, tendo-a destruído completamente.

Ricardo, na sua sede de posse, vendeu a ilha de Chipre aos Templários, e ainda tentou negociar, oferecendo a rainha Joana, como esposa para Saladino, o que horrorizou a pobre mulher.

Al-Adil era um diplomata ardiloso e ouvia as propostas de Ricardo e de Conrado, esposo da rainha Isabela, sem pender para nenhum deles.

Ricardo continuava a marcha para Jerusalém. Neste ínterim chegaram o frio, a chuva, a lama, e um templário pediu para falar ao rei:

— Senhor, mesmo que consigas chegar a Jerusalém, mesmo que consigas atingir a Terra Santa, há ainda os exércitos sarracenos e egípcios para vencer.

Ricardo agradeceu as ponderações do homem, mas continuou firme.

Saladino esperava reforços de Jezereh e Mossul, enquanto pisanos e genoveses brigavam entre si em Acre.

Quando ambos os exércitos chegaram perto de Cesareia, os embates passaram a ser diários e terríveis. Numa entrevista Ricardo esteve com o irmão do sultão, al-Adil, e propôs o domínio de toda a Palestina.

A primeira grande batalha aconteceu, então, e embora houvesse muitas mortes, poucos foram os homens importantes que pereceram.

As hordas cristãs saíram vitoriosas, com seus bretões, homens de Anjou, tropas inglesas e normandas, flamengas, com os Templários e Hospitalários, que tiveram que haver-se com os soldados da infantaria, negros e beduínos, com setas e dardos, e depois os turcos, com sabres e machados.

Enquanto isto acontecia no Oriente, João usurpava o trono de Ricardo, na Inglaterra.

O rei Guy se desentendia com o marques Conrado, que acabou apunhalado na rua, a mando do xeque Sinan, que era libanês.

Isabela esposa Henrique de Champagne, uma semana após a viuvez, por morte de Conrado e Guy compra a ilha de Chipre dos Templários.

Ricardo por mar conquista Daron, e mata e aprisiona seus moradores, segue depois para Ascalon e em direção a Jerusalém, e consegue uma relíquia da madeira da cruz, onde Jesus foi morto.

Saladino faz propostas de amparo a Henrique, esposo de Isabela, como permitir os padres latinos nos locais sagrados, mas que desmantelasse Ascalon.

Ricardo invade Jafa, e as lutas prosseguem, embora houvesse 7 cruzados para cada mil muçulmanos, nos embates.

Esta terceira cruzada, tão vívida ainda na memória de todos, viu a morte de Saladino, um sultão diferente de tudo o que os cristãos pudessem imaginar. Ele sabia manter sempre a palavra empenhada e cumprir acordos, tudo fazendo para evitar as guerras, permitia o culto cristão e o judaico, dentro dos muros onde dominava, e não desdenhava a vida e a maneira de pensar dos habitantes.

Na sua maneira de agir, ele muitas vezes foi mais cristão, do que aqueles que lutavam querendo libertar a Cidade Santa, Jerusalém para os cristãos e al-Kadisia para os muçulmanos.

Durante uma das batalhas, Ricardo se viu cercado, seu cavalo fora atingido e ele teria morrido se Saladino não enviasse um servo com dois fogosos corcéis árabes, para que ele escolhesse um, no qual montaria.

As lutas, a quantidade de homens que chegava sem cessar nos portos, tudo contribuiu para a morte do imperador curdo, Saladino, que adoeceu de tanto assistir desgraças, como a morte de um dos sobrinhos amados, que era como que seu braço direito. Dominara Jerusalém, Acre, e todo o litoral, tendo apenas deixado de conquistar Tiro, mas, aos poucos, os cristãos em levadas chegavam, havia dissensões no meio de seus aliados, e ele não agüentava mais ver tantas mortes violentas. Com sua morte, o Islã perdeu um homem que poderia ter evitado mais carnificinas.

A Espiritualidade reconhecia nele um homem fiel aos seus princípios, e profundamente humano em suas decisões. Se Ricardo houvesse agido com menos ambição e mais ética, por certo, outras seriam as disposições mundiais e as guerras não teriam continuado.

Porém, sem entender direito os acontecimentos, levados pelo entusiasmo, muitos, julgando que lutavam pelo Cristo, se aliaram às frentes de batalha, naquele momento em que se iniciava mais um século de trevas.

Uma outra Cruzada, de crianças, levava milhares de crianças e adolescentes à loucura de acreditar que dariam fim às guerras e conquistariam Jerusalém.

Com a aquiescência dos pais, partiram em embarcações, cujos comandantes os venderam como escravos, e alguns navios vieram a

naufragar, matando seus ocupantes.

Sempre a humanidade vai assistir a intromissão de mercadores, que se locupletam da ingenuidade e entusiasmo dos jovens, para tirar proveito econômico em suas ações.

A História destes meninos, terrível em todos os seus aspectos, têm lances que, um dia desvendados, mostrariam páginas dantescas , de um passado até não tão antigo assim.

Foi, portanto, neste momento conturbado e difícil, cheio de entidades sofredoras que circundavam as nações, época de desencontros e vinditas, sofrimento inaudito e trevas, que nossos jovens de Gubbio, Assis e Perugia resolveram partir rumo ao Oriente, alistando-se às coortes do papa .

Vincenzo, Rafael, Bartolomeu, Lúcio, Mário e muitos outros partiram cheios de esperança, em fogosos corcéis, seguidos por centenas de cavaleiros, todos convergindo em direção a Genova, no entusiasmo de acreditar que finalmente Jerusalém seria tomada, e o Cairo, Tiro, Acre, cairiam sob seu domínio.

_ Gostaria de lutar ao lado de Francisco. Creio que o próprio Cristo há de aparecer ao nosso lado e mostrar ao povo seu esplendor. Acredito que tudo nos será possível ao lado daquele homem santo.- comentava Rafael entusiasmado para Vincenzo.

_ Andei sondando e descobri que Francisco foi para Ancona. Será difícil estar com ele, pois contam que ele estará em Marrocos, para onde outros frades seguiram.

_ Marrocos ? Por que Marrocos ? Francisco tem é que seguir junto de nós. Foi isto que idealizamos.

_ Não é tão simples assim. Sabemos que temos que pagar nosso traslado nas embarcações, e há tanta gente que você nem imagina. Germanos, genoveses, pisanos, francos e ingleses vêm dar nestes portos, pois mesmo os teutões às vezes não seguem por terra. Você acha que será fácil para nós escolhermos com quem seguir ? Há boatos dando conta que Francisco já seguiu para Marrocos sim, não sei porque. Talvez para libertar frades de seu grupo, que cresce a cada dia. Ele não ficaria indiferente à sorte de seus irmãos de batina.

_ Mas, Vincenzo, eu me alistei para lutar ao lado de Francisco.

_ Sinto informá-lo, mas, neste caso, você deveria era ter se iniciado como noviço, no seu grupo, e aí estaria mais garantida sua inclusão, na

viagem ao lado dele.

_ Deus há de me ajudar. Se não encontrar com aquele Santo aqui, antes de embarcar, o farei no campo de batalha.- redargüiu Rafael, na garbosidade de sua ingênua mocidade, totalmente despreparado, para o que iriam encontrar na frente de luta.

Olhando-o, naquele momento, Vincenzo sentiu um remorso, por haver concordado com todos, e partido de sua encantadora vila. Mas, depois de preparados todos os cometimentos para a inclusão deles, entre os contingentes que seguiam para a frente de luta, achou que não havia mais meios de recuo . Resolveu sair e buscar informações entre as pessoas que partiriam. Afinal, os informes eram tão díspares, que parecia um sorvedouro de loucura a cidade, os portos, os viajantes que chegavam, enchendo as pensões e as casas, os alojamentos das diversas guarnições. Afinal, estavam a caminho.

CAPITULO VI - DESCAMINHOS



Mais de um mês durou a jornada por mar. Antes da partida, haviam rezado uma missa, e a maioria dos nobres participara de uma reunião.

Entre eles, Vincenzo ficou sabendo que Francisco já partira indo à frente, depois de haver se avistado com o papa, e também conhecera o primo deste, o Conde Hugolino de Segni, que viria também no futuro a se tornar um papa. Com o nome de Gregório IX.

O fato de Francisco já ter seguido, deixou profundamente triste Rafael e muitos outros, que contavam estar novamente com aquele santo homem.

Havia outros grupos, vindos da França, da Inglaterra, da Normandia e outros de teutões e podia-se sentir que havia uma animosidade muito forte, contra os irmãos bizantinos Chegava a transparecer até mesmo, que eram eles mais o alvo das guerras, nesta luta de poder religioso que o

Papa iniciara, e seus bispos e cardeais incentivavam, do que propriamente, animosidade contra o jihad, ou Guerra Santa dos muçulmanos.

Comentava-se à boca pequena da hostilidade dos armênios e turcos, bem como os sírios, contra os cristãos.

A recente perda de milhares de crianças, cujo ardor as tinha levado a pensar que sua presença faria com que a direção da vitória se modificasse, e o abuso dos mercenários que as haviam conduzido para a morte mais a escravização, as notícias desencontradas, que chegavam de toda a parte, mantinham um certo "frison" nervoso em todos os engajados na luta.

As indulgências que foram distribuídas àqueles que se haviam alistado, punha um fervor novo no contingente, pois não poucos eram os seres que iam para a frente de batalha, apenas para serem perdoados pelos seus muitos erros, pela esperança de ganhar o reino dos céus e o perdão de seus muitos pecados.

Havia uma agitação no ar, e eles pensavam na guerra, como um grande empreendimento, do qual sairiam mais fortalecidos, perdoados dos seus muitos erros, renovados, ou como heróis.

Naqueles dias, no porto, em meio aos demais alistados, com um conforto precário, Vincenzo completara seus vinte e oito anos. Pensou na família e ficou até um pouco arrependido de haver se lançado àquela aventura.

Foi neste dia que vim a conhece-lo, de uma forma inusitada. Eu tinha quase a mesma idade dele, e estava também iludido nos meus propósitos de evolução, participando de um alojamento junto a amigos, servos e meu primo. Meu nome era Hervé, e viera da região da Normandia, ligando-me a um grupo franco.

Parece-me ainda recordar como a vida programara, de modo aparentemente casual, nosso conhecimento.

Gênova, encantadora como sempre, através dos séculos, oferecia uma certa paz ao meu espírito, sempre cheio de curiosidade por aprender e entender tudo ao meu redor. Amanhecera aquele dia mais deslumbrante do que usualmente.

Acordei descansado, como quem desperta de longo sono reparador, era como se as horas se houvessem distendido, proporcionando-me uma acalmia reconfortante.

Podia-se ouvir os gorjeios dos pássaros lá fora, e o sol iluminava o quarto onde eu dormira.

O bulício de fora trazia-me uma sensação agradável de estar vivo, com saúde, cheio de sonhos e ideais, longe de casa, sim, mas pleno de vigor e esperança. Não me recordava de haver sonhado, mas a impressão de alegria enchia meu espírito.

Eu seguiria para Jerusalém, e o pensamento de estar em contato com regiões, onde Jesus estivera, dava-me uma felicidade salutar, como se um presente do céu me houvesse sido reservado. Eu ia em busca de um destino novo, cheio de paixão, de piedade, como quem busca seu caminho, levando esperanças e sonhos desconhecidos no farnel.

O dia estava magnífico, uma brisa fresca soprava da janela escancarada, trazendo um perfume de rosas do jardim fronteiriço, e uma umidade natural do mar.

Há muito tempo que não me sentia tão feliz, pois o peso da guerra e as preocupações com ela me tinham anuviado o pensamento, até àquele dia.

Levantei-me, fiz meu asseio matinal e meu servo, Felipe, trouxe-me a refeição matinal, composta de pão fresco, queijo e frutas, bem como leite recém ordenhado.

— Bom dia, senhor, vejo que está bem disposto e se recuperou do cansaço da viagem.- falou ele, naquele seu modo agradável, que utilizava de uma forma tão natural que era difícil conceber-se que era um servo.

Observei o homem ainda jovem, que me acompanhava, desde que eu me lembrava, como haviam feito seu pai e seu avô à minha família, antes dele.

Pensei na comodidade que me era dispensada por ele, e fiquei feliz por tê-lo por perto, naquelas sortidas que eu adivinhava não seriam agradáveis, como desejaríamos.

Mas nem a lembrança das batalhas, que iríamos enfrentar, arrefeceu meu ânimo e sorri para o senhor maduro, cabelos encaracolados castanhos, complexão robusta, olhos mansos e sorriso bonachão, com sua túnica curta e a calça justa sob ela.

— Há quanto tempo estamos juntos ?- perguntei-lhe com bonomia.

— Desde que me lembro, sempre, senhor.- respondeu com um ar tranqüilo e gentil.

— É, tem razão. Você é como um anjo da guarda de carne e osso, querido Felipe.

Ao meu comentário ele sorriu prazerosamente. Nós dois havíamos acordado, aquele dia, como quem desperta de uma visita direta ao Paraíso. Estávamos de bem com a vida e com o mundo.

Apesar do burburinho, ao sair fora, achei a cidade sossegada, e desci a inspecionar meus homens, a guarda e dirigi-me a uma praça, onde se realizava um mercado, levando comigo a espada e um punhal curvo, para qualquer emergência. Trazia na túnica algumas dezenas de bezantes de ouro, e cruzei com mercadores da frota genoveza. O mercado fervilhava de mulheres cobertas por véus e túnicas nas costas, e homens com suas armaduras pesadas, seus mantos com a cruz escarlate bordada no ombro direito, servos, carroças, cavalos. Nem parecia que se aprestavam para a guerra e sim para alguma festa religiosa.

Segui por ruas mais estreitas, com casario típico, sem nem bem saber para onde me dirigia. Estava inspecionando o local, quando senti que alguém me espreitava, pelo parapeito de uma janela. Senti-me atraído para o mesmo, porém o vulto se esgueirou detrás do postigo, silenciosamente.

Olhei para o prédio que era pesado, cheio de ferrolhos e senti que uma mão pesada me puxava por trás e para baixo, com força e determinação. Virei-me com dificuldade e vi um homem, com o rosto contorcido, pronto para me desferir um golpe no peito.

Nisto ouvi um grito de mulher:

— Antioco, pare !

O gigante que me aprisionava sob seu braço forte como um torno, largou-me por um momento, o suficiente para que eu me erguesse, pronto a me defender, e tomasse o punhal que levava à ilharga.

— Veni qui !- a mesma voz ordenou.

E o brutamontes, com uma agilidade que não se coadunava com seu corpanzil, correu por uma passagem no muro que eu não percebera, e sumiu de minha vista e de meu punhal.

Tão logo ele sumiu , eu me recuperei do susto e um pouco aterrorizado, lancei o olhar em torno, pensando rapidamente porque fora atacado, e quem seria a mulher que me socorrera e que ficara a me espreitar.

Percebi um corredor que subia da entrada pelo muro, mas, mesmo assim, resolvi continuar minha marcha pela viela, pensando em chegar a uma muralha que via acima.

Nisto, vindo não sei de onde, um homem à cavalo desceu à pressa, seguido por cães que o perseguiam atrozmente, e que, ao ver-me , se voltaram contra mim.

Aqueles mastins agressivos, não dariam nenhuma importância ao meu punhal, e eu me vi em apuros novamente, mal saíra de um susto.

O cavaleiro, contudo, percebendo-me em perigo, conquanto já houvesse passado por mim, retornou a vir em meu socorro, e, mais por instinto que por qualquer coisa, eu estendi-lhe a mão e vi-me puxado para a garupa do feroso corcel que ele montava garbosamente.

Feito isto, correu comigo ruela abaixo, e fiquei impressionado com sua destreza, e com a maneira rápida como o cavalo se havia, em meio ao calçamento rústico e antigo.

Os cães pararam de seguir-nos num dado momento, como se já estivessem acostumados com aquela correria pelas ruas, até um certo ponto.

Somente quando chegamos abaixo, novamente, perto do cais e do mercado , é que pude descer e me apresentar ao cavaleiro que me havia salvo do perigo. Conversando com alguns marinheiros soubemos que havíamos avançado por uma região perigosa da cidade, onde bandoleiros e malfeitores se albergavam, em casas principescas, e onde não era dado a ninguém chegar, sem ser convidado.

Vincenzo, pois era ele, havia adentrado a região atrás de uma formosa italiana, cujos encantos o haviam seduzido, desde a noite anterior, quando saíra a divertir-se com os amigos e eu, a dar com as pernas sem guarda, por região desconhecida, achando que o mundo cairia aos meus pés, tão feliz houvera acordado, dei com ele.

Senti-me profundamente grato a ele, e, ao mesmo tempo, parecia-me que ele era um conhecido de longa data.

Apesar da diferença da língua, em pouco tempo estávamos conversando, com o auxílio de um intérprete, tão bem, que ele pode me contar todo o susto que tivera, quando conhecera Francisco, no episódio de ver-se cercado pelos lobos .

Sua expressão, ao relatar o ocorrido com Francisco de Assis, ficou impregnada em meu espírito com tamanha força, que me parecia já ter assistido os fatos, como se lá estivesse. E, deste modo, aproveitamos para nos compromissar com tentar encontrar o santo, quando estivéssemos ao largo, ou no campo de luta:

— Quero ter a certeza de que uma das coisas boas que nos acontecerá será a de estarmos com ele. - comentou com entusiasmo.

— E, deste modo, se retira de um fato desagradável uma promessa celeste.- falei por meu lado, dando-lhe a indicação do local onde estava albergado.

Somente então percebi que havia roto minha túnica, mas saíra sem um arranhão de minhas sortidas e ganhara um amigo italiano, que haveria de me valer, tanto quanto eu a ele, na frente de luta.

Aqueles dias aproveitei para vê-lo mais vezes, trocamos novas impressões, apresentei-lhe meus amigos e ele me apresentou os seus.

Fizemos esforços, no sentido de partirmos na mesma embarcação para a frente de luta, mas quem decidiria isto seriam os comandantes de nossos exércitos.

Acima deles, o bispo representante do Papa, e este mesmo é que dariam as diretrizes de nossas marchas.

Ficamos ainda alguns dias em Gênova, vendo algumas embarcações partirem e outros contingentes chegarem.

As notícias sobre Francisco, que nos preenchia a mente, eram desconstruadas.

Dizia-se que ele estaria em Marrocos, para onde frades franciscanos haviam partido. Comentava-se que estes frades é que haviam conquistado, para o grupo de Francisco, o nobre que depois ficaria conhecido como Antônio de Pádua, e que proporcionaria ao mundo espetáculos de rara beleza, quer pela sua eloquência, quer por seus dons mediúnicos de ubiqüidade, ou bicorporiedade, e pelos dons de cura que demonstrava, trazendo estupefação e surpresa a tantos.

A camaradagem de Vincenzo me encantou, e até nem percebi seus arroubos de mau humor , que às vezes o atacavam, sem uma explicação lógica.

Mas não deixei de ver que muitas vezes entrava a discutir um assunto, pelo simples prazer de discutir, e que nada nem ninguém conseguia dissuadi-lo desta atitude, quando emperrava a argumentar, como um doido, sem maiores atentados à lógica e ao bom senso.

Fora isto, ele logo se tornou uma companhia obrigatória, para minhas incursões na cidade italiana, e isto foi muito bom, pois os francos não eram bem vistos, e a dificuldade da língua me atrapalhava um pouco.

Hoje recordo com saudade aqueles momentos, que antecederam as experiências mais estranhas que eu vivi, naqueles tempos medievais.

Em meio aos descaminhos em que nos púnhamos, Deus encontrava meios de reunir ovelhas tresmalhadas de seu rebanho, para as novas experiências que marcariam nossos espíritos, e deixariam fulcros de luz e treva em nossos destinos.

CAPITULO ENCONTROS

VII

-



— **P**uis fui amigo de Conrado, bispo de Hildesheim, e quando ele coroou Almarico, em setembro de 1197, pelo reino do Chipre, minha família o felicitou por isto. Almarico recorreu ao Papa, e Alan foi ser chanceler em Chipre, passando os dízimos e muitas terras dos gregos para os latinos.- falava eu com desenvoltura, comentando os últimos

acontecimentos havidos em lutas no oriente, com meu novo amigo Vincenzo.

Nossa amizade causava uma certa ciúmeira a Rafael e aos outros, pois eles não tinham tantos assuntos, nem tantas informações como eu e meu novo amigo, parecendo que ambos já havíamos participado de lutas antes, para termos uma visão tão mais ampla do que ocorria longe dali.

_ É bem verdade, mas se não fora pela morte de Saladino e os sarracenos teriam feito misérias, haja visto que mataram seu amigo Conrado, sem a menor cerimonia, ainda que depois pedissem aos francos desculpas pela morte dele. - comentou ele por sua vez.

_ Sim, você tem razão, em sua observação. Depois que Almarico se casou com Isabella, ex - mulher de Henrique IV, que morreu de forma tão desastrosa, e que ambos foram coroados como reis de Jerusalém, tendo sido amigos do papa Inocêncio III, acredito que as coisas devam ter se tornado mais fáceis, para os cristãos na Terra Santa.

_ A isto se deveu o fato da intervenção da intervenção dos teutões, e, se não fora pela fuga deles para Tiro, saindo do Egito, tudo já estaria dominado. Pelo menos, estes germanos recuperaram Beirute para os francos, - disse eu- além da fama de sua organização, os Cavaleiros Teutões.

_ Soube estes dias, no porto, que uma esquadra flamenga seguiu para o Acre, e que Boemundo III estava à morte, e mais; um punhado de valentes seguiu de Bordéus, comandados pelo arcebispo de lá, Guilherme II, e os bispos de Paris, Laon e Angers, mais o conde de Chester, Arundel, Derby e Winchester.

_ Como foi que morreu Henrique IV? - perguntou Lúcio curioso.- retomando o assunto que eu comentara há pouco.

_ Estava a comandar, falando com seus subalternos e aliados sobre a expedição que empreenderia, quando esqueceu-se que atrás de si havia uma janela, afastou-se e acabou caindo. Seu anão Escarlata tentou segurá-lo em vão. O rei era corpulento e pesado, e o anão pequeno não conseguiu suste-lo, acabando por cair junto com ele e os dois se estatelaram no chão.- expliquei e Lúcio, sem pensar muito no assunto.

O que eu não sabia, era que um envolvimento espiritual muito pesado seguia os cavaleiros e os encarnados, nas lutas encarniçadas e difíceis. Os mortos seguiam os vivos e intervinham mais do que era observado, levantando boatos, assustando exércitos que às vezes, tendo a

vitória nas mãos, fugiam assustados. A morte de Henrique tivera uma destas conotações estranhas e bizarras, mas eu estava ansioso, para comentar com meu novo amigo, que eu pretendia partir, com um contingente franco, ainda aqueles dias, para a frente de luta. e continuei falando:

_Creio que partirei de Gênova, com Hugo de Lusignan, conde de la Marche, e o nobre Guilherme de Chartres. Infelizmente o papa Honório III nos coloca nas mãos do cardeal Pelágio, uma mula, se me permite dizê-lo. - acabei por concluir finalmente.- Eu e meus homens estamos cansados de ficar à espera em Gênova. Em Veneza há mais barcos e mais suprimentos, e mais disposição para ir lutar pela cruz.

Vincenzo demonstrou pelo olhar aborrecimento com minhas notícias, pois sempre pensara que zarparíamos juntos, tamanha era a camaradagem que havia surgido entre nós dois.

_ Achas que estaremos com Al-Adil, que navegaremos o delta do Nilo ? Soube que Francisco, a quem desejo encontrar, seguiu para Damietta, no Egito, e queria estar lá, antes de seguir para Jerusalém.- comentou ele.

_ Inocêncio III morreu de desgosto, quando esteve na Perugia, tua terra, para acabar com a luta entre estes e os pisanos.- falei eu intencionalmente, lembrando que aquele papa fora sempre amigo de Francisco de Assis, e tivera um ideal muito bonito, o qual fora totalmente desmantelado pelas lutas internas da Itália, nas desavenças entre os genoveses, os venezianos, os pisanos e os peruginos.

Sua quarta cruzada fora a mais cruel que se poderia imaginar, invadindo Zara, e depois Bizâncio, no maior saque e crueldade que a história pode registrar. Nunca, em nenhuma época da Humanidade, invasores foram tão rapaces e sanguinários, quanto aqueles homens francos e italianos.

Alguns poucos anos nos separavam daqueles eventos, que não redundaram em grandes vitórias para os latinos. Mas a conversa continuava:

_ Sim, com Francisco estaremos bem.- falou Rafael, demonstrando seu lado criança, mais transparente que um cristal, de uma ternura emanante

Meu olhar deve ter demonstrado como as terras do Egito, de algum modo, mexiam com meu espírito e meu coração, pois ele prosseguiu, rindo de minha expressão:

— Ah, meu bom amigo, vejo que sonhas com o exótico oriente, onde os filhos e o tio de Saladino comandaram com rara esperteza tudo. Al-Adil e Al-Kamil são os dois expoentes dali, e ainda há que contar com a influência alta dos Templários e Hospitalários em Jafa e Bashra. Eu, como tu, não vejo a hora de partir na próxima expedição, e espero que possamos nos ver no campo de batalha, seja em Lataquia ou no Monte Tabor, pois queria ver os mortos, tal como o Cristo com seus discípulos.

— Que mau gosto o teu. Com tanta coisa a ver e a ganhar, porque desejas ver os mortos ?- falei espanejando as vestes .- Safa ! Que não quero nem vê-los , nem estar entre eles, pois são muitos os que não voltam.

Seu comentário colocou um pouco de temor em minha voz e em meu espírito. Porém, tal como havia dito a ele, juntei-me ao senhor Hugo de Lusignan, procurando seguir para a Síria, deixando-o com seus amigos italianos, pisanos e genoveses para trás.

O partido dos três nobres aos quais fui me ligar, juntara algumas centenas de homens, apesar de uma imensa hoste que navegava para a Dalmácia.

Para nossa desgraça, o papa Honório III escolhera, como seu representante máximo, o cardeal espanhol Pelágio, que eu comentara com Vincenzo ser uma mula teimosa e de pouco tino militar.

A nossa peregrinação foi mais lenta do que eu esperava, e os víveres iam sendo utilizados por mim, pelos meus homens, pelos nobres, sem que chegássemos ao Egito.

Parte da guarnição ficou em Damietta, enquanto Pelágio disputava a liderança com o rei João de Brienne, que era aceito por todos como chefe da Cruzada. Pelas ordens papais, nosso chefe seria Roberto, cardeal de Courçon, mas ele não detinha os poderes do núncio.

Isto foi quebrantando nosso ânimo, e quando chegamos ao Nilo houve um entrevero feio entre Al-Kamil e nosso contingente. Ele possuía reforços suficientes para um ataque, o que acabou fazendo de forma bastante feroz. Nosso contingente francês chegou, neste momento, e comandamos a defesa da construção feita por Pelágio. Na extremidade do campo, repelimos os muçulmanos para o rio, e muitos foram os que morreram afogados..

Corria o mês de outubro, e em novembro o mar invadiu nosso acampamento, com fortes ventos. O resultado foi que as nossas tendas

ficaram encharcadas e os mantimentos foram estragados. Perdemos barcos vários, cavalos pereceram afogados.

Percebemos que não conhecíamos o terreno, a natureza do local onde estávamos, e Pelágio ordenou a construção de um dique.

Ficou claro para mim que ele contemporizava com os muçulmanos, que faziam esporádicos ataques aos cristãos e que ele retaliava com outros ataques a comerciantes egípcios, mas se negava a lutar frontalmente.

Resolvi ir ter com Hugo, a ver como estavam as coisas, já que contribuía grandemente com os pecúlios àquelas sortidas e viagens. Mal adentrei o aposento, levado por um servo, e ouvi-o irascível:

— Chamei-o de covarde na cara, e ele nem se abalou. - falava Hugo tão alto que não pude deixar de ouvir, no momento em que adentrava a tenda real, também pensando em solicitar que o médico viesse ver um servo meu, que ardia em febres.

— Ele me pede paciência. Não pretendo ficar aqui, marcando passo, enquanto os infiéis tomam conta do Cairo. Com a morte de al-Adil, tudo ficou nas mãos de seus filhos, - continuou ele, enquanto fazia sinal para que seu escudeiro fosse buscar o médico e traze-lo para mim, pois já soubera de minhas preocupações por um dos meus agregados.

Pelo pouco que eu ouvira, podia concluir que ele não atenderia às solicitações de Pelágio, e preparei-me para seguir, logo que viessem as ordens, para a luta., mas esta não veio.

Ao contrário, uma epidemia foi tomando conta dos homens. Muitos caíam acamados, com febre alta. Meu servo fora apenas um dos primeiros. Um sexto de nossos soldados morreu lastimavelmente.

Colhíamos o resultado do que havíamos feito, pois a invasão de Damietta, a luta contra o exército de Al-Kamil, nos trouxera não apenas perdas, mas lastimável dívida de morte. A inundação do campo fora a resposta da natureza à nossa imprevidência, e a peste o resultado final de nossa ação.

Depois de socorrer meu servo, fui ter com o cardeal Roberto, que era um homem muito fiel aos seus votos, e muito sincero nas suas escolhas. Encontrei-o orando, tomado também pelas mesmas febres que atacavam Francis, e ele me olhou com um leve sorriso, tentando manter a lucidez:

— Hervé, quantas mortes, mas Jesus não nos cobrirá de opróbrio por elas, porque perdoou até mesmo Pedro, quando este decepou a orelha

do servo de Malco.

— Estou certo, de que, se não fosse por Pelágio, menos mortos o Senhor contaria nos nossos avanços. - falei por meu lado, porque sabia que ele era mais propenso à paz, menos sanguinário que o espanhol.

Nos dias subsequentes, visitei-o diariamente.

Estive pessoalmente ao lado do cardeal Roberto, quando ele recebia os últimos sacramentos e aquelas mortes trouxeram depressão, enfraquecendo-nos moral e fisicamente.

Foi isto que confabulei com meus homens, cansado da jornada até aquele lugar cheio de imprevistos, numa fadiga que já tomava conta dos meus ossos e de minha cabeça.

Começava a me sentir como se estivesse morto para o resto do mundo, e me inquiria várias vezes, nas noites mal dormidas, se minha mãe e minha irmã pensavam em mim, tanto quanto me vinham à mente. Lembrava-me também da jovem que me cercara com seus encantos. Geneviève era uma moça quase menina, cujo frescor e sinceridade me encantavam. Perguntava-me se não teria sido melhor ficar lá, junto delas, sem as preocupações que me enchiam as horas.

Cria com força que elas me amavam, e que meu pai também não se esqueceria de mim. Ele tinha um gênio tão arrebatado, que minha mãe temera por sua saúde quando resolvi me alistar, mas, mesmo contrariado, ele não me regateou recursos para a empreitada. Servos de confiança me foram cedidos, e todos estavam cheios de fervor religioso com minha partida e de meus amigos, quase todos companheiros de uma infância des preocupada e feliz.

Muitas foram as vezes em que me perguntei porque havia me juntado àqueles homens. Percebia que cada um parecia guardar o segredo de uma infâmia cometida contra alguém, e que seguiam à espera das indulgências.

Outros eram mercenários ou buscavam fama e dinheiro, mas logo percebi que, em matéria de dinheiro, só conseguiríamos alguma coisa nos saques, propiciados pelos ataques que contávamos fazer.

Então, eu poderia ter ficado tranqüilo em minha vila, com meus cavalos e meus cães, com minhas festas e meus passeios e não estaria ali, à espera das resoluções do rei João ou do cardeal Pelágio.

— Porque estais tão preocupado, senhor ?- falou meu escudeiro Felipe, e os pensamentos mais profundos se perderam.

_ Que notícias me dá de Francis ?- perguntei, lembrando-me do rapaz que estava há dias febril.

_ O médico lhe deu algumas poções, mas tomamos a liberdade de chamar o feiticeiro Aiubi, que fez-lhe umas defumações e preces. Seja como for, ele parece fora de perigo.

_ Logo irei vê-lo, meu bom Felipe. Importante é que se recupere, pois acredito que logo teremos marcha.

_ Na maioria dos lugares pelos quais passamos, senhor, temos sido bem recebidos pelas populações locais, que chegam a nos trazer víveres. Os cristãos turcos são mais tímidos, mas os cristãos gregos sempre têm algo a nos ofertar.

_ Não tivéssemos nós dinheiro e você veria que não seria assim.

_ Mas o que pôs todos em polvorosa foi a discussão havida entre Pelágio e Hugo, que levou nosso líder a recorrer a Boemundo de T'ripoli.

Dei um salto involuntário. Apesar de ter tido um encontro com Pelágio, e de saber das prevenções do conde contra ele, não imaginava que ambos pudessem se desentender a tal ponto.

Lembrava-me dos comentários de Vincenzo sobre a força dos alemães e dos italianos, e sentia que não era prudente para nós nos desligarmos dos primeiros.

_ Meu Deus ! Isto nos porá na rota dos locais dominados pelos muçulmanos.- deixei escapar, falando alto.

Felipe me olhava meio interdito, e eu me sentia em papos de aranha, e comecei a patear pelo chão como um louco.

Lembrava-me que enviara aos meus uma carta, pelo porto, falando de como tudo estava parado, em compasso de espera, e agora me via acicatado, esbravejando num patear infantil, crendo que o conde era um rábula, metido a nobre.

Minha atitude assustou um pouco o querido Felipe, pois me conhecia a bastante tempo, para saber que eu só agia daquele modo, quando percebia que as coisas iam mal.

O racha havido com o rei João era inconcebível, apesar de eu saber que os franceses estavam todos muito animosos, com a paradeira que ia se dando, desejosos de chegar logo a Jerusalém.

Por que ele preposera tudo como se a batalha ou a conquista fosse prerrogativa sua ? Eu quis me precaver e resolvi pensar num modo de chamar a atenção do maioral, sem mexer com seus brios de líder.

E se pensei , melhor agi.

Busquei em meus guardados uma medalha, que me fora conferida há alguns anos por um ato de bravura, ajaezei-a numa caixa de madeira trabalhada, e tomando papel e tinta, pus-me a grafar uma carta ao cardeal Pelágio:

"Eminentíssimo comandante e líder nosso.

Que o Cristo nos sirva de exemplo, nestas terras onde tudo estamos por conquistar.

Deus o Salve.

Sabendo das dificuldades que haveremos de enfrentar, nos próximos dias, sem o amparo e auxílio de rei João, quero que guardes esta preciosa lembrança, como penhor de minha estima, e que me é muito cara, para que seja enviada aos meus, caso eu seja morto em combate, ou possa abrilhantar o túmulo daqueles que, acima de mim, têm nossas vidas em suas mãos."

E assinei o bilhete-carta, selando-o com o brasão de minha família, na esperança que ele entendesse que, com sua resolução apressada, podia estar comprando para todos nós a morte.

A resposta não se fez esperar . Pelágio mandou um dos servos devolver-me a relíquia, como se com isto me respondesse, que não aceitava críticas à sua resolução.

Fiquei interdito. Não desejava seguir sob a orientação de Pelágio, contra a vontade de Hugo, que era meu amigo.

O rei da Hungria partira e o de Chipre morrera.

Lembrava-me bem da invasão a cidade e agora o Inverno chegara, ampliando nosso desconforto. As muralhas não oferecera grandes dificuldades no acesso, e seus moradores, de certa forma, pensavam até em nos receber com cortesia, mas os nobres francos não estavam dispostos a fazer concessões. Como vínhamos perdendo o controle financeiro e nossas dívidas com os comerciantes de Veneza fossem vultosas, foi dada a ordem de saque.

Durante dias, os soldados e servos se divertiram em saquear os comerciantes e as igrejas e mesquitas, quebrando e dividindo tudo o que encontravam pela frente. Crianças e mulheres, bem como velhos foram trucidados, com requintes de perversidade, e por dias via-se a população a morrer pelas ruas, gritos, imprecações, gemidos, numa selvajaria inimaginável.

Eu, que desejava retornar à minha terra coberto de glórias e de riquezas, vi, naquele preâmbulo infernal, minhas melhores idéias cobertas de vergonha e sangue.

Neguei-me à pilhagem, e até que fiz bem, porque depois os salteadores foram empurrados uns contra os outros, e tiveram que devolver o saque, para que fosse repartido entre os nobres, Veneza e Roma.

Comecei a rememorar coisas que haviam se passado em Veneza e em Gênova, quando eu lá estivera, e que não me pareceram então relevantes.

Ouvira um boato de acordos, entre os comerciantes de Veneza e representantes do vice-rei do sultão, com promessas a al-Adil de não intervenção dos cruzados no Egito. Falava-se de um acordo com Al Kamil, desde 1208.

Ora, era sabido que a força dos sarracenos vinha do Egito, e muitos falavam abertamente que, para se atingir Jerusalém, necessário se fazia primeiro cortar o comércio com os egípcios, que davam força aos muçulmanos.

Eu não sabia, então, mas quando ainda o conde de Champagne era vivo, se iniciaram as negociações com Veneza. Fora Godofredo de Villehardouin quem elaborara com eles as condições de seus acordos. Em abril fora firmado o acordo, pelo qual, em troca de 85.000 marcos de prata, Veneza concordara em fornecer à quarta cruzada 4.500 cavaleiros com suas montadas, 9.000 senhores e 20.000 soldados de infantaria. Cinquenta galeras acompanhariam a expedição, que largaria para o Egito, com o acerto de que metade das conquistas pertenceriam a Veneza.

Agora, aos poucos, me vinha à lembrança a partida de um contingente direto para a Síria, saindo de Marselha, e haviam seguido diretamente para o Acre.

Lembrava-me agora de ter visto homens com vestimentas orientais em Veneza, e que eles teriam estado com o doge, bem como ouvira que enviados daquela cidade haviam partido para o Cairo.

Parecia surreal, impossível, mas estávamos como peças de um jogo de interesses, nas mãos de comerciantes inescrupulosos e Pelágio, que não estava disposto a me dar atenção.

De um lado os simples estranhavam nosso roteiro, pois apenas desejavam partir para a Terra Santa, na conquista da cruz do Cristo, de

outro, os interesses de reis e nobres vinham perturbar qualquer disposição nossa.

Por isto, a primeira cruzada fora a única vitoriosa. Partira sem grandes acordos, impulsionada por homens cheios de fé e remorsos, e fora sem estratégia vencendo com galhardia e muitas perdas de vidas humanas. Por isto, a primeira cruzada conquistara Jerusalém. As demais haviam sido apenas motivadas pela ambição de uns poucos, pela loucura dos príncipes teutões, dos reis da França e Inglaterra, dos comerciantes pisanos e genoveses, e agora com a interferência direta e o comando dos homens de Veneza, cujos estabelecimentos comerciais e acordos com a Igreja Bizantina, e com os muçulmanos, estava acima de nossa compreensão idílica.

Al-Adil sabia das vantagens que o comércio da Europa lhe trazia, e sua conquista do Egito tivera conseguido concessões comerciais às cidades italianas.

Creio que meus comandantes estavam totalmente ignorantes, quanto aos meandros diplomáticos criados pelos venezianos.

Agora as coisas pareceram claras na minha mente. Nossa dívida insolvente com Veneza nos colocara nas mãos deles. Senti ali a ameaça com relação ao abastecimento, que quase foram cortados.

Lembrei-me da chegada de notícias estranhas ao acampamento, durante o verão. Dizia-se que o sultão estava a debandar. Pelágio ordenou um ataque, e partimos à noite, quase desordenadamente, para sermos fustigados por uma chuva torrencial, que nos impediu de prosseguir:

— Deus parece não querer que ataquemos os infiéis.- dissera Francis, ainda fraco, após uma recuperação quase milagrosa.- Cada hora é um ataque diferente, e não dos homens. Primeiro foi o rio a inundar nosso acampamento, depois a peste, por fim o frio, e agora esta chuva ?

Bom e querido companheiro que ajuizaria bem, ao notar que a natureza estava a nos pregar peças e mais peças, como a nos avisar que Jesus não estava de acordo com nossas investidas, nem com os motivos que dávamos sobre nossas razões.

Sim, aquela chegada em setembro, mais do que a briga com o rei João, é que tinham decidido o rumo que tomaríamos, na conquista de al-Adiliya .

O fuga de Al-Kamil ocorrera porque ele descobrira uma conspiração contra sua própria vida, por parte de um dos emires, Imad-ad-

Din Ahmed Ibn al-Mashtub, e seu irmão al-Faiz. Por isto, ele foi ao encontro de seu irmão al-Mu'azzam.

Esta fuga para salvar o seu trono custou-lhe a perda de Damietta.

Mesmo com a chegada de seu irmão, para auxiliá-lo, ficava difícil para ele atacar os cristãos.

Nossas guarnições, embora houvessem se abastecido na cidade, tinham perdido um número muito grande de homens e animais, com os sucessivos ataques da natureza., e estávamos um tanto apáticos. Várias vezes o sultão tentou atacar as muralhas de Al-Adiliya, mas não obteve sucesso.

E nós, os cruzados, éramos apenas a aparência religiosa nas lutas de poder, que as várias facções de povos mantinham.

A frota havia zarpado de Gênova, mas a pilhagem me dava arrepios, pelo simples lembrar.

Por isto, eu havia me indisposto com Pelágio e com Hugo. Por certo, ele não queria ser usado pelos religiosos, para a conquista de Jerusalém ! Por isto, ele não aceitara meu obséquio. Agora me parecia óbvio que ele tinha mais razão, e que se indispusera com o rei João, pois percebia que este tinha os olhos voltados para as regiões do nordeste, pensando em compensações e acordos.

Meu Deus ! Havíamos caído numa armadilha terrível, e nada poderia ser provado naquele momento. Ninguém imaginaria que estávamos sendo usados, ao mesmo tempo, pelos muçulmanos e pelos comerciantes cristãos de Veneza e pelo papa Honório III, que não queria que nos indispuséssemos com seus discípulos.

Nossa expedição parecia excomungada, mas depois "Deus" abriu uma exceção, perdendo-nos, enquanto mantinha a excomunhão para os venezianos.

Certamente o papa via melhor que nós outros. Um abatimento terrível me acometeu.

Certo que logo zarparíamos em direção ao Cairo, mas um fato ocorrera, que marcara demais a tomada de Damietta, um fato que só posso relatar, com muita dificuldade, pelos lances que envolve.

Ainda hoje as cenas daquela invasão me constroem a alma. Como se não bastassem todas as atrocidades cometidas pelos cruzados, nas excursões anteriores, como se não bastasse a morte de milhares de cristãos, de judeus, e de muçulmanos, todas efetuadas pelas invasões que haviam

partido da Europa, tendo em apenas 36 horas, uma delas morto 30 mil muçulmanos e 10 mil judeus, nós também, em nome do Cristo, por questões particulares as mais díspares, também havíamos iniciado nossa jornada pela pilhagem e pelo sangue.

Lembrava-me bem. Havíamos largado Gênova há dois meses de 1218, tendo chegado ao Nilo dois dias depois, e estávamos atolados no acampamento.. O ataque que se seguiu foi terrível. Quando chegou o mês de fevereiro atacávamos inutilmente os muçulmanos, numa chuva torrencial. Agora o sultão estava há nove quilômetros de Damietta, que fora totalmente pilhada.

Ouvi o comando áspero de Pelágio e o meu a seguir para meus homens, o rufar de um tambor e o toque de trombetas se fizeram ouvir, enquanto a cavalaria descia com ímpeto desmedido contra a cidade, deixando para traz a infantaria, com ordens para que nos seguisse. Nossos garanhões corriam em alvoroço, passando pela fortaleza, sem que o pequeno grupo de homens postados nela nos conseguisse conter.

Se havia antes alguma guarnição inimiga no local, devia ter partido ao saber de nossa chegada. Cheguei a pensar que não necessitávamos de violência, para tomar o lugar.

Homens atravessavam o pátio e foram pisoteados pelos cavalos, enquanto se ouvia vozes por dentro das moradias, e vi uma mulher que rezava a um canto de uma porta. Surgiram muitos rostos à minha volta. Mulheres, crianças estavam assustadas, assistindo à cena. Entrávamos em grandes jorros, animais e homens, invadindo tudo. Os homens entravam gritando, brandindo as espadas.

Por todo lado, reinava o caos. Não havia ordem, pois mal adentráramos a cidade e começou-se o assassinio em massa dos habitantes. As casas eram invadidas, soldados vinham trazendo os moradores pelos cabelos, na ponta das lanças, lojas eram saqueadas, e ouvia-se o pranto de mulheres e crianças, que eram mortas nos locais onde tentavam se esconder.

Eu queria pôr cobro à matança e pus-se a gritar ordens contra aquela barbaridade, ordenando que parassem, que formassem fileiras, fizessem prisioneiros e não mortos.

Vi um homem ser mutilado à minha frente, e quando um braço quase me alcançou com um punhal, vi-me a corta-lo fora com minha espada. O braço fora decepado e o homem caiu diante de mim, terrivelmente mutilado, enquanto meu servo Felipe decepava-lhe a cabeça.

Os gritos se misturavam aos gemidos dos agonizantes. A mulher que rezava se pôs de joelhos, enquanto um rapaz a golpeava diversas vezes. Via corpos com golpes tão profundos que era quase inacreditável, e os gritos de terror dos infantes, dentro das casas, ainda me ressoam nos ouvidos. Todos pareciam enlouquecidos.

Um homem me golpeou com força, com o cabo de sua espada e correu para os lados de um palácio que havia perto. Segui-o em meu cavalo, apesar de haver quase caído da montaria com seu golpe. Tive que passar no meio das pessoas, que corriam tentando se proteger, pois queria pegá-lo de qualquer modo.

Era como se, de repente, fosse envolvido pela mesma onda de violência dos meus companheiros. Queria pegar o infiel, cuja túnica dava ciência de ser algum turco, ou sírio, ou até mesmo um cipriota, com roupas orientais.

Ele entrou pela porta já aberta do palácio e tive que ir-lhe atrás, passando pela mesma ainda montado no meu corcel, um esplendido animal, pelo qual tinha verdadeira loucura.

Alguns corpos jaziam no chão, dando conta que companheiros meus, na invasão, já haviam adentrado o local.

Um grito de mulher me chamou a atenção. Para lá correria o homem, e para lá me dirigi, atrás dele, tendo o cuidado de manter o animal preso num compartimento fechado, para que ninguém o pudesse tomar de mim.

O homem dirigiu-se por um corredor à uma das muitas portas que eu via, e entrou por ela. Ouvia-se não apenas o rumor forte e os gritos de fora, mas barulho de luta no recinto. A porta estava entreaberta e entrei atrás dele, deparando-me com a cena de um homem que estava sobre uma mulher, a força-la com seu corpo e o outro, que chegara a agarrá-lo por detrás, cortando-lhe a garganta com um punhal curvo. O sangue jorrou sobre a dona, e ela deu um grito, percebendo a minha entrada no recinto. Ele, então, voltou-se contra mim e tentou atingir-me, usando o punhal pela segunda vez, mas fui mais rápido, e, como estava ainda empunhando minha espada, vareei-lhe o ventre.

Ele caiu com um baque surdo, e ela, apanhando uma espada curta que caíra no piso, e que pertencia a um dos dois homens mortos entre nós, avançou com um grito de dor e ódio para mim. Mal tive tempo de sair-lhe da frente e segurar seu pulso, que forcei, até que largasse a arma. Ela se pôs

a me morder e unhar, como fizera ao homem que a dominara, mas eu gritava a falar em francês :

_ Pare! Pare! Não vou fazer-lhe mal !

Ouvi passos no corredor e fechei a porta com o ferrolho, enquanto ela caía ao chão em pranto sentido e desesperado.

Alguns homens bateram à porta, mas gritei que fossem pilhar outro lugar, que aquele era meu. Ouvi seus passos se afastando, enquanto o rumor terrível da luta continuava. Sentia que precisava tornar, participar da refrega, mas a mulher caída ao solo me mantinha ali. Também não desejava participar daquela carnificina, onde ninguém obedecia a ninguém e os instintos maléficos corriam à solta.

Peguei de um tecido, tipo toalha, que estava sobre o local onde ela caíra e lhe estendi, para que limpasse o sangue que espirrara sobre ela. Eu devia estar horrível, coberto pelo sangue dos homens, e os dois corpos no chão causavam-nos uma impressão mórbida. Abri a porta e puxei-os para fora, enquanto ela ficava sem ação, olhando o que eu fazia.

Ao puxar o corpo do homem, cujo ventre eu abrira à espada, pensei que, se ele corresse em seu socorro, deveria ser algum conhecido dela, mas, para minha estranheza, ela levantou-se, caminhou até ele e escarrou sobre seu rosto, voltando a se colocar abandonada no chão.

_ Ele correu para defende-la e ela o despreza.- exclamei em voz alta, enquanto o punha para fora- Vá se entender as mulheres .

Ela parecia totalmente inerte, mas me olhou e, por um momento, tive a impressão que entendia o que eu dissera.

Tornei para dentro e passei o ferrolho novamente à porta, e assim passei toda a noite, sem poder dormir, com a espada à mão, com receio da mulher e de que alguém pudesse derrubar a porta e entrar no recinto.

Fiquei a pensar na estranheza de tudo o que vinha acontecendo, naquele dia terrível.

Eu saía de minhas terras, de minha casa, para conquistar o Santo Sepulcro. Queria chegar ao local onde por três dias apenas o Cristo permanecera, e agora eu era um cristão, que já tinha algumas mortes nas costas. O rosto do homem a quem eu decepara o braço e seu grito não me saía da cabeça. Felipe me salvara, mas onde ele estaria, e meus servos e amigos ? Por que eu me dera ao luxo de ficar ali, como se a guerra houvesse terminado ? Que gosto sentia por haver morto outros homens, que eu nem

conhecia, e quem seria aquele que buscara a mulher, e quem seria ela ? Porque razão, ao invés de prantear seu salvador, ela lhe cuspira no rosto ?

Olhei para ela que dormira de cansaço, como se confiasse em mim. Quem sabe, somente dormia pela fadiga e susto, para recuperar as forças, já que desejara me matar e tentara isto.

Por certo, eu não esperava a luta tão imediata à nossa saída de Gênova. Imaginava que iríamos conquistando posições, como as outras expedições que haviam saído da Europa, anteriormente. Teríamos que chegar a Bizancio, onde tínhamos que nos vingar das traições havidas no passado, atravessar o Bósforo e rumar pelos 160 quilômetros até Jerusalém.

Observei o recinto onde me encontrava. O cômodo era amplo, tinha uma janela no alto, que o iluminava, a porta por onde eu adentrara, um coxim luxuoso a um canto, cortinas de seda, tapando as paredes, almofadas no chão e uma mesa, sobre a qual havia uma bacia de louça, copos, toalha, uma ampla vasilha com frutas, uma jarra de água. Como eu não percebera tudo aquilo antes ? Levantei-me sem ruído e enchi o copo, tomando a água, lavei-me na bacia e comi algumas frutas. Amanhecia e o ruído fora diminuía consideravelmente. A malha me pesava no corpo e eu desejei ardentemente estar em minha tenda, e ser lavado pelo meu servo. Poderia ele limpar o sangue que se pesegara em minha roupa, e que estava já cheirando mal, misturado ao meu suor ? E poderia o Senhor me perdoar pelas mortes que eu causara, mesmo sendo em seu nome ? Os fatos me corroíam o ser. As costas me doíam miseravelmente. Talvez eu houvera recebido algum golpe, sem perceber, no ardor da luta. Achei que seria bom que eu saísse com a mulher, como minha prisioneira, mas o que não diriam meus pares ? Se quisesse manter a mulher, daria margem a chufas e nefas, ou a poria em risco

A voz de Felipe do lado de fora da porta se fez ouvir:

_ Hervé, você está aí ?

Aquilo me deu um certo conforto. Abri o ferrolho e o fiz entrar, o que acordou a mulher, que passou a nos fitar novamente com medo.

Expliquei rapidamente a ele o que ocorrera, e ele me deu notícias que as ruas estavam cheias de corpos mutilados, de aves de rapina, de gente moribunda, de prisioneiros, e cães. Pedi que buscasse alguém que pudesse servir de intérprete. Ele observou a mulher, e, naquela atitude inexplicável que os servos têm, de perceber e ver coisas que a nós parece oculto, comentou:

_ É uma mulher síria, e, pelo visto, de alta estirpe, senhor.

_ Isto nem você nem eu podemos afirmar. Avisa o conde que tenho uma prisioneira, mas que não vou entregá-la a ninguém . Melhor; traga primeiro um intérprete, e depois eu mesmo conversarei com ele.

Felipe me conhecia bem e sabia que eu não seria dissuadido a mudar minha postura. Saiu, e ela, num francês muito mau dito, dirigiu-se a mim.

_ Meu nome é Yasmin, e sou síria. Não precisa de intérprete. Fui raptada por aquele chacal, que ia vender-me, como escrava. Salvou-me a vida, pois me julgava sua mercadoria, mas te peço, senhor, em nome do teu Deus, que me mates, antes de me entregar como prisioneira.

_ Quem te ensinou minha língua e por que só falas agora, que mandei vir um intérprete ? Toma, anda, antes que ele chegue aqui.- falei dando-lhe minha malha, para que a vestisse. - Anda. Precisamos sair daqui !

_ Não, senhor. Prefiro que me mates agora. Eu mesma o teria feito, se tivesse tido oportunidade, mas ele me amarrara, até que aquele homem de seu exército me encontrou. Não quero servir de pasto a estes homens. Eu tinha esperança que meu pai ou meu irmão me encontrassem. Agora é tarde demais. Em nome do teu Deus, mata-me!

_ Como podes pedir isto, em nome do meu Deus ?

_ Não é em nome deste Jesus que os nobres franceses estão invadindo este lugar, e que têm matado tantos ? - perguntou ela - E depois, tomando uma pulseira que trazia no pulso, e que se via que era de alto valor, de ouro e pedras, tirou-a e me estendeu.- Creio que isto basta. É tua !. Mata-me ! Depressa, antes que teu servo volte.

Seu linguajar era horrível, mas por uma razão estranha eu a compreendia, naquele momento.

_ Eu não sou um mercenário !- retruquei com os brios feridos.

Ela não compreendeu de pronto o que eu dissera, e continuou a me estender a pulseira

_ Raios!- repliquei. - Quem te ensinou minha língua ?

_ Foi uma serva de um padre, que tinha comércio com meu pai. Era minha amiga.- falou ela.

_ Guarda esta jóia, anda. Esconda-a sob a roupa e veste logo minha malha, para que possamos sair daqui.

Abri a porta e peguei a calça do homem que matara. Ela não queria desnudar-se na minha frente, então, saí do local, atento ao ruído que vinha de dentro .Fiquei uns minutos apavorado. E se ela, ao invés de se trocar, se matasse ?

Foram momentos ansiosos. Então a porta se abriu e lá estava ela, vestida como se fosse um jovem de nossas hostes.

Sai com ela, para fora do aposento. Busquei meu cavalo e montei nele, logo que saímos daquele palácio.

O cheiro fora era insuportável. Só mesmo quem já passou por uma guerra, sabe o que significa o cheiro da morte.

Percebi pelos seus olhos, de onde caíam lágrimas, que o quadro a horrorizava, mas eu também me sentia envergonhado com o que via.

Pelo chão se amontoavam cadáveres de homens, mulheres, crianças, animais.

Objetos esfaqueados, tecidos, comida, por toda a parte.

Eu sabia onde estavam aquarteladas nossas tropas antes, mas agora tinha minhas dúvidas se já não se haviam encastelado na cidade, ocupando as habitações.

A flâmula do conde estava hasteada num dos locais do paço. Para lá me dirigi, pedindo a ela que ficasse com o animal, à porta, à minha espera.

Foram alguns minutos, até que eu desse ciência a ele, que fora atingido durante a luta, numa habitação e que somente àquela hora pudera me apresentar.

Ele ficou muito feliz por ver-me, pois já me acreditava entre os mortos. Contou-me que tínhamos tido perdas, mas que eram poucas, em razão do número de mortos na cidade.

Falei-lhe de minha desaprovação com aquele saque, e ele me informou que também ele se assustara, mas o vandalismo partira dos venezianos, e que se perdera o controle da situação.

Eu estava preocupado com a mulher fora, e perguntei onde deveria me alojar.

Ele, então, me indicou o local onde meu grupo houvera se instalado, dizendo que era um espaço amplo, com muitos cômodos, e que eu estaria bem ali, confortável mesmo, porque o frio estava por chegar, e que ele acreditava que nos demoraríamos naquele lugar, mais tempo do que o desejado.

Olhei para ele, e achei que aquele dia fora de muito horror, para todos nós. Ele parecia que envelhecera a olhos vistos, em poucas horas. Imaginei como eu também devia estar . Não era momento de longas conversas. Agradei-lhe, ele apertou minha mão e saí em busca daquela mulher, levando-a para meus aposentos e ocultando-a.

Somente mais tarde, quando Felipe chegou com um intérprete, disse a este que meu prisioneiro tentara fugir e que eu o matara, porém, vendo-me a sós com ele, pedi-lhe que cuidasse dela.

Confiava em Felipe, mostrei-lhe a mulher e disse-lhe que ela ficaria comigo, e que ninguém poderia saber a respeito, e que ele deveria cuidar dela e da vida dela, pois pretendia se matar.

Ele não pareceu nem um pouco feliz com minhas decisões, mas não discutiu. Não o faria na presença dela, mas me diria o que pensava a respeito, quando o momento surgisse.

Informei-lhe que ela entendia tudo quanto eu falava, e percebi que isto o punha mais preocupado ainda.

Aqueles primeiros dias de luta estavam mudando miseravelmente minha vida. Eu já me sentia outra pessoa.

Arranjei um dos lados do quarto para ela, e coloquei entre nós um tecido amplo. Felipe dormiria ao pé de minha cama e ela, para sair, teria que passar por nós dois.

— Não tente fugir, nem fazer qualquer bobagem, senão terei que amarrá-la. - disse e senti que ela me obedeceria.

Nem eu mesmo sabia porque aquela mulher me interessava tanto.

Jamais poderia, naquele momento, entender as razões de minha atitude para com ela, nem perceber como a vida

nos encaminha, para o encontro demarcado com nossos afetos do antanho.

Estava próximo ao Cairo, o Nilo e o Mediterrâneo me desvelavam cenários muito caros ao meu espírito, e aquela mulher, pela qual eu fora atraído, antes mesmo de saber-lhe a presença, pela qual eu lutara, e que me causava sensações tão estranhas e díspares, era alguém que vinha de longe, e que, mais de uma vez, se enredara em meu caminho.

Sua presença, por razões que eu desconhecia, e que só a reencarnação explica, me fazia um bem enorme, me dava uma razão a mais

para viver e para ser melhor.

Hoje, ao ver o périplo de nossas vidas, posso aquilatar melhor o porque de tantos encontros e desencontros, de tanto aprendizado em situações difíceis e problemáticas.

Mas, naquele dia, naquelas horas, tudo o que me levava era a preocupação com sua vida, sua segurança e seu bem estar, num envolvimento suave e sutil, que mudou completamente o rumo de minha existência.

CAPITULO VIII - DESENCONTROS



A situação estava cada vez mais tensa.

O sultão ligara-se definitivamente a seu irmão, e eu não podia tirar-lhe a razão. Havíamos partido para a conquista da Terra Santa, cheios de idéias altruístas, e, após o chacina e o saque em Al-Adiliya, eu começava a me sentir um miserável, um homem sem brio e sem caráter.

Desintegrava-se dentro de mim, aos poucos, os sonhos com os quais partira de minha terra.

Eu não podia descrever `a minha mãe e irmãos a única batalha da qual participara, com laivos de orgulho, de satisfação.

A cena do homem cuja mão eu decepara, a cabeça a ser cortada pelo meu servo, os corpos traspassados pelas lanças, os animais caindo, cheios de sangue, o desespero que vi nos olhos dos jovens, os delirantes gritos e gemidos de mulheres e crianças, faziam-me acordar empastado de suor, creio que falando alto, pois a mulher, que eu escondia em meu aposento, após algumas noites indormidas, temendo atitudes lascivas para com ela, dera de acordar à noite, talvez pelas minhas falas, durante o sono, e eu despertava, surpreendendo-a a me fitar preocupada.

Aos poucos, ela começou a confiar em mim, porque, mesmo se eu tivesse que sair, ordenava que ficasse ali, fechada no quarto, escondida e

apenas Felipe lhe trazia objetos e mantimentos, que ela a princípio rejeitou, mas depois acabou aceitando.

Devagar, a cidade começou a ser fortificada, os mortos foram recolhidos, por carroças, e enterrados fora dos muros, num terreno amplo que se via de uma das torres.

Neste dia, houve um longo pranto dos nossos prisioneiros. Os acordos entre Al Kamil , os venezianos, nossa força exército vindos da França, não caminhavam a bom termo.

Eu sonhava com a Síria, depois de Beirute, Antioquia. Ouvira falar de Ascalon e de como toda a vez que se tentara no passado um acordo com Saladino, fora Ascalon o pomo de discórdia, nos acertos entre aquele imperador e nossos antecessores.

Sempre me intrigara por que Ascalon era tão importante para aquele sultão, elevado a Imperador pelo Oriente.

As outras cruzadas haviam morto mais cristãos cipriotas e ortodoxos bem como judeus, mais do que muçulmanos, até na Terra Santa, e me parecia que tudo estava a se repetir, em nossa jornada.

Eu sabia que o papa Inocêncio III ordenara que, desta vez, não seria permitido atacar os cristãos, porém eu mesmo podia atestar a animosidade dos latinos contra os cristãos orientais, que não se submetiam à Roma. Inocêncio morrera e agora o papa Honório comandava. Diziam que um primo de Inocêncio pleiteara o papado, o conde Hugolino de Segni.

Como se não bastasse, estava sempre com muitos cuidados e preocupações, para que não descobrissem a mulher que eu salvara, praticamente sem querer, no entrevero havido.

Eu registrava as manobras dos exércitos convocados àquela peregrinação. Percebia as fortificações que se faziam nos cantos da cidade, enquanto se discutiam as expedições a seguir..

Logo chegaria o inverno e eu não podia saber para onde iríamos. Àqueles dias, alguns homens apareceram com febres e atribuímos isto aos corpos em decomposição, que haviam ficado expostos por dias, até que se resolvessem a enterrá-los.

Após mais de uma semana, houve um conselho com nossos chefes, e Hugo me anunciou que se apartaria dos demais, se não nos dispuséssemos a seguir para Jerusalém.

Soubemos que al-Mu'azzam decidira dismantelar a Cidade Santa, e, se nós a fôssemos tomar, a encontraríamos em ruínas.

Realmente a 19 de março começou a demolir as muralhas, e isto causou um pânico total aos moradores da cidade, tendo muitos fugido aterrorizados, julgando que os cruzados, ou homens de ferro, como éramos conhecidos por eles, haviam chegado. Soldados muçulmanos pilharam as casas abandonadas. E os dois sultões pediram ajuda ao califa de Bagdá.

Nem bem havíamos nos recuperado do inverno e um verão escaldante nos atacou.

Havia de se conseguir madeira para construir as torres de ataque, caso fossemos invadidos, mas o que se deu foram ataques sucessivos dos muçulmanos às muralhas, causando imensas perdas de vidas, em ambos os exércitos. Um dos últimos ataques deles só foi mesmo uma derrota, porque uma escuridão repentina tomou todo o local. Dir-se-ia que os céus se negavam a dar luz a ambos os lados, porque Deus estava contra nossas loucas atitudes. Este fenômeno de escuridão jamais foi explicado cientificamente, e influência espiritual se fez naquele evento.

O verão que viria estava a prometer dificuldades para se arranjar provisões, e os soldados estavam furiosos com seus líderes. Muitos dos nobres haviam perecido, incluindo Guilherme de Chartres, meu amigo, grão Mestre dos Templários, e Bar-sur-Seine .

Havia boatos que Leopoldo da Áustria havia feito acordo com o papa, e ele partiu em maio de retorno à sua pátria, levando consigo um fragmento da verdadeira cruz de Cristo. Foram tantos os que partiram com ele, que mais parecia que desertavam da nossa causa. Comerciantes de várias nacionalidades, também pretendiam aferir qual o ganho que teriam em fornecer-nos barcos, para que seguíssemos, em direção à Terra Santa.

Os turcos e muçulmanos tinham muitos acordos com os comerciantes, e tratavam de proteger o Egito, pelo que ele representava em segurança e em ouro.

Eu estivera presente na reunião, apesar de contar com poucos homens, e minha palavra não ser importante para aqueles nobres, que me viam como um cético.

Após mais de uma hora de discussões, não se tinha chegado a lugar nenhum.

Foi quando Pelágio observou :

— E que faremos se, tendo chegado às portas de Cairo, o imperador nos abandonar ? Como atingiremos nosso objetivo, se ouvimos sempre

dizer que estes cristãos do oriente são traidores de Roma, e eles podem nos deixar entregues à própria sorte ?

Outro nobre, líder dos regimentos ingleses repostou:

— Eles não nos obsequiarão, pois não se importam como nós com Jerusalém, nem com Antioquia. Sacrificar-nos-iam de bom grado, pelos seus acordos econômicos.

Foi a vez de representante italiano, cujas tropas haviam chegado e, entre eles, o grupo de Vincenzo, argumentar:

— Sei de fonte digna, que temos até o perigo de sermos atacados a qualquer momento, se nos demormos mais tempo em Damietta.

João manifestou desejo de retornar ao seu país, pois não via como chegar a bom termo as nossas disposições, pois achava que era marchar para conquistar o Santo Sepulcro, e estávamos a dar voltas, pensando em ir a outros lugares.

Pelágio informou que o percurso até Jerusalém, após haver atravessado o Bósforo, era uma marcha forçada de mais de mil quilômetros, em subida, e por um terreno sáfaro. Se na primeira investida milhares haviam perecido, como nós, em número tão reduzido, contávamos chegar lá e mudar todo o quadro ?

O desânimo estava a minar nossos homens, mesmo depois da vitoriosa tomada da cidade. Hoje posso meditar que nossa violência, contra a população do lugar, nos mantinha em estado de abatimento, um pre-remorso, e também a presença maciça das entidades assassinadas estava a minar nossa disposição, tão cedo, após menos de três meses de nossa partida.

Fiquei a imaginar se Vincenzo, quando partira, sabia que Francisco já chegara a Damietta, local dominado pelo famoso sultão Al-Kamil ou Al Kamel., filho do não menos famoso Saladino ,mas que a perdera para nós, como eu disse, pela tentativa de homicídio contra ele.

A chegada de Boemundo de Tripoli colocou em polvorosa os chefes de nosso grupo.

Ele chegou sem avisar, com seu séquito de guerreiros, todos com seus colares de alho, pendurados no pescoço.

Fiquei a observá-lo. Era um homem de baixa estatura, um pouco atarracado, com os cabelos escuros amarrados na nuca, em desalinho. Tinha os olhos estreitos e vivos, e estava sempre inquieto, observando tudo, seu olhar saltando de um para outro, como a esquadrihar na mente

suas observações. Seu cheiro não era agradável. Pensei que ele tinha o poder de um imperador, mas não se parecia com um.

Percebia-se um punhal curvo na cintura, a espada pesada, botas de couro maleável, creio que de vitela, barba e bigodes hirsutos, onde se percebia uma boca voluntariosa.

Sem nem mesmo cumprimentar os circunstantes, foi dizendo:

— Creio que deveria ter sido convidado a este conselho de vocês, pois estou a colocar em risco meu pescoço e meu reino, dando-lhes o apoio pedido, para que se passem por minhas terras em tranqüilidade. Vocês nem sabem o que é preciso, para se passar de uma região a outra. Não é em todo o percurso que os posso garantir. Não sou homem de instrução, mas não sou um tolo. Sei o suficiente sobre esta região e tudo o que acontece nela, para que me tenham respeito e ouçam meus conselhos. Conheço a História deste lugar como a palma da minha mão.

Pelágio tentou interrompe-lo, dizendo:

— Tão logo tomássemos alguma resolução, iríamos informá-lo.

Boemundo interrompeu-o com um tal murro na mesa, que pensei que seus dedos se partiriam.

— Vale a promessa ? Recordai o imperador Aleixo III..É um maricas. Estarias disposto a dormir com ele? Com aquele homem, todos os juramentos são nulos. Ele te tomaria à força no momento que quisesse, sem pensar no teu Jesus Cristo !

Os homens se scandalizaram quando ele proferiu estas palavras, mas ele deu uma estrepitosa gargalhada, como se tudo o que vinha dizendo fosse uma graça, e arrematou:

— Não se scandalizem, homens. Não são donzelas. Então não soube eu da maneira gentil, como se portaram na tomada da cidade ? Então, deixemos de hipocrisia. Prometi ajuda e a darei, a todos ou a um grupo, mas se não me atenderem, não garanto um minuto de suas vidas, entenderam? Ou pensam que me enganam ?

Digam-me, o que desejam ? Bizancio ? Antioquia ? Jerusalém ? Beirute ? Damasco, a jóia mais preciosa do Islam? Sejam sinceros comigo, como tenho sido sincero com todos vocês. Ou pensam que estariam vivos sem minha assistência?

— Maldito seja !- deixou escapar inadvertidamente Pelágio.

— Quem me fala em maldição, o próprio filho do Diabo ou ele em pessoa ! Como pensam que são tidos por aqui, homenzinhos ? São

considerados demônios, sim, ou pior do que isto. Acham-se santos ? Libertadores do Santo Sepulcro ?

Boemundo lançou o olhar em torno de nós, como se nos medisse, e eu me senti naquele momento um verme.

— Comecem a rezar se pretendem não me dar conta dos seus passos. - falou ele ameaçador, e senti que não blefava, antes sabia a que vinha e o que dizia.

As palavras dele confundiram os homens do comando.

Fez-se um silêncio constrangedor, enquanto ele continuou:

— Tenho acordos com vários emires, com sultões e com os armênios. Não permitirei que causem problemas, e não os terão, se passarem pelos caminhos que eu domino. Se pretendem ir de qualquer modo, recomendem suas almas ao diabo ! Jamais chegarão à Terra Santa, principalmente se tentarem algo contra o Egito !

— Não viemos aqui brincar ou passear.- comentou João de Ibelin. - Nosso destino sempre foi o Santo Sepulcro.

— Pois se decidirem sem mim, terão todos os sepulcros que quiserem, ou a vala comum, onde acabaram por enterrar o povo de vocês mesmos.

— Estávamos justamente fazendo um levantamento de quantos cavalos e cavaleiros contamos, com quantos homens na infantaria, qual a quantidade de mantimento, carroças e torres de assalto, que podemos conduzir. Não daremos um passo, sem fazermos o levantamento de nossas forças, nem partiremos sem falar com nossos aliados.- comentou o cardeal.

— Pois eu sei que não têm nem homens nem engenhos suficientes, para retomarem Jerusalém.

Ficamos admirados que ele nos lançasse ao rosto suas conclusões, a respeito de nossas posições, naquele momento.

— Há outras expedições partindo de Gênova ou mesmo de Veneza ou Marselha, ainda agora. - comentou Pelágio.

— Crêem em milagres.? - falou ele dando novamente outra gargalhada.- São vaidosos e orgulhosos. Seus homens se prostituem, roubam, lutam por bugigangas. Os turcos são pagãos, mas tenho visto que sabem ser mais generosos que todos vocês. Fiquem nas discussões estéreis. Depois não digam que não os avisei !

E, tal como viera, intempestivamente, ele saiu, deixando-nos surpresos e desarmados.

Pelágio esperou que nos recuperássemos do discurso terrível daquele bárbaro, que era o único apoio que tínhamos, e informou aos demais que ele pretendia partir para atacar o Cairo, e que aqueles que desejassem seguir com ele poderiam procurá-lo em seu refúgio, na cidade tomada.

O líder italiano e o líder inglês declararam que não desejavam discutir, mas achavam prematuro qualquer incursão, sem que tivéssemos uma real definição a respeito de Antioquia ou Damasco, de vez que Aleixo era nosso aliado, apesar de toda a conversa havida a respeito .

_ Vocês se esquecem de al-Kamil. Ele tem acordos com os venezianos e também com Aleixo. Ouvi o papa Inocêncio dizendo que o imperador é um homem sem palavra, mas que não devemos fazer qualquer mal aos cristãos, como aconteceu em expedições anteriores à nossa. Se contamos ligar os ortodoxos à Roma, mister se faz que não os consideremos hereges ou inimigos.

_ E como você chama as pessoas que fazem acordos com os infiéis, que se abrigam sob o manto do Islão, ou compactuam com os judeus, que mataram Jesus ?- perguntou João de Ibelin

_ Primeiro teremos que analisar nossas forças, para depois decidirmos qual o melhor caminho a tomar. Enviei ao papa uma carta, dando conta de nossa vitória até aqui. Espero que meu mensageiro volte, dando-nos informação a respeito das decisões de S. Santidade. - falou o cardeal espanhol, cheio de teimosia, como se pudesse decidir tudo sozinho.

Enquanto eu os ouvia, fiquei imaginando se eu poderia levar sem perigo minha prisioneira junto a mim, para a Síria, sim, porque eu decidira que seguiria com meus homens junto a João, ou ao grupo dos franceses..

A Síria era a terra dela, lá deixara sua família. Ela ficaria contente e eu me sentiria redimido, pelo mal que já causara, na primeira batalha. Sabia que as mortes havidas já estavam de antemão perdoadas pelo papa, e meus homens pareciam tranquilos, quanto a isto, mas pensara que nossas condições fossem melhores, até ouvir o arrazoado de Boemundo.

Enquanto discutíamos, os soldados, sem esperar por nossas resoluções, acharam que teriam a vitória se saíssem no encalço dos muçulmanos, e foi o que fizeram de forma desordenada, levados pela

emoção. Atiraram-se desordenadamente contra os infiéis. Os muçulmanos bateram em retirada, e eles exultaram.

Foi Vincenzo quem adentrou o local, onde nos encontrávamos, dando a notícia de chofre a todos:

— Os homens puseram os infiéis em retirada.- falou, adentrando o ambiente de inopino.

Todos ficaram perplexos. A desunião era evidente. Como contar com a vitória, diante de tamanha irresponsabilidade ?

Agora já não me sentia mais tão seguro.

A conversa, após a saída intempestiva de Boemundo, tomara outro rumo. Alguns homens sentiam-se ofendidos com o arrazoado do bárbaro, outros não apenas sentiam o orgulho ferido, mas desandavam a lastimar o acordo com os venezianos.

— Al-Kamil é um cego, mas vê melhor do que todos nós juntos. Os venezianos haviam nos prometido 30 mil homens e nem 10 mil nos foram entregues, além de viver a nos cobrar dinheiro , não nos oferecem segurança nenhuma, e não há união na tropa- falou João.

O comentário acendeu novamente os brios e o desencanto, sobre nosso caminhar lento e sem rumo.

A disposição de Pelágio de partir para o Cairo de qualquer modo, os grupos que se lhe alistariam, tudo colocava um torpor nas resoluções a tomar, turvando nosso horizonte, diante da atitude intempestiva dos homens.

O chefe das ordens hospitalares recomendou:

— Juntemos nossos homens e preparemo-nos, pois os muçulmanos debandaram, mas tornarão ao ataque.

E foi isto o que cada um fez. Antes de sair, fui abraçar o amigo Vincenzo , Rafael e seus companheiros e soube que eles já haviam estado com Francisco de Assis, na cidade cercada. O certo é que Francisco assistira o ataque dos homens, a retirada dos infiéis e estava disposto a conversar com o sultão, a ver se conseguia, com o amparo de Deus, acabar com aquelas sangrentas lutas, que vinham a mais de um século custando a vida de tantos.

Retornei aos meus aposentos, e encontrei a mulher adormecida. Não teve nenhum sobressalto com a minha chegada, nenhum gesto de atenção ou alerta.

Felipe saiu tão logo cheguei, e percebi que a mulher síria não estava bem. Aproximei-me. Seu rosto estava mais corado do que o normal, e quase que instintivamente percebi que ela ardia em febre. Maldisse a saída de Felipe, pois ele devia saber de algo, senão não sairia tão apressado assim. Duvidei que não tivesse observado como Yasmin não estava bem.

Toquei de leve sua testa. Não restava dúvida. Ela estava fora de si, senão teria reagido ao meu toque.

Tentei me recordar de como minha mãe agia com minhas irmãs, enquanto o médico não chegava.

Molhei um pano na água da bacia, espremi e coloquei-lhe na testa. Ela estremeceu involuntariamente, afrouxei as cobertas, baixei seu véu e observei seu rosto com mais calma, pela primeira vez. As sobrancelhas negras e arqueadas, os lábios rubros, o rosto redondo, o nariz elegante, os longos cílios. Senti imenso prazer em poder fitá-la, sem causar qualquer constrangimento.

Ela deveria ser-me grata, pois lhe poupava a vida, e a vinha cuidando, deste então. Porém, como poderia me agradecer, sabendo todo o mal que nosso exército criara na região, desde que chegáramos ?

Éramos conhecidos na redondeza como os homens de ferro, para eles nós éramos os demônios., e imaginei que, da mesma forma que se dizia tanta coisa sobre os sarracenos, os árabes, os turcos, as lendas a nosso respeito não deveriam ser muito agradáveis.

Outro dia, meu servo Francis comentara que éramos chamados de porcos. Isto punha nos homens um ódio surdo contra o inimigo.

Dizia-se que eles tinham a pele escura porque bebiam a própria urina, outros que se iniciavam no sexo, em relações com os bodes, as cabras, os cavalos, os jumentos e os camelos.

Era difícil para mim imaginar o povo que pretendíamos expulsar da Terra Santa, da forma tão desprezível como descreviam, vendo Yasmin adormecida em tamanho abandono.

Pensei que deveria chamar o médico que nos acompanhava, mas como poderia fazê-lo, se mantinha a jovem como minha tutelada, ou prisioneira ? O que não pensariam meus companheiros daquilo tudo ?

Novamente pensei nos cuidados que minha mãe nos tivera, nos momentos de doença. Maldisse não ter à mão os remédios que dispunha em nossa casa, nem os servos prestimosos, que nos cercavam de atenções e cuidados.

Afrouxei ainda mais a roupa da jovem, e lembrei-me que poucas vezes mantivera o rosto desnudo, como naquele momento. Quase sempre estava coberta por seus véus. Senti um certo constrangimento, como se a tivesse desnudando, sem seu consentimento.

Tornei a trocar a compressa sobre a testa, sentindo que, com isto, a febre baixava um pouco.

Ela abriu os olhos meio esgazeados pela febre, e falou na sua língua algo, que eu interpretei como um pedido para aplacar sua sede.

Fui até uma jarra que continha o precioso líquido, coloquei-o no copo e tomei-lhe a cabeça, sustendo-a, para que ela bebesse.. Ela o fez de forma automática, mas era como se aplacasse um vulcão interior, voltando a dormir.

Fiquei, deste modo, mais de uma hora cuidando dela, imaginando onde andaria Felipe.

Após este tempo, ele chegou com um saquinho de folhas secas nas mãos:

_ Como está ela ?- perguntou-me, acrescentando- Consegui com Aiubi as folhas que poderão aplacar-lhe a doença. Creio que ela ficou abalada com sua situação e isto a debilitou. Mas conto curá-la com um caldo que vou fazer e mais uns chás que deverá tomar por dias.

_ O que você disse, para conseguir isto ?

_ Falei que o senhor não estava bem, mas que era teimoso e negava-se a ver o médico. Melhor, portanto, que não saia por uns dias, ou que, tendo que sair, dê uma de doente.- comentou ele.

Meu bom Felipe, sempre tão prestativo, que nunca sequer precisava dizer o que estava sentindo, para que me acudisse.

Dirigiu-se a um canto, onde aprestara um fogão rústico e levou a água ao caldeirão. A breve tempo, o aposento se inundava com um perfume delicioso das ervas em efusão. De parte delas maceradas, após o cozimento, ele trouxe uma chávena olorosa.

_ Dai-lhe vós, senhor. Não ousaria tocar nesta mulher.

Olhei-o divertido. Que superstição não rondaria seu cérebro, para não ousar tocá-la. No entanto, eu não sabia que rumo tomariam nossas vidas, nos dias que se seguiriam, por isto, falei-lhe com severidade:

_ Felipe, quero que me prometas uma coisa. Breve partiremos com o conde Boemundo de Tripoli, e não sei o que Deus nos reserva. Iremos para tomar a terra de onde esta mulher veio, e eu prometi a Deus que a

entregarei, sã e salva, à sua família. Prometa que o farás por mim, caso eu pereça em batalha.

Ele me olhou entre aturdido e pesaroso. Dir-se-ia que estava assustado. Respondeu-me, naquela franqueza que era uma das grandezas de sua alma:

— Senhor, prometi aos teus pais que cuidaria de ti, e daria minha vida por sua pessoa. É difícil para mim que esteja a proteger um infiel, pois creio que lutam contra o Cristo, mas, como te venho servindo, e como te amo, pela família que jamais tive, farei o que me pedes. Mas, Deus há de permitir que voltemos à nossa pátria, cobertos de glória, depois de haver tocado a pedra onde o Senhor repousou a cabeça.

Ele sentou-se a um canto, vendo como eu tomava a cabeça de Yasmin e a fazia sentar, depois como eu a acordava um tanto, para fazê-la tomar o caldo que ele preparara.

Percebi que meus gestos eram observados com apreensão. Felipe me conhecia o bastante, para perceber que eu estava me encantando com a presença da jovem.

Ela parecia não ter ainda vinte anos, mas seus modos a faziam parecer mais velha, como se a vida lhe tivesse ensinado coisas que só os mais velhos sabem. Apesar dos panos que a cobriam, podia perceber que era magra e esbelta. Não tinha grande estatura e ao ergue-la senti que era leve. Podia ver seu cabelo negro, sob o lenço vermelho que trazia à testa larga e alta. A roupa verde e negra se pespegara no peito banhado de suor, e podia perceber o contorno de seu corpo, sob ela. Sentia-me ansioso, como se tocasse uma relíquia rara. Lembrei-me que ela jamais tomava as refeições comigo:

— Não poderia comer com um infiel, senhor, Seria o mesmo que desonrar a Deus.- falara-me no primeiro dia que a convidara a comer comigo.

— Quer dizer que comer comigo te macularia ?

— Peço-te desculpas, senhor, mas assim é.

— Mas salvar-te a vida não te maculou, não é ?

— Sou-te grata por haver-me salvo, senhor, e também daria minha vida pela tua, pois te devo isto, mas não me peças para cear contigo, pois não posso. Sou-te, contudo, grata por tudo.

— Julgas-te superior a mim, ou é apenas uma questão de fé ? - perguntei um pouco azedo.

— É um costume, ou, se quiseres, é uma questão de alma.

A lembrança de nossa conversa parecia estranha, naquele momento, em que eu lhe dava de comer à boca, como se ela fosse uma criança.

Senti que meu corpo estremecia um pouco ao seu contato, e conclui que aquilo só era possível por ela estar indefesa, insegura, necessitando de mim, e percebi que tanto quanto ela tinha seus escrúpulos, com relação a mim, também Felipe tinha os dele, com relação a ela, mas me excluía dos mesmos, fazendo-me cuidar pessoalmente dela.

Fiquei a analisar como o ser humano era complicado em suas atitudes. Felipe sempre me servira e não seria demais que cuidasse dela, sob minhas ordens, mas praticamente era ele quem ordenava que eu cuidasse dela, negando-se a fazê-lo.

Achei graça no nariz da mulher. Era pequeno, bem diferente das mulheres de sua raça que eu já vira. Os lábios finos e encurvados para baixo, cediam à pressão da chávina, abrindo-se para o gotejar do líquido.. O pescoço esguio era de uma elegância deliciosa. Imaginei o que não sentiria, ao saber ou imaginar que eu a cuidara, durante seu período de doença.

Estava deliciado de poder tocá-la e de cuidar dela. Acho que era isto que preocupava meu querido Felipe, enquanto me observava tenso, vendo-me cuidar de Yasmin.

Tão logo ela tomou todo o caldo, coloquei-a delicadamente no colchão onde a instalara, cobrindo pudicamente seu rosto com o véu., e voltando-me para ele:

— Felipe, crês que isto bastará, para que ela se recupere ? Em quantos dias estará boa ?

— Melhor rezar por ela, senhor. Quem sabe Deus é Deus de todos e se apiada dela. Além disto, precisará ficar boa depressa, senão como poderás levá-la conosco, durante a marcha ?

Fiquei apreensivo e lhe perguntei:

— Crês que passará melhor se a colocarmos em roupas de homem ?

Ele meditou um pouco, depois falou :

— Verei o que posso fazer, senhor.- e acrescentou um tanto resabiado.- Melhor que lhe coloques roupas secas. Podem ser as tuas, senhor, até que eu arranje outras. As dela posso lavar e secar,. enquanto dorme.

Falou e saiu, como se quisesse me deixar a sós, para não me constranger. Eu entendera. Deveria despi-la de seus trajes molhados pela sudorese da febre, e colocar-lhe roupas secas. Meu Deus ! Era-me quase impossível fazer isto.

Fiquei um bom tempo paralisado, ante o que eu tinha a fazer.

E como faria aquilo, se eu já achara um sacrilégio toca-la ? Ela nem se permitia cear comigo, como a despiria, sem desvendar-lhe o corpo que eu adivinhara, enquanto a fazia tomar aquele caldo preparado por Felipe ?

Agora entendia seu olhar ressabiado.

E se ela acordasse, enquanto eu a despisse ? E depois, quando estivesse bem, não adivinharia o que se passara ? Talvez não, se eu a tivesse vestido adequadamente, como estava, então.

Decidi fazê-lo e fui despindo-a, observando como estava vestida, pensando em colocá-la do mesmo modo, antes que voltasse do torpor.

Era-me difícil fazê-lo com atenção, porque cada peça que eu desatava era como se estivesse cometendo um sacrilégio. Dei de suar frio, e sensações muito estranhas me tomavam de assalto. Dei graças por Felipe haver saído. Passei o ferrolho à porta e disse, para mim mesmo, que quanto antes fizesse o que tinha a fazer melhor, pois ficaria livre do tropeço.

Mas a cada momento em que descobria seus braços, suas pernas, seu corpo, era como se um desejo imenso e terno se apoderasse de mim.

Desajeitadamente a vesti com minhas vestes, mas com um certo constrangimento prendi-lhe os cabelos e coloquei-lhe o véu, cobrindo-a com uma manta.

As sensações que me haviam tomado, o desejo, a emoção, o constrangimento, tudo se misturava, para causar-me um cansaço psíquico, que eu não podia decifrar ou compreender.

Somente mais tarde ouvi bater à porta. Era Felipe. Viu a roupa dela a um canto e entendeu o que se passara.

Tomou as mesmas e tratou de lava-las, colocando-as a secar, perto da fogueira que acendeu, para aquecer o cômodo.

— Creio que amanhã ela estará melhor, senhor, e poderás voltar a vesti-la como antes.

Entregou-me um pacote, onde se viam peças de roupa de homem , e arrematou:

— Creio que logo partiremos, senhor, e será melhor que a convenças a vestir isto, embora seja sempre difícil para uma mulher entender o porquê das coisas, até mais difícil ainda para uma infiel.

Concordei com ele. E ruborizei ao pensar o que aconteceria, se ela desconfiasse o que havia ocorrido ali, naquela noite.

Ainda podia sentir o seu cheiro, que me impregnara as mãos e a roupa, ainda podia lembrar de cada detalhe de meus gestos, a despi-la, a cuidar dela, a vibrar de emoção por tê-la tão próxima de mim, tão abandonada, tão frágil e indefesa.

Era como se eu houvesse ganho um presente celestial, mas o segredo daqueles momentos eram impossíveis de dividir com Felipe, ou quem quer que fosse, por serem demasiados particulares, demasiados oníricos, demasiado fortes à minha emoção, causando-me um prazer que fugia a tudo o que eu já vivenciara, anteriormente.

Esta noite não consegui dormir.

CAPITULO IX - NOVAS BATALHAS



Vinzenzo e seus amigos estavam numa alegria inenarrável.

Ter encontrado com Francisco, com Iluminato e outros frades, houvera causado um frenesi entre ele, seus companheiros e outros italianos, que haviam ouvido falar de el Poverello..

— Que bom encontrar contigo.- falou ele de modo natural- Nem imaginas como eu pensava todo o tempo que os francos iriam ganhar terreno, enquanto ficávamos em Gênova, a contar as frotas que partiam. Agora, encontrar-te, depois de haver estado com Francisco, me fez muito bem.

Eu também estava agradavelmente surpreso por estar com ele, e comentei que soubera que os muçulmanos nos atacariam, a qualquer momento.

— Estou certo que, depois que Francisco falar com este sultão, a paz será definitivamente selada! - falou no seu entusiasmo infantil Rafael.

Vincenzo contou-me da travessia que haviam feito e narrou-me detalhes de seu encontro com Francisco.

O frade assistira a muitas batalhas e estava abatido com as mortes que presenciara.

Estávamos conversando, quando percebemos um tumulto na cidade. Os árabes estavam atacando nossas posições.

Foi uma correria, com ordens dadas por Pelágio, que se presumia o principal chefe das tropas.

Cada um teve que reunir o mais rápido possível os homens sob seu comando, a fim de partirem para a defesa.

Saímos para o combate, mas, apesar dos esforços e das ordens de Pelágio, a confusão era tanta, que as tropas italianas debandaram, e o pânico se fez nas fileiras.

Foi então que vi o imperador João, intimorato, misturado aos franceses e ingleses, mais os guerreiros das Ordens Militares, Templários e Hospitalários, salvando os sobreviventes, mantendo o campo a qualquer custo.

No meio dos homens, a figura de Francisco, tentando socorrer os feridos, junto aos seus irmãos frades, causou-me profundo impacto.

Quando o entrevero terminou com a fuga dos árabes, Francisco procurou Pelágio e solicitou que lhe fosse permitido ir até o acampamento inimigo, tentar um acordo.

Pelágio era um espanhol teimoso e arrogante, e julgava-se a salvo de qualquer opinião que não fosse a sua, já que era em campo o representante do papa.

Francisco falou-lhe que vinha a mando de Honório III, e isto teve um certo peso, na decisão do cardeal.

O frade estava abatidíssimo, pois soubera que muitos dos frades franciscanos haviam sido mortos, em Marrocos, tendo suas cabeças decepadas. Francisco conseguira naquele local, apenas recuperar alguns corpos, que enviara de retorno à Itália e até à Portugal, onde suas famílias os aguardavam, para o sepultamento. Aquela barbaridade constrangera muito sua alma sensível mas viril, naqueles dias, contudo, tal como prometera ao Cristo, naquele solilóquio que havíamos assistido, ele se mantinha firme, na decisão de tentar interferir, para a consecução da paz.

Naquele momento, também o próprio Cristo intervinha, a fim de que seu amado discípulo pudesse por cobro à insensatez humana, que vinha

ceifando tantas vidas, numa luta de poder e dinheiro, totalmente esquecidos de seus ensinamentos de luz e amor, paz e solidariedade.

Foi deste modo, que, contra toda nossa expectativa, Francisco partiu com Iluminato e outros, para o encontro com o sultão, sob a aquiescência de Pelágio.

O encontro foi inenarrável.

A princípio, quando ele chegou levando às mãos tremulando a bandeira de trégua, a Fariskur, os guardas muçulmanos se armaram, desconfiados. Houve um reboiço no meio dos inimigos, e o sultão foi informado da chegada daqueles homens simples, sujos, maltrapilhos e cheios de fé. Ao contrário do que se dizia dos muçulmanos, eles tinham profundo respeito pelas pessoas que se diziam tocadas por Deus. Até então, tinham permitido a fé e as cerimônias de judeus, a fé dos cristãos do oriente, a dos armênios, a dos gregos, enfim, de todos aqueles que estavam sob seus domínios,. E foi com profundo respeito que el -Kamil aceitou ouvir e receber aqueles homens.

Tão logo Francisco foi instalado dentro dos domínios daqueles suseranos, rogou ao Cristo que lhe direcionasse a palavra, sempre tão segura e terna, e o Mestre, desejoso de por um fim naqueles desmandos que se faziam em seu nome, onde os cristãos do oriente eram massacrados pelos do ocidente, inundou o ambiente em tão doces vibrações de paz, que um sorriso se descerrou dos lábios do sultão, quando recebeu os frades.

Iluminato observou o turbante de seda, cheio de voltas, a barba e o bigode bem aparados do sultão, suas vestes de seda escarlate e os olhos negros, cobertos por grossas sobranceiras, a pele morena, e estremeceu involuntariamente. Aquele homem não parecia, de forma alguma, uma criatura diabólica. Via-se pelas maneiras que tinha uma finura de comportamento, e um cheiro agradável se evolava dele, dando conta da higiene pessoal. O intérprete sentou-se à frente de seu senhor, ao lado esquerdo e diante de Francisco, pronto a transcrever tudo o que eles dois diriam um ao outro, enquanto um escriba anotava, da esquerda para a direita, as falas daquele encontro singular.

Havia um perfume rascante envolvendo o ambiente, e as almofadas de seda, sobre as quais eles se sentavam, coloriam e davam elegância ao local.

Francisco primeiro se dirigiu ao sultão, em saudação amigável, agradecendo a permissão conferida a ele.

Depois entrou a dialogar e descrever com tintas dramáticas as mortes a que assistira, falando do tempo secular em que se debatiam em nome de Deus, que, por certo, não desejaria tanta carnificina em seu nome.

Comentou com simplicidade sobre a fragilidade da vida humana, sob a efemeridade das glórias terrenas, e sobre a imensa responsabilidade de nossos atos, interferindo na felicidade ou infelicidade alheia.

Apelou com honestidade, para a visão do futuro, comentando sobre a herança deixada às crianças, neste mundo tão belo, onde o homem coloca sua ação devastadora, longe do entendimento fraterno.

Ponderou a responsabilidade dos dirigentes das facções envolvidas nas lutas, apelando para a maneira de agir, a fim de que se terminassem as animosidades, dando vez a acordos de paz, que haveriam de abençoar as criaturas e dar oportunidade a que tudo pudesse ficar em graça, com harmonia entre os filhos de Deus.

Al-Kamil o ouvia e se inquiria mentalmente, como aqueles homens de ferro podiam ter entre eles uma criatura, com tamanha capacidade de amor e de compreensão. Sentia a sinceridade do frade, e mais, como o mundo poderia ser bem melhor, se todas as criaturas fossem iguais a ele. Não sentiu, em nenhum momento, desejo de interrompe-lo ou de iniciar com ele uma discussão, sobre as diferenças dos princípios religiosos que defendiam. Não quis lembrar o desastre que se iniciara, desde a vinda das levas de cristãos e de guerreiros às terras que lhe pertenciam e ao Islão. Sentia-se profundamente satisfeito por sentir a presença daquele homem, pois suas palavras reacendiam nele velhos ideais adormecidos, ao calor das batalhas.

Já de há muito sentia-se inclinado para a paz. A sublevação, que quase lhe custara a vida, a morte de seu pai, as dissensões entre os parentes, tudo vinha depauperando seu espírito. Desejava a paz. Cansara-se do cheiro da morte, que parecia impregnar seus aposentos e os sonhos da noite, que o faziam delirar de horror e tristeza.

O Egito que sempre lhe propiciara riquezas, estava ameaçado pela fome. Era uma luta ingente, para se conseguir mantimentos dos territórios vizinhos.

Aqueles dias, seu irmão lhe confidenciara que desejava retornar à Síria com seus exércitos, e dissera-lhe que estava demais preocupado com as lutas no norte, de seu outro irmão al-Ashraf, acenando-lhe com a possibilidade vantajosa de um acordo de paz.

Ao ouvir Francisco, acreditou que Alá estava, através daquele homem humilde, mas corajoso, propondo-lhe os meios, para terminar com aquele sofrimento .

_ Senhor, estou certo que falo ao homem escolhido por Deus, para por um fim em tanto desatino e sofrimento.- argumentou Francisco, enquanto os olhos brilhavam, marejados por lágrimas cheias de esperança.

El Poverello falava, sentindo a doce presença do meigo rabi da Galiléia, banhado pela esperança divina de um ponto final em tantos horrores.

Al-Kamil lembrou-se que o califa de Bagdá, seu aliado, Nasr, se encontrava em poder do xá khwarismiano, Jelal ad-Din, cujo pai destruíra o poder seljúcida no Irão, e dominava toda a região do Indo ao Tigre.

Ele era um homem perigoso pela sua desmedida ambição e al-Kamil sabia que não podia confiar nele.

Diante disto, ele respondeu a Francisco, agradecendo-lhe a presença e suas palavras, dizendo que elas o haviam tocado no imo do ser, e convidando-o a um repasto, abrigou-o em acomodações principescas e tudo fez para enche-lo de presentes.

O frade aceitou a hospitalidade do sultão, mas devolveu os presentes, falando-lhe de sua cumplicidade com a pobreza, e como seu pai, o pai de todos os seres vivos, e de toda a criação lhe bastava.

Isto granjeou maior admiração a Francisco, e, no dia seguinte, quando ele manifestou o desejo de retornar aos seus compatriotas, o sultão ordenou que uma escolta principesca o acompanhasse, dando coordenadas, no sentido que nada de mal deveria suceder-lhe e aos seus companheiros, dizendo que logo mandaria um mensageiro, com suas propostas de um acordo de paz.

A situação era ideal à intervenção do frade, pois ambos os lados estavam depauperados e inseguros. Como Francisco falara com paixão, do desejo sincero daqueles homens de chegarem à Jerusalém, o sultão pensou em aceder àquele desejo religioso, como maneira de demonstrar aos cruzados, que ele estaria disposto a um cessar de hostilidades entre eles.

Foi com imensa alegria no coração que avistamos Francisco e seus irmãos, vindos em soberbas éguas, protegidos pelos muçulmanos, de retorno às nossas posições.

Vincenzo, eu e nossos amigos não cabíamos em nós mesmos, de tão contentes, com o que parecia um feliz desfecho, para a missão divina de

Francisco.

Voltei aos meus aposentos imensamente feliz, cheio das mais doces esperanças. Imaginei como chegaríamos de retorno ao nosso país, vitoriosos, pelo fato de havermos atingido o final daquelas lutas tão sanguinárias e cruentas.

Uma trégua me permitiria entregar a síria à sua família.

Ela me viu chegar e percebeu, naquele modo que as mulheres têm, meu alvoroçado ar de alegria. Esperou que eu me dirigisse a ela, contudo.

Quis repartir com ela a felicidade que me ia n' alma:

— Yasmin, - falei sem conter meu entusiasmo .- creio que tudo logo estará solucionado e poderás partir, de retorno à tua família. Um homem santo, de nome Francisco, foi falar com o sultão, e retornou dizendo que este homem há de nos enviar logo um mensageiro com um acordo, através do qual poderemos tomar a Terra Santa, e, como não é senão este o nosso desejo, logo todos estaremos em paz.

A jovem me olhou e percebi pelos seus olhos quanta surpresa minhas palavras lhe causavam, mas depois lágrimas correram-lhe pela face.

— Por que choras ? Logo tudo estará terminado e poderemos viver em paz. Tu estás intocada, tal como te encontrei, nada nem ninguém mais poderá causar-te dano. Poderás seguir tua vida e ser feliz.

As lágrimas continuaram a cair abundantemente.

— Gostaria de poder acreditar, faranj. - respondeu ela, chamando-me pelo apelido "francês", que os árabes davam aos francos.

— Creia-me, não te mentiria. Logo estarás bem, junto à tua família e eu retornarei ao meu país.

A jovem olhou-me, então, de um modo que jamais esquecerei. Parecia ler o que me ia na alma, pois, se estava contente por nós dois, sentia profundamente apartar-me dela, e falou com uma certeza que jamais esquecerei:

— Jamais voltarei para minha casa e para minha família, faranj. E isto quer dizer que as lutas não vão cessar.

Havia tamanha certeza em sua afirmação, que estremeci involuntariamente. O que havia nela que a dispunha a falar com tanta convicção ?

— Você não entende. - falei com certa acrimônia- Tudo logo estará terminado. Estaremos em paz.

— Gostaria tanto de poder acreditar. Mas, infelizmente, não será assim.

A teimosia dela não podia ser interpretada por mim, senão com um profundo estranhamento de minha parte.

Eu estava a lhe trazer uma boa nova, eu estava, naquele momento, causando profunda impressão a toda a tropa. Todos nós agora só aguardávamos uma notícia do sultão. Imaginávamos nosso retorno à pátria, nossa tomada de Jerusalém finalmente, sem maiores chacinas, mas ela, ao invés de ficar contente, agia daquela forma desconcertante.

Eu não conseguia entender. Sua atitude fugia a tudo o que eu concebia como lógico. Era totalmente irracional, um gesto típico das mulheres e mais, de uma mulher que eu não conseguia entender, e pela qual eu principiava a ter uma certa inclinação, um certo apego.

Segurei-a fortemente pelos ombros e, sem querer a chacoalhei:

— Não percebes ? Tu estarás logo livre, livre!- falei com amargura

— Jamais estarei livre de novo.- respondeu ela, com tamanha tristeza na voz, que não pude deixar de me sentir tocado. - Amo-vos, faranj. Não me importa o que me vá acontecer, mas não quero morrer, sem vos dizer aquilo que sinto. Não quero levar na minha morte esta certeza dolorosa, que tomou conta de mim, que me faz traidora de meu povo. Amo-vos.

O impacto daquela revelação jamais seria menor do que a minha própria morte, no front de batalha. Tudo aquilo pelo qual eu passara era nada, diante daquela revelação. Não. Ela não podia me amar. Nada seria pior do que fazê-la sofrer com aquele sentimento. E por que me amaria ? Sequer nos havíamos tocado. Tínhamos tido algumas conversas, poucas é verdade, desde que se recuperara. Dizia-me que estava prometida a um homem, por sua família, e parecia concordar com isto. Parecia desprezar nossos costumes e a nós todos, então, porque me amaria ? O que eu fizera para merecer isto ? E por que, eu me sentia a pior das criaturas, ao ouvi-la revelar o seu amor por mim, com aquelas lágrimas doídas.

Devia ser por isto que negava o final das lutas, o final da Guerra Santa. Se me amava, o fim de tudo importaria entre nós a distância, por isto negava a informação que eu lhe dava. Foi isto o que pensei, naquele momento, e lhe disse:

— Não podes me amar. Não podias antes, e não queres, por isto, aceitar que está tudo terminado. Tu voltarás para teu noivo e esquecerás

tudo isto.

— Não te amo porque eu o deseje.- repostou ela.- Na verdade, não há nada no senhor que deva atrair-me. Representa tudo o que sempre temi e detestei, mas meu sentimento não tem lógica. Amo-vos sem querer, isto independe de mim, e, podes crer, que tenho lutado muito contra isto, desde que vos vi e desde que me salvaste a vida, nos dias em que me cuidaste, e em que estive entre a vida e a morte. Alá sabe que eu desejei morrer antes de me sentir atraída por vós. E também não estou inventando esta certeza de que nada terminará .Não sei se vós sereis o perdedor no caminho, ou se será o sultão, mas ambos não atendereis o pedido do Nosso Criador. A luta ainda prosseguirá muito tempo, e muitos serão aqueles que perecerão.

Não falo isto porque o deseje, ou porque delire. Falo isto, porque me foi revelado, porque é uma certeza que Alá me dá, é um dom, se o entendeis assim, que Ele me dá, de saber o que me estará reservado.

Sei que a luta prosseguirá, sei que vos amo, e sei que não tornarei à minha família. Espero que ao menos possais retornar à vossa.

A jovem pôs-se a chorar tão sentidamente, que tive que me segurar para não tomá-la nos braços. Parecia tão infantil e tão mulher, parecia tão corajosa e tão desprotegida.

— Estás abatida pelos acontecimentos e pela doença que te prostrou. Não podes entender de pronto o que significa o que te disse, mas logo haverás de perceber e te alegrarás. Até lá., não chores. Estarás protegida aqui, eu te prometo.

Procurei meus mapas e meus objetos, para fugir de olhar para ela, que se encolheu a um canto e chorou silenciosamente.

Tive muitos receios que ela estivesse com a razão.

CAPITULO X- SONHO E CASTIGO



Foi em setembro que fomos surpreendidos com a chegada de um prisioneiro franco, que vinha com uma proposta do sultão, para nós outros.

O conselho se reuniu rapidamente. Aquele era um fato auspicioso. O inimigo pedia uma trégua e prometia nos devolver Jerusalém.

A alegria foi geral e o armistício foi aceito. Com isto, apesar de respirarmos um tanto mais aliviados, começamos a reforçar nossas defesas.

A chegada desta notícia também fez com que, muitos que desejavam ardentemente retornar para suas famílias, se resolvessem por partir.

Foi assim que vimos mais de dez barcos carregados fazerem-se ao mar. Cheguei a pensar que poderia enviar Yasmin, junto a alguns amigos que partiriam, porém ela negou-se terminantemente a seguir com eles, embora falasse até que bem o francês e seguisse para ficar na Síria.

— Já lhe disse que não o deixarei, pois isto será minha desgraça.- falou-me com a voz sumida, pois andava envergonhada de haver declarado seu amor por mim.

O fato de eu não parecer corresponder a tal afeto, a mantinha agora sempre de cabeça baixa, o rosto coberto, ocultando-se pelos cantos. Definhara um pouco com a febre que quase a levara, e fora assistida de perto por mim e por Felipe, até que lhe voltassem as forças, para caminhar por si mesma.

O rapaz que trouxera a notícia do armistício era um dos homens do conde Hugo, e pediu-nos que orássemos por ele, porque deveria seguir até parte do caminho, a dar a resposta e temia por sua vida.

Fiquei a pensar se Deus ouviria nossas preces por ele, já que eu orara tanto, antes de tomarmos al-Adiliya e muitos haviam sucumbido ao assalto, para não relembrar os que morreram afogados, ou de fome, de frio, de calor, ou da peste.

Sabia que os infiéis acreditavam que Deus os ouvia. Então, tomaria Deus nosso partido ?

Eu descobrira a hipocrisia de alguns líderes, a tibieza de outros, a teimosia de Pelágio, a experiência de João, mas fiquei abatido com a morte de alguns amigos que fizera, durante nossos contatos. Guilherme, o grão mestre dos Templários e Bar-sur-Seine não me saíam da mente. Eu quase podia vê-los, quando pensava em tudo o que ocorrera.

Na noite anterior, eu sonhara com eles, e o pesadelo fora terrível. Eles me apareciam cobertos de sangue, pedindo vingança, queriam que Deus lhes valesse e se vingasse dos seus inimigos. Acordara falando alto, e o rosto de Yasmin estava sobre o meu. Ela me velava e a expressão do seu

olhar me encantou. Eu temi pela minha vida e pela dela. Ergui meu braço e toquei de leve seu rosto. Ela se encolheu, como se uma cobra a tivesse picado e retornou ao seu canto. Percebi, então, que a magoara muito, quando não respondera à sua declaração de amor, e levei dias a tentar cativá-la, procurando obsequiá-la com a melhor comida, com olhares, sorrisos e também procurando conversar sobre o que nos ocorre.

Estaria ela certa ? Tantos já regressavam à casa, mas ela teimava em afirmar que a batalha não terminaria.

Finalmente, quase no final do mês, tivemos um ataque inesperado do sultão. Ele sabia que não poderia continuar dominando Damietta, mas, como estávamos despreparados para seu ataque, quase sucumbimos. Recebi um dardo no ombro direito, e cai do meu cavalo, enquanto meus homens me cercavam, acudindo-me.

Para sorte nossa, dez galeras genovezas chegavam, transportando uma companhia francesa, liderada pelo Sr. Sauvary de Mauléon. Se não fora por sua chegada, teríamos mais perdas, com certeza.

Graças a eles, a defesa foi um sucesso. Al-Kamil estava enfraquecido e não lhe haviam chegado os reforços que desejava. As muralhas não podiam ser vigiadas pelos seus homens cansados e em número menor. Tentara comprar alguns cristãos, para nos espionar, mas eles haviam falhado.

Novamente, ele enviou dois prisioneiros franceses, solicitando que abandonássemos o Egito, que era sua fonte de riqueza, que ele nos entregaria a madeira da Verdadeira Cruz, toda a Palestina Central, Jerusalém, e a Galiléia. Ficaria ele com os castelos de Oultrejourdain. Prometia pagar pelos castelos um tributo.

A oferta surpreendeu a todos nós. Poderíamos ter Nazaré, onde Jesus passara a infância, Belém, onde ele nascera, Jerusalém onde morrera, e ainda a sua Cruz.

Com aquela promessa, nos reunimos no centro da cidade. Vincenzo arranjava uma partida de vinho, e festejamos com muita alegria. Eu estava numa portaize, pois perdera muito sangue, e, se não fora pelos meus homens, teria sido pisoteado pelos cavalos, durante o assalto de al-Kamil.

Francisco estava entre nós e suportou-nos os gestos itílicos. Nossa alegria era surpreendente.

_ Logo estaremos partindo, mas antes, quero ter o prazer de colocar meus pés na terra dos faraós, de estar nas pirâmides. - falava Vincenzo.

_ Para que, meu irmão ? Cada passo que damos, se enche a terra de cadáveres. Não fora melhor que apaziguássemos nossos corações, na fraternidade de Jesus ?- ponderava el Poverello.

_ Já que vamos para a Galiléia, e para Jerusalém, por que não podemos primeiro transpor as muralhas do Cairo? - perguntava Lúcio, secundando seu senhor.

_ Quanto mais desejos temos, mais sofremos. - falou o frade, continuando- Meus amigos, falei com al-Kamil. Ele é um homem sensato, e tem se portado muito bem, oferecendo um acordo vantajoso, dentro de nossos desejos. Por que ampliarmos esta batalha por puro capricho ? Ao invés de ficarmos a festejar, deste modo, porque não oramos e vemos se Deus nos inspira ?

Rafael ia aquiescer, quando Francis deu uma gargalhada, comentando que os árabes eram cheios de maneirismos femininos, e que o frei também estava a portar-se como uma moça. Ambos iniciaram uma briga feia, pois estavam alcoolizados, e, se não fora a intervenção de Felipe, teriam ido às vias de fato.

Teríamos, no dia seguinte, um encontro entre os nobres líderes daquela expedição e achei melhor me recolher, senão não teria condições, para participar da mesma.

No entanto, fosse por haver me transportado sem o devido cuidado, ou pelo álcool ingerido, cheguei em péssimo estado ao meus aposentos.

Felipe cuidou de mim, mas o ferimento começou a sangrar.

_ Não deveria ter saído, meu senhor.- falou ele pesaroso, buscando ervas, para colocar em meu ferimento.

Tão logo ele saiu e Yasmin, totalmente esquecida de sua reclusão voluntária, aproximou-se de mim, cheia de preocupação.

Tomou de um de seus lenços e rasgou-o, apesar de meus protestos. Com ele fez uma tipóia e uma atadura para meu ombro. Mais do que suas providências, sua proximidade fez-me um bem , que eu mal podia avaliar.

Eu estava a sentir seu hálito bem perto de mim

Ela lavara-me o ferimento, meus pés e minhas mãos, e começou a fazer suas orações, na sua língua tão melodiosa, que eu me senti amparado,

como se tivesse nos braços de minhas mãe. Lembrei-me de sua revelação, e senti uma ternura muito grande por ela. Ela tocava de leve o ferimento, enquanto orava com fervor:

_ Onde aprendeste a orar deste modo tão fervoroso? - perguntei, incapaz de ficar quieto diante dela.

_ Em Jerusalém, senhor. - falou-me com tanta naturalidade que dei um salto.

_ Conheces Jerusalém ?- perguntei admirado.

_ Sim, faranj.

_ E como ela é ?

_ É uma cidade cheia de luz e sombras, com caminhos encantados, lindas mesquitas, todas de ouro, sinagogas frescas e acolhedoras.

_ E as igrejas cristãs ? Viste alguma, ou as passagens de Jesus ?

_ Não me atraíram, faranj. Achei-as muito vulgares, parecendo túmulos para vivos e mortos.

Quis zangar-me, mas, por um momento, achei que ela dizia aquilo para acicatar-me, e dei uma gargalhada.

_ É a primeira vez que escuto seu riso, senhor. Deveria rir mais vezes, quem sabe ficaria curado mais depressa.- comentou ela, como se não desse importância ao meu gargalhar.

_ Desculpe, não ria de você, mas da animosidade que tem pelo que me importa.

_ Não tenho animosidade alguma, senhor, antes dou minha opinião sincera.

_ Como pode falar tal coisa de um lugar santo ?

_ Pode ser até santo, senhor, mas me parece a degradação do amor divino.

A proximidade dela me fez pensar que eu estava celibatário há tanto tempo, que me sentia um miserável. Comecei a me sentir um pouco enfeitiçado por ela. Eu não era um homem como Francisco, o álcool me tirara de vez os freios e o desejo carnal me invadiu. Não era bem um desejo carnal. Eu desejava aquela alma tão diferente da minha, que parecia não compreender o porquê daquela nossa peregrinação.

_ Não podes entender o centro de minha devoção. - falei, pensando em buscar motivos para atingi-la.

_ Amais a Deus, nós também .- disse ela. - Isto deveria ser suficiente, para que evitássemos a todos tantas mortes . Não sei dizer ao

certo o que sinto, faranj, mas se amamos a Deus, devemos ser como ele é, serenos, silenciosos, livres e pacíficos.

As palavras dela eram tão semelhantes as de Francisco há pouco, que eu tive um sobressalto. Ela o sentiu e afastou-se um pouco.

— Por favor, não te assustes. Fala-me mais do que pensas, de minha devoção, e da Cidade Santa.

— Muita coisa aconteceu e está para acontecer, senhor. Por isto te digo que se ocupardes a Cidade Santa, deveis fazê-lo sem contar os outros como inimigos. Parece que estais com a chave, para a solução de toda esta miséria. Melhor é parar já com tantas mortes. Nenhum de nós pode pensar, seriamente, que Deus deseje esta guerra santa.

Sua proximidade me perturbou mais um pouco e ela recuou mais ainda.

Os nossos planos para tomar Jerusalém me pareceram, naquele momento, ridículos e anti cristãos.

Os olhos de Yasmin me fitavam, como duas chamas de fogo. Estendi-lhe as mãos, toquei-a e era como se um choque a tomasse.

Puxei-a para mim e ela se encolheu nos meus braços, falando:

— Cuidado com teu ferimento, faranj.

Sentia vergonha de atraí-la daquele modo, sentia-me um presunçoso, mas ela se acolheu no meu peito com tal ternura, que a abracei, como se a pudesse quebrar ao meu toque.

— Insultas a minha honra. - ela disse, quando lhe tirei o véu.

— Já vi teu rosto, já te conheço e agora passo a te amar.

Seus olhos assustados pareciam penetrar em minha alma.

Dei graças a Deus por Felipe ter saído, e por não ter retornado.

Ao lado dela, minhas fortificações foram todas destruídas. Eu sentia uma felicidade imensa, por poder tocá-la, por ela permitir que tivéssemos um encontro tão inusitado, quase impossível.

Silenciosamente, ela permitiu que eu a desnudasse, embora estivesse um pouco retesada e tremesse da cabeça aos pés.

Esqueci as dores que sentia do ferimento, e percebi seus olhos brilhando, à luz das velas.

Lembrei-me que a fé me levava àquela região, lembrei-me que ela era síria, e que não podia estar ali, que se fosse descoberta sua vida não valeria nada, e de como dissera que, pelo simples fato de ver seu rosto a macularia, pelo simples fato de comer com ela, também lhe faria mal,

porém não conseguia entender aquele sentimento que saía do meu coração, e percebi que nosso encontro era uma questão da alma, não do corpo, não do momento.

Quando nos saciamos de estar juntos, ela se recompôs e falou :

_ Tu me deixarás. Eu morrerei.

_ Não !- falei com veemência.

_ Assim será.- falou com tranquilidade. - Estou feliz.

Estava tão séria que desejei novamente guardá-la junto ao meu peito, porém, neste momento, Felipe bateu à porta.

Ela se levantou e abriu o ferrolho, cobrindo novamente o rosto.

Quando ele se aproximou de mim, para ver meu ferimento, descobriu que ela cuidara disto e olhou-nos impressionado.

Ela voltara a orar por mim, na sua linguagem inconfundível e estranha.

_ Aconteça o que acontecer, jamais a esquecerei. - concluí, pensando em levá-la comigo à minha pátria

E comecei a imaginar um meio de levá-la comigo, quando retornasse à minha pátria.

CAPITULO XI- ILUSÃO



No dia seguinte eu me sentia bem melhor, de forma que compareci ao conselho. Vincenzo estava lá com seus homens.

_ Vejo que estás melhor. O encontro com Francisco realmente causa milagres. - comentou ele.

Eu sabia que devia minhas melhoras, à noite que passara com Yasmin.

Pela manhã, ela preparara uma pasta com uvas secas e pão para nós, mas nada falou. Toda a vez que a olhava, ela baixava os olhos, e eu me senti um pouco miserável.

As discussões entre os cruzados foram acaloradas. O rei João insistia, com muitos argumentos válidos, de alguém que conhecia muito

bem a região e os meandros do poder, na dinastia seljúcida:

— Al Kamil é o mais importante dos irmãos. Se ele oferece Jerusalém, podemos ficar com isto felizes. O que nos interessa é a Terra Santa, as relíquias do Cristo, podemos nos dar por satisfeitos. Será difícil conquistarmos Damietta, quase impossível que possamos dominar todo o Egito, e há mais de um século as lutas prosseguem, com perdas de vida e de riquezas incomensuráveis, de várias linhagens da nobreza.

Os nobres alemães e francos concordavam com ele.

Até os barões da Inglaterra faziam coro com o rei João, forçando que deveríamos aceitar as ofertas do sultão.

— De nada nos valerá estes acordos, se não tivermos Oultrejourdain.- falava Pelágio, naquele seu modo antipático, autoritário e teimoso.

O chefe dos Hospitalários concordava com ele, acrescentando:

— Não viemos de tão longe, para fazermos acordos com estes infiéis. Devemos lutar até havermos expulsado todos, ou enviá-los para o Inferno, que é seu lugar.

Nós conhecíamos a intransigência daqueles clérigos soldados. Sabíamos da truculência de sua ação, como eram combativos, valentes, mas também como eram ferozes, não parecendo, de forma alguma, representantes de Deus, e sim um exército de assalto.

Notícias circulavam, dando conta finalmente da intercessão de Frederico II, com uma nova cruzada armada, seguindo para o oriente, e muitos viam nisto motivo para não aceitarem a oferta do sultão.

— Ele já nos fez uma oferta antes, e, enquanto estudávamos sua proposta, atacou-nos miseravelmente- comentou Pelágio, querendo forçar uma definição dos nobres a seu favor.

— Não respondemos à sua proposta, e isto pode ter sido interpretado como uma falta de interesse.- falou Vincenzo, e isto deu o que pensar.

O cardeal espanhol percebia como era antipático a todos, e como João era mais popular, ainda que ambos não fossem grandes estrategistas.

O patriarca de Jerusalém também não desejava acordos, pois al-Mu'azzam houvera destruído a maioria dos castelos da Cidade Santa, e economicamente ele se sentia prejudicado:

— Eles quiseram a Jirhad, pois agora que a suportem ! - falava ele de forma tão veemente, que senti desmoronar meus sonhos de paz, de levar

Yasmin comigo, para a França, de uma vida diferente daquela que estava tendo.

O ferimento me fizera pensar, mais uma vez, na fragilidade da vida terrena e na possibilidade da morte. Guilherme perecera, alguns de meus homens eu assistira morrer, dando-lhes apenas algum conforto moral.

Muitos homens estavam há anos nas lutas, eu estava há pouco tempo, mas já me sentia cansado daquilo tudo e a expectativa de uma vitória, de um acordo havia me dado tantas esperanças, que aquela reunião, onde todos estavam contra apenas duas cabeças praticamente, parecia um absurdo.

Pelágio era o que era, um representante do Papa, mas também um espanhol, com profundo rancor pelo domínio dos mouros, em sua pátria. Os Hospitalários eram guerreiros rancorosos também, e teimosos, profundamente ligados ao poder e ao dinheiro, e, com isto, as forças dos nobres eram abaladas, como se o próprio Papa ali estivesse, na figura dos aguerridos soldados.

Para minha tristeza, os italianos penderam para o lado de Pelágio, o que acirrou-me contra Vincenzo, cuja amizade, até então, eu prezara.

— Estamos ganhando.- dizia um- Não devemos recuar agora. Se o sultão faz-nos esta oferta, é porque admite que pode perder muito mais.

— Senhores, quem sabe a presença de Francisco, sua conversa com o infiel, e a interferência divina nos amparam, a fim de que possamos terminar com estas lutas acerbadas.- argumentava o rei João.

— Só falta dizer que estiveste com o próprio Cristo e é Ele quem te dá as ordens.- disse de maus modos o cardeal.- Pois eu te digo que fui divinamente inspirado, e sei que logo teremos os muçulmanos sob nossos pés. É isto que o Cristo deseja, e é o que tem prometido a este representante do Papa.

Eu não podia crer ! Pelágio era um lunático, um fanático, um louco, mas apelar daquele modo, como se fosse um profeta, imbuído de poderes , acima de nós todos, era uma jogada demais perversa, inacreditável.

Meu Deus ! E eu, que podia esperar tudo daquela nossa reunião, passei a duvidar da sanidade mental do cardeal.

Quantas vezes, em minha longa jornada espiritual, eu veria cenas semelhantes , eu testemunharia os argumentos bestiais de pessoas imbuídas

da prepotência, típica dos ditadores pequenos e grandes do mundo, nas mais díspares situações.

Quantas vezes, eu ouviria afirmações tão levianas e lunáticas como aquela, em rostos tão firmes, decididos como os daquele homem, que, sendo pouco mais do que nós, se fazia um direto representante de Jesus.

Quantas têm sido as vezes, desde aquele dia, até os dias de hoje, em que ouço e vejo rostos impermeáveis ao menor senso crítico, passarem-se por donos da verdade, atacando reputações, forçando resoluções, impingindo a falsa informação de suas almas hipócritas, mentirosas, incoerentes e interesseiras. E tudo, em nome do Deus, do Cristo, ou do que quer que coloquem como escudo de suas falsas alegações.

Como se não bastasse, surgiram boatos acerca de um bárbaro, que estaria nos apoiando, ou quiçá nos pudesse causar algum dano. Seu nome era Gengis Khan e dizia-se que, por onde passava, nem a erva mais rasteira voltava a brotar.

Parecia que Deus deixara nascer naqueles dias as piores criaturas de que se tinha notícia, e a religião virava pasto aos instintos mais animalescos das criaturas.

Quando a reunião terminou, para minha tristeza, a vontade de Pelágio sobrepujara nossos argumentos.

A oferta do sultão não fora aceita, e tudo continuava como antes.

Eu, que comparecera entusiasmado ao evento, retornei ao meu posto abatido e triste.

Tão logo me vi a sós com Yasmin, comentei parte do que assistira.

Ela observou meu abatimento e respondeu:

— Eu lhe avisei, faranj, que a batalha não terminaria, com a aceitação das ofertas do sultão.

— O que lhe dava esta certeza?- perguntei-lhe, vendo dissipar dentro de mim o sonho de partir com ela.

— Para os italianos não lhes interessa ganhar o interior, onde não há grande comércio. Eles desejam o ouro que podem conseguir em Damietta, que é mais próximo do mar. Mais do que a religião, faranj, é o ouro que dirige as pessoas.

— Você, então, duvida de nossos desejos religiosos, de nossos ideais ?- perguntei-lhe de chofre.

— Não duvido, senhor conde, mas mesmo meu povo também luta esta Jirhad, porém nossos dirigentes têm os olhos voltados aos postos de

segurança e aos acordos, que lhes garantam dinheiro e poder.

Vivíamos em relativa calma, permitindo a todos que tivessem seus cultos, mas aí os homens de ferro vieram em levadas sucessivas, tudo ficou inseguro, tudo ficou triste, violento, como se Deus já não existisse para todos. É assim que vejo, faranj. Por isto, tinha certeza de que a guerra continuaria. Também o sabia por algo íntimo, algo dentro de mim, que me fala mudamente dos eventos que vou passar, das coisas que estão por vir.

Seus olhos expressivos pousaram nos meus, sem fugir como das outras vezes, e continuou:

_ Deus é amor e os homens não deveriam se matar em seu nome.

_ As mulheres da minha terra, não teriam esta visão, se aqui estivessem. - deixei escapar inadvertidamente.

_ Como são as mulheres de sua terra, faranj?

_ Elas são mais passivas do que você, me parece, pois, embora esteja sempre coberta, e pareça obediente aos homens, percebo que tem idéias livres, pensa por sua própria cabeça.

_ Penso, mas nem sempre posso emitir minha opinião, fazendo-o somente quando me pedem, faranj. Mas sei ler e escrever, aprendi outras línguas, meu pai me permite conhecer muitas coisas, mas jamais posso decidir sobre mim. Se eu puder voltar aos meus, por certo, serei condenada à morte, pelo que passei aqui.- falou ela com uma tristeza que me fez sentir uma culpa imensa.

Meu sonho , estar com ela, amá-la era um castigo, pois lhe custaria a vida, pelo que ela deixava transparecer.

_ Você estava certa. A luta continua.- falei desanimado.

_ Gostaria muito de haver me enganado, de ser uma das mulheres de sua pátria.- disse e suas palavras eram tão tristes, que senti pena de que nós dois estivéssemos ali, incapacitados de lutar, pelo que sentíamos.

_ O seu bispo,- disse ela - não pode impedir a força do seu cardeal.

Fiquei admirado que ela soubesse sobre o bispo Jaime de Acre, que tudo fizera para que o acordo do sultão fosse aceito.

_ Seu líder tem um rosto que faz pensar nas suas determinações, como as únicas que ele aceita. É ruim para qualquer grupo ter uma pessoa, que não sabe ouvir as propostas alheias, nem é flexível às mudanças.- falou ela de novo.

_ Onde viste o bispo e nosso cardeal ?- perguntei-lhe.

_ Escondida em seu refúgio , às vezes observo algumas pessoas que circulam perto dela, sem ser vista. Vi o bispo e o cardeal, e Felipe me contou quem eram, e o que faziam. Temo por vós, desde que vi o vosso líder, mas tenho orado por vossa vida.

_ Não te macula orar ao teu Deus, por alguém que combate o teu povo ? - perguntei com uma certa animosidade.

Yasmin baixou os olhos , mas disse:

_ Peço a Deus por tua vida, e nem careceria disto, já que ele sabe ler no meu coração e sabe que é o que desejo, que possas voltar à tua pátria, são e salvo, e que possas ser feliz.

_ Tenho pensado em levar-te comigo, no meu retorno.- falei, observando que minhas palavras lhe causavam um leve rubor.

Ela pareceu controlar a própria emoção, dizendo:

_ Infelizmente não será assim, faranj.

_ O que te dá tanta certeza ?- perguntei com simplicidade.

_ As conversas e orações que faço diariamente, faranj.

Yasmin preparara na mesa baixa uma refeição para mim, e percebi que, aos poucos, ela passara a cuidar de mim, em lugar de Felipe, que parecia delegar-lhe aquelas tarefas. Havia como que um acordo tácito entre ambos. Meu bom Felipe parecia entender o quanto aquela rapariga me fazia bem, o quanto me acalmava e fortalecia, durante aquelas marchas e batalhas.

Sentei-me no chão, para tomar a refeição ali arranjada com capricho e carinho, mas ela não comeu comigo. Lembrei-me que aquilo a macularia, e senti o quanto lhe fora sacrificial entregar-se a mim, e por quais razões o fizera.

Naqueles dias, o cardeal enviou uns espiões seus a observar Damieta, e os mesmos voltaram com informações de que as muralhas tinham alguns pontos mal guarnecidos, e ele acreditava que não resistiriam a um ataque surpresa, naquelas circunstâncias.

Sabíamos que não haveria discussões. Os italianos estavam a seu favor, o rei João prometera auxílio, e, deste modo, os barões e nobres ingleses e francos estavam em desvantagem.

No dia seguinte, todos se apressaram para o ataque, que se deu, sem grandes dificuldades. Realmente, ultrapassamos a muralha exterior e depois a muralha interior.

Com mais facilidade do que imaginávamos, adentramos a cidade, que trazia uma atmosfera pesada e triste, pois a maioria de sua população jazia doente..

Os militares e a população não somavam mais do que três mil pessoas, e haviam mortos espalhados e por enterrar, de vez que os vivos não tinham nem forças para fazê-lo.

Nós não havíamos logrado vencer os inimigos, mas a doença fizera o trabalho por nós.

Os homens vibravam com isto, crendo que Deus atacara com a peste os nossos inimigos.

Um cheiro nauseabundo cobria tudo, com os corpos em decomposição espalhados por toda a parte. Tratamos de enterrá-los, e queimamos parte dos corpos, e o cheiro forte nos abatia, pelo que representava.

Nossas tropas se apoderaram dos tesouros e da comida abundante, que havia na cidade. Era quase inacreditável que, com tanta abundância, os moradores intra muros estivessem tão debilitados.

O cardeal anematizou aqueles que se apoderassem de objetos e utensílios, mas mesmo com suas maldições e o poder investido pelo Papa , muitos soldados se locupletaram , aproveitando o momento vivido.

Umas três centenas de homens, entre os mais ilustres, foram separados, as crianças, em avantajado número, foram batizados e enviadas em barcos para a Itália, onde serviriam à Igreja, e o restante da população foi feita escrava e vendida.

Começaram as discussões sobre quem comandaria a cidade e a quem ela pertencia.

A maioria queria entregá-la ao rei João, por conhecer-lhe os maneirismos militares, até as ordens militares davam razão a ele, e quando o bispo informou que ele regressaria com suas tropas ao Acre, caso Pelágio de Santa Luzia insistisse em tomar posse da cidade, este, cheio de malícia, aceitou que João reinasse, até que Frederico II da Alemanha chegasse com suas tropas.

Decididas as causas ligadas à cidade e às pessoas que lá estavam, começou-se a armar novas investidas, e parte da tropa seria enviada para um ataque a Tanis, na foz do Nilo, alguns quilômetros a leste.

Eu estava entre os que foram escolhidos, com os homens sob meu comando, mais um contingente de francos e normandos, para seguir até

aquele porto. Os italianos ficaram muito revoltados por não terem sido convocados, pois haviam chegado há pouco e estavam aguerridos, querendo ação a todo custo.

Houve discussões acaloradas entre seu contingente e as ordens militares.

Vincenzo estava de tão mau humor, que me disse à face, que seu grupo estava sendo miseravelmente enganado pelos demais:

— A maioria teme nossa participação, porque sabe, de antemão, que somos os melhores.- gritou-me enraivecido.

Não quis discutir com ele. Parti, contudo, para Tanis, levando comigo Yasmin. Contava conseguir fazê-la passar para o Cairo, onde ela me dissera tinha conhecidos, que a poderiam levar em segurança para a Síria, de volta à sua família, ainda que o Cairo fosse um de nossos objetivos de ataque.

Mas, como o mesmo estava demorando, ela teria meios de seguir para lá, já que o irmão de Al-Kamil, al Mu'azzam, pretendia seguir logo para a Síria, e ela poderia seguir com ele. Aquelas eram as informações que eu conseguira com meus homens, e que regateava com os demais, por que meus interesses divergiam dos deles, na segurança da mulher que eu já amava, mas que sabia não poderia levar, para a minha terra.

Já fora difícil levá-la conosco, como se fosse um rapaz, e que me servisse, procurando protegê-la de acompanhar-me nas lutas.

Eu poderia contar com alguns servos de confiança que a levariam de barco, através do Nilo, e ela conhecia pessoas da guarnição das muralhas, que a passariam com segurança.

Conversei longamente com ela, falando-lhe de minhas disposições, pois se ela fosse encontrada em minha tenda, ou em minhas novas acomodações na cidade, por certo, seria feita prisioneira e vendida como escrava.

— As mulheres sempre são escravas, desde que nascem, mesmo aquelas que são rainhas ou esposas de emires, califas e sultões. - falou ela com tristeza.

— Já foste casada ?- perguntei de chofre, pois sabia que em seu país as mulheres são dadas em casamento cedo.

— Ia casar-me, meu pai acertara tudo.

— Amas aquele que será teu marido? - perguntei com emoção.

— Os homens devem casar e a mulher dar-lhes filhos. É o desejo de Deus, não importa se amam ou não. É da lei. Mas agora não poderei mais casar-me

— Não insista nesta idéia de que te matarão, se eu te enviar de retorno à tua casa. Isto me faz muito mal.

— Todos nós estamos condenados à morte, faranj. No meio do meu povo, talvez ela seja mais amena, talvez não. Às vezes perde-se a sensibilidade à dor, ao primeiro golpe.

— Se continuares a falar deste modo, deixarei de pensar em devolver-te à tua família. Falarei ao bispo Jairo em confissão sobre ti, e pedirei que te batize e nos case, assim poderás partir comigo.

— Não receberei o teu batismo, faranj, nem mesmo por amor de ti. Seria uma hipocrisia e sou muito sincera. Perdoa--me.

— Seguirás comigo, então. Que Deus me ajude a tomar a melhor decisão a teu respeito, pois sinto que a responsabilidade de tua vida repousa em minhas mãos.

— Temos responsabilidade de nossas vidas, faranj, mas é Deus quem decide. Jamais imaginei que cairia como prisioneira dos homens de ferro, e sempre achei que, se um dia estivesse em vossas mãos, meu destino seria a morte. No entanto., senhor, estou viva e sentimentos novos me visitam a alma, sentimentos que jamais pensei conhecer, de vez que vos tinha em conta de homens que não mereciam consideração. Tens sido bom para mim, e, digo melhor, tens sido muito melhor para mim, do que aqueles de minha raça, e isto me tem ensinado um pouco de humildade, no trato com as pessoas. Meu pai é um homem de princípios, mas sua vida não foi fácil. Ele era o primogênito e quase foi morto por seu irmão caçula, por efeito da herança paterna. Isto o deixou muito desprendido dos bens, embora um tanto amargo. Ele me ensinou que as pessoas de nossa família são as mais importantes, depois vêm as de nosso povo, mas, quando há hipocrisia no trato das criaturas, o sentimento não conta mais.

O senhor tem sido sincero, bom e atencioso comigo, como jamais imaginei que um invasor pudesse ser, e outras disposições me tomaram a alma. Queria servir-vos, seguir convosco, mas seria uma traição a mais aos meus, e não sei se meu pai agüentaria saber disto. Ele já está bastante abatido com suas conclusões sobre o poder, a riqueza e as ligações familiares e afetivas, a ponto de me dizer , nos últimos dias em que

estivemos juntos, que não desejaria estar no céu, com Alá, porque acreditava que ali só encontraria com criaturas hipócritas.

Deste modo, faranj, peço que me leves contigo, porque não posso ficar aqui sozinha, e, nesta viagem estarei vestida como um dos teus servos, até que possa reassumir minha identidade.

Oremos para que Allá me leve pelos caminhos escolhidos por Ele, já que me tirou dos caminhos que eu aceitara, antes de vos conhecer.

Foi, deste modo, que ela partiu comigo, em direção ao porto de Tanis.

Somente parte da guarnição seguiu para a conquista da nova cidade, enquanto muitos ficavam em Damietta.

Quando chegamos, não havia mais ninguém nas fortificações e mesmo dentro da cidade. Sua população, muito assustada, havia fugido, e, deste modo, retornamos com imenso saque, o que redundou em mais brigas e discussões, pois, feita a partilha, os italianos se julgaram enganados.

A cada dia se ampliava a dissensão em nosso grupo, e nem poderia ser diferente, já que a ambição do poder comandava cada facção, e as atrabiliárias ordens do cardeal punham todos em estado de desamparo .

Como se não bastasse tudo isto, o envolvimento espiritual que nos cercava e sufocava, resultado direto de nossas ações bestiais, ceifando vidas e usurpando bens, mantinha-nos num estado deplorável de prostração e irritabilidade.

Quantas vidas teríamos no futuro, cheias de sofrimento moral e material, até que cumpríssemos todo o périplo de colheita obrigatória, em nossas encarnações.

Deus, que ajuíza melhor quanto fizéramos, possa nos amparar, no cumprimento de suas leis, reintegrando-nos com amor.

Estávamos imantados a legiões de desesperados, nossa situação material não era das melhores, e não avaliávamos bem as contingências daquele momento histórico.

Apesar da maioria de nossas tropas ser constituída de cavaleiros aguerridos, prontos para o combate, com corcéis preparados e adestrados para as lutas, embora tivéssemos cada um de nós um grupo afinizado e servos prestimosos e dedicados, nossa situação não era das melhores.

As relações se deterioravam, homens seviciavam os prisioneiros e tinham relações sexuais entre si, as disposições mentais e espirituais eram as mais baixas possíveis.

Tínhamos tido também casos de canibalismo em nossas tropas, e muitos prisioneiros haviam sido emasculados.

Vivíamos sob o guante de um rebaixamento moral e mental típicos, com a conseqüente diminuição de nossa auto estima.

Na verdade, nos envergonhávamos de nossas próprias atitudes, nos surpreendíamos com nossa capacidade de rebaixamento espiritual, do dilapidar de nossos valores mais intrínsecos.

Fato que sempre ocorre, nos momentos difíceis da vida individual e coletiva, o testemunho que se é exigido, nestes momentos, é sempre falto ou falho na maioria das vezes.

Cada um de per si, e todo o contingente, como um único corpo, estávamos doentes psiquicamente, envoltos em vibrações e fluidos deletérios, e sob o peso terrível do remorso e da consternação.

Mas, é nestes momentos mesmo de dificuldade, que cada ser dá testemunho do padrão moral que adquiriu, e das disposições mais altas de sua alma.

Infelizmente, a maioria de nós só vivia para amealhar dívidas sobre dívidas e dores sobre dores.

E o que se seguiu foi a conseqüência inevitável de nossos próprios atos, logo após a tomada de Tanis.

CAPITULO XII-AMOR E RAPTO



A confusão foi terrível, mas Pelágio quis aproveitar o triunfo, e, diante dos exércitos formados, falou com muito ardor:

— Meus irmãos, Deus quer que tomemos o Cairo, Deus quer que tomemos todo o Egito. Até aqui nossos exércitos têm saído vitoriosos, em todas as suas investidas. Sei que muitos morreram, mas eles têm um lugar no Paraíso, ao lado do Cristo, e isto é o máximo que uma alma pode já desejar. Conseguiremos tudo o que almejamos, porque Deus está conosco, e porque o Papa nos informou que o rei da Geórgia caminha para nos

fortalecer ainda mais. Teremos ainda o apoio do Prestes João, e um novo aliado no oriente, Genghis Khan. Também a rainha Thamar está arregimentando um imenso exército, para nos apoiar.

Uma carta me chegou do papa Honório III, e nela S. Santidade diz que logo teremos o concurso do rei da Alemanha e da Sicília, Frederico e seu exército de Hohenstaufen.

Diante do entusiasmo do cardeal, a tropa ovacionou-o a plenos pulmões.

Porém, os italianos tinham a convicção que as nossas vitórias só tinham sido possíveis, pela participação de Francisco.

As conversas que corriam a respeito punham Pelágio muito enraivecido contra o frade humilde, e também contra o grupo de Vincenzo.

Com tudo isto, na espera de novas tropas, adiava-se cada dia mais a invasão ao Cairo, e as rivalidades entre o rei João, Pelágio, os italianos, as ordens dos Templários e as dos Hospitalares crescia dia a dia.

Os espiões davam notícias que al-Kamil montara em Talkha seu acampamento, e, se tivéssemos então, atacado logo o Cairo, nossas tropas sairiam vitoriosas.

Mas, pelo contrário, os hospitalares brigaram tanto com os italianos, que os expulsaram da cidade.

O inverno logo chegaria, e resolvi com alguns homens, com desculpas de espionar o inimigo, levar Yasmin o mais próximo possível do Cairo, para que ela pudesse ter o amparo de seu povo.

Como eu era amigo de Vincenzo, contavam comigo para apaziguar os ânimos dos italianos, pois o rei João não os queria fora da cidade.

No Plano Espiritual, um grupo que vinha socorrendo as almas dos mortos, que mais de um século vinham se digladiando pelos princípios religiosos, muitos dos quais até hoje ainda pagam, em novas encarnações, alto tributo aos seus desatinos, procuravam, com o amparo de Jesus, terminar de vez com aquelas lutas cruentas.

Francisco fora enviado pessoalmente por Jesus, junto a Iluminatto e outros frades, e era verdade que a interseção do Alto foi que abrandou o corações dos muçulmanos, fazendo com que pensassem num cessar das hostilidades.

No entanto, o representante papal era irredutível. Por mais que se tentasse modificar-lhe as resoluções, a dureza de seus pensamentos obstinados e inflexíveis, mais as hostes dos padres soldados, membros dos

Templários e Hospitalários, impediam a atuação séria dos prepostos do Senhor.

Diante disto, Jesus, profundamente entristecido, ordenou que, daquele momento em diante, quando tudo pendia a favor dos que se intitulavam cristãos do ocidente, as disposições se invertessem. Já que não buscavam acordos, já que não visavam senão a destruição e o lucro, sendo mais duros que aqueles que diziam ser infiéis, eles conheceriam a colheita imposta aos infratores de suas leis amoráveis.

Outra seria a História da Humanidade se tivéssemos atacado logo o Cairo, ou tivéssemos modificado nossas atitudes.

Mesmo que Pelágio fosse impedido de continuar agindo da forma como vinha agindo, as idéias da maioria de extermínio e violência, nos colocavam à mercê da intervenção do Alto, para que fôssemos, de algum modo, alertados para a colheita, que seria nossa.

Corria o ano de 1220 e o rei da Geórgia foi atacado, quando rumava para nos apoiar, num total desencontro de nossos acordos, pelas hostes do exército de Gengis Khan. Aqueles mongóis aguerridos, acostumados às intempéries da natureza, rijos no combate, destruíram até o último ser vivente, atacando-os na fronteira do Azerbaijão.

Também o exército da rainha Thamar, foi totalmente destruído. Havia sido feita a análise das vidas daqueles nossos aliados, e foram todas ceifadas, sem que esperássemos.

Por outro lado, o exército da al-Kamil morria de fome, atrás das muralhas do Cairo.

Segui com meus homens, evitando o contato com tropas que às vezes patrulhavam a região, fugindo dos espias, com a única finalidade de chegar ao Cairo, e entregar minha preciosa prisioneira aos seus .

Durante um pernoite, enquanto repousávamos , eu acordei e, como não conseguisse mais conciliar o sono, fui até o sentinela , posto em posição estratégica, para ver se tudo estava bem.

Estava inquieto, ansioso, e julguei que isto se dava pelo número exíguo de homens que eu levava comigo, já que não podia expor Yasmin ao contato daqueles em quem eu não podia confiar.

Encontrei o guarda adormecido, e tive um rompante de acordá-lo e exprobrar-lhe a atitude desleixada, que poderia custar nossas vidas, mas um vulto surgiu ao lado dele, e pensei que um inimigo nos iria abater.

Atraquei-me com o homem que via, e, no entrevero, visualizei seu rosto à luz da lua, e percebi que sua cota de malha era idêntica àquela que eu usava.

Num susto medonho, mal pude exprimir-me, enquanto sentia o sangue gelar-me nas veias:

_ Guilherme de Chartes !- gritei.

O fantasma, tangível como se vivo fora, segurou-me o pulso, e a espada caiu-me da mão, enquanto eu também tombava de joelhos, como se as forças das pernas me fugissem.

_ Hervé, meu amigo, conde de Nevers, antes jamais tivéssemos empunhado a espada, para virmos derramar tanto sangue, em nome de Jesus.- ouvi-o dizer com uma voz tocada pela angústia.- Estou no Inferno, meu amigo, o meu ferimento não cessa de sangrar e doer. Onde o paraíso prometido àqueles que se alistaram para esta Guerra ? Só escuto gemidos, meus subordinados se arrastam, acusando-me de não os socorrer. Foge, Hervé, enquanto podes, pois não sei o que seria pior: morrer ou cair nas mãos do inimigo vivo.

Eu o ouvia tão cheio de terror, que mal conseguia registrar mentalmente suas palavras. Muito tempo depois é que, ao recordar-me do fato, elas viriam, pouco a pouco na memória.

Queria me mexer e não conseguia. Percebia vagamente que o guarda continuava adormecido, mas adquiri uma certeza, a de que precisava sair dali, a de que corria perigo.

Estendi a mão para tocar Guilherme, pois, de repente cheguei a acreditar que não morrera, tão tangível se mostrava, naquele momento, mas ele desvaneceu no ar, e o guarda acordou de chofre, meio estremunhado, envergonhando-se que eu o tivesse encontrado a dormir.

Eu estava aturdido, ele meio tonto, como se alguém o tivesse golpeado. E ficamos alguns instantes perplexos, quase sem registrar que estávamos um perto do outro. Foi ele quem quebrou o silêncio, dizendo:

_ Senhor, perdoa-me. Tive um mal súbito. Senti-me cercado pelos nossos companheiros mortos, e um torpor me tomou de assalto, de tal forma, que pensei que também morreria. Como pode ser isto ? No instante em que deveria estar mais desperto, parecia vítima de um sortilégio que me enregelava as veias.

Foi com dificuldade que a palavra retornou-me à garganta, e eu lhe disse:

_ Bruno, não viste ninguém aqui ?
_ Ver quem, senhor ?- perguntou ele, dando um salto e olhando ao redor.

_ Não ouviste nada ? Havia alguém perto de nós, alguém que me falou, que me avisou que poderíamos ser aprisionados.

_ Senhor, me perdoa. Eu perdi os sentidos.
E o pobre sentinela, sabendo que poderia ser castigado, acrescentou:

_ Talvez eu tenha pego a peste, que sei ? Não podia ficar com os olhos abertos, e só me vinha à vista as figuras dos mortos. Acho que eu delirava.

_ Não deliravas. Eu também os vi, ou melhor, vi um deles, que me falou e me tocou. Chegamos a lutar, quando percebi que era Guilherme de Chartres, grão Mestre dos Templários.

Os olhos dele se arregalaram. Percebi que fora melhor que não contássemos a ninguém o que tínhamos visto.

Pedi-lhe que buscasse um outro, para ficar em seu lugar, e prometi que não seria punido.

Enquanto ele ia a obedecer minhas ordens, uma angústia apoderou-se de meu coração. Acreditei que aquela sensação se devesse ao susto do que eu acabara de vivenciar, mas procurava buscar uma explicação para o que me ocorrera.

Pensei em falar com meu confessor particular, tão logo tornássemos, e tinha certeza que ele teria explicações sobre tudo aquilo.

Lembranças de conversas em minha infância sobre aparições e outras, que eu sempre levei à conta de imaginação ou histórias do povo, para assustar as mentes incautas, me vinham à cabeça.

Tentei racionalizar, mas a sensação de angústia persistia. Acreditei que deveríamos fazer rezar uma missa, pelos mortos, em nossa posição ocupada, e pensei em falar ao bispo de Acre, para conseguir isto, pois era a idéia que me pareceu ideal, naquele momento.

No entanto, a angústia deu vez à ansiedade e à preocupação. O guarda não tornava com outro, e de repente, senti que havia mais alguém perto de mim. Nem tive tempo para me voltar, quando um golpe me atingiu a cabeça.

Quando acordei, estava manietado, com muitos dos meus num acampamento muçulmano. Tentei falar, perguntar dos outros de minha

guarnição, mas fui levado à presença do chefe daquele grupo. Um intérprete que falava até bem minha língua, queria a custo que eu contasse sobre nossas disposições, mas a cabeça ferida me doía terrivelmente.

Uma coisa, contudo, estava me amarfanhando a alma :

_ Onde estaria Yasmin ?

O aviso de Guilherme, ou o que quer que tivesse sido aquilo, a aparição fantasmagórica que antecederia o ataque à minha pessoa, fora real.

Bruno não retornara e tudo levava a crer que todos meus homens houvessem ou perecido ou sido feito prisioneiros.

A responsabilidade que eu sentia por suas vidas, fez com que encontrasse lucidez e coragem para barganhar com meus contendores:

_ Que é feito dos meus homens, que notícias me dão deles ? Porque, se os houverem chacinado, nada mais terão de mim, nenhuma resposta ou acordo.- falei com uma certa altivez, que não condizia com a situação em que me encontrava.

Mais do que por eles, contudo, era com Yasmin que eu estava preocupadíssimo.

Meu interlocutor sorriu, ao ouvir as palavras que o intérprete lhe referia, e respondeu com um sorriso indefinível:

_ Todos os seus homens estão a salvo, e muito bem de saúde. Inclusive a mulher que os acompanhava também. Está muito bem e eu pessoalmente cuido do bem estar dela.

A referência tão direta a Yasmin, e a maneira como ele me olhava fez com que algo desabasse, dentro de mim.

Yasmin fora descoberta. Era tudo o que eu entendera, era tudo o que eu temia, por assim dizer.

As perguntas se sucediam, e eu apenas informei que estava levando a síria para o Cairo, junto aos seus amigos, e que, após have-lo feito, retornaria aos meus alojamentos, dentro de Tanis, sem dar maiores explicações quanto às disposições de nosso contingente.

A tudo eu respondia com evasivas, e o homem se irritou comigo, dizendo que eu não estava colaborando com ele, e que iria sofrer as conseqüências de meu gesto.

Saíram e eu fiquei ali, manietado e dolorido, com a cabeça a sangrar, sem conseguir encontrar uma saída para aquela tragédia, que se abatera sobre mim e meus homens.

Pensava neles, em mim e em Yasmin, num descontrole e desespero atrozes.

CAPITULO XIII - REVOLTA



É amargo ser prisioneiro, sem saber o que pode ser feito, para conseguir libertar-se, mas mais amargo é saber que os homens que haviam confiado em mim também estavam manietados, alguns talvez mortos, pois não havia notícias concretas deles, e tudo por um capricho meu, por haver querido levar Yasmin à sua família, entregá-la no Cairo.

Lembrava-me que o intérprete me falara sobre uma tortura que me fariam, jogando-me no óleo fervente, se não informasse quantos homens estariam em Damietta, com quantos cavalos e arqueiros contávamos, com quantas torres de assalto, enfim, se não desse notícia sobre tudo o que estaríamos planejando fazer e como.

Eu podia perceber que a situação dos meus inimigos não estava tão boa, como imaginávamos. Mas, ao invés de responder, numa teimosia surda a qualquer raciocínio, perguntara-lhe de chofre sobre a mulher que eu levava comigo:

— É de família importante da Síria e eu a estava trazendo para esta cidade, a fim de libertá-la. Antes não o tivesse feito, parece que ela é uma maldição, - falei intencionalmente, tentando assustar meu intérprete e seu chefe. - pois, se a tivesse mantido presa, não estaria agora nestes apuros.

O rapaz à minha frente, com seu turbante escarlate e amarelo, traduzira o que eu dizia, e o outro deu um riso de desdém, dizendo :

— Verei o que farei com ela, se é mesmo quem você diz ser. Mas, se tem amor à pele, é melhor detalhar tudo o que desejo saber.

— Primeiro me informe o que foi feito da mulher, pois prometi ao meu Deus que a deixaria sã e salva, por uma visão que tive dos mortos, e não posso faltar com a palavra, ao meu Deus e aos meus mortos.

A minha resposta, dita num tom de profunda sinceridade e firmeza, deram ao meu inquiridor um instante de perplexidade, e respondera com um certo respeito:

— A mulher está bem, e seguirá com uma escolta junto ao emir para a Síria. Agora não penses que, pelo fato de haver preservado a vida de um de nós, terá de mim qualquer benevolência. Melhor que medites esta noite quanto ao que me deves dizer, porque senão amanhã desejarás jamais haver nascido.

Eu fiquei sem entender ao certo, porque ele desistira de continuar me pressionando. Talvez fosse algum temor por um homem que dizia falar com seu Deus e ver os mortos, talvez fosse mesmo uma interseção divina, mas aquilo só me deu um pouco de descanso, pois sabia que estava em posição delicada, quase desesperadora.

Lembrei-me da visão de Guilherme, e um tremor instintivo me tomou de assalto. Olhei para o ambiente onde me encontrava, uma sala rústica de alguma vivenda. Ative-me a ouvir os rumores que vinham de fora. Passos na noite, palavras que eu não sabia traduzir, vozes masculinas, o relinchar de alguns cavalos, não longe dali. A luz da lua filtrava por uma janela no alto, eu quase podia vê-la. Estava amarrado a uma estaca no chão. Onde estariam meus homens? Por que não percebêramos a presença dos atacantes? Por que Guilherme não me avisara ?

A visão ainda me causava uma sensação mista de medo e curiosidade. Então, os mortos podiam vir nos ver, falar-nos de onde estavam e o que sentiam ? Não fora isto que eu vira ? Lembrei-me da descrição das vitórias na I Cruzada, quando os soldados voltaram relatando que uma névoa cobrira o acampamento inimigo e o campo de luta, e que os cruzados haviam avançado para a nuvem, e ,estando imersos nela, muitos viram seus amigos e parentes mortos, falaram com eles, abraçaram-se, e, depois os turcos, sem nenhuma explicação lógica, haviam fugido. Fora em Antióquia, sempre tão importante estrategicamente, nas batalhas e conquistas do passado.

Enquanto misturava os relatos ouvidos e o acontecimento que antecipara meu aprisionamento, comecei a tentar desamarrar as cordas que me prendiam os pulsos.

Meus esforços me causavam dores nos dedos e nos pulsos, pois não conseguia utilizar os dedos para soltar as amarras, que pareciam bem presas, com muitos nós.

Comecei a me amaldiçoar pelo sentimento que nutria por Yasmin, mesmo agora que sabia que ela finalmente caminharia para sua felicidade, como eu desejara. Mas me culpava dolorosamente de minha perda e da de meus homens, que não a conheciam, não tinham se enrabichado por ela, e, portanto, não tinham culpa nenhuma do ocorrido.

Imaginei que no acampamento haveriam de imaginar que havíamos sido feitos prisioneiros. Lembrei-me que um acordo envolveria a troca de prisioneiros, em ambos os lados, e isto me deu algum conforto momentâneo, pois sabia que o cardeal, uma mula, não queria acordos.

As tentativas infrutíferas de me soltar foram causando um sentimento de impotência e fragilidade. Pensava em Yasmin, pensava em meus homens, pensava em minha família, tentava entender o encontro com o fantasma ou a alma de Guilherme, e tudo produzia um imenso cansaço em mim e uma revolta surda. Comecei a maldizer Deus, que não cumpria com a promessa feita a nós, fazendo Guilherme ditoso no Paraíso, Deus, que colocara a mulher em meu caminho, e que não me ajudava a levá-la em segurança, pela caridade que lhe fazia, que não havia me protegido e aos meus, pois estávamos perto de conseguir nosso desiderato, sem havermos, até então, cruzado com nenhum grupo infiel. Cheguei a falar em voz alta, tamanho era meu desespero, e depois me calei.

Pelo silêncio, no local onde me encontrava, presumi que haviam poucas pessoas por perto, que, se fosse um fortim, uma fortaleza, haveria mais ruído, mais barulho, música oriental, preces em grupo, risadas, que sei eu ? Mas tudo estava silencioso demais.

Eu não sabia, então, que a fome rondava os muros, mas eu mesmo estava faminto, cansado, nervoso, e não via meios de sair daquela situação.

Teriam morto o sentinela, ou apenas o haviam golpeado, como a mim ?

O sangue continuava a cair da minha cabeça e a roupa estava empastada por ele. Isto me causava profundo mal estar. Yasmin não me saía da mente. Se ela estava em segurança, junto dos de seu povo, por que eu continuava a pensar nela ? Amaldiçoei sua lembrança, sua presença em minha vida, para, em seguida, voltar a pensar com revolta e encanto em sua pessoa. Nunca me sentira tão envolvido por alguém, em toda minha vida.

Lembrei-me de Francisco e de Vincenzo. Teriam eles alguma noção do que me ocorrera ? Logo amanheceria e o que iriam me fazer, o que decidiriam meus algozes ? Ouvira coisas tão estranhas a respeito deles,

se bem que o mensageiro que eles nos tinham enviado, um franco, não contara nada sobre atrocidades, nem parecia estar maltratado. A simples idéia de ser torturado me colocava em estado de tamanha angústia e tensão, que me atrapalhava o juízo.

Por que Deus não nos ajudava ? Afinal, não havíamos nos arriscado, para libertar do jugo estrangeiro os locais sagrados ? Onde estava Deus, que não vinha em nosso socorro ? Por que ele não afastara Yasmin de meu caminho ? Por que tinha que encontrá-la ? Sentia-me doente do corpo e da alma. A posição sentado no chão, com as mãos amarradas para trás, causavam-me grande desconforto. A cota de malha pesava tremendamente. Onde estaria Felipe, meu bom e querido servo ? Onde estaria Francis e Bruno ? Queria tomar um pouco de água, mas não havia ninguém ali para me atender. Logo estaria dentro de um caldeirão de óleo fervendo. Estava sujo e aflito. Fiquei com receio que não pudesse controlar minhas entranhas , e fizesse ali mesmo minhas necessidades fisiológicas, ficando na imundície.

E, se eu morresse no dia seguinte, nem receberia a extrema unção. Eu não era um católico fanático, nem fervoroso. Eu tinha até um certo laivo de ateísmo em mim, quando me punha a raciocinar as leis do Clero. As crenças básicas do Catolicismo rezadas em todas as missas, sempre me causavam um momento de reflexão desagradável, totalmente incoerente. Mas pensar em Jesus, nas passagens de sua vida, pelo contrário, me acalmavam o ser e me faziam adentrar campos de meditação incríveis. Pensei o que diria em confissão, as mulheres que desejara em minha vida, as mortes que provocara, e a mulher síria, insuportavelmente minha. Se alguma vez tivera dúvidas daquela peregrinação, se ela fora decretada por Deus, ou pelo orgulho dos homens, por sua ambição, eu já não sabia. Apenas maldizia fazer parte dela.

Os pensamentos me enfureciam, ao invés de me acalmar. Os pulsos estavam macerados, à força de tentar soltar-me. Como dormiria ali, sentado, sem nenhum apoio à cabeça ?

Sentia um desespero devastador. Cheguei a pensar que estivesse com febre e delírios.

Tive desejos loucos de cantar melodias de minha infância, na Provence, como se isto me pudesse acalmar a alma.

Como é bom andar,
Correr pelos campos,

colher as flores,
Deitar na relva,
Mergulhar no regato.
Como é bom amar,
Ser amado,
Rir como criança,
Cantar como os pássaros.
Como é bom
Meu lar, e minha pátria,
Como é bom,
Ver a lua e adormecer,
No meu prado.

Ocorreu-me também algumas canções hilárias, de um humor funéreo, que, quando menino, cantava para espantar minha aia, que se persignava toda e se benzia, fazendo vir minha mãe em seu socorro, com as admoestações em uso.

Fechei os olhos e parecia ver as cenas de minha meninice descuidada. Por que não ficara em minha terra ? Por que tinha que vir àquele inferno em que vivíamos, naquelas terras estranhas ?

No entanto, aqueles cenários da foz do Nilo haviam produzido em mim um sentir diferente de tudo aquilo que eu conhecia, até então. Tinha saudades daqueles locais, e me perguntava, como era possível ter saudades de algo que se desconhece. Provavelmente, logo estaria morto e seria julgado pelas pessoas que conhecera. Amar-me-ia Yasmin, ou me odiaria por have-la feito prisioneira ? Ganhara a indulgência naquela peregrinação, mas não a proteção e me perguntava se, no dia seguinte, eu estaria no fogo dos Infernos, no Paraíso, ou no caldeirão de óleo fervendo do infiel ?

A cabeça começou a andar à roda. A porta se abriu e um soldado entrou, com a roupa característica dos turcos, e eu senti um certo medo, mas ele tomou um punhal e cortou-me as amarras. Jogou ao chão uma esteira e falou algo que eu entendi:

_ Durma.

Nem pude lhe agradecer. Tanta coisa havia acontecido, mas minha vida continuava incerta.

Ajeitei-me como pude, no chão, e logo adormeci.

Acordei com o ruído de faíscas de uma fogueira e vozes de homens, meio guturais, falando baixo.

Levantei-me e procurei um meio de alcançar as janelas, para olhar fora. Ela era alta, gradeada, e, pelo fato de me haverem soltado as mãos, imaginei que conseguiria chegar à ela.

Despi-me da cota de malha. Minha cabeça cessara de sangrar.

Com muitas tentativas e dificuldades, tendo, por fim, usado a malha e a esteira, para saltar de um ponto um pouco mais alto, consegui, finalmente, segurar as barras de ferro da janela. Fui, com isto, erguendo meu corpo, até que pudesse olhar lá fora.

Longe um casario se delineava ao luar, e perto da minha janela, muitos homens, à volta de uma fogueira conversavam.

Logo os reconheci, pelas maneiras um tanto grotescas, pelas vestes em frangalhos, tão diferentes da vaidade no vestir dos outros membros da civilização árabe. Eram os mercenários, que eu já ouvira referir. Eram os tafurs, que, pelo ouro, tanto lutavam ao nosso lado, como contra nós.

Vi que estavam se alimentando. A princípio pensei que o cheiro de carne devia ser de ovelhas e cabras, mas, à luz da lua, num momento, visualizei algo meio dantesco. Eu não queria acreditar, mas um homem mordida algo e mastigava, algo que eu percebi que não era um pernil, pois não havia uma pata, ao final da perna, mas os pés de um ser humano !

Ele mordida e passava adiante, ao outro, que também mordida e passava adiante.

Quando consegui ver com clareza, caí ao chão, despencando da janela. Eu não podia crer ! Aqueles homens estavam comendo um outro ser humano ! Senti meu estômago revirar de ânsia incontida.

A fome devia ser muita, para que aqueles homens estivessem comendo seres humanos ! Se eles eram capazes disto, o que não estaria à minha espera, ao amanhecer ?

A porta novamente se abriu e pensei em me atirar, livre como estava, sobre quem adentrava meus aposentos, e só não o fiz, porque uma voz minha conhecida, murmurou:

— Faranj, não vos assusteis. Sou eu, Yasmin. Vou ajudar-vos a fugir.

Mal me dei conta que levantara-me e a abraçava, cheio de júbilo.

— Os guardas...- murmurei.

— Vossos homens já estão com os cavalos, e há uma passagem aberta, uma porta ao sul. Eles vestem roupas árabes, mas o senhor, terá que

partir com as suas, como se fosse prisioneiro deles, sob escolta. Veste tua malha, anda !

Eu devia estar tendo mais alguma visão - pensei.

Mal podia imaginar que os cristãos, os caiotas tinham auxiliado a jovem a me salvar e aos meus homens. Havia armado uma cena de traslado do prisioneiro principal, para o palácio do califa, mas nos passariam pela muralha.

Logo me vestia, enquanto ela me conduzia até o cavalo. Abraçou-me e agradeceu-me por tudo.

Senti que não mais a veria. Olhei a cidade que estava meio oculta pela escuridão. Caminhei por ela, no meio do casario estreito e diferente, seguido de perto por meus homens, que traziam estandartes negros e escarlates do sultão.

À nossa passagem, um ou outro vulto observava. Quem nos conduzia sabia o terreno, conhecia-o .

Chegamos a uma porta e ele deu a palavra de código. Saímos na noite, dando galope aos cavalos, de retorno ao nosso acampamento dentro de Tanis.

Eu corria o mais velozmente que podia. Queria fugir do perigo, queria fugir de rever Yasmin, queria fugir de mim mesmo. Fizemos poucas paradas. Nelas reví meu querido Felipe, Francis, Bruno, os demais.

Mas estava emudecido, como se uma enorme perda me fizesse de repente ensimesmado, sofrido.

Felipe cuidou do ferimento na cabeça, colocando-lhe algo que o fez arder.

— Não está com aspecto bom, mas fora alguma perda de cabelo, creio que logo estará bom. Também não tem febre.

Eu queria perguntar-lhe detalhes, saber de Yasmin, mas, por uma estranha razão, não conseguia falar.

— A síria ficou lá. Não se preocupe com ela, senhor, pois ela é esperta e tem amigos dentro dos muros, que saberão encaminhá-la. No mesmo dia de sua chegada, foi presenteada com roupas muito belas, eu mesmo a vi com elas. Também, pelo fato de falar nossa língua, e ter estado no acampamento, se torna preciosa, pelo que pode descrever de nossas tropas.

Além disto, vi que conhece alguém que é chegado ao sultão, e isto a fará uma hóspede especial para eles.

Era aquilo que eu desejava ouvir, que ela estava bem, que não corria perigo, mesmo tendo nos auxiliado na fuga.

— Um grupo de soldados cristãos é que arriscou seu pescoço para nos soltar, senhor, e não ficou nenhum de nós. Nestas horas, já devem ter dado conta de nosso sumiço, mesmo que tivéssemos o cuidado de fazer adormecer os guardas, com uma fumaça especial que lhes preparei. Devem ainda estar sonhando com haréns e com delícias.- comentou, Felipe a rir.

Pensei que minha revolta, os sonhos estranhos que me haviam povoado a mente, durante o meu pequeno dormir, no quarto onde me haviam aprisionado, também podiam ter sido resultado da fumaça.

Lembrei dos tafurs com um misto de nojo e um arrepio de medo, mas aquilo não fazia parte dos meus sonhos. Aquilo era real e eu me perguntei se eles comiam os corpos dos amigos ou somente dos inimigos.

Falei a Felipe que dormiríamos algumas horas, somente para dar descanso aos cavalos e um pouco ao corpo, e que seguiríamos de retorno a nosso exército sem mais delongas, ou paradas. Cavalgaríamos mesmo dormindo, presos à montaria.

E foi o que fizemos, sem nem mesmo pensar em buscar Vincenzo e os outros.

Dormi sobre meu animal, e sonhei que estava sendo devorado vivo pelos tafurs. Yasmin queria impedir e lágrimas lhe caíam dos olhos. Yasmin olhava sem poder fazer nada.

— Eu vos amo, faranj.- ela dizia.

E eu acordei, com o sol a nascer, mostrando as muralhas da cidade que albergava nossos amigos. O frio estava forte e eu pensei onde andaria Vincenzo e seu grupo, expulsos pelos Hospitalários.

Lembrando-me que Francisco contava partir, quando havíamos saído da cidade, antes de tudo o que acontecera, eu me inquiri se ainda o veria.

Chegamos estafados, porém ao menos nenhum dos nossos havia perecido, e podíamos dar conta de coisas que ocorriam dentro das muralhas do Cairo.

Pelo que nos fora dado conhecer, a situação do sultão não era tão agradável, como imaginávamos. Comentei com o bispo de Acre o terror, o espanto que se apoderara de mim, ao ver a maneira como aqueles terríveis guerreiros, os tafurs, se alimentavam. O bispo, que era um paladino entre os seus contemporâneos, não pareceu surpreso com minhas descrições,

antes mostrou-se um tanto entediado, não era ele tão palavroso quanto Pelágio, e saiu-se com um comentário, que tinha a pretensão de ser jocoso:

_ Não lhes louvo o paladar, mas sei que são excelentes guerreiros. Melhor seria que os pudéssemos pagar e te-los a nosso lado, ainda que tivéssemos que lhes modificar o menu.

_ Meu bom prelado parece fazer chacota com minha idiossincrasia, quanto ao paladar daqueles homens, porém, como homem de Deus, acredito que terá sempre muita aversão aos seus costumes.

_ É claro, meu nobre Hervé,- disse ele- apenas queria que não ficasse tão impressionado, pois eu já sabia do que me contou, e Pelágio deve ter ouvido referir. Há de usar isto no seu palavreado, para munir-se do terror, levantando a tropa e comandando-a ao seu bel prazer. E deixa de te mortificar pelo que viste, senão perderás o apetite e não aproveitarás o suficiente estes dias de sossego, antes dos próximos combates.

Tendo confessado com ele, e lhe contado sobre Yasmin, tudo ouviu com tal mornança, que parecia que eu lhe estava a referir coisas de somenos importância.

Fiquei um tanto decepcionado, mas depois avaliei que, se falasse ao cardeal, talvez até fosse excomungado pelo Papa, a pedido dele.

Ele me absolveu dos meus pecados, mas isto não impediu que eu mantivesse, a maior parte do tempo, a lembrança daquela mulher, em meu pensamento.

CAPITULO XIV- CRIME E CASTIGO



O rei Leão II, rei da Armênia, morrera e fora nomeada sua sucessora a pequena princesa Isabella de 4 anos. Sua outra filha era Estefânia, esposa de João de Brienne, que, com isto, solicitou ao Papa permissão para abandonar a cruzada e visitar a Armênia. Suas brigas homéricas com Pelágio o desestabilizavam, no comando do exército, já que

o outro tinha plenos poderes do Papa para decidir, e, com isto, ele acabou partindo para o Acre.

Com sua partida, eu me senti ainda mais só, em nossa posição ocupada. Os italianos haviam regressado de seu exílio involuntário, apesar de haver animosidade entre eles e os Hospitalários.

Soubemos que, durante a viagem de João, quando este se passava para a Cilícia, sua esposa veio a falecer. Comentava-se que ele a maltratava, e, para sua perda maior, logo o filho de ambos a seguiria. Com isto, ele perdia totalmente a força, para se tornar rei da Armênia.

Esperei com ansiedade que ele retornasse ao Egito, pois era o único com condição de fazer frente a Pelágio, mas tal não se deu.

Espiões davam conta do avanço de al-Mu'azzam em Cesaréia, e que ele atacara o forte dos templários em Athlit. Por causa disto, os templários tiveram que sair a pressa, e o rei João deixara seu exército pronto. O cerco se iniciara em março e durou até novembro, quando o califa partiu para Damasco.

Damasco era a pérola do Islão, a Síria sua jóia mais preciosa, e, embora ficássemos em Damietta, grupos saíam em sortidas, pensando em atacar caravanas ricas, e logo chegaram até nós dois emissários de Frederico II e outra equipe de italianos, liderados pelo arcebispo de Milão. Eles chegaram para dar forcas a Pelágio para uma invasão ao Cairo. Eu atestara a fragilidade dos haveres no campo inimigo, só que os nobres continuavam a desejar o rei João como líder na empreitada, e Pelágio não se conformava com isto.

Muitas eram as nossas saídas, quando atacávamos as caravanas, apesar de os muçulmanos manterem esquadrões de guardas armados e treinados, para nos interceptar e dar algum tipo de segurança aos mercadores.

Numa das sortidas de Vincenzo e seu grupo, eles ficaram ausentes meses. Como os soldados do Papa, na ordem dos Templários e Hospitalários lhes fossem contrários, e como as lutas com os nobres ingleses, franceses e alemães persistissem contra os homens de Pelágio, eu me esqueci totalmente deles.

Além disto, Francisco já partira, quando eu retornei ao grupo, e isto enfraqueceu um pouco meus vínculos com os italianos.

Enquanto isto, chegavam galés, chefiadas por Matheus, conde de Apúlia, e isto punha mais força nos comandos de Pelágio.

Aos poucos, al-Kamil reforçava sua marinha e no verão uma esquadra descia o braço Roseta do Nilo. Navegou até Chipre, e, tendo encontrado em Limassol uma esquadra cristã, atacou seus barcos e os afundou, capturando alguns., e fazendo milhares de prisioneiros.

Os espiões haviam avisado Pelágio do fortalecimento do sultão e de suas manobras, mas ele não lhes deu importância, crendo que al-Kamil não se recuperaria tão cedo.

Com este desagrado todo, mais cruzados se apressaram em retornar à casa, mesmo com a confirmação do Papa da chegada de Frederico II, que era seu pupilo. No entanto, as promessas de Frederico vinham se arrastando há mais de cinco anos, e, com isto, o Papa alertou Pelágio que aceitasse qualquer acordo de paz com os infiéis, já que não pretendia lhe enviar mais ouro.

Em acampamento, desde que chegara, o pensamento em Yasmin, a lembrança de como fora corajosa nos soltando da prisão, nos resgatando a todos, e o que isto representaria em perigo para ela, as recordações de nossas conversas e dos momentos que havíamos tido, me deixavam em estado de abatimento e mau humor constantes. Um desânimo tomava de assalto toda a energia sonhadora que eu trouxera. Pelágio e suas ordens atribuladas, Vincenzo que se ausentara novamente de Damietta, o Cairo à nossa espera, a partida de Francisco e seu grupo, deixando-nos um tanto órfãos, tudo me depauperava.

Enquanto isto, Vincenzo se albergara num oásis perto das margens do Nilo, e de lá saía em sortidas furtivas, às caravanas de víveres e mercadorias.

Numa de suas investidas, ele aprisionou alguns soldados do califa, que escoltavam uma jovem, a caminho da Síria. Ele junto de Rafael havia visto a jovem, quando se banhava numa das margens do Nilo, e a seguiram, chegando a descobrir a moradia em que se abrigava, durante a noite.

Durante o dia seguinte, ambos ficaram projetando um ataque surpresa, pois haviam decidido que a iriam seqüestrar.

E, tal como haviam planejado, agiram, na noite escura, alcançando a propriedade, burlando os guardas, subindo a sacada de seu quarto, invadindo-o e tomando-a como prisioneira., retornando à toda brida ao seu acampamento, cheios de alegria por sua vitória.

A jovem, alvo do rapto dos dois, não era outra senão Yasmin, cujo destino parecia tramar contra ela, mais uma vez.

Ela lutara bravamente, mas nada pôde fazer, e, deste modo, encontrou-se amarrada na tenda de Vincenzo.

Olhou-o surpresa, pois reconheceu que pertencia, de algum modo, ao mesmo grupo do qual fora liberta por mim.

Vincenzo tentou conversar com ela, mas a jovem fingia não entender o que ele dizia, nem lhe mostrou que sabia falar meu idioma. Ele estava profundamente comovido com o fato de have-la seqüestrado, e tentava entender seu silêncio e comunicar-se por gestos.

Sempre que a fitava ela desviava o olhar e sempre se encolhia, com medo dele. Seus imensos olhos negros o punham pensativo. Ela se escondia a um canto, sentada, com duas velas à sua frente, o véu no rosto, as mãos cruzadas sobre os joelhos.

Ele a poderia ter à força, mas não queria que fosse assim. Ansiava por tocá-la, por poder abraçá-la. Há quanto tempo não via uma mulher ? Quantas seus homens haviam seviciado durante os combates ? Por que não podia também agir daquele modo ? Por que o olhar dela o paralisava ?

O mais próximo que havia chegado dela, fora quando lhe dera de comer. Colocara o alimento à sua frente, mas ela não o tocara. No entanto, quando saíra ela havia comido tudo.

Sua peregrinação era sempre recheada do inesperado, da surpresa, mas aquela mulher parecia que já conhecia de longa data. Ela deveria ter algum feitiço que o atraía para ela, desde o início, já que o assalto à casa só tivera o objetivo de a cativar, e para que, já que não a podia ter ? Era até provável que tivesse colocado em risco a vida sua e de seus homens, porque, se ela era importante para os infiéis, eles a buscariam até encontrá-la e talvez se vingassem.

Quem sabe, era a esposa de algum vizir ou emir, ou sultão, e, neste caso, sua vida não valeria nada.

Enquanto isto, me recuperando ainda do ferimento na cabeça, profundamente triste, numa daquelas noites, sonhei que Yasmin estava amarrada numa tenda e que me pedia ajuda. Acordei meio desesperado, como se o sonho fosse real. Estive deitado muito tempo, a pensar nela, mas meus devaneios eram interrompidos com os cuidados pelo grupo de Vincenzo, o que achei absurdo.

Comecei a voltar-me para mim mesmo, lembrando como idealizara levá-la comigo de volta à França, e quais os pensamentos que ela teria a meu respeito. Teria ela as mesmas preocupações que me acicatavam a alma, a mesma saudade que estava me atormentando ?. Por que teimava sempre em dizer que a matariam, como se isto fosse uma certeza quase divina? Recordei como eu a cuidara e ela me cuidara, de como a salvara e ela me salvara. Que sensibilidade invulgar aquela peregrinação fizera nascer dentro de mim. Eu me sentia transbordante de ternura e, no entanto, uma sensação de perda me acicatava a alma. Alegria e saudade, doçura e medo se misturavam dentro de mim.

Enquanto isto, temendo um assalto, Vincenzo tratava de mudar o local de seu acampamento, colocando mais guardas se revezando como sentinelas. Lúcio, Bartolomeu, Rafael, e muitos outros, espreitavam seus encontros com a mulher síria, e tratavam de pegar um intérprete, que raptaram, para que ele pudesse falar com a mulher.

A alegria que sentiu em finalmente poder saber algo daquela jovem misteriosa, foi indescritível. Fez com que o homem entrasse e ordenou que mantivesse a cabeça baixa e, em nenhum momento, olhasse para a rapariga. Estava cheio de ciúmes dela.

Com muito custo, pode ouvir-lhe a voz, naquele tom harmonioso, no seu linguajar cheio de mistério. Ela se dizia chamar Yasmin e ia ao encontro de sua família na Síria, para se casar. Tinha parentes e pedia que ele a soltasse, ou a devolvesse àquelas pessoas que a guardavam.

Pedi que a deixassem ir, em nome do Deus, em que acreditávamos.

Vincenzo podia sentir o tremor de sua voz, mas também a firmeza de suas palavras. Por mais insistisse em saber algo mais sobre ela, a mulher se negou a responder mais qualquer coisa, e o intérprete foi temporariamente dispensado.

Meu amigo lhe providenciara frutas da região e refrescos, bem como pão. A síria comeu, porém novamente não diante dele. O intérprete explicou que a mulher se sentiria desonrada, se comesse diante de um cristão. Aquilo lhe pareceu absurdo. Lembrou-se como as raparigas de sua cidade o disputavam, como desejavam sua companhia, e aquela mulher agia como se ele fosse um verme, um dejetos. Jurou que a haveria de conquistar. Principiou em servi-la com o melhor em alimento, mas ela

comia o necessário, deixando o que não queria, entregou-lhe presentes em objetos e tecidos, perfumes e colares, que ela recusou, sistematicamente.

Aos poucos, contudo, deu de perceber que o fitava às vezes. Descobriu, sem querer um dia, enquanto ela orava, que tinha os pés mimosos e conseguiu algumas babuchas, que ela aceitou, pois fora raptada sem sapatos. Era o primeiro presente que ela aceitava, o que lhe causou alguma emoção.

Os dias iam se passando. Ele saía e deixava alguém tomando conta dela, e Yasmin começou a se preocupar com o que lhe aconteceria, se ele um dia não tornasse, já que sabia que ele a respeitava e protegia.

Quando ele tornava, ela sentia um alívio fundo. Seus dedos se tocaram a primeira vez, quando um dia ele lhe entregava um caldo que quase entornara. O movimento fora instintivo, mas Yasmin corara.

Um dia, ele adentrou o recinto e ela esquecera de cobrir o rosto com o véu, quando percebeu o modo extasiado como a fitava, fugiu para um canto desarmada.

Aos poucos, ela passou a desejar sua presença e ele só se sentia bem ao seu lado.

Um dia, ele chamou o intérprete e perguntou-lhe se ela conhecera mais alguém cristão em sua vida.

Yasmin a princípio não quis dizer nada, mas depois pediu que o intérprete saísse. Começou a falar-lhe em francês e com tal encanto, que ele entendeu quase tudo prontamente.

Contou-lhe, então, que estivera prisioneira e que me conhecera e que me amava, e que sabia que ia morrer por isto.

Vincenzo sentiu uma raiva imensa por minha pessoa. Então eu a escondera, então eu a amara, eu a devolvera à sua gente e ela me salvara ? E tudo sem que ninguém tomasse conhecimento ?

No íntimo, jurou que a teria, que seu amor seria dela e ela o amaria mais do que a mim.

Numa das sortidas, Vincenzo demorou a retornar e Yasmin começou a ficar preocupada, depois agitada, por fim o desespero tomou conta dela, quando Rafael irrompeu no ambiente, dizendo que o haviam perdido do grupo e que alguns de seus correligionários haviam sido mortos.

Rafael tentava explicar em italiano, que ela mal sabia, mas percebeu ou adivinhou o que ele queria lhe contar.

Quando horas depois Vincenzo chegou, ela caiu ao chão, chorando feito uma criança. Aquilo o encantou e aproveitou-se para tocá-la, para abraçá-la

Devagar ele foi se fazendo de seu amigo. Falavam, ela em francês, ele em italiano, e iam se entendendo.

Uma noite de chuva torrencial, ele a havia levado para um oásis acolhedor, deixando seus homens no acampamento. Ela se abrigou em seus braços, e ele a teve, cheio de encantos.

No outro dia, que se abriu esplendoroso, cheio de sol e frescor, ele ainda dormia com a cabeça no colo dela, enquanto ela lhe dizia um poema de amor, em sua língua melodiosa, língua que escrevera os mais lindos poemas, os tratados matemáticos, os estudos herméticos, um conhecimento, uma sabedoria, uma literatura riquíssima que ela tão bem conhecia, e que nós ignorávamos, tendo-os à conta de povos bárbaros e medonhos. Que conhecimento, que música, que finura de filosofia havia nos povos que desejávamos subjugar:

_ Sou eu aquela que chegou sem ser esperada,
que foi colhida como num vendaval de imposições.
Sou eu aquela que escolheste,
mas que não te escolhera,
que foi aos poucos deixando que derrubasses
todas as fortalezas de sua alma.
Sou eu aquela que não viste,
mas estava perto de ti, e que seqüestraste,
quando ainda não te sabia.
Sou eu que vim de longe para te encontrar,
a ti, que de longe vens.
Sou eu aquela que te acolhe como um homem,
e te faz dormir como um menino.
Sou eu a mulher que Alá te pôs no caminho,
quando buscavas perseguir.
Sou eu aquela que jamais esqueces...

Estava ela ainda dizendo seu poema, quando Lúcio chegou à cavalo, entrando na tenda esbaforido:

_ Ah! Estás aí dormindo, enquanto nós somos atacados. Estás dormindo, e, enquanto isto, Bartolomeu morreu, eu quase fui feito prisioneiro, Rafael está gravemente ferido, e tu estás aí dormindo !

Vincenzo deu um salto, tratou de apanhar alguns de seus pertences e saíram à galope.

O susto fora tão grande, que, séculos depois, em pleno século XX, Vincenzo reencarnado nunca conseguia dormir, a não ser sob o efeito de comprimidos. Temia inconscientemente que, se dormisse, poderia acontecer uma tragédia, pessoas morreriam ou seriam feridas, por isto.

Retornou ao acampamento, que estava numa confusão medonha. Tratou de pegar os feridos, colocá-los em padiolas, e resolveu devolver a mulher síria no ponto onde a encontrara, e retornar às nossas fortificações.

Enquanto isto, Lúcio saiu com Mário e outros, a perseguir o chefe do ataque. Encontrou-o e cercou-o tenazmente. No areal, seus cavalos interceptaram a égua do inimigo, que caiu, arrastando-se na areia. Foi sob as patas de seu cavalo que Lúcio o destruiu completamente, numa fúria que beirava ao ódio, vingando-se da morte de Bartolomeu.

Vincenzo, com um grupo armado, buscou o local onde poderia encontrar Yasmin . Ela fora seguida e não sabia. Deste modo, os infiéis só aguardavam o retorno de Vincenzo ao oásis, para dar-lhe captura. Ele chegou e tratou de levá-la de volta ao local onde a raptara. Antes de chegar à propriedade de onde a levava com Rafael, foram cercados e, tiveram que lutar bravamente por suas vidas. No meio da luta, Yasmin foi atingida por uma seta, caindo do cavalo. Vincenzo a tomou nos braços, querendo ainda salvá-la, mas ela estava quase morrendo. Percebendo-o disse ainda:

— Foge, meu querido. E, se voltares ao teu acampamento, diz a Hervé, o Conde de Nevers, que o amei e que o levo dentro do meu coração, para o trono de Alá. Foge, pelas barrancas do rio...eu sabia que ...ia morrer.

Com esforço ela tirou suas jóias e pediu-lhe que as entregasse a mim.

Desesperado, Vincenzo teve que a deixar no areal, fugindo com seu grupo ao encontro dos demais, e seguindo pelas barrancas do rio, deixando para trás o corpo da mulher amada e seus perseguidores.

Era quase inacreditável que aquela jovem tivesse estado tão pouco entre nós, e mudado completamente nossas vidas.

Sua figura esguia e serena passara como um sonho, um prêmio, uma nova miragem, daquela expedição tão funérea.

Vincenzo não podia aceitar aquela perda, nem as últimas palavras dela. Onde o amor que pensava ter despertado naquela mulher ? Como é

que suas últimas palavras eram para mim ? Mas ele demorou muito tempo ainda, para me procurar e fazer as perguntas que lhe amarguravam a alma.

Não. Ele não podia acreditar no amor de uma mulher. Ela estivera com ele , se lhe entregara, mas, no final, suas últimas palavras eram para aquele franco ? Como teria sido o encontro dela comigo ? Quanto tempo teria durado nosso romance ? Perguntas mil lhe assediavam a alma, e a perda e lembrança daquela mulher o punham quase enlouquecido.

Quantos séculos se arrastariam, quantas experiências viveríamos, para novamente encontrá-la, para que pudéssemos tentar explicar nosso envolvimento com ela.

Quando finalmente ele veio ter comigo, para despejar todo seu amargor, revolta, nas perguntas a mim dirigidas, eu só podia entender que ela morreria, que eu a perdera e tive ímpetos de matá-lo.

_ Depois de todo o trabalho que tive para salvá-la, como você a raptou e levou à morte ? Como pode ser tão estúpido ? Tinha que sair por aí, em sortidas, como um doidivanas que pode decidir o destino das criaturas ?

_ Com que direito a tomaste para ti, sem permitir que soubéssemos de sua existência ? - contra-atacava ele com o mesmo desespero, que me tomava de assalto.

_ Com que direito, com que direito, senão aquele que Deus me deu, de zelar por ela, para que não acabasse morrendo nas mãos de algum maldito como tu.- gritava eu como um possesso.

Se não fosse a interferência de Felipe e de alguns membros de nosso grupo creio mesmo que o trucidaria com minhas mãos, tamanho era o desespero em que me via, com a notícia de que Yasmin houvera morrido.

Então, não fora isto mesmo, que ela vivia a profetizar ? Então, por que eu duvidara que seria daquele modo ? Tanto esforço, chegara a ficar prisioneiro, eu e meus homens, para levá-la ao Cairo, e ele a capturara e deixara morrer, sob as mãos mesmo daqueles que a deveriam levar, à salvo para sua família.

As jóias dela, nas minhas mãos, pareciam candentes, pois me queimavam os dedos.

Tive ímpetos de saltar sobre o italiano, e esmurrá-lo com tanta força como me sentia capaz, até deixá-lo morto ou tremendamente machucado.

Se não fora o bom Felipe a mandá-lo embora, comentando que Rafael precisava dele, eu nem me daria conta de que haviam feridos e mortos daquela desgraça, além da mulher síria que eu amava.

Eu não conseguia acreditar no que ouvira, olhava para as jóias, entre meus dedos, e elas pareciam gritar a verdade de que eu não mais veria Yasmin, e isto me punha quase louco.

Onde estava Deus, que não a protegera, por que tudo o que eu fizera fora em vão ?

Maldito Vincenzo, malditos italianos, que estavam sempre a fazer das suas, desobedecendo as ordens e os acordos, entre os diversos grupos.

Acabei por tombar no solo extenuado, depois de esmurrar inutilmente tudo o que encontrava pela frente, batendo os pés, e batendo em mim mesmo

Meu bom Felipe tomou as jóias que eu jogara longe e as guardou. Sabia que depois eu desejaria vê-las, para acreditar nas notícias que elas confirmavam.

Estive mal por muitos dias, sem me interessar por nada e foi com muita dificuldade que retomei as minhas obrigações, frente aos meus homens e a todo o contingente.

CAPITULO XV- COM O SULTÃO.



Na primeira visita que fizera ao meu pavilhão, Vincenzo chegara, a princípio como quem não queria nada; lembrava-me que trazia consigo uma pequena bolsa de couro, que me estendeu, sem nada dizer.

Eu tentara abraçá-lo, pois não o via há meses, percebi que estava mais magro e que trazia um ferimento à altura do pulso, mas era a expressão do rosto que me causava estranheza, por algo indefinido que eu pressentia, sem decifrar. Havia uma gravidade nele, uma espécie de prevenção contra mim, eu o sentia. Seu rosto tinha uma máscara de dor e, ao mesmo tempo, de mágoa, ressentimento contra mim.

_ A que vem isto ?- inquiri meio ressabiado, sem abrir a bolsa que me estendera.

_ Abra ! - quase ordenou, com uma certa animosidade.

Abri a bolsa e despejei seu conteúdo sobre a mesa que me servia as refeições. Meu susto não poderia ser maior. Diante de meus olhos as pulseiras, os colares e os anéis de Yasmin se viam com todo seu esplendor.

_ Onde encontraste estes objetos ? - perguntei quase a segurá-lo pelo pescoço.

_ Reconheces isto ? - foi sua resposta num tom que hoje reconheço ter sido de dor e de revolta.

_ Onde os encontraste ? - tornei a perguntar, praticamente adivinhando que a dona daqueles enfeites estaria provavelmente morta.

_ Ela pediu que eu os entregasse a ti, como prova de seu amor. - falou ele, como se aquele gesto lhe fosse demais sacrificial, sentindo que minha reação confirmava o que ela representara para mim.

_ Onde a conheceste ? O que é feito dela ?- inquiri, como quem não deseja ouvir a resposta que já sabia haver.

_ Numa de nossas sortidas, atacamos a caravana que a levava.- mentiu ele, sem contar que a seqüestrara especificamente.- ela se tornou nossa prisioneira, mas parece que era importante demais e, por isto, fomos atacados. Muitos de meus homens morreram, outros estão feridos, e ela também foi abatida, morrendo nos meus braços. Porém, como me confessara que estivera em nosso acampamento e que te amava, pediu que eu te entregasse suas jóias como prova de seu amor.

_ Miserável ! - explodi em desespero- Eu a resguardara, para que vivesse, e tu a levaste à morte !

Ele nada mais disse, pois me contar que a tivera, por certo, me faria ainda mais infeliz.

Falei ao capelão que acompanha as tropas, pois senti-me tão desesperado, que pensei até em dar cabo de minha vida. O capelão era um lorde entre os cavaleiros e tão bom e cheio de retidão, que era um homem que tinha mantido a moral de nossos homens, e um pouco de bondade em nossas atitudes, que foram se deteriorando à medida que avançávamos e o tempo passava. Tinha um sotaque provençal e trazia uma cruz de madeira no peito. Durante os combates, vestia-se como um dos nossos soldados . Ele me ouviu com atenção, depois comentou:

_ Apesar de ser uma infiel, vê-se que não era uma mulher depravada, nem vulgar ou má. Estás em benefício, apesar de te contaminares com ela, porque participas desta peregrinação sagrada.- falou ele, e tive ímpetos de responder-lhe com pelo menos meia dúzia de palavras cruéis, mas meu desânimo era tal, que nem isto pude.

_ Recebas o perdão de minha parte, porque não posso negar-te isto, conquanto devesse manter tua castidade. Agora pensa em não mais pecares, para seres bem visto aos olhos de Deus.

Senti-me ainda mais atormentado, conquanto o bom capelão não tivesse feito mais do que o que lhe ditava sua ordem. Que pena que Francisco não estivesse mais entre nós. Com ele, tenho certeza, a conversa seria outra.

A felicidade de ser o senhor de seus últimos pensamentos e desejos, me trazia uma alegria que era, ao mesmo tempo, abalada pela sua prematura morte. Interrogava-me, como se tudo aquilo fosse um pesadelo :

_ Será tudo verdade ? Terá ela morrido ? Amava-me tanto ? Por que o padre achava que eu pecara com ela ? O amor, então, era pecado ? Ela era inteligente e instruída. Na realidade, a conversação que mantivera com ela vinha-me aos pedaços, cortados como retalhos de momentos vividos, e o sexo não era a essência de nosso relacionamento. Se eu morresse em combate, poderia vê-la após a morte ? Não teria sido mais acertado que ficássemos juntos e escondidos, até que eu pudesse partir para a França ? O fato de eu me separar dela não teria causado, indiretamente, sua morte ?

O desespero tomava conta de mim. Felipe deu de estranhar meus modos, e só a muito custo, pude dizer-lhe que ela morrera, tal como havia previsto, mas ele, claro já sabia disto. Então, ele compreendeu meus modos meio sinistros, meu corpo extenuado pela dor, meu jeito taciturno, cheio de ressentimento com tudo e todos.

_ Vincenzo garantiu que a viu morrer ?- inquiriu ele.

_ Ele a deixou moribunda.- falei.

_ Então, ainda estava viva.- concluiu ele.

E uma esperança nasceu em mim.

Pelo acampamento, havia uma expectativa estranha, alternando momentos de euforia, a momentos de apreensão. Dizia-se que o sultão

estava sendo fortalecido, bem como seus irmãos, e esperava-se, a qualquer momento, novos barcos enviados pelo Papa.

Se tivéssemos, então atacado o Cairo, por certo, outro seria o rumo da História, mas Pelágio mantinha-se obstinadamente em suas mesquinhas lutas de poder, no acampamento e fora dele, João se ausentara, mas estava atento, os Templários e Hospitalários mantinham sua sede de poder e mando, voltando-se para os pobres, a auxiliá-los, dentro dos ditames de suas decisões e promessas, porém profundamente aguerridos e prepotentes.

Eu me alheava de tudo, até que, para cutucar as feridas de minha alma, procurei Vincenzo, a saber sobre como ela morrera, o que ele teria a me contar sobre ela.

— O que eu tinha para te dizer, segundo prometi a ela, já te disse.- falou-me de um modo tão azedo que senti que ele me odiava, e que o que fizera lhe era penoso.

— Quero saber mais. Conta-me como morreu, e o que conversou com ela antes disto.

Ele me fitou e seus olhos despejavam faíscas.

— Que desejás saber ? Fomos emboscados, quando decidimos voltar para o acampamento. Uma flecha a atingiu, bem no peito.

Caiu do cavalo que a levava, e eu tentei ampará-la, mas estava sangrando muito, estava morrendo. Foi quando tirou suas jóias e me pediu para te entregar, conde de Nevers. Isto demonstrou que ela não só te amava, como me pediu para te dizer, como que te conhecera muito profundamente, intimamente, devo dizer.

— Ela te falara antes de mim ?- inquiri como quem deseja sofrer ainda mais.

— Sim. Falou que fora tua prisioneira, que a soltaste, e que ela te propiciou a fuga, dentro do Cairo.

— Falou que eu a amava ? - perguntei ainda e ele estava prestes a explodir, quando respondeu :

— Eu já não deixei claro que sim ? Que mais desejás saber ? Para de reclamar de mim mais detalhes. Poupa-me. Acha agradável que eu rememore tudo aquilo pelo que passei? Logo estaremos tentando tomar o Cairo. Tu estiveste lá dentro, e poderias ter feito algo contra o sultão, mas não. Teu juramento só te levou a tentar soltar a prisioneira, pela qual juraste amor.

Perguntei o que ele queria dizer com isto, mas não quis acrescentar mais nada.

Tive então uma suspeita de que ele também estivera apaixonado por ela e lhe perguntei :

_ Quanto tempo ela esteve contigo ?

Ele me olhou e seus olhos se desviaram dos meus. Pareceu perceber onde eu queria chegar, com meu questionamento, porque encerrou de tal forma o assunto, que não tive como tocar novamente nele:

_ Ora, chega disto ! É um interrogatório ? Fiz mal em dar-te o recado, pois estás obcecado com esta mulher. Não contei os dias em que estive como nossa prisioneira, não tenho que lhe dar satisfações, já que ela não me foi confiada, para que a guardasse, e o que sei é que, se este assunto chegar aos ouvidos de Pelágio, tu poderás ser excomungado. Deixa-me em paz, que tais lembranças não me são agradáveis. Cumpri minha promessa para com a moribunda, e isto é muito mais do que ambos merecem !

_ Não a viste morrer. - falei.- A abandonaste.

_ Estava morrendo.- respondeu ele.

Eu tinha ímpetos de me pegar com ele, esmurrá-lo, obrigá-lo a me contar mais, falar se tivera algum tipo de relação com ela, mas Felipe me conteve, adentrando o recinto onde estávamos, e falando de chofre.

_ Eis que acaba de chegar ao porto um grande contingente de homens e barcos, sob o comando de Luís, o duque da Baviera. A cidade está um reboliço com os reforços, e Pelágio não cabe em si de contente. Temos que ir ao encontro do rei João, para avisá-lo do que ocorre, por que decisões muito importantes se darão a partir daí.

E, pelos céus, meu bom amigo tinha razão. A chegada do duque punha um novo elemento na guerra, e obrigava Pelágio a responder aos oferecimentos de acordos com o sultão. Se o cardeal espanhol ouvisse os conselhos do Papa, tudo terminaria naquele momento, com um acordo vantajoso para todos nós, mas a chegada do reforço com os inúmeros barcos, obliterou o juízo do comandante das tropas, e ele decidiu que deveríamos atacar.

Deste modo, tratamos de ir avisar ao rei João, pois sem ele nos sentíamos meio órfãos, diante da cavalgadura que era o cardeal.

Em todas as épocas, encontramos seres que agem como ele. Autoritários e insensíveis, se arvoram de representantes de Deus, de defensores da verdade, que não é senão a própria, dentro dos muros em que

se escondem, seja os muros da convicção política, religiosa, partidária, representando apenas o escudo, sob o qual se locupletam.

Um só Francisco, naquele século, para milhares de Pelágios, todos eles se arvorando de donos da verdade. Até hoje é assim.

A Espiritualidade, por incrível que possa parecer, utilizava o Papa, para tentar deter a arbitrariedade e impetuosidade de Pelágio e também o rei Frederico, que solicitara ao duque Luís que não atacasse, até que ele tivesse chegado.

Mas as trevas acordavam em ampliar ao máximo nossas dores, riam sinistras no banho de sangue que programavam.

E os dois homens importantes, naquele momento, para as decisões que se dariam, estavam surdos aos poderes dos céus.

Enquanto isto, Pelágio, apesar de ser totalmente contra qualquer tipo de manifestação, que não fosse ditada pelo seu fanatismo, resolveu ouvir as opiniões de um servo árabe que, contava-se, servira a Ricardo na juventude, e que teria poderes de adivinhação.

Imaginação fértil, este homem sabia como encantar quem o ouvia, com tamanhos salamaleques e palavreado arrevesado, que vinha acompanhando a tropa, sempre muito requisitado pelos homens, pelos peregrinos, pelos nobres e por tanta gente, que era tido como alguém que ajudava a quebrar o sisudez dos combates.

Como houvera acertado alguns vaticínios, Pelágio aceitou ouvi-lo, em particular, sobre o momento vivido.

O homem, que até tinha alguns dons de adivinhação, mas que, na maioria das vezes, só dizia o óbvio, tratou logo de conquistar as simpatias do cardeal, para cobrar dele algumas moedas. Contou coisas que ouvira referir sobre o espanhol, da parte de seus servos mais chegados, a quem ele já servira, e acabou por garantir que Deus estava pessoalmente confiante nos destinos de nossa peregrinação, que haveria de conquistar, de uma vez por todas, todo o oriente para as facções de S. Santidade. Vaticinou que Pelágio seria reconhecido, futuramente pelas gerações, como a espada do Cristo a acabar de uma vez por todas, com as investidas dos infiéis.

Enfim, quando terminou o encontro entre aqueles dois homens, o cardeal apresentou-se à tropa, garantindo que tinha certeza absoluta de nossa vitória, e que não deveríamos mais nos demorar.

Para isto também contribuiu o aviso da rainha do Chipre, sobre a formação de um grande exército na Síria por al-Mu'azzam e o irmão dele al-

Ashraf. Buscamos saber se as informações procediam e os monges soldados as confirmaram.

Pelágio insistia em jurar que tinha sabido de profecias sobre a queda definitiva do sultão, e nem se abalçou em pensar novamente nas propostas dele, de uma trégua de trinta anos, mais a cessão de Jerusalém, de toda a Palestina, e ainda a promessa que reconstruiria tudo o que seu irmão houvera destruído na Cidade Santa.

Quantas vezes a humanidade pagou e pagará ainda o ônus da loucura de seus comandantes.

O cardeal ordenou um jejum de três dias, enquanto o rei João, muito abatido, mas não querendo passar por covarde, chegava ao acampamento.

Em 12 de julho de 1221 partimos rumo a Fariskur, com enorme contingente de pessoas, pensando em enfrentar o sultão. Era impressionante nossa formação com as 630 embarcações, mais de 5 mil cavaleiros, quase o mesmo número de arqueiros e 40 mil soldados da infantaria, além dos peregrinos, que na margem do rio, se mantinham ocupados em nos servir água. Fora este número incrível de pessoas, havíamos deixado guarnições em Damietta.

Era época da cheia do Nilo, e tendo avançado, os muçulmanos recuaram, dando-nos a falsa impressão de que haviam se assustado com o número de nossas tropas. Espalharam-se no rio até o lago Manzaleh. Aquartelamo-nos em Shamrishad, e novamente houve divergências entre Pelágio e o rei João. Este, mais conhecedor do local onde nos encontrávamos, e das maneiras pelas quais os turcos e muçulmanos agiam em batalha, insistia em que deveríamos ficar onde estávamos, e aguardar.

Pelágio, incendiado por uma fúria infernal, teimava em falar das profecias que fariam a perda do sultão definitiva, e queria avançar.

Como se não bastasse, grassou entre a cavalaria um boato de que o sultão teria fugido do Cairo, e isto acabou por pesar tanto no ânimo da tropa, que Pelágio ordenou que avançássemos.

Fomos subindo o rio, deixando a foz desguarnecida, pensando que ele, com a cheia, não seria navegável, e, quase no final do mês, nos vimos quase a frente com nosso inimigo.

Os exércitos de al-Mu'azzam haviam atravessado o lago, pelo qual viéramos (Manzaleh), ficando exatamente entre nossas posições e Damietta.

Com a subida do nível das águas do Nilo, os canais se tornaram mais navegáveis e o próprio sultão desceu e cortou a saída dos cristãos.

De um momento para o outro, estávamos encurralados, de atacantes nos tornáramos sitiados e, somente então, nos foi dado perceber que o número do inimigo era muito superior ao nosso. Estávamos cercados e com poucos víveres.

A discussão entre os principais chefes foi acalorada, mantida num tom de desespero, impotência e rispidez. No meio dos discursos, a opinião dos bávaros foi a que resultou na resolução de uma retirada, quanto mais rápida melhor. No final de agosto, mês sempre tão aziago para a maioria das nações latinas, iniciamos a retirada.

Infelizmente a moral da tropa era a pior possível, os homens discutiam sobre as profecias de Pelágio, sobre o desamparo aparente dos céus, e a maioria não queria deixar para trás o dadivoso vinho que havíamos armazenado, de tal sorte que o beberam. No momento da partida havia gente tão bêbada, que mal se podia sustentar nas pernas.

Ainda por cima, o grupo dos teutões resolveu de "per si" que deveriam destruir todo o mantimento, que não pudessem carregar nos barcos, e colocaram fogo nele. O fogo e a fumaça forneceram aos inimigos a preciosa indicação de que deveríamos estar nos aprontando, para a retirada.

Com isto, o sultão resolveu abrir as comportas da margem direita do Nilo, que continuava a subir mais e mais.

As terras que tínhamos que atravessar foram totalmente inundadas. Foi um desastre total. Estávamos cercados por poços de lama, seguidos de perto pela infantaria núbia e pela cavalaria turca.

O mais terrível dos pesadelos não daria a dimensão de nosso desespero, cercados pela lama, acicatados pelo tropeçar dos peregrinos, sob as flechas e espadas do inimigo, que conhecia melhor do que nós o campo onde nos perdíamos, sem saber para onde seguir.

No meio desta visão estapafúrdia, era de ver-se o rei João, com seus homens, lutando bravamente contra a cavalaria, e os monges soldados enfrentando com galhardia os núbios.

O cardeal, no seu barco, cheio de víveres, foi arrastado para o lado dos egípcios, a frota que bloqueava nosso recuo, e sua fuga foi tão desastrosa para nós, quanto a fuga de Cleópatra fora para Marco Antônio, séculos antes. Ele tinha consigo os remédios necessários aos feridos, a

alimentação, os víveres, tudo o que precisaríamos. Muitos outros barcos escaparam com ele, mas a maioria sucumbiu sob o ataque do inimigo, e eu via os peregrinos caindo ao meu lado, sem nada poder fazer, mal podendo me manter sobre a sela, mal podendo me cercar com meus homens, numa luta ombro a ombro, para manter-nos vivos apenas, simplesmente vivos.

Vi quando Vincenzo foi atingido por uma flecha que quase o derrubou do cavalo. Mais de cinco se viam presas às suas costas, porque a malha, mais o feltro de proteção impediam muitas vezes que fôssemos feridos. A visão daquele momento era dantesca. Nossas espadas, mais compridas do que as que eram usadas anteriormente, permitiam o manejo rápido contra as pessoas no solo, porém o número avantajado dos atacantes, a lama, a confusão que se impusera entre nós, tudo contribuía para nossa perda.

O local agora era inóspito, hostil, ameaçador, e o destino parecia implacável e cruel.

Vincenzo quase caiu, mas eu puxei seu cavalo, prendi-o junto do meu, um formidável animal, que muitas vezes me salvara praticamente a vida. Aquele mesmo que eu utilizara para levar comigo Yasmin, para dentro dos muros da cidade do Cairo.

Percebendo que ele estava mal, cerquei-me com os homens dele e os meus, e procurei sair do círculo de ferro que se fechava à nossa volta. Eu sentia que precisava escapar, que precisava rumar de volta a Damietta. Tinha comigo esta certeza, só não sabia como conseguir meu propósito.

A força nova que me tomou de assalto tinha muito a ver com a presença de meus antigos comandados, e os de Vincenzo, que, ao nosso lado, tudo faziam no tentame de nos auxiliar, a sair daquele embaraço em que nos víamos.

As batalhas das quais participara tinham trazido um gosto de vitória, porém aquela com o sultão, quase diretamente travada homem a homem, só me mostrava que estávamos enredados em terra inóspita para nós, onde cada mantimento, cada apetrecho, cada animal, cada minuto se tornava uma conquista perigosa e sufocante.

Naquele momento, durante a escuridão da noite, sem saber que rumo tomar, molhados, enlameados, com a roupa mil vezes mais pesada no corpo, eu só desejava salvar Vincenzo, salvar meus homens, retornar ao posto de onde partira, maldizendo Pelágio que não ouvira ninguém, e suas profecias que não se haviam realizado.

O pensamento vinha muito forte dentro de meu cérebro, mas vibrava também em meu coração. Eu pensava em Yasmim, na França, na Itália, eu desejava nunca haver partido, eu tinha ímpetos desesperados de fugir, fugir daquele inferno, onde os homens chegavam a comer corpos humanos, onde poderíamos ter tido tudo, e um longo período de entendimento . Maldisse Pelágio, maldisse aquela guerra na qual me alistara, tão cheio de esperanças e sonhos, maldisse a morte de Yasmin, maldisse a perda de meus homens, de tantas vidas que eu vira sucumbir em segundos, diante de meus olhos, sem que eu nada pudesse fazer para impedir. Só não maldisse Deus e o próprio Cristo, porque algo em mim ainda me constrangia, ao pensar no Mestre. Não era pieguismo, era algo mais transcendental, algo quase visceral em mim. Não me contava entre os cristãos levados ao circo romano no primeiro século, há mais de um milênio? Jesus, o Cristo, era um ser que desafiava a minha capacidade de revolta, me dava ainda forças para acreditar em algo superior, em dimensionar a vida humana, como algo que fugia totalmente aos parâmetros meramente terrenos.

Foi com muita dificuldade que consegui fugir em direção a Damietta, deixando atrás de mim um mar de lama de corpos que se amontoavam, e a figura firme do sultão, confiante em que nos derrotara.

Cercados fora dos muros de Damietta, finalmente o orgulho do cardeal teve que se dobrar à realidade da derrota.

Vinzenzo estava muito ferido, eu em frangalhos, Felipe perdera um olho, durante a refrega, muitas das lavadeiras ainda estavam conosco, mas um número incalculável de peregrinos havia partido, para a morada espiritual.

Um manto invisível de dor e de desencanto se abatera sobre nós. As tropas do duque Luís não haviam sido suficientes, para nos garantir a vitória. Muitos amaldiçoavam o entusiasmo, com o qual haviam propugnado pelo ataque ao sultão. Somente agora dávamos razão aos reiterados avisos de nossos aliados, e avaliávamos com menos temeridade as forças de nossos inimigos.

Reunido o conselho, tudo nos mostrava na rendição e na possibilidade de um acordo, a melhor forma de dar prosseguimento à nossa expedição.

Temendo um ataque, havíamos reforçado nossas posições e a cidade de Damietta, e concluímos que tínhamos ainda motivos, para pleitear

uma rendição honrosa. Sabíamos que um novo esquadrão naval, comandado pelo conde de Malta, Henrique, e Gualter de Pelear, chanceler da Sicília, estavam não muito longe dali, enviados pelo rei Frederico II.

Obtivemos uma trégua e um encontro para negociarmos, no final de semana.

Deixei Vincenzo muito mal, com febres, enfraquecido, pois parecia que a flecha se alojara numa parte sensível e vital de seu corpo, e segui para a reunião. Apesar de estarmos fortificados em Damietta, não tínhamos condições mais de invadir o Cairo, nem de atingir nossa programação de domínio do Egito e da Terra Santa.

Considerando o momento vivido, e como o sultão tinha já ganho a batalha, pode-se dizer que al-Kamil foi até generoso em sua proposta.

Uma de suas exigências foi a de que deveríamos abandonar Damietta, e haveria paz durante oito anos. Também propôs a troca total dos prisioneiros. Para se garantir a troca, o sultão escolheu ter como refém Pelágio, muitos dos monges soldados, templários e hospitalários, vários condes e duques, entre eles eu mesmo, e ele daria também como garantia seus próprios filhos, alguns emires e um dos seus irmãos.

O encontro se dera mesmo fora dos muros, e quando os cavaleiros templários e os teutões chegaram com a notícia que Damietta deveria ser entregue, muitos da guarnição se revoltaram, atacando as casas dos monges soldados, e do rei João.

Henrique aportara com 40 embarcações, e isto dava aos homens uma ilusão de força, de ainda poderem resistir.

Mas, sabendo que seus principais homens eram reféns do sultão, reconhecendo que o inimigo ameaçava marchar para Acre e destruir todas as nossas fortificações, os rebeldes acabaram cedendo.

O inverno chegava e a escassez de alimentos era uma realidade penosa. O acordo foi feito.

A troca de reféns foi completada, e nos preparamos para entregar aos infiéis Damietta.

Al-Kamil recebeu o rei João com uma festa dadivosa, e generosamente abasteceu todo nosso exército, e tivemos que vê-lo se apoderar de Damietta, enquanto embarcávamos para o retorno à nossa pátria.

O sultão nos prometera entregar a verdadeira cruz, mas não a puderam encontrar. Voltávamos da Quinta Cruzada, totalmente

envergonhados. A derrota era por demais amarga. Perdêramos tudo: honra, posição, ouro, vidas. Por muito pouco, deixáramos de obter sucesso.

Eu me perguntava porque os céus não haviam nos apoiado, se estávamos a um passo só da vitória final. Por que Pelágio não invadira logo o Cairo, quando eu lhe informara das condições adversas do inimigo ?

Eu me inquiria, sem descanso, porque Deus me permitira encontrar Yasmin, amá-la e ser por ela amado, para nada ?

Lembrando a imensa troca de prisioneiros, eu me amaldiçoei, por have-la levado de volta ao Cairo, no tentame de salvaguardar sua vida. Se eu a tivesse mantido comigo, oculta, por certo, poderia tê-la ainda viva, de volta à sua família. Ela não teria conhecido Vincenzo. Aliás, eu não conseguia entender porque ela se lhe entregara. A menos que ele a tivesse violentado, coisa que eu não conseguia sequer imaginar. Estava decidido que, tão logo ele tivesse condições de falar comigo, haveria de obrigá-lo a contar tudo o que teria se passado entre ele e Yasmin.

Os pensamentos mais desconfortáveis me assaltavam e eu me senti prisioneiro da fronteira do desencanto, quase duvidando da própria existência de Deus.

A dor tem estes resultados díspares no ser humano. A mesma situação cria heróis e desertores, criaturas nobres e perversas, crentes e ateus. Eu me inclinava mais para um negar total de tudo o que me suscitara até ali ideais e força moral.

Durante a travessia, muitas vezes, visitei Vincenzo, cuja saúde me preocupava. Nos seus delírios, ele deixou escapar frases que me davam a certeza de que teria havido, entre ele e a mulher síria, alguma coisa mais séria.

A nossa peregrinação fizera mudar os rumos da história. Os muçulmanos fecharam muitas igrejas, aumentaram as taxas e impostos, enfureceram-se contra os coptas e cristãos do oriente, perseguiram os comerciantes italianos .

Sem querer, havíamos insuflado no inimigo uma fúria avassaladora, a mesma com a qual tínhamos avançado contra eles.

Apesar de toda a tolerância pessoal de al-Kamil, seus correligionários se deixaram contaminar com as nossas atitudes. O Islão nunca mais seria o mesmo.

Boemundo de Tripoli havia conquistado Antióquia. Em meio a muitas disputas, somente Isabella, no trono armênio, se manteve segura.

Boemundo entregou Jabala aos Templários e ainda tentou um acordo com os armênios, fazendo seu filho Felipe casar com a rainha, mas o rapaz foi encarcerado em Sis e envenenado, e a rainha foi obrigada a casar com o filho de Constantino, Hethoum.

Enquanto isto, as lutas entre os muçulmanos seljúcidas e aiubitas se dava, Pelágio seguia para Brindisi, como representante papal, João iria até Paris avistar-se com seu amigo, o rei Filipe Augusto, e tratava de propor o casamento de sua filha, de onze anos, que o grão mestre dos Cavaleiros Teutões, Hermann de Salza propôs se consorciasse com o próprio rei Frederico, que estava viúvo há quatro meses.

Enquanto estava em Paris, eis que morreu Filipe, deixando a João 50 mil marcos, para o reino de Jerusalém e legados idênticos aos Hospitalários e Templários. João assistiu ao enterro de seu amigo, e ainda a coroação de seu filho, Luís VIII. Em seguida, fez a peregrinação a Santiago de Compostela, e durante a mesma acabou por seguir para Castela, onde casou-se com Berengária, a irmã do rei Fernando, seguindo para a Itália.

No ano seguinte, Henrique de Malta, com 14 naus chegava ao Acre e a rainha Iolanda, levada para Tiro, foi coroada rainha de Jerusalém.

Frederico II, o noivo, tinha trinta e um anos, era belo, embora um pouco robusto, olhos verdes, cabelos ruivos, falava vários idiomas; francês, alemão, latim, árabe, grego, italiano, era versado em ciências, medicina, filosofia, história natural, mas, apesar de toda a cultura, era também implacável com os inimigos, e nem um pouco confiável como amigo. Nascido numa ilha meio grega, meio árabe, era meio alemão, meio normando, era terrível, com todo poder de que fora investido, como rei da Alemanha e imperador do ocidente. Logo após o casamento, espoliou seu sogro João do tesouro a ele entregue, pelo rei Filipe.

Rei João ficou amargurado, mas não desistiu de lutar, e, antes de morrer em 1237, manteve seu título de imperador, sendo tutor em 1228 de Balduino II, casando sua filha Maria, de 4 anos com ele, estando, naquele tempo na casa dos oitenta anos.

A imperatriz rainha Iolanda foi muito infeliz com seu terrível esposo, que a enviou para um harém que possuía em Palermo, onde aos dezessete anos deu a luz seu filho, Conrado, tendo morrido logo em seguida.

O papa Honório morria em março 1227, antes de se completar o acordo ratificado por Pelágio e rei João com o sultão al-Kamil, e subia ao

trono de Roma o conde Hugolino de Segni, com o título de papa Gregório IX. Este homem era primo de Inocêncio III, que fora amigo de Francisco de Assis, tinha uma mente clara, para seus propósitos, uma fé orgulhosa e se indispunha com Frederico, por reconhecer nele um homem sem palavra e sem escrúpulos, além de ter um sentido amplo, para o domínio no estilo romano de um César.

Toda a luta de Frederico, até reconquistar Jerusalém não será objeto deste livro, pois estará adstrito a um outro volume, sobre a vida do papa Gregório IX, que foi em Minas Gerais a encarnação de Tiradentes.

Deste modo, homens fortes e dominadores haveriam de lutar entre si, tendo o papa Gregório IX excomungado Frederico, rei da Alemanha. Frederico, por sua vez, era amigo de um outro espírito, Tomás de Aquino, conde de Acerra, cheio de decisão e vigor, e que também teve sua participação no cenário mundial, naquele tempo.

Apesar da excomunhão papal, Frederico teve larga participação e foi mesmo o conquistador maior da cruzada seguinte, dando novo rumo aos fatos. Jerusalém caiu por sua interferência direta, e pelos acordos que fez com o sultão.

A tomada de Jerusalém, contudo, desagradou tanto aos muçulmanos, quanto aos cristãos e uma verdadeira guerra civil se instalou na cidade que vira a presença de Jesus.

As lutas neste tempo foram terríveis, tendo em vista a personalidade dominadora de Frederico, a coragem do rei João e a característica rígida de Gregório IX.

Décadas depois o cenário de nossa tragédia veria fatos semelhantes àqueles, sob o comando do rei Luís IX da França.

Quando ele retornou àquelas terras, na sua Segunda Cruzada, já bastante idoso, o monarca, reconhecidamente altruísta e humilde, amado e reverenciado por todos, caiu em Tunis. Ao encontrar-se frente à frente com a morte, lembrou-se de seu amor pela Cidade Santa, onde nunca pisara, e foi com seu nome nos lábios que expirou, dizendo: Jerusalém, Jerusalém !

Somente em 1464 terminaria a loucura das Cruzadas, com um exército liderado pessoalmente pelo papa Pio II, que faleceu em Ancona.

Quatro séculos antes, Urbano II havia incendiado as mentes cristãs, com o estopim de uma sentença em nome de Deus. A primeira cruzada totalmente desorganizada, mas cheia de almas plenas de fé, crentes nos seus propósitos, pensando fielmente que obedeciam as ordens do próprio Cristo,

conquistou Jerusalém, e depois disto, milhares de criaturas tiveram suas vidas ceifadas miseravelmente, até que aquele espírito se desmantelasse após 400 anos de loucura, fanatismo, onde muitos seres alcançaram dívidas de vulto, marcas dolorosas, perdas irreparáveis e momentos de heroísmo e valor.

Sem saber o que estaria reservado às gerações futuras, e o sincronismo que em Damietta derrubaria o rei Luís, eu e meus amigos voltávamos derrotados, aos portos italianos.

Jamais me esqueceria de Yasmin, nem daqueles anos difíceis, vividos em terras estrangeiras, mas algo dentro de mim se partira.

Já não tinha mais a mesma fé com a qual partira. Já não conseguia acreditar, que nossa interferência, nos locais sagrados, tinha algo de divino.

Era-me penoso perceber o quanto havíamos destruído, por onde passáramos, e como isto refletia em igual destruição interior, a abalar-nos todas as fibras da alma.

Foi uma alegria, para minha família ver-me retornar são e salvo. Novamente seu carinho foi-me conquistando, para novas disposições e, pouco a pouco, eu buscava me reintegrar nos ideais deixados para trás.

Felipe, cego de um olho, jamais se queixou com relação ao que passara. Nunca vira uma alma tão amorosa e paciente, como ele, pois, chegava até a tentar animar-me, a mim que só perdera bens materiais.

Talvez ele pudesse, então, aquilatar a dor que eu sentia com a perda de Yasmin.

CAPITULO XVI- COM FRANCISCO



Francisco havia levado durante sua viagem doze frades com ele, e viajara durante trinta dias, antes de aportar em S. João do Acre.

Nós capituláramos, para não ver a fortaleza do Acre invadida, e retornávamos como ele retornara.

Ele tudo fizera para manter um acordo com al-Kamil, e nós havíamos perdido tudo aquilo pelo qual ele lutara.

Chegamos à Itália e eu vi meu amigo de Gubbio partir em direção à sua terra, província da Perúgia, onde, alguns séculos depois ele retornaria, para ser Pietro Vannucci, um mestre pintor, escultor, e arquiteto, amigo de Leonardo da Vinci, Miguelangelo e outros, sob a proteção de Lourenço de Médici.

Eu não tinha certeza de que ele escaparia com vida, mas era melhor seguir até sua casa, onde os parentes, seus pais e irmãos, os amigos, por certo, utilizariam todos os recursos em mão, a fim de mantê-lo com vida.

Muitos eu vira sucumbir, vítimas da infecção causada por aquelas setas de ferro. Infelizmente, eu tinha meu próprio grupo para cuidar, e, vendo-o partir, entendi que dificilmente eu teria meios de trocar com ele as palavras que eu quisera, de buscar compreender o que ocorrera entre ele e Yasmin. Eu sequer sabia se ela vivia ainda, mas eu já não era mais o jovem ardoroso que partira cheio de sonhos, na conquista de Jerusalém. Tinha agora outra visão dos muçulmanos, chegava até a admirá-los pelo conhecimento que tinham, e me sentia profundamente deprimido, triste, melancólico, sem forças para seguir com minha própria vida. Voltei sobre meus passos, pensando em seguir para a França, a fim de me fortalecer e reerguer, na busca de novos incentivos para ter fé, esperança e alegria.

Eu enviara cartas à minha família e, deste modo, o meu retorno já era esperado. Todos se regozijaram com a minha chegada, pois estar vivo, após um empreendimento como o que tivéramos, era a maior benção que se poderia esperar:

— Haverão outras expedições, e, por certo, conseguiremos outras vitórias.- disse meu pai, naquele sentido que os homens têm de jamais deixar que a esperança lhes escapasse, principalmente os francos, povo aguerrido.

Eu, contudo, estava numa luta permanente dentro de mim mesmo. Perdera aquele viço juvenil, com o qual nos acreditamos donos do mundo, e inacessíveis à derrotas. Eu travara batalhas, comandara meus homens, enfrentara a morte, mas agora era a descrença, o desespero e a solidão que me faziam um cerco feroz. Haviam derrubado todas as muralhas de minha personalidade. Já não me sentia nem jovem, nem imortal.

Durante a missa que os meus fizeram celebrar pela nossa volta, eu me inquiria como conversar com Deus, eu que já não sabia orar.

Jerusalém continuava a ser um sonho praticamente inacessível. Eu me inquiria como os primeiros cruzados haviam, mesmo ao custo de mais de 40 mil vidas, atingir seus objetivos e nós, cavaleiros consagrados às lutas, melhores providos, havíamos acabado nossa expedição com um fiasco sem precedentes.

— Maldito Pelágio ! Se ele, ao menos, tivesse aceito os termos de acordo do sultão, nós estaríamos com o domínio de Jerusalém. Verdade era que sem controlar o Outremer e o Cairo, o domínio da Cidade Santa seria praticamente nulo, mas arrostar a fúria dos muçulmanos, e não invadir logo o Cairo tinha sido nossa derrota.

O meu pensamento voava, lembrando o cheiro do corpo de Yasmin, sua fala melodiosa, seu jeito arredio.

As festas em minha casa duraram um bom tempo, mas somente com Felipe eu me abria, porque com ele eu podia falar sobre os fatos havidos e sobre a mulher que eu amara.

Jovens me cercavam, eu inspecionava nossa propriedade, e, a alegria de minha mãe ao me ver retornar era o que compensava as más lembranças.

Acordava à noite, e as vezes tinha a impressão de ainda estar no meu alojamento em Damietta. Andava de um lado para o outro, com o semblante carregado, como uma alma penada que não sabe nem o que perdeu, nem o que está buscando.

Certo dia, resolvi ir caçar junto com Felipe e Francis.

A caça estava arredia, e deixei de lado meu arco, para refrescar-me no riacho que fazia divisa com nossa propriedade., enquanto Francis cuidava de dar de beber aos animais.

— Felipe- disse eu- você me perdoa pelo fato de ter perdido um olho, nesta viagem louca que empreendi ?

Meu querido amigo sorriu tristemente e falou:

— De bom grado eu daria a vida pelo meu senhor, e pelo Cristo. Só sinto que não tenhamos conquistado a Cidade Santa.

— Se tivesse chance de retomar a batalha, você retomaria ?- perguntei admirando-lhe o entusiasmo, quando eu, que era mais jovem, mais rico e que não tivera tantas seqüelas das lutas, estava arredio, descrente, desencantado.

— Pela minha idade acho quase impossível poder retornar, mas, quando lembro da coragem do rei João, que é até mais velho do que eu,

sinto-me envergonhado de pensar deste modo. Mas, tenho para mim uma certeza que me visita o coração, e é a de que meu senhor ainda há de tornar naquelas terras.

— Ora, isto é de espantar. De onde tiraste estas certezas, se eu, de mim mesmo, acredito que só a morte me livrará das tristezas desta expedição ?

— Meu rapaz, conheço você muito bem, desde menino, e sei que é valente, que tem estes momentos de depressão e ressentimento, mas sempre sai deles com mais garra com mais vontade, para suas conquistas. Digamos que, quase que dentro de mim, tive algumas revelações e nelas eis que o vi bem mais velho, no retorno àqueles cenários de onde viemos.

— Se esta revelação tão estapafúrdia, e que me parece totalmente infundada lhe vem à alma, meu querido, deve ser porque você não guarda ressentimentos, nem questiona a vida, com seus assaltos trágicos à nossa emoção.

Fiquei uns momentos absorto em meus pensamentos, e ele, como que adivinhando o que me ia na alma falou, sem que eu perguntasse:

— Não considero que estavas em pecado, quando te apaixonaste por aquela mulher síria, nem posso acreditar que ela também não o amasse do mesmo modo. Creio que ela ainda vive, não sinto que tenha morrido, vítima do ferimento que a acometeu. O amor, nesta vida, meu conde, é um luxo., que poucos podem ter. Você é jovem e haverá ainda de casar, ter filhos, constituir família, mas jamais esquecerá a mulher síria, porque, apesar da distância que os separa, pelos costumes, pela língua, pela religião, vocês se atraíam como a água atrai o sol e o ar, como ela dá vida às plantas.

Senti-me um pouco envergonhado que ele soubesse ler tão bem o que me ia na alma, mas, desde que eu me lembrava, sempre fora assim. Ele me conhecera desde menino, era quase um pai ou um irmão mais velho, acompanhara meu desenvolvimento, ensinara-me a confiar na vida, e agora parecia ver tudo melhor do que eu, embora tendo perdido uma vista.

Por que ele queria me dar a certeza do amor de Yasmin ? Talvez percebesse os abismos em que arrojava minha alma, como se afundasse numa areia movediça de tristeza e amaritude, e percebesse que a certeza de ser amado por ela me daria forças para reagir. Fiquei perplexo com a atitude dele, e agarrei-me àquela certeza, como agarraria uma tábua de salvação. Porém ficava a remoer as lembranças e a me perguntar sem descanso:

— Se ela me amava, porque se entregara a Vincenzo ?

E aí a ferida voltava a sangrar de novo.

Meu desespero era tão grande que empreendi uma viagem, com o fim de tentar fugir aos fantasmas que me assaltavam.

Estive em Lisboa, percorri Portugal e numa de minhas estadias em Pádua, encontrei com um homem impar. Fora ouvi-lo pela manhã, no sermão da pequenina igreja, cheia de fiéis, que haviam vindo de longe, para estar com ele. Tratava-se de um nobre, que agora tendo recebido o hábito dos franciscanos, nomeara-se Antônio de Pádua. Seu nome verdadeiro era Fernando de Bulhões.

O seu sermão, falando de Jesus, era tão comovente, que as couraças de desencanto e desilusão que eu trazia, foram como que derretendo, à medida que eu o ouvia; lágrimas me escorriam dos dois olhos sem parar, e, quando sermão terminou, eu estava com a alma mais leve.

Fui falar com ele, e deixei-me ficar à espera, enquanto pequena multidão o cercava, ávida de socorro e entendimento. Para cada um ele tinha uma palavra especial, um conselho, um consolo. Suas palavras eram um manancial de bênçãos e socorro, e dele se evolavam fluidos balsâmicos que aliviavam e curavam.

Quando me aproximei, ele me fitou como se lesse o que me ia n'alma, e falou com brandura:

— O amor não aprisiona nem faz sofrer. Ele age espontaneamente e liberta a alma. Meu querido irmão está ainda sob o efeito deletério das lutas fratricidas e é lógico, que, tendo visto tanto mal e de tanto desregramento, não consiga se sedentar na fonte pura de seu interior, onde Deus vela. Suas feridas da batalha são fundas e perigosas. Convido-o a ficar comigo nestes dias, e depois o aconselho a ir ter com Francisco, que está muito doente, enquanto pode estar com ele, pois acredito que logo Deus o chamará para si.

Fiquei com ele mais de uma semana, acompanhando-o na visita dos doentes e dos pobres, ouvindo-lhe a palavra sábia e cheia de vigor, como se ele fosse diretamente inspirado pelo Cristo, tamanha a sabedoria e bondade que vertiam de seu verbo.

Ouvi alguns de seus sermões e devo dizer que, em tantas vidas, jamais usufruí de tamanha beleza, como das palavras que vertiam de sua boca.

Contou-me ele que Francisco chegara a Veneza, vindo do campo de batalha, depois seguira para Pádua, Bérgamo, Bréscia e Mântua.

Contou-me o evento do Monte Alverne, quando as chagas e ferimentos do Mestre haviam aparecido no corpo de Francisco. Eu quase não conseguia acreditar no que ele me contava.

_ Dizes que ele tem as marcas de Jesus no próprio corpo ?

_ Assim é, e nada mais justo, já que ele é a própria presença do Mestre, entre nós, estes dias. Precisavas ouvir com que fogo ele fala do amor de Jesus pelas criaturas, como a própria natureza se aquieta quando ele chega, como os malfeitores o respeitam, por onde ele anda, e os nobres o requisitam em seus castelos. Mas ele está muito doente, conde de Nevers, e, se queres ainda privar de sua companhia, debes te apressar. Creio que a cada dia ele caminha mais rápido para o encontro de seu Mestre. Veja, que os maioraes da Igreja queriam fazer a união entre Oriente e Ocidente, queriam dominar os cristãos coptas, gregos, armênios, e só fizeram as excursões da morte, com a carnificina dos nossos irmãos, mas Francisco, com sua presença, fincou as bases de uma união, que transcende os exércitos humanos. Eu resolvi me ligar a ele, quando ouvi seus frades, aqui em Lisboa, e depois, quando seus corpos foram trazidos, eles, os mártires que foram degolados em Marrocos, jurei que seria mais um deles, que faria valer cada dia de minha vida, com meu verbo e aquilo que Deus me faculta, para seguir a ordem de Francisco.

Devido àquela estadia com Antônio, eu parti em direção a Assis. Minha família teve receios, então , que eu acabasse me dedicando ao monastério, mas, por mais eu tivesse me sentido atraído pela palavra daquele homem santo, eu ainda estava muito arredio para com a religião e Deus, para fazer aquela opção.

O encontro com Francisco, na pequenina cidade de Assis, marcou-me para sempre o espírito inquiridor.

Encontrei-o acamado, tendo fortes hemoptises, ficando dias em jejum, e em estado de êxtase profundo, cercado de cuidados de seus queridos Shaolim, Iluminato, Luís e Clara. O amor dela por ele e dele por ela foi algo que transcendeu meus recursos de entendimento. Eu percebia claramente quanto se amavam, como um estava envolvido pelo outro, mas, ao mesmo tempo, percebia também como eles se conduziam longe dos prazeres carnaes. Sabia que o faziam não por considerar pecaminoso o ato sexual, mas por uma opção, frente ao celibato imposto pelo Vaticano e aceito por eles, para interferir no processo da religião vigente.

Numa das tardes em que ele esteve melhor, e pode falar com aqueles que o buscavam, embora sem sair do leito onde se prostrara, quando me aproximei, ele sorriu, dizendo:

_ Nobre Hervé, conde de Nevers, aproxime-se, meu filho.

Cheguei-me a ele, e senti vergonha que o buscasse incomodar, estando ele tão fragilizado fisicamente, com um problema de foro íntimo tão pequeno, mas ele sorriu tristemente e falou-me com bondade:

_ O amor é o bem mais precioso do mundo, meu filho. Felizes aqueles que o sentiram e que se viram alvo dele.

Sua doce Yasmin superou todos os obstáculos para declarar seu afeto, e isto é o que importa.

_ Mas Francisco, Vincenzo também... - eu deixei escapar, cheio de sofrimento.

_ Vincenzo está muito doente, em Gubbio. Tenho orado por sua saúde, e gostaria que você orasse também por ele, comigo.

_ Por que eu ?- perguntei, achando que orar por Vincenzo estava além de minhas forças, estando eu tão ferido, pelo envolvimento dele com a mulher síria.

_ Por que como você julga que ele lhe deve algo, está em condições de dar força à sua oração, e, com isto, conseguir mais, na cura dele. Além do mais, coloque-se no seu lugar. Ele veio a você, para entregar-lhe as jóias de Yasmin, como prova do amor dela por você. Teria você esta grandeza de espírito, se ela lhe pedisse que o fizesse por ele ?

Entendi o que ele argumentava. Vincenzo me dera indicações fortes do afeto de Yasmin por mim, e eu, se estivesse no lugar dele, faria o mesmo ?

_ Por que ela...- eu ia perguntando, quando ele me interrompeu:

_ Meu filho, meu filho, este seu amor ainda é tão cheio de apego e exigências, mas em nosso caminho, Deus nos conduz. Você ainda conhecerá outros amores, outros envolvimento. Deixa que o que aconteceu fique puro dentro de si, porque eu lhe afianço que Yasmin vive, e ainda a verá, embora num futuro muito distante. Você e Vincenzo são duas almas muitos caras ao meu coração, mas devem se irmanar, e não ficar nestas disputas estéreis. É o coração de Yasmin quem deverá decidir um dia, entre vocês dois, mas isto será depois de muitas peregrinações.

Era difícil para mim entender o que ele me dizia. Eu tinha meu ser imerso num amor feito de posse, de domínio total do ser amado, eu

acreditava que rompera com minha tradição, chegara a pensar em trazê-la para minha casa, e ela, ao se ver longe de mim, se entregara a Vincenzo.

Foi, portanto, com muito esforço que orei por ele, me sentindo até mesmo violentado pelo pedido de Francisco. Mas havia tanta doçura naquele homem, que não consegui negar-lhe o que me pedia.

Oramos juntos por Vincenzo, e, ao término, senti que o fato de haver orado por ele mudara seu destino. Ele me devia algo, de certa forma, e eu estava em condição de auxiliá-lo por isto.

A oração tem conotações tão finas e díspares, que não podemos compreender totalmente. Quantas vezes oramos sentidamente pela recuperação da saúde de um ser amado, de alguém com quem nos sentimos emocionalmente ligados, e nada obtemos, parece que nossa prece soa no vácuo, não encontra sua recíproca no atendimento divino, e, de outras vezes, oramos como que forçados pela consciência, mas sem um desejo em nosso coração, como naquele momento acontecia comigo, e a oração fulgura mais cristalina que nunca, e sentimos a resposta imediata de mais Alto, sentimos quase uma comunhão com Deus.

Retornei renovado da visita que fiz e procurei a França, retomando meus afazeres, antes da batalha a que me ligara. A experiência me ensinava a não ser mais afoito, contudo, continuava nas lições como cavaleiro, encontrava-me com meus pares, adestrava meus servos e tratava de pôr cobro às nossas propriedades, a fim de reconquistar os bens dilapidados com meu alistamento, junto de Hugo de Lusignam, nas batalhas. Muitas vezes estive com o rei e com os condes e nobres, que haviam sobrevivido às nossas lutas.

Foi com tristeza que soube que Francisco partira para a pátria espiritual, dias após eu ter estado com ele, mas a fragrância de sua presença, seu exemplo, o amor que recebera dele, bem como sua presença espiritual continuariam a fortalecer-me na continuidade de minha vida, naqueles longínquos anos.

CAPITULO XVII - DORES



A volta à minha terra natal só me encheu de dores. Não era eu o mesmo que partira, cheio de vontade de conquistar a Terra Santa. O contato com Yasmin mudara completamente meu destino.

Se antes eu não era apegado à Igreja e aos seus conceitos, depois de conhecer Francisco, depois de amar a mulher síria, depois de a disputar com Vincenzo, eu sentia meu espírito partido ao meio, sem apoio na religião vigente.

Como eu podia crer que Deus reservara seu Paraíso aos cristãos mortos, e deixaria no Inferno as crianças e mulheres, cujos corpos mutilados eu vira caídos nas ruas e nos fossos das cidades pelas quais passara ?

Como podia ajuizar a presença de Guilherme de Chartres a nos avisar do ataque dos infiéis ? Como podia lembrar dos nossos próprios homens, a comer os corpos quase putrefatos, tal como vira os tafurs a fazê-lo, durante o momento em que estivera prisioneiro, dentro das muralhas do Cairo ?

Como eu podia compreender que Francisco conseguisse uma trégua com o sultão, e Pelágio, o cardeal do Papa, tivesse posto tudo a perder ?

Como conviver com aquelas lembranças tão díspares, que me roubavam a própria mocidade, povoando minhas noites com pesadelos terríveis, onde mãos sem braços me imploravam auxílio, e gemidos me enchiam de terror e desgosto ?

Eu já não encontrava alívio, no contato com meus jovens amigos, nem com minha família, e não tinha ninguém com quem falar, sobre o amor que me corroía o íntimo, pejado de dúvidas e da revolta.

Aquela religião, pela qual eu dera a própria vida, não respondia meus questionamentos.

Tentei falar com meu antigo confessor e o diálogo foi ainda mais desastroso, para meu espírito.

— Como quer que te absolva, meu filho, se não te mostras arrependido, pelo ato sexual com esta mulher infiel ?

— O que desejas ouvir ? Que estou arrependido de a haver encontrado, de a haver amado, quando tudo o que eu quisera era tê-la aqui,

comigo, em minha casa, junto dos meus ? Se tudo o que eu desejaria era estar casado com ela, fosse por quais rituais fossem ?

— Se continuas a blasfemar, deste modo, só posso pensar que voltaste endemoniado, das batalhas em que estiveste. Como posso absolver-te, se não confessas o pecado com arrependimento ?

— Mas, padre, será pecado amar, como nós amamos? Às vezes penso que minha ida só teve esta destinação. Só fui mandado lá, porque isto era a vontade de Deus a meu respeito, que eu conhecesse o oriente, que eu mudasse minha maneira de ver as coisas, que eu pudesse entender que pode haver um encontro entre nós, que pode haver entendimento e amor, e não estas lutas acerbadas, que só nos tornam criminoso da pior espécie. Acredita que agíamos como animais, ou pior que isto, que vi coisas que meus olhos jamais desejariam, e que não poderei esquecer tão cedo ?

— Blasfemas, conde de Nevers, e não sei porque me chamaste aqui. Desde menino que reconheço como é difícil fazer-te aceitar os mandamentos da Igreja. Sempre foste um mau filho, um questionador dos mandamentos, e foi isto, teu orgulho, que te levou a prevaricar com esta mulher, que jamais recebeu o batismo, e que não poderia ser tua. Ela entrou em tua carne, em teu espírito, ela maculou tua alma e a fornicção fez o Demônio tomar conta de tua vida. Voltaste ao teu lar, mas estás diferente. Arrepende-te de tê-la possuído e te darei absolvição.

Naquele momento, tinha ímpetos de despedaçá-lo com minhas próprias mãos, aquele padre que me conhecera em menino, mas que estava irreduzível, com minhas escolhas de rapaz.

— Que sabes do amor entre um homem e uma mulher, padre ? E se não sabes, como podes julgar ? Quem te arvorou em dono da verdade, a ti, que nada sabes, que não estiveste onde estive, que não viste os horrores que presenciei, nem sentiste o arbítrio e os desmandos dos nobres, sua ambição muito acima dos ideais do Cristo ? Queres que eu abomine a única coisa que me deu algum alento, algum prazer, mas não arrancarás este amor do meu peito. Aquela mulher era meu anjo particular, e jamais a esquecerei, nem que tenha que arrostar com tua excomunhão.

— Pensa, meu filho, que Deus tudo vê, e, quando tiveres mudado teu pensamento, me procura. Tens um ano para te arrependeres, e até lá não te ministrarei a hóstia, durante as missas.

O padre foi inflexível e eu sabia o que significaria para mim não receber a hóstia, já que isto me tornaria um excomungado, e as pessoas se

afastariam de mim.

Minha mãe ficou escandalizada e, quando, durante a missa, não me foi ministrado o sacramento, o que causou grande escândalo entre nossos conhecidos, ela me implorou que reconsiderasse qualquer teimosia..

Todos se perguntavam o porque da atitude do padre, sempre tão amigo de minha família.

Eu resisti a isto durante algum tempo, mas depois percebi que não tinha escolha.

O poder da Igreja me alcançava com seu braço de ferro, que eu conhecia muito bem.

Melhor seria se jamais tivesse falado ao padre sobre meu amor por Yasmin, mas também eu quisera a absolvição, ao que era considerado pecaminoso. Francisco não falara de meu amor como algo que me condenasse, e eu aceitava mais o arbítrio dele, do que de qualquer outro.

Pensando deste modo, considerei-me absolvido por tudo o que passara. Pensava em Yasmin como um doido, e resolvi que o padre não merecia mais que lhe fosse sincero.

Deste modo, resolvi ir ter com ele e fingir um arrependimento que não sentia.

Ele ficou muito contente com minha resolução, e absolveu-me do pecado.

— Vejo que recobraste o juízo, e só isto me sustinha, esta esperança, pelo que eu sempre te conheci como teimoso e arredio aos mandamentos, mas agora que és um homem, estás amadurecendo, para as realidades espirituais. Lembra-te que és um soldado do Cristo e que deves agir como tal.

Com isto, tudo pareceu voltar ao normal, exceto pelo fato de que desenvolvi um certo cinismo, no trato com os clérigos, e com as pessoas da sociedade, em que sempre vivera, mas, lembrando as promessas, as palavras de Francisco, imaginava que um dia a veria novamente, e tiraria as dúvidas que sentia, com relação ao seu amor.

Porém, estava ciente de que não a pudera trazer comigo, e que não tinha certeza de que estaria viva, exceto pela fala del Poverello.

As festas em uso me enfastiavam a alma, e resolvi ir até Gubbio, a saber da vida de Vincenzo, porque somente ele poderia me falar da síria, somente ele a conhecia talvez como eu, e, mesmo quase o odiando por isto,

era com ele que eu podia partilhar meu ressentimento, meu ódio, meu desespero, minha dor.

Deste modo, pedi licença a meu pai e parti rumo a Itália, com alguns servos de confiança.

Ia disposto a tirar a limpo tudo o que houvera entre ele e a mulher que eu amava. Ele, por certo, estaria melhor, recuperado do ferimento, e não poderia furtar-se a dialogar comigo, sobre o assunto que me amarfanhava o ser.

Aquela resolução tinha bem a ver com minha maneira de ser. Se não podia me digladiar com o padre, se não ouvia dele palavras que me apaziguassem a alma, então, ia em busca de alguém que, tendo conhecido Yasmin, e tendo estado com ela, poderia entender melhor o que me passava na alma, sem me condenar antecipadamente, no sentimento que me possuía por inteiro.

A dor era tanta que eu, indiretamente, acreditava que somente uma dor igual à minha me abrandaria o sofrimento. Eu queria bater em alguém, condenar alguém por aquele amor que me dominava, eu quisera, de algum modo, ir à forra com aquela perda que me amarfanhava a alma, e, se não tinha o beneplácito da Igreja, na pessoa do meu confessor, a me confirmar que eu estava certo, que meu amor era abençoado, iria ter com um outro ser, tão doente como eu mesmo, na paixão por ela, a ver se disto resultaria algum bem ao meu sofrimento.

Saber que ela fora de Vincenzo era um punhal cravado em meu coração e eu, temerariamente, queria que ele tirasse de mim aquela dor, que ele me desse a certeza de que ela me amava e não a ele.. Era como se eu suplicasse a um inimigo que me poupasse a própria vida, porém era mais do que minha vida, era minha própria sanidade que estava em jogo, já que não conseguia viver como antes, sem ela.

Eu queria lançar-lhe no rosto os momentos vividos com ela, provar ao meu rival como fora amado, e como ele era o responsável pela provável morte dela.

Do Plano Maior Francisco me cercou de carinho, percebendo-me o desespero, secundado por entidades amigas, que me acompanhavam de longa data, e que sabiam que meu destino e o de Yasmin já haviam se cruzado muitas vezes, tanto quanto o de Vincenzo, e que era mister que não nos perdêssemos por causa dela.

Uma entidade amiga, que me fora mãe, nos primórdios do Cristianismo, e que também conhecera e amara Yasmin, nos seguia cheia de cuidados.

Durante o percurso, várias foram as vezes em que acordei, pensando seriamente no absurdo de minha proposta, e pensando em desistir e tornar à casa, mas maquinalmente prossegui em direção à Itália, fazendo paradas para pouso e refazimento, enquanto pensava sem parar nela.

O fato de haver sobrevivido, quando muitos de meus companheiros haviam sucumbido, o fato de ter saído ileso, quando muitos retornaram mutilados, não me trazia conforto.

— A dor alheia não diminui a minha.- eu raciocinava..- Não me sinto bem, sabendo que há dores maiores. Melhor que não houvesse nenhuma. Por que tinha que encontrá-la e perdê-la ? Por que tinha de perdê-la, sabendo que me traíra com outro cruzado ?

Durante o percurso, muitas vezes me senti ridículo, com o propósito que me impulsionava. Cheguei a pensar que Vincenzo teria morrido. Lembrei-me como fora incisivo no assunto que me preocupava, como pusera uma pedra em cima do que eu quisera ouvir, e pensava, então, que novamente ele se negaria a falar comigo sobre ela.

Que direito tinha ele de não me ouvir ? Que direito tinha de me deixar em tamanha dúvida ?

Eu estava com a alma doente. Só pensava nela, sonhava com ela, cada trecho do caminho evocava um momento que havíamos passado junto. Um perfil de mulher me fazia relembrar seu rosto, um olhar me levava a perder horas em divagação, acerca do modo como olhava, e o que seus olhos queriam me dizer.

Minha mãe dissera que eu voltara enfeitiçado, e Felipe me levava a um desses homens estranhos, que o povo busca, na solução de seus males.

O velho tinha um cabelo longo e embranquecido, trazia um cordão, onde uma grande cruz de prata estava amarrado, e um cajado que o ajudava a se movimentar, devido à idade.

Quando adentrei o aposento onde recebia regularmente as pessoas que o iam procurar, ele me olhou seriamente e disse-me sem delongas:

— Pode voltar pela porta pela qual entrou. Não vou atendê-lo. O senhor é um nobre, pode dispor de professores, de médicos que o ajudem. Só atendo a esta gente pobre, que não pode contar com ninguém.

Naquele momento lembrei-me de Francisco, da humildade com a qual se envolvia com gente de toda a espécie, mas também como não regateava sua ajuda aos nobres e endinheirados, que ele sabia também tinham suas desditas, e respondi:

— Nosso Senhor se achegou a todos, e também seu servo Francisco de Assis. Eu venho como doente pedir teu concurso, em nome de Deus, e não podes me discriminar, somente porque nasci em berço nobre.

O ancião não gostou de minha resposta, mas, mais pela presença espiritual que me protegia, do que por minhas palavras, fez com que fechassem a porte, deixando lá fora a turba que esperava atendimento, como se desejasse me proteger de ouvidos indiscretos e pediu:

— Sente-se.- e indicou-me um banco à sua frente.

Pegou do crucifixo prateado e ia colocando-o no meu corpo, em locais onde eu fora ferido, sem que ele pudesse saber disto, pela roupa que cobria os ferimentos, e eu sentia um alívio imediato no local.

Depois ficou às minhas costas e novamente o objeto me tocava, como se manipulasse energias desconhecidas para mim. Sentia que a raiva, o medo, o ressentimento e toda a dor aos poucos diminuía.

O pensamento forte em Yasmin me invadiu de tal sorte, que eu não contive as lágrimas. Solucei, temendo que ela houvesse morrido, chorei, sofrendo que ela não me houvesse amado., perguntando em pranto:

— É possível a uma mulher amar mais de um homem ?

— É possível a um homem amar a mais de uma mulher ? - falou o ancião.- Meu filho, deixa o orgulho e o egoísmo. O amor não medra onde estes sentimentos moram.

— Então o que eu sentia era orgulho ferido ? Então, quere-la para mim, era egoísmo ?- perguntei totalmente desarmado, imaginando que a idade mostrava ao velho a vida, sob ângulos que me escapavam. Se ele fora jovem e ardoroso como eu, gostaria de saber a verdade, mesmo que ela fosse dolorosa. Eu queria saber se Yasmin me amara, unicamente isto.

— A dúvida é um fardo cruel, para alguém que ama. - falou o ancião e havia pena em seus olhos.

Detestei que me tivesse pena. Ele não queria me atender, e o que me dizia não me dava as respostas que eu buscava.

Resolvi que Vincenzo me daria o alívio ou a dor.

CAPITULO XVIII - AMARGO FIM



A caminho de Gubbio, resolvi fazer um parada em Assis, junto com Felipe e meu servo Francis.

A viagem a cavalo foi cansativa, as estradas estavam num estado muito precário, devido às chuvas abundantes, que haviam caído na região.

Meus companheiros de viagem estavam animados, pois o percurso se mostrara excelente, em paisagens pitorescas, o povo muito hospitaleiro. A missão em que eu me colocava, naquele momento, era o da minha libertação. Estava como um doente que quer cortar o mal pela raiz, um apaixonado que deseja ouvir de outrem que seu amor foi menosprezado, que foi traído, que deve alijar do peito tal sentimento.

Atravessei uma região cheia de cascalho, com colinas baixas e pedregosas. Apesar de ser um homem orgulhoso, um nobre com alguma instrução e posses, receber consideração, pelo fato de haver participado das lutas, sentia-me igual às criaturas mais vulgares e mais pobres, pois estava prisioneiro a um sentimento que me fazia parecer, como se fosse o último dos homens. Eu fora pego na armadilha do amor, não tivera alternativa, e nem sabia mais do que pensar que Yasmin estivesse morta. Fora impossível fugir.

Fui até o local onde Francisco fora enterrado, e encontrei peregrinos que faziam visitas ao túmulo, levando flores, promessas, pedidos, votos.

Disseram-me que o local era um centro de visitação, e que muita gente solicitava ajuda e a conseguia.

Não pude furtar-me a este gesto tão ancestral dos homens, que solicitam aos entes que consideram superiores, a interseção a Deus por seus pedidos.

Ajoelhado ali, pedi ardentemente a Francisco, que me possibilitasse saber se Yasmin estava morta ou viva, e se ela e Vincenzo teriam entre si um amor, maior do que aquele que eu sentira por ela, e julgava ela sentira por mim.

Meu pensamento estava imantado de desespero, e ao meu lado Felipe também orava, bem como Francis. Uma infinidade de pessoas, de todos os níveis sociais, se aglomeravam ali, uns velhos, encurvados pelo

peso da idade, jovens, cheios de ardor, mulheres cujas lágrimas corriam pelas faces.

— Todos têm alguma dor, já que o sofrimento faz parte do ser humano.- pensei. - A vida é um mistério, cuja única certeza é a morte, e só isto já traz sofrimento a todos. Outra certeza é a mudança. Só acho difícil entender porque nos fica uma certeza de jamais alcançar a felicidade sem sofrimento. Por que tem que ser assim ? Quem, além de Deus, manipula os acontecimentos, e faz com que as pessoas se encontrem, se conheçam. Por que eu tinha que encontrar-me com Vincenzo, e com Yasmin ? Por que tinha que ver tantos amigos morrerem, e chegar a Assis, depois que Francisco já morrera ? Poderá ele atender um só dos pedidos que estas pessoas fazem ? Eu serei atendido ? Por que passara por aquele lugar, já que meu destino ficava mais ao norte, não longe dali, em Gubbio? O que esperava encontrar ? A resposta a tantas perguntas que vinha me fazendo ?

De dentro de mim, uma sensação diferente começou a surgir.

Uma paz que eu jamais conheci, uma serenidade, e tranquilidade diferentes. O amor se expandiu dentro do meu ser, sem constrangimento. Naqueles instantes, deixou de ser importante saber se Yasmin e Vincenzo tinham se amado. O sentimento que eu tinha por ela eclodiu numa dimensão muito mais ampla, duradoura, sem barreiras. Lágrimas me vinham aos olhos. Eu me percebia livre, de uma liberdade avassaladora, de um perpetuar delicioso, manso, convidativo. A voz de Francisco se fez audível para mim, naquele momento :

— Hervé , o amor liberta as pessoas. Hervé, por que buscar longe , o que está dentro de ti mesmo ? Meu filho, Vincenzo está muito mal, não o atormentes com tuas dúvidas e mágoas. Quando se ama e se é amado, nada fere este amor, nada o constrange. Tu te sentes meio enfeitiçado, meio doente, e é verdade que estás assim, se desejas tomar satisfação dos atos alheios. Esta sensação de perda, de vazio é surpreendente. Pensa em Deus, e lembra-te que tu o alcanças somente pela renúncia. Estamos todos feridos e desejosos que nos curem

Eu me sentia flutuando, longe da companhia das outras pessoas que ali oravam também, e somente o toque de Felipe me trouxe de retorno ao corpo.

Diante da campa, pensei que não somos nada, neste mundo, senão pó, e que eu não tinha o direito de reclamar nada de Vincenzo, nem da mulher síria.

Regressei à pensão onde me abrigara junto com meus servos, e, em breves horas, tomávamos a estrada antiga, em direção ao local de nascimento de Vincenzo.

Aquela viagem parecia-me agora uma loucura, um despropósito, um capricho sem sentido. Mesmo assim, a decisão me fez seguir viagem, já sem tanta motivação, mas com uma obstinação meio incoerente, mas instintiva.

Na estrada, cruzamos com alguns mulos e alguns cavalos e cavaleiros, mas a maioria das pessoas seguia à pé.

Durante a marcha, pensei seriamente nas sensações que sentira ao pé do túmulo, e da presença quase tangível do santo homem que eu conhecera. Cada pedaço do caminho me fazia pensar nele, lembrar o relato de Vincenzo sobre o encontro com os lobos, lembrar de suas falas no campo de batalha, e depois, quando o visitara, após haver retornado do campo de lutas. Eu nem precisara perguntar-lhe nada. Ele falara ao meu coração de todo o sofrimento que eu sentia, das dores, das dúvidas, e tocara até no nome dela.

— Tantas batalhas, Felipe, para nada, e esta viagem também parece-me agora que estamos fazendo, para chegar a um absurdo.

— As batalhas mais difíceis, meu senhor, são sempre aquelas, que travamos dentro de nós mesmos.

Pensei na coragem de travar esta batalha e também na fragilidade do ser humano, que é tocado de perto pela ação alheia, com tanta sensibilidade à dor. Sentia-me humilhado e assustado, mas não ousava reconhecer isto.

Não queria me transformar num queixoso contumaz. Sabia, por experiência, que os queixosos são as pessoas mais antipáticas, no contato social. Ninguém lhes suporta as reclamações, a não ser para tirar partido delas.

Ao recordar de Francisco com os lobos, dei por mim a rir, pois os lobos eram os símbolos do turcos.

— O santo homem enfrentara duas vezes os lobos. - pensei, sentindo vergonha de mim mesmo. Também eu tinha que lutar contra os lobos, que me cercavam e ameaçavam despedaçar minha alma.

O contato que sentira com o santo, contudo, arrefecera a ansiedade, e a idéia de tomar contas de Vincenzo parecia-me agora um tanto quanto ridícula. Sentia vergonha dos motivos e planos com os quais partira, a

poucos quilômetros de chegar a Gúbbio. Temia que nada seria como eu esperava, quando houvera partido de minha terra. Sentia-me desprotegido, frente aos próprios planos com os quais partira. Era como se alguém me olhasse e me cuidasse, esboroando meus planos. Viajamos todo o dia e atravessamos, passando por algumas aldeias da redondeza. Meus pensamentos pareciam meio dispersos, depois da passada por Assis.

Devo referir que, durante a viagem, sentia-me acompanhado todo o tempo e meus pensamentos eram remodelados por conselhos muito determinados, que me vinham à mente. Cheguei quase a esquecer os motivos daquele meu empreendimento.

Acabamos por chegar à noitinha, em Gubbio. e eu me perguntei o que teria sido feito de Yasmin, e aquela afeição súbita e desesperada tornou a irromper vívida em mim. O estalajadeiro reparou as insígnias em minha roupa e me tratou com fidalguia, providenciando-me um quarto confortável e hospedagem para meus servos, e abrigo para nossos animais. Eu esperava alguém muito rude, mas suas maneiras me cativaram de pronto e resolvi descansar, por que a cabeça me andava à roda, imobilizada com o acontecido em Assis, onde a presença de Francisco se fizera sentir.

No dia seguinte, rumei para a propriedade de Vincenzo, que foi apanhado completamente de surpresa com a minha chegada. Ele estava muito molesto. Encontrei-o sentado na sala de sua casa senhorial, e levei um susto ao constatar que emagrecera tremendamente. Não pôde se levantar para me saudar, o que indicava a seriedade de seu estado.

Os familiares o cercavam de atenções e carinhos, e minha chegada provocou uma emoção forte nele.

Eles me fizeram sentar perto dele, e deixaram-nos a sós, dizendo que iam providenciar algum refresco para mim e meus servos. Ele estava agitado com a minha chegada, mas eu, que saíra da minha terra querendo retomar a conversa que ele truncara, antes de retornarmos à pátria, estava sem jeito, abatido, me sentia estranho, ridículo

— Foi bom que você veio. Eu tentei várias vezes rascunhar uma carta para você, que lhe seria entregue após a minha morte, mas sua chegada modifica meus planos. Melhor mesmo é falar-lhe.

Eu ia retrucar, dizendo para não falar em morte, mas apenas balbuciei umas palavras sem sentido, enquanto ele sorria tristemente e repetia:

_ Estou à espera da morte. Todos estamos, só que alguns a sentem mais perto, preparam a bagagem a levar junto com ela. Por isto, é tão bom que tenha vindo, antes dela. Felizes aqueles que podem ajustar suas contas antes de ter que partir.

_ Não vim de tão longe para ouvir discursos sobre a morte. - falei, tentando quebrar o tom funéreo de suas palavras, mas ele prosseguiu com um sorriso triste:

_ Não deve ver em mim um rival. Amei Yasmin, é verdade, creio que morrerei amando-a, mas nem cheguei a conhecê-la direito. Não houve tempo, mas, se ela, quase à morte, incumbiu-me de levar até você seu amor, creio que deve ficar seguro de seu sentir.

Eu viera para ouvi-lo dizer aquilo que meu coração pedia, mas, ao vê-lo tão alquebrado, tão depauperado, comecei a me sentir um insensível, um miserável por ter vindo de tão longe, para espicaçá-lo com meus problemas.

_ Para que falar destas coisas ?- perguntei sem uma vontade efetiva.

Um servo chegou, servindo-nos vinho. Aquilo era um absurdo.

_ Esperava por você, não queria morrer, sem lhe falar uma última vez, que fosse.

_ Se soubesse que minha chegada o faria lembrar da morte, pelo muito que vimos matar e morrer... - falei, tentando levantar-lhe o ânimo, estranhando que eu me abalançara percorrer tão longo sítio, para tirar satisfações sobre ele e Yasmin, e, agora, que estava ele a falar do assunto, querendo esclarecer-me, eu não queria tocar no caso. Verdade é que temia que ele estivesse dizendo a verdade, e que logo partiria deste mundo dos chamados vivos.

Que experiência singular que é a vida, esta capacidade dos homens de falarem entre si, e até mesmo de se entender sem palavras...

Ele destruía todo meu arsenal de raiva, frustração, desespero, abandono, com uma sinceridade desarmada, fazendo com que eu lutasse pela razão oposta, pela qual eu me conduzira até ali.

O efeito que seu estado físico provocava em mim fora súbito e arrasador. Minha mente estava pejada de vergonha e comiseração, mas isto causava nele um frenesi estranho, como se eu o ofendesse com minha piedade.

Eu estava quase em pânico, amaldiçoando-me por haver feito aquela viagem, ele, ao contrário, estava feliz com minha presença, como a demonstrar sua virilidade, pela coragem de arrostar minha raiva.

Por um instante, pensei em Yasmin, como ela se conduziria se nos visse ali, frente à frente.

Nisto, uma doce figura de mulher, entrou na sala, trazendo a Vincenzo uma chávena de uma bebida, que me pareceu medicamentosa:

— Não deves te cansar, nem te emocionar demais.- falou ela, acrescentando - Perdoa se te interrompo.

Ele a olhou agradecido, e me apresentou:

— Este é Hervé, o conde de Nevers, de quem já te falei. Esta é Giovanna, a minha esposa.- apresentou ele.

Ela se inclinou e, novamente pedindo desculpas, retirou-se . Fiquei interdito. Vincenzo, apesar de gravemente enfermo, pelo ferimento que recebera em batalha, se consorciara, ou era casado anteriormente ?

Assim que ela se retirou ele me esclareceu:

— Casei-me um mês após haver chegado das lutas.- comentou ele. - Ela já era minha amiga, casamo-nos um mês após minha chegada, e ela tem se dedicado muito a mim, mas todos nós, aqui em casa, sabemos que estou condenado à morte brevemente. Por isto, lhe afirmava que me senti feliz com vê-lo, pois sei que tem dúvidas quanto à mulher síria, que sei que você ama. Quem sabe ela ainda viva, quem sabe um dia a possa encontrar, quando cessarem as hostilidades ? Só Deus pode saber, mas não quero morrer, me sentindo um estorvo em seu caminho, não desejo partir ao encontro de minha verdade, obstruindo a sua.

— É verdade que eu quisera saber detalhes do seu envolvimento com a mulher síria, é verdade que eu também queria saber se ela ainda vive, e que pudéssemos tê-la aqui, agora, mas também é verdade que vieste muito mal da batalha, mas, tendo sobrevivido até aqui, tens chances enormes para viver.

Ele sorriu tristemente, como se estivesse suspenso entre a vida e a morte e já visualizasse o Outro Lado, e com muito custo, arrematou:

— Você sabe quanto mal pode fazer uma seta de ferro. Vimos muitos morrerem assim, ainda que os cuidássemos e transportássemos em padiolas. Tenho tido minha batalha particular, desde que cheguei, dia após dia, noite após noite, com dores cruéis que me assediam sem parar. Mas, com mil demônios, sei que não veio aqui para saber de minha saúde.

Quando cheguei ferido das sortidas pelo Nilo, quando lhe falei da mulher, eu soube que você a amava, e a lembrança dela ferida, seu gesto ao se despedir de mim, tudo ficou muito claro em minha mente. Não sei porque as pessoas não vêm as coisas com clareza. Para mim tudo é tão óbvio. Mas, tome seu vinho, que ele é bom, revigora, solta a língua, nos torna mais verdadeiros. Acho que por isto o Cristo, quando deu o vinho o comparou ao seu sangue. Aliás, quanto sangue derramado em seu nome, não é mesmo ? Isto às vezes me parece absurdo.

Ele tomou seu copo e um leve tremor tomou sua mão.

Eu não sabia o que dizer, e perguntei qual o tratamento que estava fazendo, contando da peregrinação que estava havendo ao túmulo de Francisco. Ele me ouviu com curiosidade, e sorriu tristemente, ao se recordar do santo que ambos conhecêramos.

— Logo estarei com ele., lógico, se eu tiver merecimento.- disse com tristeza.- Nunca na minha vida me senti tão imprestável. Pelo menos você dá algum sentido à minha partida., agora que me sinto tão impotente

Busquei dentro de mim mesmo palavras que o encorajassem à luta.

— Francisco não gostaria de ver-te assim. Tanta coisa aconteceu, e agora queres se entregar sem luta ? Na frente de batalha, tu e teus homens eram sempre um grupo discordante, um agitador, um contestador., e agora fica aí à espera de um assalto, sem preparar a defesa, nem o ataque? Vais acabar com a fama de aguerridos dos italianos.

Vincenzo sorriu tristemente, e convidou-me para uma refeição do almoço.

Apesar de querer sair dali, achei de bom alvitre ficar mais um pouco, tentando alentá-lo.

E foi o que fiz, com meus servos, saindo logo depois, de retorno ao local onde me abrigara, para me preparar para a longa viagem de volta.

Todo o tempo eu sentia a presença de Francisco ao meu lado, como se ele quisesse que eu me tornasse um pouco mais flexível, um pouco menos ressentido, mais maleável à dor alheia, mais voltado ao entendimento.

Ao me despedir de Vincenzo, senti que ele realmente não teria muito tempo mais de vida, e isto me machucou interiormente.

À noite sonhei com o cerco a Damietta. Via-me sobre meu fogo corcel, tendo ao meu lado Felipe e meus homens. Levava à mão a flâmula de minha nobreza, e seguia depois pelas ruas sinuosas da cidadela. Via os

homens saqueando as casas, e homens e mulheres praguejavam ofensas, por onde eu passava. Sentia uma estupidez imensa na turba e nos soldados. Via os homens tentando salvar a fortaleza, e Vincenzo atacando simultaneamente as muralhas.

Depois me via docemente embalado pela palavra estranha de Yasmin, num tapete vermelho e dourado, macio como o pelo de um gato. Via meus dedos passando pela sua pele macia e adorável, seus olhos firmes e brilhantes postos em mim, enquanto lá fora a pilhagem prosseguia selvagemmente. De repente entrava Vincenzo e seus homens e a arrebatavam de mim. Tomava minha espada, pulava no meu corcel rapidamente, e os seguia com as veias a latejar no pescoço, pelo desespero que sentia.

Ela não parecia disposta em segui-lo, e seus olhos profundos e escuros me buscavam com desespero

Nisto, vinda não sei de onde uma seta a atingia no peito. Ela me olhava como que morrendo, o sangue a encharcar-lhe as vestes, observando-me séria. Era como se eu pudesse ver-lhe a alma pelos olhos..

Entrávamos num acampamento e uma névoa cobria tudo. Eu procurava manter-me firme, sobre o cavalo, tentando ver alguma coisa, mas a névoa era como a morte que ocultasse tudo. Avançava temente e desesperado, para vê-la adiante, caída na terra, nos braços de Vincenzo.

Um desespero imenso tomava conta de mim. Eu partia para cima dele, como um celerado, e o golpeava com força, até vê-lo também estendido na terra, correndo para a mulher, segurando-lhe a cabeça junto ao meu peito, chorando e pedindo que não partisse.

Ela olhava para Vincenzo com tristeza e reprovação e me dizia :

_ Por que ?

Eu respondia em total confusão mental:

_ Se você partir terá sido por culpa dele. Não morra.

_ Ele estava tentando me salvar. Não devias te-lo atacado.- dizia ela, e sua reprovação soava como uma condenação para mim, e uma declaração de amor a ele.

Eu olhava para Vincenzo e ele sorria, aquele mesmo sorriso triste com o qual se despedira de mim, como a me dizer:

_ Vieste de tão longe, só para ter a certeza de que ela te amava. Amas muito a esta mulher, e eu não deveria ter me colocado entre vocês.

Eu não sabia se o socorria, arrependido de o ter atacado, ou se socorria a mulher que desfalecia nos meus braços. O meu desespero era

imenso. A impotência frente à morte era algo alucinador.

_ Derramei o sangue de um amigo.- eu dizia em desespero, sentindo-me um verdadeiro Caim.

A angústia era tão grande, que comecei a chorar e a maldizer-me, desejando também morrer.

A névoa nos cobria mais e mais. Eu já não podia distinguir Vincenzo. A névoa parecia uma chuva de cinza muito fina, como aquela que sai da boca dos vulcões em erupção, cobrindo tudo.

Aos poucos ela me cobria também e a Yasmin, nos meus braços.

A incapacidade de ver se alastrava rapidamente, e eu sentia uma tristeza enorme bulir com meu coração, cada vez com mais intensidade.

Fiquei um tempo que não saberia definir, imerso naquela nuvem de cinza e angústia, como se tudo estivesse liquidado, aniquilado irremediavelmente.

Uma desolação tomava conta de meu íntimo, e nela pude ouvir a voz de Vincenzo a dizer :

_ Ela te amava. Ela sempre te amará.

Havia tanta tristeza naquela voz, que eu acordei de chofre, sentindo-me tão diferente, que era como se estivesse voltando dos braços da própria morte. Demorei uns instantes ainda a me refazer do sonho que parecia tão real, que ainda me sentia preso ao chão, com ela nos braços, envolto por aquela densa névoa de cinza e fumo.

Naquele mesmo dia parti de retorno à terra natal, mais aliviado do que quando buscara aqueles sítios.

E naqueles mesmos dias, enquanto eu cavalgava imerso em pensamentos profundos , numa introspecção forte e decisiva, Vincenzo partia para o Plano Espiritual, amparado pelo calor de sua querida Giovanna, rumo às novas conquistas de sua alma imortal.

CAPITULO XIX - REVIVENDO.



Numa época em que as virtudes eram exaltadas, surgiu um rei que era um símbolo de humildade, austeridade e religiosidade, amado pelo seu povo, engrandecido pelos seus vassalos, admirado pelos seus inimigos,

Luís IX, rei da França, casado com Margarida da Provença, uma mulher de grande senso de humor, cujo orgulho foi moldado no contato com seu santo marido. Os filhos o tinham como um mestre austero e reservado.

Quando em 1244 o bispo de Beirute, Galeran, partiu para solicitar uma intervenção do ocidente em Jerusalém, no auxílio ao patriarca Roberto, o novo papa, Inocêncio IV, que tinha sido expulso da Itália, realizou um concílio em Lyon, para que se resolvesse como se poderia impedir o domínio de Frederico.

Com isto, nova pregação sobre a cruzada foi disseminada, por toda a França e locais adjacentes da Europa.

O rei Luís adoecera gravemente. O que tinha em determinação, em caráter, mantendo sempre a palavra empenhada, tinha em deficiência com a saúde, estando sempre com problemas de anemia e erisipela.

Prometeu que, se ficasse curado da malária que o pusera no leito, ele iria numa nova cruzada até Jerusalém.

As arbitrariedades do rei Frederico eram demais tormentosas, e ele até cogitou de aprisionar o papa em Lyon, no que foi obstado pelo rei Luís, que, apesar disto, tudo fez para mantê-lo informado de suas decisões, já que Frederico era o pai do imperador de Jerusalém, seu filho Conrado. Apesar disto, o outro não agiu com tanta lisura como ele, pois informou aos egípcios tudo o que Luís vinha resolvendo.

Foi neste tempo que eu e Hugo de Lusignam, meu amigo, tendo já atingido a idade madura, após muito sofrimento, pelos laços de amizade à família real, pensamos novamente em nos alistar, junto do contingente que partiria.

Como se o destino obedecesse novamente os mesmos meandros do passado, vi-me enleado na disputa sobre a partida se dar em Gênova, ou Veneza, ou até mesmo Marselha. Tal como da outra vez, os venezianos, por seus acordos comerciais, se imiscuíam em tudo.

Finalmente, decidiu-se por conseguir as embarcações para traslado dos cruzados, de Gênova e Marselha.

Deste modo, no mês de agosto de 1248 o rei Luís partiu de Paris, em direção a Chipre.

Muitos nobres de alta estirpe seguiram junto ao rei, entre eles seus dois irmãos, Roberto, conde de Artois, e Carlos, conde de Anjou, bem como a rainha. Seus primos também seguiram com ele, Hugo e Pedro, duque da Borgonha e conde da Bretanha, respectivamente.

Eu e meu amigo Hugo X, que havíamos participado da quinta cruzada também seguimos com ele, bem como Guilherme Dampierre, conde de Flandres, João de Joinville, o historiador, e João, conde de Sarrebruck, mais nove cavaleiros.

As tropas se reuniram em Chipre, para se juntarem com o grão mestre dos Templários e dos Hospitalários.

Todos estavam concordes que o Egito deveria ser o alvo principal de nossas investidas

Enquanto os templários pensavam em fazer acordos com o sultão Ayub, o rei Luís não quis saber de diplomacia, pois, para ele, era urgente combater os infiéis.

Tentando um acordo com os mongóis, para atacar o Egito, o papa Inocêncio IV enviou um franciscano, com presentes a eles, mas o rei Guyuk tratou o papa e seus aliados, como se fossem vassalos que lhe devessem obediência.

Foi a vez de um dominicano tentar a tarefa de um acordo, e dois representantes dos mongóis seguiram para Roma, onde permaneceram por 2 anos, até serem chamados de volta.

Quando dois nestorianos chegaram com uma carta, elogiando os cristãos, o rei Luís ficou encantado e enviou uma capela portátil, relíquias e presentes, junto a uma comissão de dominicanos.

Quando finalmente a caravana chegou a Karakorum, o rei Guyuk tinha morrido e sua viúva Oghul Quimish, recebeu tudo como um exemplo de vassalagem, respondendo com uma missiva de agradecimento, manifestando que desejaria continuar a receber anualmente presentes.

Diplomaticamente, tudo fora um fracasso e Luís, finalmente, resolveu partir para atacar o Egito.. Os mantimentos estavam prestes a acabar, enquanto mais aliados chegavam, para se incorporar ao exército do rei.

Uma parte da esquadra perdeu-se numa tempestade no mar, outras foram chegando desordenadamente à costa egípcia, ao largo de Damietta..

Quando o sultão percebeu que o ataque não se daria pela Síria, e sim pelo Egito, ele correu para o Cairo. O pobre homem estava em adiantado estado de tuberculose, e isto o impedia de poder comandar pessoalmente seu exército. Deste modo, pediu auxílio para as tribos de Banu Kinana, que eram beduínos corajosos e célebres.

Quando Luís desembarcou num dos braços do delta do Nilo, houve um confronto feio com os inimigos, e por mais disciplinados que estivéssemos, as baixas foram muitas. João de Ibelin, conde de Jafa, conseguiu repelir os muçulmanos. Durante a noite, Fakhr ad-Din, com uma ponte feita de barcos, invadiu Damietta e evacuou a cidade, enquanto os Banu Kinana colocavam fogo nos bazares.

Quando os cristãos, dentro dos muros, avisaram que a cidade não estava guarnecida, os cristãos do ocidente usaram a mesma ponte de barcos para adentrar nela, marchando triunfalmente.

Tal como acontecera em 1219, tomamos novamente a cidade, restaurando os cultos na catedral, e sabendo o que ocorrera no passado, o rei Luís resolveu não subir o Nilo, durante as cheias. Balbuíno II foi tratado com especial deferência pelo rei, já que governava Constantinopla.

Logo chegava o calor e o alimento começou a faltar, enquanto uma doença tomava a guarnição.

Comecei a relembrar o périplo tão semelhante, acontecido há mais de duas décadas.

E tal como acontecera há trinta anos, o sultão, mesmo moribundo, ofereceu Jerusalém em troca de Damietta ao rei Luís. Tal como procedera anteriormente o cardeal Pelágio, com seu orgulho, o rei, mesmo sendo mais humilde, também se recusou a fazer acordos com os infiéis.

Não se conformando com perda de Damietta, o sultão mandou executar os emires das tribos de Banu Kinana, castigou Fakhr ad-Din e os comandantes mamelucos.

Beduínos atacavam a cidade, e o rei Luís teve que mandar fazer fossos e ampliar as nossas defesas.

Enquanto o sultão falecia em Mansourah, os francos avançavam, com o apoio recém chegado do irmão do rei, Afonso de Poitou.

Soubemos da morte do sultão, e da posse do trono pelo general envelhecido e pela viúva, bem como a vinda do filho do casal, para tomar posse do trono, enquanto marchávamos para o Cairo.

— As águas do Nilo estão baixando.- observei conversando com Hugo, lembrando nossos desgostos e perdas da outra vez, que nos abalançamos por aquele caminho.- Lembro-me bem de nossa fuga pelo mar de lama, seguidos de perto pela infantaria núbia e pela cavalaria turca.

Com os olhos marejados de lágrimas, lembrava-me também de Yasmin. Ele concordou comigo, comentando:

— A sorte parece favorecer o rei Luís, desta vez, pois o sultão está morto. Apesar disto, qualquer canal que tentamos atravessar, está guarnecido com tropas de Fakhr ad-Din, que nos ataca com a cavalaria.

— Finalmente logo estaremos diante de Mansourah, onde morreu o sultão, e aí nos veremos frente à frente com o inimigo.- comentei de minha parte

Seis semanas estivemos frente à frente com o inimigo, enquanto os egípcios tentavam cruzar para a ilha de Damietta, sendo frustrados no seu ataque pelo conde de Anjou.

Luís tentou empreender meios de ligar as margens do rio, mas o bombardeamento grego e egípcio impediram as obras dos trabalhadores.

Neste meio deste tempo, um copta veio falar com o rei, jurando que sabia uns baixios, pelos quais o exército poderia passar, em Bahr as - Saghir.

Cobrou 500 bizâncios pela informação e, com isto, o exército passou, sendo que ia à vanguarda o irmão do rei, Roberto de Artois, com os templários e os ingleses.

O rei dera ordens para que não se atacasse os egípcios, mas Roberto não atendeu, pois esperava contar com o elemento surpresa, para dominar os egípcios. Apesar dos protestos dos templários e dos ingleses, avançou sobre o acampamento egípcio, matando todos os que surgiam a sua frente, e conseguindo, com o apoio dos templários, dar cabo do generalíssimo do campo, Fakhr ad-Din.

Todos queriam esperar pela decisão de Luís, mas Roberto continuou na perseguição e os templários e ingleses tiveram que segui-lo, para não serem acusados de covardia.

No entanto, apesar da morte de seu chefe, os mamelucos haviam se organizado rapidamente, e deixaram os cristãos passarem pela porta aberta, para nos atacarem pelos flancos. No meio da confusão, muitos homens tentaram fugir pelo Nilo, morrendo afogados, outros foram varados pelas armas do inimigo, de tal sorte que, dos noventa e cinco homens do grupo dos templários, somente cinco lograram escapar com vida. Também os ingleses sofreram revezes, e Pedro da Bretanha saiu gravemente ferido na cabeça, sendo que o próprio irmão do rei, Roberto, pagou com a vida por sua imprudência.

Luís mandou que seus homens construíssem uma ponte e ficou à espera do ataque, quando soube do que estava acontecendo à sua frente.

Logo as flechas dos mamelucos caíam sobre as fileiras, e, somente quando elas escassearam, é que o rei ordenou o ataque. Com imenso sacrifício, o pontão foi construído e os besteiros chegaram, para dar amparo ao monarca.

Foi a vez dos egípcios voltarem para Monsourah, e nós acampamos no acampamento egípcio, uma troca absurda de posições.

Somente então, contaram ao rei da morte de seu irmão Roberto, e ele chorou amargamente.

— Foi neste mesmo local que tivemos que desistir, e fazer um acordo para entregar Damietta.- comentei com Hugo. - Sinto que tudo parece obedecer a um mesmo fado desta vez.

— Realmente foi neste local que fomos detidos, e obrigados a nos retirarmos.- falou ele suspirando, enquanto uma lua esplêndida se mostrava nos céus.

A beleza daqueles locais jamais serão esquecidas por nossos espíritos, mas era tremendamente estranho que eu retornasse ao mesmo ponto, quase trinta anos depois.

Ainda bem que Luís reforçara o campo, porque não demorou três dias e eles nos atacavam. Nós, os francos, nos colocávamos do lado centro direito, e quase sucumbimos, não fora pelo auxílio do rei, enquanto, na ala esquerda, os sírios e cipriotas se mantinham firmes. As mulheres salvaram Afonso de Anjou e Guilherme morreu, com os dois olhos vazados. Cansados, os muçulmanos se retiraram.

Turanshad, filho do falecido sultão, enquanto isto, seguira para Damasco e depois para o Cairo., de lá retornou ao campo egípcio com barcos leves, levados por camelos.. Com eles interceptava a comida que deveria seguir para Damietta. Primeiro capturou oito barcos, depois trinta e dois, de uma só vez, dos nossos.

Tal como no passado, éramos assolados em Damietta pela fome, e, logo em seguida, pela peste e pela desinteria e tifo.

O rei Luís acabou por pedir Jerusalém em troca de Damietta. O sultão, contudo, não quis saber de acordos. Começamos a retirada penosa, pois o pontão não foi destruído e os mamelucos vieram por ele, atacando-nos selvagememente. Barcos transportavam doentes, e os que podiam andar seguiam a pé. A marcha era lenta e difícil. A perseguição era cerrada, e a valentia do soberano, bastante doente, mantinha o moral de todos.

Em meio a tudo isto, um sargento de nome Marcelo andou entre os cristãos, dizendo que o rei pedira a rendição incondicional. Pensando que isto era verdade, um a um foram se entregando os chefes dos grupos, os nobres, e enorme contingente de prisioneiros foi feito.

Imediatamente, o sultão mandou executar os mais fracos e doentes. Assistimos à chacina sem nada poder fazer, agora cientes que o rei Luís não dera a ordem de rendição.

Joinville, dizendo-se primo do rei, conseguiu salvar a muitos dos capturados. Realmente, era primo de Frederico e isto o colocou a salvo e alvo de bajulação dos seus captores.

Na prisão, exigiam do rei que entregasse Damietta e as terras da Síria, que ele alegou serem de Conrado, e, por isto, não as podia ceder.

O rei teve que resgatar seus homens no valor de 500.000 libras tournois, ou um milhão de bizâncios. Graças ao apoio da rainha, que tudo pode ser feito, e ela deu à luz um menino, que se chamou João Tristão, que quer dizer filho da mágoa. Ela comprara com sua fortuna comida para os pisanos e genoveses, que ameaçavam abandonar Damietta.

Mas não apenas nós conhecíamos revezes. Os mamelucos se indispuseram com o novo sultão e o mataram. O mais antigo comandante mameluco foi nomeado, Izz ad-Din Aibek, que desposou a madrasta do sultão, a viúva de Ayub..

Os muçulmanos nos cercavam, ameaçavam cortar nossas cabeças, faziam piadas de mau gosto, mas o rei Luís em nenhum momento, perdeu sua dignidade. Eles chegaram a exigir que ele renunciasse ao Cristo, o que fez com que ele respondesse com altivez:

_ Para mim é mais fácil morrer pelo Cristo do que negá-lo.

Vendo que não o conseguiam abater, passaram a admirá-lo e chegaram a oferecer-lhe o título de sultão, para que os comandasse.

Corria o mês de abril de 1250, e, em maio, Godofredo de Sargines entregou o comando da fortaleza de Damietta aos muçulmanos. Como o rei Luís só tivesse 170 mil libras, Afonso de Poitou foi mantido refém. Os templários entraram com o restante do dinheiro, por ameaça de violência contra eles.

Navegamos num mar tempestuoso por seis dias, para chegarmos ao Acre, e ficamos sabendo que, ao contrário do que nos fora prometido, os soldados feridos que haviam ficado em Damietta tinham sido massacrados. Uma carta da mãe do rei Luís, o chamava de volta à França. Os irmãos do

rei também pediam que ele partisse, mas ele tomou sua decisão, pensando nos prisioneiros que ainda restavam no Egito. Ele ficaria e com ele o conde Joinville.

A rainha ficou com o rei e mais 1400 homens, entre os quais eu estava.

Os vassalos franceses partiram e começou a luta entre nossos inimigos. De um lado Damasco, do outro o Cairo. A rivalidade entre as duas cidades fez com que um embaixador de An -Nasir Yusuf pedisse apoio a Luís, contra seus inimigos. Lembrando dos prisioneiros, Luís mandou dizer a Aibek que se não entrassem num acordo, ele faria aliança com Damasco. Isto fez com que 3000 prisioneiros nossos fossem trocados por 300 deles. Com os prisioneiros vieram um elefante e uma zebra de presente para o monarca francês.

No inverno de 1250, Damasco iniciou uma invasão ao Egito. Os mamelucos dominavam o Egito, mas os aiubitas detinham a Palestina e a Síria.

Dois anos depois, Luís fez um acordo com Aibek e, sem pagar nada, conseguiu libertar todos os prisioneiros

Contudo, com a intercessão de Bagdá e o medo do ataque dos mongóis, tanto os mamelucos quanto os sírios acabaram por se unir novamente, em abril do ano seguinte. Deste modo, o acordo com os francos e Aibek foi esquecido.

Sem dinheiro e sem homens, Luís aprendeu mais humildade e mais diplomacia. Tentou se ligar aos Assassinos e aos mongóis, enquanto Frederico morria na Itália e Boemundo VI se casava com a filha de Hethoum, chamada Sibila. (com a aprovação do rei Luís.) O papa não enviava reforços, e não era popular entre os cristãos do oriente.

Luís ainda tentou um acordo com os mongóis. O enviado do rei ficou encantado com a biblioteca dos hospitalários, e com um sermão apócrifo do Cristo a Pedro, que era por aqueles homens considerado a encarnação de Abel, Noé e Abraão.

Nisto morre a rainha mãe, Branca, e começa uma verdadeira guerra civil na França. Ele teve que largar o Acre a 24 de abril de 1254. Antes de partir, ele conseguira uma trégua com An-Nasir Yusuf e com Aibek, mas fora melhor para a França que este rei, conquanto bondoso e magnânimo, jamais tivesse partido, numa cruzada.

As lutas entre genoveses, venezianos e pisanos foi deflagrada em Tiro, no Outremer, em Acre.

Marchas e contra marchas marcaram este período.

O rei Luís nunca esqueceu a Terra Santa, e mandava anualmente dinheiro, para manter as tropas que deixara sob o comando de Godofredo de Sargines, pois sempre tivera esperanças de partir para nova cruzada.

Isto se deu em 1267, quando ele se encontrava bastante doente, e se preparou, sendo que somente em 1270 é que partiu realmente, com destino à Palestina.

Ao contrário de Luís, seu irmão Carlos era um homem cruel e ambicioso, bem como sua esposa a condessa Beatriz. Este persuadiu Luís que o emir de Tunis queria se converter ao Cristianismo. Confiando nele, Luís partiu com seus três filhos, com seu genro, Tibaldo de Navarra, com seu sobrinho, Roberto de Artois, com Hugo, o conde de La Marche, eu mesmo, já no ocaso de minha vida, e os filhos de seus companheiros da cruzada anterior.

Chegamos a Cartago num calor infernal, para descobrirmos que o emir não queria se tornar cristão, e fomos assolados por uma epidemia. Os soldados e nobres, cavalos e gente simples caíam mortos aos magotes. Os filhos do rei, inclusive Tristão, nascido em Damietta, pela coragem da rainha Margarida, logo morreu.

O rei foi um dos primeiros a ser atacado pela moléstia. Logo os muçulmanos sabiam da notícia de sua morte e respirariam aliviados, enquanto a França mergulhava em luto. Era o dia 25 de agosto de 1270.

Baibars não sobreviveu muito tempo ao rei Luís. Morreu em 1 de julho de 1277. Fora o maior inimigo da cristandade e, durante seu reinado, limitara muito o domínio dos francos. Era um homem diabólico, mas foi um grande governador para seu povo.. Sucedeu-lhe seu filho Baraqa

A seqüência das lutas envolveu os mongóis, novos papas, os sírios e muçulmanos., até que o sultão al-Ashraf destruísse Acre, o emir Shujai destruísse Tiro, depois foi a vez de Beirute, depois foi Tortosa e Athlif. Ao longo da costa, só desolação. Após mais um ano, foi a vez dos cristãos de Chipre. Outro século se iniciara, e eu, mais meus companheiros de jornada, durante as últimas cruzadas, já havíamos partido pela morte.

Tudo se iniciara com uma tentativa de auxiliar os cristãos do oriente, contra os muçulmanos. E tudo terminava com o domínio dos

muçulmanos, contra os cristãos do ocidente, com a tomada de Tiro em 1570.

Tantos séculos de lutas e desespero, de ambição e fanatismo, de uma religiosidade perdida nos meandros do poder e da insanidade.

Muitos séculos ainda demoraremos, para conseguir a emancipação desta história dolorosa.

Foi neste tempo, que viveu o célebre Jaime de Molay, que discutiu com o papa Clemente com respeito às acusações que se faziam à sua Ordem

As riquezas dos Templários e Hospitalários se tornaram lendárias. Por ordem papal os Templários foram perseguidos, aprisionados, torturados, mortos, perdendo seus bens. O rei que mais os perseguiu foi Filipe, sendo que o rei Diniz, português, negou-se a vexá-los. Somente os fatos relacionados aos Templários mereceriam livros à parte. Verdade é que eles eram membros de uma ordem maçônica, que a Igreja perseguia. Jacques Molay foi queimado publicamente na França, em março de 1314.

Foi também no período das cruzadas que ocorreu a Guerra dos Cem Anos, entre a França e a Inglaterra, com a participação especial, deste espírito de escol, que foi Joana D'Arc.

Historicamente, as cruzadas se constituíram num tremendo fracasso.

Jerusalém permaneceu na mente de homens e mulheres, até mesmo das crianças, mas todos os esforços por conquistá-la se mostraram ineptos e caprichosos.

Reinos europeus se uniram neste tentame, milhares de espíritos se irmanaram, milhares partiram nos campos de batalha, e milhares levaram consigo dívidas e perdas, sofrimentos morais, materiais, espirituais, emocionais terríveis, para as vidas futuras.

A arquitetura prosperou, a cultura foi repartida, os árabes trouxeram novas luzes de conhecimento à Europa, e esta começou a aprender a se unir. Os erros foram se repetindo, através dos séculos e das gerações. A Cristandade parecia impermeável ao aprendizado.. Indulgências e recompensas passaram a fazer parte do comércio papal, e a consequência disto foi totalmente negativa para o ocidente.

Porém as guerras santas prejudicaram ainda mais do que aos cristãos do oriente, o espírito do próprio Islão. O respeito havido entre cristãos e muçulmanos deixou de existir, a hostilidade vingou, a

convivência se deteriorou, a inflexibilidade surgiu, e a intolerância comandou.

O desastre causado aos cristãos ortodoxos, ou do oriente foi tão terrível, que, neste século XXI, o papa João Paulo II se viu na obrigação de pedir perdão à Igreja Grega, perdão este que não lhe foi concedido.

Embora grandes espíritos tivessem se encarnado na época, embora almas nobres tivessem participado das lutas, dando o seu melhor, a fé cega e intolerante mostrou seu lado mais fatídico.. O mundo demorará muito tempo ainda para ressarcir as dores, a impiedade, a violência praticada contra tantos e a crueldade de muitos.

Prova disto, é que, ainda hoje, Jerusalém é palco de desencontradas manifestações de fé e intolerância entre árabes, palestinos, judeus, cristãos, hebreus e muçulmanos.

Se a época das cruzadas conheceu também o início da Inquisição e, no final, o movimento renovador do Renascimento nas artes, causou uma das feridas mais fundas nas coletividades terrenas, pelo que representou em erro, em ignomínia, em perdas financeiras e de vidas, em desvios do pensamentos religioso e político dos povos e nações.

Em nome de Jesus, muitos crimes foram perpetrados por milhares de seres até bem intencionados, mas totalmente contrários à Doutrina de Amor.

O pranto de Jesus por Jerusalém, as palavras que ele disse às mulheres, enquanto conduzia sua cruz, foram proféticas, com relação aos momentos aí vividos da época das cruzadas, e até mesmo nos dias atuais.

Tudo tem sido muito difícil e pernicioso, no modo de entender o Cristo, Jesus de Nazaré, cuja doutrina é tão simples e tão dadivosa.

Agora, tantos séculos passados, estamos irmanados, para implantar o verdadeiro cristianismo ressurgido na França, com o missionário Allan Kardec, no Espiritismo redivivo.

As cenas dantescas das Cruzadas estão gravadas, nos mínimos detalhes, na aura do planeta azul, a Terra.

Possamos nós, artífices daquelas trágicas injunções, colaborar para as mudanças programadas , para a transformação deste planeta de provas e expiações, num planeta de amor e esperança.

CAPITULO XX - REENCONTRO



No primeiro entrevero nosso, junto ao rei da França, acontecera algo que me motivaria a ficar com o rei, enquanto ele quisesse permanecer no Acre, algo que mexeria com meus brios de homem, e com meus sonhos espirituais mais íntimos.

Preferi relatar primeiro todo o périplo daquele homem impar, que foi Luís IX, mesmo porque preciso de um tempo só meu, para contar as emoções pelas quais passei, quando o prognóstico de Francisco, com relação à minha pessoa e a Yasmin, finalmente se deram.

Luís preparava a troca de prisioneiros, cheio de ardor e de alegria, pois sua maneira de pensar, sua consciência muito arraigada aos conceitos de honra e de responsabilidade, o acusavam da desgraça dos seres, sob o guante dos inimigos.

Foi num daqueles dias, em que ele parecia mais doente, que eu o visitei, impulsionado por um movimento interno forte e decisivo.

Acordara com vontade de ir ter com o monarca, que eu via raras vezes, apesar da amizade de nossas famílias, e de eu ser um dos nobres engajados nas lutas das cruzadas, pela afinidade com ele.

Luís acabara de cear, quando eu cheguei e fui introduzido no seu palácio em Acre, onde já se encontrava seu embaixador João de Valenciennes, um homem de tal tino diplomático, que conseguira garantir a libertação de muitos cavaleiros, entre eles o grão-mestre dos Hospitálários, que fora capturado em Gaza em 1244.

João de Valenciennes é um daqueles seres que nasceram, para aplacar o sofrimento alheio, acalmar todas as dissensões, apaziguar os inimigos, num clima de cordialidade e entendimento. Era uma daquelas almas predestinadas, que, onde se encontram, conseguem modificar a estrutura das ações momentâneas, em rasgos de generosidade, na vitória do bom senso e da amizade.

Conhecê-lo, naqueles tempos tão difíceis, foi uma das coisas melhores que me aconteceram, um verdadeiro privilégio.

Após saudar o monarca com o respeito que lhe devia, e feitas as apresentações, falou-me brandamente o embaixador, que estava selecionando os prisioneiros que contava entregar, em troca de um número dez vezes maior de nossos companheiros, detidos pelos infiéis.

— Como pode ser isto ?- perguntei com naturalidade. - Contas fazer tal troca ? Sabes que estamos numa situação difícil, sendo cada vez mais escorraçados para o caminho de volta, e crês, sinceramente, que conseguirás tal proeza ? Dez homens dos nossos por apenas um dos deles ?

— Basta-me argumentar com as palavras do próprio chefe muçulmano, que afirma que cada homem dele vale por dez dos nossos.- falou ele com um sorriso tão cativante, que eu mal podia acreditar que aquele homem tão tranqüilo fosse o representante do rei, e julgasse poder atingir seus objetivos, agora, que novamente estávamos perdidos, sem meios de atingirmos nossos sonhos de dominar o Egito, de invadir o Cairo, de retomarmos Jerusalém.

— Se algum dia eu precisasse de alguém para me defender no Tribunal Celeste, não pediria ajuda de mais ninguém, além deste nosso amigo João de Valenciennes, meu caro Hervé. - falou o monarca com um ar tão admirável, para alguém tão doente e tão atormentado pela culpa da desgraça alheia, um monarca tão ansioso pelo bem estar de seus súditos, que eu fiquei mais intrigado ainda, com a figura do embaixador.

Verdade que já cruzara com ele algumas vezes, e sempre ouvira referência elogiosas sobre sua pessoa, mas achei um despautério que ele julgasse que, com palavras, conseguiria o que não havíamos atingido pelas armas, nem com a presença daquele rei, que era considerado e admirado por todos, até pelos inimigos e, com muito tato, tentei argumentar com ele.

— Meu caro amigo, prezo muito tuas intenções, e creio que os céus hão de cobrir-te de bênçãos, pelo que intenta fazer, mas, um povo que acaba de matar o seu sultão, que tem receio dos mongóis, e abriga um grupo de Assassinos, capazes dos atos mais violentos e mais loucos que já pude conceber, não hão de amparar tuas pretensões.

— Tanto confio no sucesso de minha visita, que peço licença a S. Majestade para levá-lo comigo, na escolha dos prisioneiros, que serão trocados com os nossos. Estou certo de que Deus há de guiar teus passos, na escolha melhor da gente que deva ser libertada.

— O que pensas disto, majestade?

O rei achou divertido o modo como seu embaixador conduzia a conversa comigo e respondeu:

— Hervé, meu filho, sê meus olhos e minhas mãos, na escolha daqueles que devem ser libertos. E que a mão do Cristo te conduza nestas escolhas, para que não tenhamos que comparecer, no dia do juízo final, cheios de culpa e remorsos.

A maneira como ele me dispensou, antes mesmo que eu declinasse algum pretexto para ter ido vê-lo, e o modo como havia sido desafiado pelo embaixador, adiavam minhas pretensões de uma conversa com o monarca.

Sorrindo do modo como eles punham as coisas, achei de bom alvitre acompanhar João até o campo de prisioneiros, e usar os meus minutos de poder, para ajudar o inimigo que seria escolhido, para a troca dos prisioneiros.

Mal eu sabia que novamente também aí o destino sincronizasse minhas experiências, fazendo uma brincadeira comigo, tal qual ocorrera, no tempo em que, com Vincenzo, passara por aqueles cenários.

Deste modo, segui com aquele gentil homem, até o campo de prisioneiros.

Adentramos uma casa senhorial, onde os prisioneiros, no pátio interno, se albergavam aos magotes.

Um soldado ia levando alimento de grupo em grupo e retornava fora, para apanhar mais mantimento. Homens e mulheres, velhos e jovens. Crianças também se amontoavam no chão, muitos ainda acorrentados.

— Os que aqui estão fazem parte da população das cidades que invadimos, e de caravanas que saqueamos, bem como outros. Nos quartos da fortaleza estão os soldados hábeis, que foram feridos ou aprisionados.

Observe que pode escolher deste pátio até umas cem pessoas. Eu estarei atento, caso queira algum conselho, mas prefiro que uses os poderes que todo ser humano tem de compaixão, ao fazer tuas escolhas. Busca ligar criaturas que sejam aparentadas, ou que estejam de algum modo vinculadas, pois prefiro fazer isto, a separar entes que se amam e se apoiam. Procura também as mais frágeis, mulheres, crianças, velhos. Pelo menos, é o que eu faria. Desculpa, não deveria ter te induzido à nada. Olha com cuidado, e depois me reporta tuas escolhas, que eu pensarei se posso atender-te ou não.

João me deixou à vontade, mas eu me sentia muito mal, ao pensar que eu estava decidindo sobre a vida de tantas pessoas, e, por isto, argumentei:

— Não te livrarás de tuas atribuições, passando-as a mim. Escolherei a metade do número que me pediste, e farás teu serviço, completando os que faltarem.

Ele sorriu comentando:

— Sentes uma certa estranheza pelo fato de ser o responsável pela desdita ou pela liberdade deles, não é ? Pensa que chegaste naquele momento na sala do rei, porque Deus queria que assim fosse.

— Pensas mesmo assim ? Que Deus nos comanda, como se fôssemos simples marionetes, que brinca conosco, sem consideração ?

— Tal eu não disse. O que eu afirmei é que não existe coincidência, em nada do que Deus cria. Se vieste ver o rei, no momento mesmo em que eu me desencumbia, de contar-lhe os progressos havidos na soltura dos nossos, e do que contava fazer a seguir, é porque Deus quer que participes das escolhas, e não somente eu. Mas, por menos sensível que sejas, deves já estar sentindo o peso da tarefa que te é imposta. E, então, que tal bancar um pouco Deus, por alguns minutos ?

A maneira como ele colocara o assunto, fez com que eu me sentisse aprisionado àquela tarefa, pesando-me como maldição ou castigo, benção ou oportunidade.

Deste modo, caminhei entre aqueles seres que formavam pequenos grupos afins, e fui escolhendo um por um, com algum receio de que Deus pudesse não aprovar minhas escolhas, e orando intimamente para que Ele me comandasse.

Foi quando vi, no canto do pátio, sentada sozinha no chão, uma mulher que fez meu coração bater mais forte. Eu devia estar enganado. Após tanto tempo não podia ser ela. Yasmin estava morta e eu estava louco, por certo.

Automaticamente, caminhei em sua direção, magnetizado por ela. Seria possível o que os meus olhos me faziam perceber ? Os mesmos traços, no jeito, nos olhos baixos, na testa larga, no rosto que eu adivinhava sob o véu.

Como que atraída pelo meu olhar, ela levantou seus olhos e o espanto se fez claro neles. Eu estava em pé, diante dela, e não conseguíamos tirar os olhos um do outro. Eu a reconhecera. Ela me reconhecera, apesar de eu estar com os cabelos já nevados, e o rosto com rugas profundas.

Estendi a mão para que se levantasse. João afastara-se, deixando um soldado a me acompanhar, para separar aqueles que eu fosse escolhendo, para a troca de prisioneiros, mas o homem, percebendo o modo como eu agia, afastou-se ou por educação ou por delicadeza, mantendo-se a uma certa distância.

_ Yasmin.- falei tocado pela emoção, pois a julgava morta para o mundo.

_ Faranj. - falou ela com a voz trêmula pela surpresa.

Eu a tomei pela mão, levantei-a e a fui levando para fora do pátio. João, vendo aquilo, pediu ao guarda que me esperasse, deixando delicadamente que eu falasse particularmente com a prisioneira, que percebia era de estirpe mais elevada, e que eu, por certo, conhecia.

Tantas décadas já se haviam passado, mas, naquele momento, senti que a dor e o amor ainda me jungiam a ela. Eu me perguntava porque não a levava comigo à França, porque não pudera ter uma vida ao seu lado, como eu desejava intimamente, porque nossos caminhos tinham sido tão díspares no mundo. Eu queria gritar-lhe o quanto ainda a amava, e perguntar-lhe por que ela estivera com Vincenzo, se jurara me amar, mas algo me constrangia tanto que apenas lhe disse :

_ Há quanto tempo estás prisioneira ? Como estás sendo tratada ? Vou libertar-te e encaminhar-te ao teu povo. Conta-me o que tem sido feito de tua vida, e se há mais alguém, entre os prisioneiros, que eu possa libertar para te satisfazer.

Lágrimas começaram a correr dos olhos dela, e eu sentia que ela estava a ponto de se abrigar nos meus braços, mas se continha a custo.

_ Faranj, Deus é bom, fazendo com que eu te veja, no pior momento de minha vida. Deus é bom, estás vivo e estás bem. Eu, no entanto, desejei a morte sempre, desde que me entregaste no Cairo.

_ Não parece que foi assim.- comentei, deixando escapar a dor que me acicatara a alma a vida toda.- Estiveste com Vincenzo, depois do Cairo.

Os olhos dela demonstraram susto e medo, e ela me fitou profundamente, para depois baixa-los.

_ Ele me raptou e me tratou bem, tinha direito a mim, já que me respeitou . Julguei que seria morta. Os homens que me levavam viriam atrás dos meus raptos. Avisei-o, mas ele não se importou com isto. Além do mais, eu sabia que a morte o esperava breve, e achei que, dando-lhe amor,

talvez a morte fosse embora, pois meu povo sabe que somente o amor pode vencer a morte.

Eu me sentia aturdido. Então, Vincenzo a seqüestrara, a mantivera prisioneira ? Ele jamais me contara este detalhe.

Foi isto que perguntei a ela, completamente desarmado.

_ Ele te raptou ? Como foi isto ?

_ O califa escolheu uma escolta, e me colocou num grupo que seguiria para a Síria, mas fizemos um curto percurso até uma vivenda , onde nos albergamos, pois era residência de amigos do sultão. Parece que o grupo dos italianos nos havia visto e seguido, e, à noite, quando todos dormiam, Vincenzo e Rafael conseguiram entrar em meu aposento e me raptaram, na calada da noite. Logo reconheci pelas roupas que eles eram membros dos cristãos do ocidente, e avisei teu amigo que os homens do sultão tentariam me recuperar. Vincenzo não deu importância aos meus avisos, e, quando me conduzia de volta ao acampamento, fomos atacados. Eu fiquei muito ferida, pensei que a morte viria, e, se assim fosse, eu teria salvo a vida de teu amigo, com a minha. Foi longa a minha recuperação, tanto quanto acho que longa foi a agonia dele, pois, à medida que eu me recuperava, penso que ele ia definhando. Retornei à minha família e casei-me quase agonizante, apesar do que me ocorrera, pois meu noivo foi gentil comigo, e não me fez condenar. Numa das sortidas de seus homens, contudo, fomos feitos prisioneiros e, desde então, não sei o que foi feito de meu marido e de meus dois filhos.

Então, ela não morrera como eu pensara e sim estava viva, tal como me havia afirmado Francisco, e se casara, e tinha filhos, e um marido.

_ Você é feliz ?- perguntei - Como ele é para você?

_ Ele é um bom homem e me ama, faranj. Se estou viva, devo a ele, que me cuidou, que me protege e que releva meus muitos erros. Mas jamais te esqueci. És feliz ?

Como poderia ser feliz se não vivia com a mulher que eu amava, se perdera muitos amigos e companheiros e me sentia culpado de tantas mortes e desditas ? João de Valenciennes estava certo, quando dizia que Deus nos conduz pelos caminhos que deseja, pois, se eu não fosse ver o rei, no momento em que lá ele se encontrava, não estaria ali, naquele momento, diante do meu passado, numa figura de mulher, que eu jamais esquecera.

Ao invés de responder sua pergunta, levei minhas mãos e descerrei seu véu. Ela corou ligeiramente, como se as marcas do tempo, em seu rosto,

pudessem diminuir a atração que lhe sentia

Ela estava abatida pelo sofrimento, mas sua tez ainda tinha aquele tom dourado e macio, apesar de algumas marcas. Mas era seu olhar o que mais me prendia.

— Casaste ? És feliz ?

— Casei-me, e sou tão feliz, quanto Deus permite a um homem que não pode estar com a mulher que ama, e de quem tem estranhos ciúmes, mais do seu amigo do que de seu marido.

— Vincenzo ia morrer, eu tinha que impedir.- falou ela e novamente aquele seu modo de ver as coisas, muito acima do bem e do mal, da moralidade das criaturas, me deixou interdito.

— Vou separá-la dos demais prisioneiros, para que tenha um atendimento decente, e serás levada de volta ao teu lugar, mas antes quero que me digas se estás preparada para procurar pelos teus familiares comigo, pois posso escolher entre aqueles que serão soltos e te devolverei teus entes queridos, se os encontrar .

Uma chama de esperança brilhou-lhe no olhar, e ela beijou-me as mãos num átimo de agradecimento, que não pude conter.

— Ajuda-me a achá-los. Que Deus te bendiga por todo bem, que sempre faz à minha vida ! Fiquei tão feliz em ver-te, em saber que estás bem. Achei que fosse melhor que me julgasses morta, pois assim serias feliz.

Por um momento, pensei que ela me enviara suas jóias, para que eu concluísse por sua perda irremediável, mas ela também julgara que estava à morte, quando as entregara a Vincenzo, como prova de seu amor.

Eu percebia sua ansiedade em procurar pela sua família, mas encontrá-la mexia tanto com meu ser, que eu só queria estar com ela, vê-la, falar-lhe, se possível, tocá-la. Desejos muito fortes de te-la em meus braços, de beijá-la, de falar-lhe de todo aquele tempo de saudade e ciúme, da sensação dorida de pensá-la morta, que cheguei ao absurdo de desejar que seu esposo estivesse morto. Rechacei o pensamento terrível, me sentindo um criminoso por isto, e imaginei quanto ela estaria agoniada, distante daqueles que eram sua família. Por que Deus não permitira que nós dois constituíssemos uma família ? Aquela luta terrível, cheia de carnificina e violência, não poderia ser um desígnio de Deus, eu sempre pensara assim. Então, por que tornava pela segunda vez, tantas décadas depois, àqueles sítios, para acompanhar aquele homem quase santo que era Luís IX ? Teria

Deus me conduzido para vê-la, para ouvir-lhe dos lábios a verdade que Vincenzo jamais me dissera, mesmo em seu leito de morte, para me certificar que ela me amava, sim ? Pelo menos, era esta a verdade que Deus me permitia saber, a alegria que me permitia sentir ?

Chamei o guarda, para que a levasse, mas ela insistiu em procurar pelos seus, a partir daquele momento. Estava fraca, depauperada, mas não quis esperar mais, e, deste modo, colocou seu véu e saímos novamente para o pátio. Ali ela escolheu uma jovem, pela qual tivera uma simpatia, uma afinidade, e um velho austero, para que eu os soltasse. Devia ser gente com a qual ela se afinizara, durante seu cativeiro. Depois fomos levados às celas do palácio, onde procurou por seu esposo e filhos, sem encontrar.

Demandamos outra fortificação, pejada de prisioneiros, e nela encontramos finalmente uma jovem e um rapaz, que eram seus filhos.

O encontro com os dois foi emocionante, com muito pranto e palavras ininteligíveis para mim. Porém o que me chocou, profundamente, foi a aparência do rapaz. Ele era exatamente a minha figura, quando eu tinha a sua idade, naqueles longínquos anos antes, quando eu conhecera sua mãe.

Ordenei que os jovens fossem levados ao nosso alojamento, e continuei com ela, em busca de seu marido.

A semelhança do moço comigo, sua presumível idade, me fazia pensar que ele era meu filho, e me continha à custo de perguntar-lhe. Aquele segredo de tanto tempo, poderia ser revelado, sem causar-lhe problemas ? Sim, porque seu marido, por certo, devia saber que o rapaz não era filho dele. Que homem era este ,um muçulmano que aceitava esta afronta ? Devia amá-la muito, pois casara-se com ela, sabendo que pertencera a outros homens antes, livrando-a da morte certa, e, ainda por cima, aceitara como sua a criança que, tudo indicava, era minha. No percurso para outro setor, onde se encontravam os feridos e os soldados inimigos, não agüentei mais o desassossego que se apoderara de mim , e segurei-lhe o braço, interrompendo nossa caminhada. Ela tremia, prestes a desabar no chão:

— Faranj, não. - suplicou com um fio de voz , embargada pelas lágrimas.

— Você me perdoe, mas estou quase louco. Não posso simplesmente deixá-la de novo partir, sem saber tudo o que me envolve

com você. Precisa me dizer, para que eu entenda. O rapaz, por favor, o jovem...

— Hervé, - ela disse, e me pareceu que meu nome era sempre lembrado por ela, nas lembranças do passado. - Ele, meu filho jamais soube. Agora que te viu, tenho receio que isto vá mexer com seus brios de homem, e vai macular sua relação com meu esposo, que o criou como se seu filho fora. Meus filhos se dão muito bem. Meu rapaz está para se casar, e minha filha já tem uma família, e dois filhos que são seu encanto e alegria. Por favor, não sei o que acontecerá com meu esposo se o vir. Estou orando para que meu filho não tenha dado conta da semelhança física entre vocês, mas, pelo seu olhar, apesar da alegria em me ver, creio que ele se assustou ao vê-lo.

— Ele é meu filho, e se assustou ao ver-me ? Meu Deus, eu nunca soube dele, nem privei de seu contato. Nunca pude ter essa alegria. Meu Deus ! O que fizeste comigo ?

— Preferias que eu tivesse morrido, e que ele não existisse ?- perguntou-me ela a chorar.

— Não estou te condenando e sim a Deus, à vida que nos conduz ao seu bel prazer, causando-me tantas desditas ! Que Deus é este, que me traçou um destino tão terrível e insólito ? - bradei em descontrole.

— Ela colocou suas mãos nos meus ombros, enquanto eu chorava e falou:

— Nosso rapaz é um homem bom, sincero, honesto, muito querido. Desejarias que ele não existisse ? Amaldiçoas o fato dele ter sido criado na nossa religião e crenças e costumes ? Preferirias que ele não tivesse nascido ?

— Desculpa-me. Não estou te condenando nem amaldiçoando a vida de teu filho, de nosso filho. Mas é cruel demais para mim, ter sido apartado de vocês e um dia, eu reptarei Deus até daquilo que me fez.

— Estás blasfemando. Não se pode reptar Deus. Agradeça ele pelo lindo rapaz que ele nos deu. Seu nome é Munir.

— Munir. - eu repeti.

Eu sabia que tudo o que eu teria, dali para a frente, era a lembrança daquele nome, daquele rosto, pelo resto dos meus dias. E que eu não poderia saber mais nada de meu filho, aquele rapaz que eu vira tão cheio de susto e de dor.

Eu sofria, e Yasmin sofria. Talvez Deus me castigasse pelo fato de havê-la tido, sendo ela uma mulher que pertencia ao grupo dos infiéis, mas eu tivera outras mulheres na minha vida. Algumas eram prostitutas, outras haviam me amado, sem que me causassem maior impressão. Mas, aquela mulher, ali, na minha frente, que dizia me amar, expunha sua alma, mostrava nossa ligação, e esperava de mim que eu salvasse o homem, que era tido por pai de nosso filho.

Imaginaí meu sofrimento. A alegria de amar e ser amado tinha um preço alto demais, para mim, naquele momento.

Foi difícil me controlar, mas, percebendo que a mulher adorada estava se fazendo de forte, quando fisicamente depauperada, mal poderia se sustentar nos pés, percebendo o quanto lhe teria custado aquele segredo que me era desvelado, envolvido espiritualmente por amigos de outras eras, e até mesmo por Vincenzo que estava ali, invisível aos nossos olhos, superando a dor de vê-la ainda apegada a mim e eu a ela, e seu segredo do passado desvelado, quase sustido por Francisco de Assis, que prognosticara aquele nosso encontro, contive minha perplexidade e dor, com o amparo deles, e falei, com uma superioridade que eu realmente não tinha:

— Tudo está feito. Estás cansada, e precisamos encontrar teu marido. Como ele se chama ?

— Seu nome é Samir.

Tratei de chamar o guarda que nos acompanhava, e fiz com que fosse a nossa frente, em busca de um prisioneiro que se chamasse Samir. Com isto, logo fomos ao seu encontro.

Ele estava entre os feridos. Sua mão fora decepada e a cabeça pendia cheia de bandagens. Afastei-me, para que ela pudesse dialogar com ele, e ela o informou que ele seria solto e estaria com ela e os filhos, fora dos locais onde os prisioneiros estavam. Ele não estava bem, e tentou ver a figura que se escondia à porta, mas não me fez ver. Temia que ele visse em mim a figura de seu filho. Logo ela me buscava fora, e eu pude escolher o restante dos que seriam libertados, com a minha intervenção.

Enquanto a conduzia para seus aposentos, ao encontro de seus filhos, e providenciava o traslado de seu companheiro, bem como alimentação para eles, perguntei, sem poder conter-me:

— Seu rapaz...

— Ele jamais saberá.- falou ela com emoção na voz. - Só eu e meu marido sabemos. Eles se amam muito e espero que não tenha percebido que

tu és tão semelhante a ele. Eu lhes direi que, pelo fato de saber francês, consegui fazer com que fôssemos separados entre os prisioneiros, que voltarão para seus lares. Meu esposo pode saber, pois nada lhe oculte do que houve comigo, antes de nosso casamento, que aliás, foi rápido, porque ele sabia que eu estava grávida. Sinto jamais ter podido contar-lhe que tinhas um filho. Ele foi criado com todo amor e carinho, só não é cristão, porque também não somos. Mas nosso Corão fala de Jesus, o vosso Jesus, com admiração e bondade, e vós, ao contrário, falais de Maomé e dos nossos santos, com desdém e repúdio.

Percebi que o périplo de nossas andanças a fatigara e que se sustinha de pé a custo.

— Estás cansada, desculpa-me.- falei sem afetação. - É melhor que repouses, te alimentes e te banhes. Ver-te-ei depois.

Entreguei-a a um subalterno, dando ordens específicas que ela e sua família fossem providos de tudo o que necessitassem.

Somente então , um pouco atordoado, retornei ao meu alojamento.

Antes, porém, esperava-me o embaixador João, com um ar sério e austero:

— Vejo que te desencumbiste bem das atribuições com as quais eu, e acima de mim, Deus, te oneramos. Não vou te perguntar nada. Teus gestos e escolhas falam por si mesmos. Fico feliz, se puder ajudar em mais alguma coisa. Fala e darei as instruções necessárias, no prosseguimento das trocas, e na condução dos prisioneiros. Achei de bom alvitre que médicos fossem chamados, a auxiliar o chefe daquela família. Nem preciso de muita perspicácia, para reconhecer os laços que te unem a eles, pois a semelhança do rapaz contigo salta a olhos vistos.

É, meu caro Hervé, o mundo tem caminhos intrincados, e o coração faz escolhas muitas vezes enigmáticas e constrangedoras. Conta com a minha discrição e a minha amizade. Tudo o que desejar é só pedir.

Eu agradei quase automaticamente, indo para meus aposentos. Era como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Era assim que me sentia. O tempo e o espaço não tinham mais dimensões.

A minha vida girava com o objetivo de entender meu destino, de saber se ela me amava, de conquistar Jerusalém, de seguir o rei Luís. Minha alma estava abalada, feliz e infeliz, em fuga e em busca, encontrando motivos para alegria, e reconhecendo ruínas portentosas dentro de mim.

Tudo parecia girar de forma estranha, tudo estava acontecendo num ritmo lento, inexorável.

Atingira um ponto há tantas décadas procurado.

Agora eu sabia que Yasmin estava viva, que ainda me amava, que tivera um filho meu, que eu jamais partilharia com ela,.

Agora eu sabia que ela tinha um outro homem, sabia que ela fora espontaneamente de Vinzenzo, que ela tinha uma filha, que era bela.

Agora eu sabia que a amava, que eu não a esquecera, mas que não a podia Ter.

Agora eu sabia que meu filho tinha uma irmã, e que tudo isto me alegrava e me entristecia.

Dei murros no travesseiro, escondi o rosto nele e chorei todas as lágrimas represadas.

CAPITULO XXI- PROVAÇÃO



Ainda a vi uma última vez, encontro propiciado a meu pedido, por João de Valenciennes.

Ela estava mais disposta, e profundamente grata a mim. Falou naquele seu tom melodioso e triste.

— Jamais te esquecerei. Jamais poderei pagar-te tudo de bom que usufruí da vida, devido ao fato de haver te encontrado. Isto é muito mais do que muita gente no mundo, e, nestes momentos tão tormentosos, pode ter tido. Levo-te comigo, na pessoa de Munir. Este nosso encontro é algo secreto, pois nunca contarei ao meu esposo que estive novamente contigo. Ele está abatido com a perda da mão esquerda, se sentindo muito mal. Nós recuperaremos nossas perdas. Meu filho falou-me da semelhança que percebeu entre ele e ti, e eu fiz com que acreditasse que estava julgando mal, e que se falasse disto com o pai, só faria mal a todos nós. Reptei-o tão duramente, que isto foi como uma adaga dentro de meu peito. Ele jamais saberá de ti e eu estarei, por isto, sempre em dívida contigo. Meu Criador há

de me julgar por isto, mas, desde já , te peço perdão, por não poder contar ao nosso filho sobre ti. Diga que me perdoas.

_ A vida ou o Destino foram maus para nós, mas não puderam conseguir com que eu não continuasse a te amar. Esta é a única vitória de minha vida.

Naquele momento, o doce Francisco e Iluminatto nos tocavam com um abraço terno e suave, e eu pude estreitá-la em meus braços e beijar-lhe docemente os lábios.

Nada mais poderíamos fazer.

Via-a se afastar de mim, contendo as lágrimas, e guardei aquele beijo, como prova do amor que me sentia.

Naqueles dias, a caravana de prisioneiros fez-se à caminho, escoltada por nossos melhores homens. Logo a cidade estrugia, em alarido e festas, com a chegada de 3000 dos nossos, havidos como prisioneiros.

O rei Luís vibrava de alegria, pois sentia penosamente a dor de todos, como se fora a sua. Homem bom e humilde, estava em erro, quando fizera a cruzada, tanto quanto todos nós, mas jamais se poderá afirmar que ele o fazia por maldade, ou por ambição.

Fui vê-lo, no seu leito, ladeado por João, que, ao me ver, foi logo me dando notícias de que Yasmin e seus familiares estavam bem, e que já deveriam estar na Síria, em seu lar;

_ Hervé, meu amigo, então não acabamos, com a graça do bom Deus, fazendo uma troca vantajosa, para todos? Trezentos por três mil ? Mas te digo que, daqui para a frente, creio que conseguiremos resgatar todos os nossos, sem ter que fazer mais trocas. Verás.

_ Se você diz, eu o creio.- respondi sem laivos de elogios falsos, pois eu percebia a alta nobreza daquele ser, que, em meio aos cavaleiros, como eu, minimizava o sofrimento em ambos os lados.

A figura da mulher amada, de meu filho, Munir, do homem moreno, de profundos olhos tristes, que era Samir, da jovem Nazira, filha de Yasmin, me acompanhariam até o final de meus dias.

Naquela noite, contudo, estive no Plano Espiritual com Vincenzo e Francisco.

Demorei a dormir, pois estava ansioso, arrebatado, cheio de idéias e perguntas que teimavam em bailar no meu cérebro uma dança maluca, de idéias contraditórias, mirabolantes, e sentimentos díspares, confusos.

A vida tinha tomado as rédeas dos fatos, e eu fora assaltado por eles. Tudo era tão difícil de entender. Cheguei a pensar que o ideal seria que não houvesse tantas disparidades entre os povos, diferenças de línguas, de costumes, de religiões, de culturas. Por que tudo era tão difícil ?

Mas a presença de Francisco em meu quarto, como que cortou o fio do meu pensamento tão destrambelhado, tão confuso. Comecei a me aquietar, a achar que Deus fora bom demais para mim, pois me fazia saber, finalmente, o que acontecera com a mulher que eu amara, permitira-me ver o meu filho, e auxiliar àquela família. Isto como que tirava um peso do meu coração, já tão atribulado. Acreditei que poderia morrer em paz, depois de tudo pelo qual passara.

Fui aos poucos relaxando o corpo, e mergulhando lentamente no Mundo Real, no Mundo Espiritual. O que via, ao me desligar do corpo, foi o sorriso bondoso do irmão Francisco, e ele me estendia as mãos. Tocando as suas, senti-me percorrer por uma energia tão balsâmica, que tudo deixou de ter o significado que tinha antes. Eu me sentia feliz, leve, descontraído. Saímos voando pelo espaço e encontrei-me numa região tranqüila, onde um regato murmurava, em meio a pedras harmoniosas. O cheiro do mato e das flores me inebriou, e a sensação de paz e amor eram tão presentes em tudo, que sentia-me leve.

Francisco me conduziu à uma construção austera, feita de pedras, que era admiravelmente condizente com o local.

Entrei em vasto salão, e algumas portas levavam para o interior. Francisco me conduziu por uma delas e me vi num ambiente cheio de bancos, mesas e sofás com almofadas. Das janelas amplas vertia a luz e uma brisa balsâmica, e o cheiro dos jardins que eu vira fora. Ouvia-se o trinar de pássaros exóticos e diferentes, e eu vi, sentado a um canto, a figura esguia de Vincenzo, que parecia me esperar.

Dirigi-me a ele, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, e ouvi-lhe palavras que sempre lembrarei;

— Poderás me perdoar por tanto tempo passado em sofrimento, em dúvidas ?

Eu queria perguntar como ele estava, como sabia de mim, mas tudo era tão natural que eu mesmo agi, sem saber bem o porquê de minhas atitudes:

— Que bom ver-te finalmente bem . Estava tão magro e com tantas dores, a última vez que nos encontramos. Não me debes desculpas. Sei que

a amaste e posso bem entender porque, desde que eu também me rendi aos seus encantos.

Ele sorriu de forma encantadora, e me estendeu as mãos, explicando:

— Já não careço de médicos, aqui, pois Francisco cuidou pessoalmente de mim, e podes saber o que isto significa.

Sim eu podia aferir a grandeza do auxílio daquele homem santo, mas isto também me dava a certeza de estar num campo diferente do físico, de estar, naquele momento, de alguma forma, no reino daqueles que já haviam morrido.

Ao contrário do que eu esperava, aquela certeza não abalou meu espírito, liberto momentaneamente. Tudo era tão natural, simples e claro, naquele instante. Eu não sabia como, mas podia aquilatar tudo o que via e ouvia, como coisa tão espontânea, que me parecia que eu também já morrera.

Àquele pensamento, Francisco entrou a sorrir e Iluminato o secundou, comentando:

— Todos os que podem se recordar do que vêm aqui, primeiro querem ficar, depois se vão e, por fim, acabam por pensar que endoideceram, ao recordar de nossos encontros. Francisco diz que tu te lembrarás, então, melhor te será te aproveitares, para abraçar teu amigo e matar as saudades, que se fazem fortes, em ambos os planos.

Sem o menor constrangimento abracei Vincenzo, vindo a acordar ainda com a sensação de estar naquela casa de pedra, apertando-o junto ao coração, como velhos amigos e companheiros.

Apesar das lembranças tão vívidas, contudo, daqueles encontros espirituais, apesar do amparo direto de Francisco, apesar de argumentar comigo mesmo quantas coisas boas me haviam acontecido, eu me sentia só, tremendamente só, e miseravelmente roubado de tudo de bom que poderia ter usufruído, junto daquela mulher que eu amava.

Forçava a lembrança do rosto de Munir, e o fazia sempre com o desfilar das cenas, em que eu o conhecera. Seus olhos ao me fitar, estranhando nossa semelhança, sua atenção para com a mãe e a irmã, e aquele marido moreno, inescrutável e tão tristonho, tudo me levava a verme em estado de provação:

— Se o purgatório existe, deve ser aqui mesmo, do modo como me sinto, apartado da realidade aparente, para uma, muito mais dolorida e

profunda.- eu falava para mim mesmo.

Depois entrava novamente a pensar nela, a rememorar tudo o que houvera acontecido no passado, a imaginar como poderia ter sido, e, num redemoinho de sentimento tão fortes, que estava em provação.

A vida não é apenas expurgo de dívidas do antanho, ou do hoje, é também passar em testes nos quais falimos, é fazer a prova ou as provas de nosso aprendizado, em circunstâncias semelhantes àquelas nas quais falimos.

Sonhar com Vincenzo fez-me pensar muito, pois ele morrera, mas o sonho era tão nítido, sua presença tão real.

E Francisco e Iluminatto, com aquele sorriso tão espontâneo, alegre, contagioso. Só de me lembrar punha-me a sorrir também.

E Yasmin viva, e um filho que eu jamais pensara haver, e um marido. Tudo parecia loucura, mas não era a minha provação, era real.

Vincenzo dissera que ela me amava, por que eu não acreditara nele ? Francisco também o afirmara e mais, previra que nos veríamos num futuro longínquo, que era o meu agora, naquele momento.

Eu caminhava pela bruma da manhã, e temia que dela me surgisse, agora que estava acordado, a presença de Vincenzo, ou Francisco ou Iluminatto. Eu mal podia acreditar que aquilo fora um sonho.

— Para onde vai a nossa alma quando dorme ? Como consegue produzir tanta "tonteria" ? E, nesta vida, só nos resta a certeza da morte e da constante mudança. Cada um tem seu destino. Ou, quem sabe, não haja destino, e toda a existência seja uma peregrinação, como aquela nossa, em busca de um sepulcro vazio.

Consideraria o Cristo que eu estava em pecado, por haver amado Yasmin ? Eu não buscara riquezas, como muitos, nem fama, nem poder, como a maioria, eu não estava atrás de vinganças, como muitos, nem do pagamento de meus pecados. E agora pensava nos mortos e nos vivos, e em como eu poderia morrer logo, antes mesmo de retornar à minha casa.

Eu pensava que cada um tem sua batalha pessoal, suas lutas. Pensava nos muitos que haviam morrido, e se o local para onde iríamos era semelhante àquele, no qual eu fora encontrar com Vincenzo.

— A vida tem tão poucos deleites. Por todo lado, parecia-me ver os corpos esfolados dos primeiros entreveros, e o sangue recolhido nas cisternas, e as cabeças cortadas, sendo jogadas por sobre os muros, antes da invasão das cidades. Melhor seria que não tomássemos Jerusalém, que não

invadísemos o Cairo, pois, por onde andávamos, deixávamos um rastro de sangue e ignomínia.

Nós estávamos em provação, porque Jerusalém quase fora nossa e o Cairo, por bem pouco, também. Estávamos a disputar os prisioneiros e a fazer a saída estratégica da região.

Do nosso lado, milhares de soldados ainda se debatiam .

A lembrança do sonho com Vincenzo punha uma energia nova em minha vida. Era como se eu houvesse purgado todo o sofrimento havido até então, mas, mesmo assim, ainda me sentia em provação.

Naqueles dias, tivemos notícias de que um contingente egípcio vinha para negociar conosco.

— As brigas podem continuar durante séculos, nesta região.- pensei- As lutas podem prosseguir, mas o comércio será sempre um ponto de convergência. Árabes, judeus, muçulmanos, sírios, armênios, egípcios, e, de outro lado, os bárbaros, os mongóis, os teutões, os alemães, os suíços, os francos, os italianos, fossem de Gênova ou Piza, de Veneza ou da Perugia.

Fosse como fosse, eu sentia que para mim tudo terminava ali. Eu precisava retornar à minha terra, à minha família, resgatar o pouco que me sobrava, enquanto a morte não me vinha buscar.

Estava nestes pensamentos tristes e deprimidos, apesar de haver estado com um dos maiores espíritos que o mundo conheceu, Francisco de Assis., quando o rei Luís mandou me chamar.

Tratava de me dar incumbências, para relacionar todos os que haviam nos seguido, e todos os que haviam perecido em batalha. Além disto, Luís tivera um certo tato ao lidar com os habitantes de Outremer, e me informou que Boemundo V morrera, deixando dois filhos e que ele, o rei da França, coroaría Boemundo VI, sagrando-o cavaleiro.

Da mesma forma, ele ainda ligou a Armênia a Antioquia, e continuava a administrar o Acre e a governação, porém sem qualquer esperança da chegada de nova cruzada.

Para grande tristeza minha e do embaixador João e outros, o rei, contudo, unira-se aos Assassinos.

Finalmente, rebentou a guerra civil em 24 de abril de 1254, e eu parti com Luís de retorno à minha pátria. Em caminho, fomos tomados por uma tempestade, e creio que só não soçobramos porque a rainha orou fervorosamente, e acalmou o mar.

Havíamos permanecido em Acre, por longos 4 anos.

O rei Luís voltaria mais uma vez em 1270, para falecer em Tunis, tomado por febres, junto aos 3 filhos, ao genro, o rei Tibaldo de Navarra, aos sobrinhos, os condes da Bretanha e de La Marche, e o conde Soissons. O conde de Saint Pol, contudo, escapou.

Quantas provações nos custariam ainda, nos séculos vindouros, aquelas nossas incursões, em nome do Príncipe da Paz, o meigo Rabi da Galiléia.

Não fomos bem sucedidos nem moral, nem física ou espiritualmente. Construímos um abismo entre povos e facções que deveríamos unir. Temos colhido muitos aborrecimentos com isto. Jejuamos, oramos, tivemos visões e criamos um precedente histórico lamentável.

CAPITULO XXII- AMOR IMORTAL



Esta noite encontrarei com você, e falaremos definitivamente do amor que nos uniu, e que ainda nos une.

Eu mergulharei meus olhos nos teus, e prometerei que haverei de proteger-te, e que até aprenderei a amar todos aqueles, que tu recomendares ao meu amor.

Sinto que sem ti me falta o chão, e que minha vida não parece ter tido um grande sentido.

Vivi momentos de extrema complexidade, e convivi com seres tão diferentes, que jamais imaginei encontrar, na espécie humana.

Reverencio, com profundo sentimento de admiração, todos aqueles, dos mais simples, aos mais cultos, dos mais ingênuos aos mais santos, que estiveram no meu percurso, por alguns momentos, por horas, dias, meses, anos, por instantes que valeram quase nada, e por momentos que demarcaram meu ser, para sempre.

Penso sempre que Jesus jamais aprovou uma só de nossas investidas, mas soube transformar nossas transgressões, em mudanças sensíveis na jornada de muitos.

Nunca mais o oriente será tão pacífico como foi, e isto se deve à nossa ingerência, e também jamais seremos os mesmos, depois de

havermos comungado da cultura oriental, e de sermos obrigados a repensar nossos valores, nossa cultura, nossas certezas.

Foram séculos de martírio e partilhei de parte deles, pois não cheguei a viver um século.

Na minha trajetória, aprendi a conter meu orgulho, a amenizar as arestas de minha incredulidade, a conter meus impulsos, a pensar mais seriamente, na maneira de viver dos outros povos.

Passei a temer a falsa solicitude dos dominadores, que se ocupam em controlar o que julgam lhes pertencer.

Creio que consegui grandes benefícios, ao meu espírito um tanto céptico, então.

Debati muito comigo mesmo, acerca das lutas armadas, e das decisões que pude tomar, no curso dos acontecimentos.

Em algum lugar vive Yasmin, com outro corpo, com outra expressão, guardando-me em suas lembranças espirituais, talvez até sem o saber.

Não posso esquece-la, e sempre a lembrança confere um certo ar de dignidade, em tudo o que houve.

Ao pensar nela, uma grande esperança se acende em meu ser.

Todos aqueles com os quais convivi lamentam o que viram, ou aquilo que fizeram.

Lembro-me daquelas poderosas forças dos emires, dos califas, dos sultões, dos reis e nobres, dos cardeais, dos bispos, do povo simples, dos peregrinos, e vejo um avultado número de mortes violentas e desnecessárias.

Quando a noite cai, lembro o chamado à oração do alto dos minaretes, e dos sinos a chamar os fiéis.

Séculos foram desfiados, mas o homem ainda permanece prisioneiro ao sectarismo doentio.

Parece-me ouvir os números, a avaliação do desastre...trinta a quarenta mil da força turca, 36 mil peregrinos massacrados, milhares de soldados, levados pela fome, pelo calor, pelo frio, pela peste, só numa das cruzadas.

Eles desfilam como sombras ameaçadoras ante meus olhos, com suas armaduras de couro, ou seus arneses de elos de metal, seus elmos, seus escudos, num rastro de destruição e delírio.

Legiões e legiões infindáveis de arqueiros, milhares de soldados da infantaria, flâmulas escarlates e douradas, cavalos fogosos, em paisagens que se espriam sobranceiras, ao meu olhar, como pinturas deliciosamente belas.

Busco a resposta de Jesus à tanta insanidade, e percebo que o mesmo cenário de nossas disgressões continua dominado pela incúria e pela dissensão.

Não pretendo desistir de partir a cada por de sol, na busca dos companheiros destas jornadas. Pondero decisões e propostas.

Fiquei longo tempo abalado, quando parti a minha terra, pensando no filho que estava no mundo, e com o qual eu não poderia partilhar nada.

Minha vida se extinguiu , e eu não desejava segurá-la por mais tempo.

Entreguei-me à meditação, em busca do porquê de meus desencontros, do porquê do sofrer humano.

Esta noite estarei com você, Yasmin, numa visão extraordinária de nosso passado, entre centenas de cavaleiros, totalmente desarmado.

Atravessaremos as pontes, palmilharemos os caminhos, estaremos nos oásis e nos desertos, vendo o sangue e as lágrimas derramadas.

Quero dizer-te poemas, na linguagem eterna do amor imortal, que fala além das muralhas, maravilhosamente.

Esta noite me renderei a você, sem luta. Colocarei numa tigela de água um perfume para que laves as mãos, descerrarei seus véus , e prepararei uma ceia para nós dois.

Sentir-nos-emos protegidos e te falarei de Francisco, e o sorriso dele nos aproximará.

Estou regressando, para descerrar os véus dos cemitérios por detrás das muralhas, para mostrar o saque dos hipócritas e dos comerciantes.

Pedirei perdão e me desculparei com ela e com todos, porque o dia estará magnífico, e nos envolverá em seu perdão e nos dará o entendimento.

Parece-me vê-la chegando, amada minha, envolta da cabeça aos pés com seus véus purpúreos, tal como a via me amparando a cabeça, quando exalei meu último suspiro.

Hoje estarei com você e me sentirei feliz, sem o peso da guerra santa.

Quem deseja hoje libertar aquelas terras, conquistar aquele sepulcro ? São muitos os que ainda caminham envolvidos nisto.

Quero parar naquela rua onde a conheci, adentrar aqueles cômodos onde a tive, e palmilhar entre os muros do Cairo, dentro deles, voltar a Damietta, ao Acre, a Tiro.

Não levarei armas desta vez, nem meus títulos de nobreza, nem meu cavalo.

Concordarei até com meus inimigos, menos na questão de que nossas almas pertencem a Deus.

Chorarei com ela todos os cadáveres mutilados, as cidades queimadas, as crianças assassinadas.

Sei que a lei de Deus é perfeita, como é imortal nosso amor, e sei que Deus o sabe.

Entregar-me-ei a você novamente por amor, Yasmin e lhe contarei todos os meus segredos, as minhas histórias, e visitaremos a Krak des Chevaliers, que foi a fortaleza dos cruzados por mais de duzentos anos.

Vejo- a triste, e atravesso as montanhas em busca do seu sorriso, que me dá forças.

Passearemos pelas ameias irregulares das cidades e negociaremos com as pessoas a amizade e o entendimento, pelas encostas cobertas de oliveiras .

Sei que gostará de caminhar comigo. Eu lhe mostrarei todas as visões e verdades, e você me desvelará a história de nosso filho e me levará a ele.

Antes do final da noite, você me surpreenderá com perguntas, que jamais imaginei pudesse fazer-me.

Afastarei seus temores, para colher seu riso cristalino, e deixarei que descanse com a cabeça no meu colo.

Daremos graças por nos encontrarmos, e caminharemos sem medo ou ansiedade.

Agrada-me pensar que esta noite irei ter com ela, sem a solidão amarga que me feriu os últimos dias.

Sinto-me feliz e humilde, e penso sentir a fragrância de sua presença., ao término deste livro.

Há bem pouco tempo vi Vincenzo e nosso encontro me fez um bem enorme.

Longe estão os dias de marcha para a cidade Santa.

Relatei tudo o que nos aconteceu naqueles séculos, há quase mil anos. Enquanto vivia aquela epopéia, jamais pensei que um dia escreveria

sobre ela.

Hoje sei que não serão as tropas que libertarão a Cidade Santa. Lembro-me da noite em que dormimos prisioneiros dos infiéis, na cidade do Cairo, e seus turbantes e roupas, chapéus e lenços são tão semelhantes aos que vi depois esculpidos nas Minas Gerais.

Tenho lágrimas nos olhos, agora que estou longe da vista dos exércitos, que ajudei a comandar.

_ Tantos aborrecimentos ! - me diz Felipe.

_ É verdade. - eu concordo.

Não deixo de pensar no passado. Apenas hoje o vejo com outros olhos, e meu espírito se sente um tanto melhor por isto.

Francisco me estende as mãos estigmatizadas e sorrio ao pensar que, num futuro bem distante, Yasmin foi representada na Igreja Francisco de Assis, em Ouro preto, como N. Senhora dos Anjos.

Esta noite, estarei com ela e regressaremos à terra, para levar a música aparentemente dissonante do oriente, sem tormento. Encontraremos nosso filho, e a filha dela.

Colheremos flores, embora seja noite e aguardaremos o amanhecer. Segurarei nas suas mãos e ela segurará nas minhas, e, deste modo, atravessaremos os abismos da morte e da obscuridade.

Ela é tão meiga e tantos a quiseram destruir, mas eu cuidarei dela, e a farei observar tudo sem horrorizar-se.

Não há mais nada a fazer, senão lembrar tudo o que foi, deixar que haja um arrependimento sincero e consciencioso, destes que enchem de lágrimas os olhos, mas nos dão força.

Parece que de soldado me fiz poeta ou literato. Não sei dizer ao certo, mas o que sei é que conheci um amor imortal e que hoje estarei com ela.

Tanta coisa aconteceu de lá até estes dias. As chaves de Jerusalém estão na ponta de nossos dedos, mas que caminho tortuoso e duro até chegar à ela.

Já posso ver sua silhueta ao luar.

É tal qual eu esperava que fosse um dia. Sinto uma certa vergonha de ter errado tanto, e meus planos do passado parecem-me um tanto ridículos. Sinto-me como o filho pródigo, de retorno ao lar paterno.

Meu nome é Hervé, conde de Nevers, e ficarei com ela, até o amanhecer de um novo milênio. Nosso amor é imortal.

Ouçam suas palavras deliciosas, com um sotaque acentuado, e tão precisas, que os mentirosos estremecem ao ouvi-la. Percebam a força de seu amor, que não teme os obstáculos. Hei-la que chega. Seus olhos me olham fixamente, e só eu sei ler o que eles desvelam.

_Há quem murmure às nossas costas, palavras ferinas, maledicentes.

Mas eu lhe digo:

_ Estas aleivosias são próprias das sociedades ainda inquietas pelo poder e mando. A fofoca é um artifício das almas imperfeitas, da inveja, da mesquinhez. Eles espalham notícias, boatos, acusações, que são aceitas pelos seres invigilantes. Venha comigo. Nossa noite será longa

Ela coloca a cabeça em meu ombro e chora lágrimas de resignação. Fecho agora este livro, outros virão.

Nosso amor é imortal, e há milhares de páginas que escrevemos e que ainda não foram lidas.

Quem pode resistir a tanto amor ?

OBRAS JÁ LANÇADAS.

PELO ESPÍRITO DE TOMÁS ANTONIO GONZAGA

1-CONFIDENCIAS DE UM INCONFIDENTE - O inesquecível romance que conta em pormenores as tramas espirituais da Inconfidência Mineira. Pelo espírito que participou ativamente da mesma.

2- A MOÇA DA ILHA- Retorno no tempo, para o reencontro no século I da Era Cristã, com os membros partícipes da Inconfidência Mineira.

3-DE MÁRIO A TIRADENTES - As tramas reencarnatórias dos inconfidentes mineiros, remontando o século II A . C.

4-SONATA DE AMOR A 4 MÃOS- Um romance de profunda beleza , pela pena inigualável de Malba Tahan. Um transbordar de ternura, com evidente ensino doutrinário, num cenário das mil e uma noites, com 103 liras de Tomás A .Gonzaga.

5- CINTIA E CASSANDRA - O livro que relata o romance que fora prometido no livro Confidências de um inconfidente, em cenários de Espanha.

6- ABOLIÇÃO - Um livro polêmico e emocionante, onde se vê a luta, nos dois Planos da vida, pelas leis que lavassem a mácula da consciência brasileira, libertando irmãos queridos e massacrados. Com o grupo inconfidente.

7-MIGUELANGELO- Os dramas, a autenticidade, a graça do Aleijadinho, em outra vida, na Itália, cheia de encantos e lutas pelo poder.

8-INCONFIDÊNCIAS DE UMA CONFIDENTE- Relatos interessantes e graciosos sobre a experiência mediúnica de Marilusa Moreira Vasconcellos, durante a recepção do livro Confidências de um Inconfidente.

9-UMA MULHER CHAMADA Tii- Tomás A . Gonzaga e César Vannucci se unem, para contar neste romance a saga de uma princesa egípcia e o amargo despertar no século XX.

10-SEM TEMPO PARA CHORAR- Baseado em fatos reais, as lutas de uma mulher por seus idéias. Leon Tolstoi contextuliza os dramas na Rússia

11-ACAIACA-Impressionante relato relacionado ao último Império Inca. Você se transportará para um local onde o mistério, a magia, o encantamento e o sonho caminham de mãos dadas.

12-MEU FILHO SE DROGA...VA- Um libelo contra as drogas, uma história de amor e dedicação, confiança e luta, contra os interesses, que comandam os grupos e facções das trevas.

13- O FILHO DO SILVÉRIO- No mesmo instante que ocorria a Inconfidência Mineira, outros fatos se deflagravam. Recolhidos num treino de psicometria, e vestidos literariamente com rara beleza e profundidade, este livro é Imperdível.

14- AS CRUZADAS.- De um dos períodos mais negros da humanidade, surge este romance, envolvendo líderes da Inconfidência e da Revolução Francesa, ligados ao grande Francisco de Assis.

OUTROS AUTORES

1-LABIRINTO SEM ECO- Você não conseguirá parar de ler. Obra de Franz Kafka.

2-PÉROLAS CAÍDAS- Pensamentos que meditados no dia a dia, abrirão um mundo abençoado ao leitor.

3-SIMPLESMENTE AMOR- Mais de 100 autores espirituais, mais de 200 páginas de pura beleza e sublimidade .

4-O PEQUENO IMPERADOR- A volta de Saint Exupéry, com a mesma graça e encantos de sua literatura filosófica e pura.

5-PARALITERATURA NA USP- Tese que demonstrou nos meios Acadêmicos a literatura mediúnica. Thais Montenegro Chinelatto conseguiu esta proeza com nota dez, numa das maiores Universidades do Mundo.

6-TAI,TCI! Espíritos diversos em magistras comunicações, através do Brasil e do mundo, e uma análise estatística da Transcomunicação, através da mediunidade de Marilusa Moreira Vasconcellos.

7-DUDA- Romance que narra a vida de uma mendiga, que se torna orientadora espiritual de todo um grupo. Pela pena impar de Machado de Assis.

8-A DAMA DA CARIDADE- Os exemplos dignificantes de Benedita Fernandes, pela pena de Dr. Antonio César Perri de Carvalho.

9-ALEIJADINHO- ICONOGRAFIA MAÇÔNICA- Obra com revelações surpreendentes, por uma jovem professora de Educação Artística, feita com método, disciplina, estudo aprofundado do conjunto escultórico de Congonhas do Campo. Autora: Marilei Moreira Vasconcellos.

10-DESCONTE UM CONTO- Deliciosos contos, crônicas e poemas, que trazem de volta artífices da palavra. Malta Tahan, Irmão X, Máximo, André Luiz, Monteiro Lobato, Tomás A . Gonzaga e outros.

11-MISCELÂNEA E OBSESSÃO- Depoimento despojado de um dirigente espírita e diretor de Hospital Psiquiátrico analisando fatos ocorridos. Parte da História do Espiritismo, no interior de São Paulo.

12-ORLAS DO EVANGELHO- Estudo sério sobre a vida de Jesus - Elpídio A . Moreira.

13-HISTÓRIA DO CRISTIANISMO- Um pequeno livro, com um grande conteúdo. Ideal para os que desejam saber mais sobre o Cristo.

14-CAMINHOS...- Livro surpreendente, onde relatos do autor Elpídio Antonio Moreira, coletam assuntos que dizem respeito à vida de Jesus, Kardec, reforma da Bíblia, e religiões.

15- DANÇA DO VENTRE, DANÇA DO CORAÇÃO- O livro mais sério e completo que se escreveu sobre o tema. Autora: Merit Aton.

LIVROS INFANTIS DIVERSOS

1-COM A PALAVRA A CRIANÇA- Abordagem de alunos de diversas faixas etárias, traduzidas com rara felicidade por professores em pesquisa inédita nos meios espíritas.

2-NO VALE DOS UNICÓRNIOS BRANCOS- Encantadora e envolvente História, criada pelos alunos da Escola Espírita, dirigidos por Marilusa Moreira Vasconcellos.

3-UM PIRATA ROUBA A GUERRA Livro cheio de aventuras, movimento e surpresas, para jovens adolescentes.

4--SARA E A GAIVOTA- Livro singelo e delicado, mas nem por isto menos polêmico, pela abordagem que faz. Sua autora, Julieta Marques é portuguesa e reside em Lagos.

COLEÇÃO ZÉ BENTO

1-MICROCÓLUS- O primeiro livro que abre a série dos infantis. A preciosidade da amizade é o tema abordado. Ilustração, texto e teatro musical.

2-PINGO, EBONITE, FUNGO- No campo vasto e múltiplo da literatura voltada para a criança, pouca coisa se tem visto que se lhe possa igualar. 4 textos, 71 ilustrações, 3 partituras, capa 4 cores.

3-BENEDITO DO AMOR DIVINO- Obra única no campo literário infantil, retratando através do desenho e texto, com graça, instruções acerca da mediunidade e desdobramento espiritual. 4 histórias, 5 partituras, 61 ilustrações.

4-ZUM E A FORMIGUINHA HIPPIE- Personagens curiosos, dando à criança uma abordagem cristã e espírita do cotidiano, 4 textos, 5 partituras, 68 ilustrações. capa 4 cores.

5-ROBÔS PERDIDOS DA CAPADÓCIA- Ensinando a reencarnação, o Mundo Espiritual e fazendo uma abordagem de crítica social, ambição e leis humanas, Zé Bento mais uma vez, mostra sua maravilhosa verve literária. 4 textos, 70 ilustrações, capa 4 cores.

6-O RATO CANGURU- Falando da vida em outros planetas, mostrando temas modernos e antigos, mais 4 textos com ilustrações e músicas.

7- ZIXV- Mais um novo personagem que chega, para encantamento dos petizes de todas as idades, com capa a 4 cores, 4 textos, ilustrações e partituras.

8-NA ESCOLA- Mais um livrinho com 4 textos, ilustrações, para a alegria da garotada.

9- A ROSA FALANTE- Este livro encerra a primeira parte das aventuras de Microcólus, completando 33 histórias. Você vai adorar.

COLEÇÃO MEIMEI

1-A VISÃO DE JOAQUINA - Mais uma semente que o espírito de Meimei lança no coração das crianças do Brasil, por via mediúnica, num instante de profunda ternura e beleza.

2-RETALHO DO MORRO- Na graça de Meimei, a provação de uma criança com o socorro do Centro Espírita, para a felicidade e equilíbrio de todos.

3-HISTÓRIA DE ANDRÉ- Retirada da vida real, na promessa de uma mensagem de ternura para sua avó, o pequeno André vê-se retratado aqui, qual estrela que se machucasse ao cair na terra.

COLEÇÃO CASIMIRO CUNHA

1-A MINHOCA- Em versos graciosos e simples, lições acompanhadas de ilustrações despejadas e encantadoras.

2-GAUDÊNCIO- Uma história marinha escrita no Ano Internacional do Deficiente Físico- ilustrado.

3-TONINHO TORTINHO- Nova abordagem sobre o deficiente físico, em quadras de rara beleza - ilustrado.

4-ADELINA, A TATURANA RISONHA- Versejando, o autor vai desfilando ensinamentos, de forma tão doce, sob o pano de fundo das observações do cotidiano.

OBRAS EM LANÇAMENTO

1-NUM MAR DE LUZ- Estudo, testemunho e análise de fatos relacionados à anos de dedicação, no campo da psicopictografia

2-SALOMÉ- baseado em fatos verídicos, a História de uma jovem, em cujo corpo aparecem agulhas, que precisam ser extirpadas por cirurgia.

3-GREGÓRIO IX- A vida de Tiradentes, com o poder papal nas mãos, e os meandros da Inquisição. Escrito p/Tomás A. Gonzaga.

4-REFÚGIOS- Neste livro, o jovem Jeison, conta sua nova vida espiritual, aventuras, adaptação e retorno, para tarefa no campo da consolação, àqueles que vêm partir seus entes queridos.

5-ENCONTRO COM TIAGO- Mensagens atualizadas, abordando temas eternos, nas inesquecíveis cartas apostólicas ditadas pelo espírito do Conde Hugo de Segni.

6-É ISSO AÍ, Ó MEU !- Páginas de luz de um jovem desencarnado prematuramente.

7-JOÃO MARCHESE, INESQUECÍVEL- Fatos, fotos, textos e ensinamentos de um missionário do Espiritismo.

8-CASTRO ALVES E TOMÁS ANTONIO GONZAGA-(uma aproximação semântica)- abordagem profunda das linhas de Identificação,

entre os dois momentos reencarnatórios de um mesmo espírito.

COLEÇÃO ZÉ BENTO- TIMBÓ

1-TIMBÓ- aventuras na selva brasileira, de um grupo de curumins, que vem encantando as gerações.

2-TIMBÚ- 4 histórias engraçadas e belas do indiozinho mais querido da garotada e seus irmãozinhos.

3-ARVORE-MÃE- Um precioso ensino ecológico e os percalços de Timbó, rumo ao seu futuro.

4-POR UM TRIZ- A longa jornada de Timbó rumo à civilização e suas lições preciosas.

5-NAS RUAS- Baseado em fatos reais, Zé Bento levanta mais 4 aventuras do curumin querido, para deleite das crianças.



Marilusa Moreira Vasconcellos é uma das maiores médiuns da atualidade

Trabalha como psicóloga clínica, hipnóloga, em TRVP, como ilustradora, conferencista.

Seu vasto labor no campo da psicografia, com livros citados em defesa de tese na USP, e como fonte de consultas em livros didáticos de professores da PUC, Pro Memória e SENAC, cujos personagens infantis foram aprovados pelo Departamento Regional de Ensino Municipal, mais o empenho por 31 anos das mensagens consoladoras, é mundialmente reconhecido.

Seu labor na psicofonia, psicometria, vidência, audiência, desdobramento, psicopictografia, têm emocionado e levado consolo e prazer a milhares de criaturas.

Também na música e escultura tem se destacado, sendo analisada por professores da Universidade de Lyon, e sido convidada a participar de programas televisivos em Miami, Portugal, Espanha, Porto Rico, Argentina, e por todo o Brasil.

Reconhecida mundialmente, conta com o apoio de Bezerra de Menezes, para a obra de adultos e Meimei, para a obra infantil, pela pena missionária de Chico Xavier.

Contatos para palestras, Seminários, Workshops pelo

Email: radhu@mtcnetsp.com.br